

40-1

MARÇO - ABRIL - 1957

HABITAT

Arquitetura e Artes no Brasil

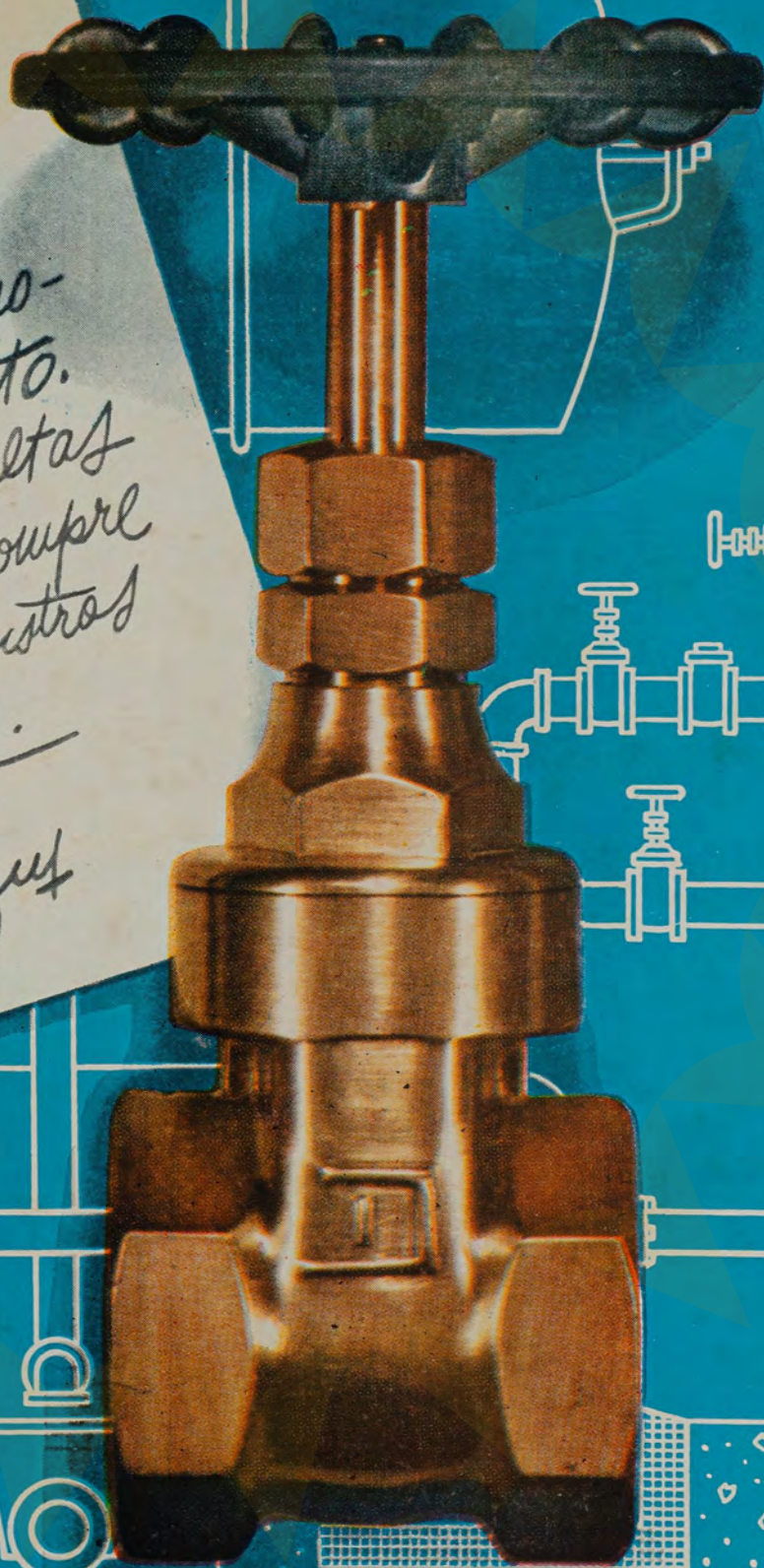
Brasília



Concurso para Plano Piloto de Brasília. Três projetos: arq. Rino Levi, Construtécnica S/A e arq. Jorge Wilhelm

PROVIDÊNCIAS PARA HOJE

Carlos —
Os registros Decca pro-
varam cem por cento.
Para suprir as faltas
do almoxarifado compre
unicamente registros
dessa marca.
H. Luiz



ARTEFATOS DE METAL DECA S. A.

RUA COMENDADOR SOUZA, 179 - FONE: 62-3300 - SÃO PAULO

KNOEDLER

Established 1846



Amedeo Modigliani (1884-1920), «Mme. Andrée Eyraud», 25 1/4" x 39 1/2".

OLD MASTERS
AMERICAN PAINTING
FRENCH IMPRESSIONISTS
CONTEMPORARY PAINTING

Framing

Prints

Restoring

NEW YORK CITY

14 East 57th Street

LONDON

14 Old Bond Street

PARIS

22 Rue des Capucines



Projeto do Dr. Roberto Burle Marx.

MOSAICO VIDROSO VIDROTIL

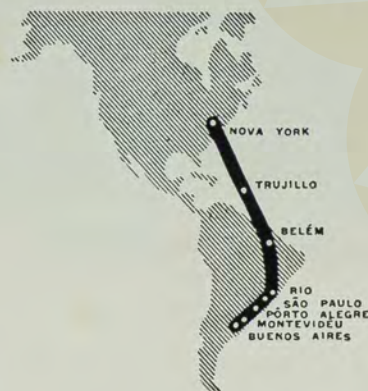
VENDAS:

SÃO PAULO: S/A DECORAÇÕES EDIS - Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 300 - Telefone, 32-2326
RIO DE JANEIRO: ARTHUR P. KRUG - Rua Prefeito João Felipe, 382 - Fone, 34-9177
SALVADOR (Bahia): GERALDO GONZAGA - Rua Alvares Cabral, 8 - 1.º andar - Fone, 2850



*a mais luxuosa
aeronave comercial na rota da amizade*

Rumo a **NOVA YORK**



Viajando a Nova York pela VARIG
você irá pelo caminho mais curto
e no menor tempo de voo.
Conheça de passagem Ciudad Trujillo,
sobrevoadando o lendário Mar das Caraíbas.
A bordo do Super G Constellation
você terá as mais variadas formas de conforto
e serviços especiais oferecidos nesta rota.



- três luxuosas cabines
- ar condicionado e pressão regulada
- salita de estar artisticamente decorada
- quatro toaletes com toucador e água corrente
- cozinha a bordo para serviço de lanches quentes e frios e preparo dos mais finos e apetitosos pratos do cardápio internacional.
- esmerado serviço de bar.

Reserve sua passagem
com antecedência



VARIG



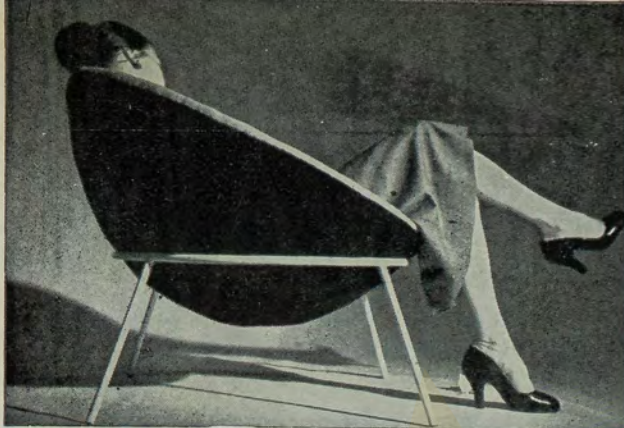
um serviço aéreo tradicional



**PARQUE
BALNEÁRIO
HOTEL**

**TROPICAL GARDEN
TENIS · BAR · BOITE
BRIDGE CLUBE -**

AR CONDICIONADO



MÓVEIS EXCLUSIVOS

POLTRONA DESENHADA PELA ARQ.^ª LINA BO

TECIDOS EXCLUSIVOS

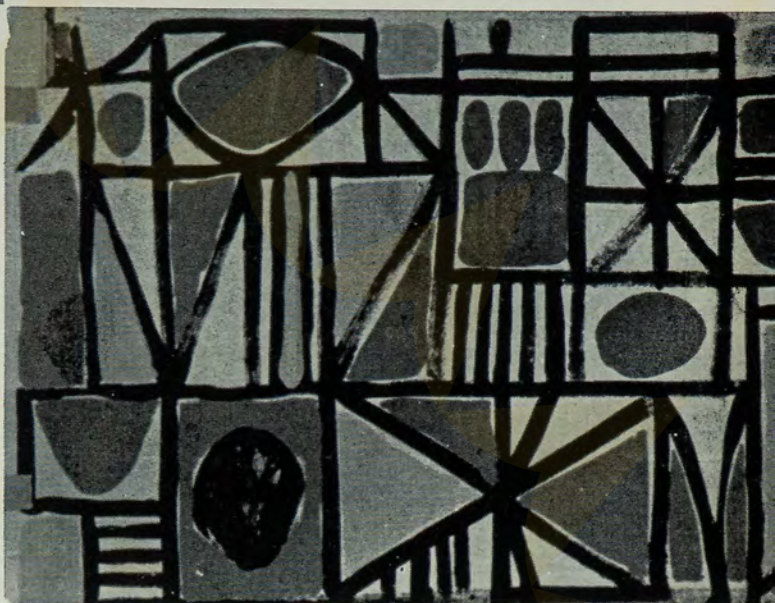
DESENHO E ESTAMPADO A MÃO DE PAULO BECKER

TAPEÇARIA MURAL

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS DO ARTESANATO DE GENARO DE CARVALHO (BAIA)

PROJETOS DE DECORAÇÃO

FABRICAÇÃO PRÓPRIA



ambiente

ind. e com. de móveis s.a.

rua martins fontes, 205 - são paulo - fone: 35-0306

32 andares em estruturas metálicas

Notável iniciativa em Pôrto Alegre, baseada em Volta Redonda



PERFÍS DE AÇO NO EDIFÍCIO SANTA CRUZ

Maquete do futuro Edifício Santa Cruz, que será erguido em Pôrto Alegre, mediante a aplicação de estruturas de aço. Terá trinta e dois andares, sendo de propriedade do Banco Mercantil e Agrícola do Rio Grande do Sul e da Somovil Ltda. Os perfis serão fornecidos pela Companhia Siderúrgica Nacional.

O maior prédio em estrutura metálica já construído no Brasil está sendo erguido, na cidade de Pôrto Alegre, no Rio Grande do Sul, com a aplicação de perfis de aço fabricados em Volta Redonda, na fábrica instalada junto à Usina.

Trata-se do Edifício Santa Cruz, mandado construir pelo Banco Agrícola e Mercantil e a Somovil Ltda., destinado, pela sua imponência e originalidade arquitetônica, a ser uma das maravilhas da cidade portoalegrense.

O trabalho já foi iniciado, começando com a demolição dos velhos prédios, em cujo espaço levantar-se-á a soberba obra de construção civil.

A construção do Santa Cruz será realizada em quatro etapas, no

terreno que parte da Rua dos Andradas (antiga Rua da Praia) até a Rua 7 de Setembro, o qual abrange o comprimento de oitenta metros e uma largura que varia, de acordo com o terreno.

O primeiro bloco será construído até o 16.º pavimento. O segundo bloco, lateral ao primeiro, irá também até o 16.º andar, dando a frente, porém para a Rua da Praia. O terceiro bloco, vai igualmente ao 16.º pavimento, tendo a frente para a Rua 7 de Setembro e o 4.º bloco será a elevação do bloco central, do 16.º ao 32.º pavimento, abrangendo trechos dos três blocos anteriores.

Para esta construção, a Companhia Siderúrgica Nacional fornecerá duas mil e quinhentas toneladas de estrutura metálica, segundo os enten-

dimentos acertados entre os órgãos competentes da Companhia e os interessados.

O edifício se alonga numa distância de 80 metros, o quanto constitui o seu comprimento. A sua largura é variável: vinte e cinco metros da Rua da Praia, tendo na parte central trechos que não vão além de sete metros de largura até o primeiro pavimento; acima deste a largura diminui para cinco metros e meio. Tais características determinaram soluções técnicas do projeto bastante trabalhosas.

Caberá à CSN a elaboração do projeto, a fabricação e a montagem da estrutura, em Pôrto Alegre. De acordo com os prazos previstos, a construção será iniciada em novembro deste ano, isto em face da demolição do atual prédio do Banco.



ganha espaço e dá beleza

Se V. precisa de mais espaço, para ganhar salas mais amplas ou dividir dependências — MODERNFOLD resolve o seu problema. E V. terá mais lugares para dispor móveis. Seu escritório se enriquecerá com mais espaços úteis, com mais harmonia e com mais beleza decorativa.



modernfold se adapta a todos os ambientes

Homens de negócios também apreciam MODERNFOLD, porque nos escritórios, nas lojas ou nas salas de reuniões e conferências, MODERNFOLD propicia espaços economicamente... e graças à beleza de suas côres, atrai mais freguêses. Em qualquer parte — escolas, hospitais, hotéis ou restaurantes — MODERNFOLD obtém o máximo de espaço aproveitável.

Distribuidor **modernfold**

LOJAS KIRSCH DECORAÇÕES LTDA. - R. Barão de Itapetininga, 124 - 5.º and. - Fone: 32-6041

Fabricadas por



home fittings do Brasil s. a. Rua Maria Marcolina, 848 - Fones: 9-7507 e 9-7508 - São Paulo



Garantindo refeições deliciosas

WALLIG há 53 anos fabrica o melhor em cozinhas de grande capacidade para hotéis, hospitais, quartéis, navios de guerra, colégios e estabelecimentos industriais. Centenas de cozinhas instaladas em todo o Brasil e América do Sul, em perfeito funcionamento, atestam a qualidade **Wallig** e demonstram a eficiência da assistência técnica que a **Metalúrgica Wallig S. A.** dispensa às suas instalações.

Nosso Departamento Técnico está a sua disposição para fornecer estudos, sugestões, projetos e orçamentos para cozinhas de qualquer capacidade. Teremos prazer em colocar a sua disposição a nossa experiência. Consulte-nos.

Há 53 anos um símbolo de qualidade em:

Fogões domésticos e industriais a gás, lenha, carvão, óleo e eletricidade - Fogareiros a gás, querosene e eletricidade - Caldeirões - Cafeteiras - Fervedores de leite - Frigideiras - Pias - Fritadeiras - Bifeteiras - Máquinas de descascar batatas - Máquinas de moer carne - Preparadores de água quente - Máquinas de lavar roupa de diversas capacidades - Máquinas centrífugas - Secadores de roupa - Calandras - Caldeiras de alta e baixa pressão - Planejamento de instalações completas.



METALÚRGICA WALLIG S.A.

PÔRTO ALEGRE: Rua Voluntários da Pátria, 2213

FILIAIS: CURITIBA: Rua Lourenço, Pinto 219 - SÃO PAULO: Rua Conselheiro Crispiniano, 57 - RIO DE JANEIRO: Rua Uruguaiana, 141 - BELO HORIZONTE: Av. do Contorno, 459 - RECIFE: Cais de Santa Rita, 396 - LA PAZ, Bolívia.

Um selecionado corpo de artistas, dispondo de modelar aparelhamento e de amplos recursos técnicos, trabalha nos nossos ateliers na criação e execução de decorações para Igrejas e edifícios religiosos:

- Vitrais artísticos
- Vias acras
- Painéis de cerâmica e azulejo
- Paraventos

Exemplo do alto nível de nossas realizações são os vitrais na Igreja de São Francisco de Assis, na Vila Clementino, à Rua Borges Lagôa, 1209 (Ibirapuera) sob o tema "O CÂNTICO DO SOL".

Admirando-os V.S. certificar-se-á dos bons serviços que estamos aptos a prestar.

Aguardamos a sua visita em nossos ateliers.



"UMA CASA DE TRADIÇÃO MAS SEMPRE NA VANGUARDA"

VITRAIS CONRADO SORGENICHT S. A.

Exposição: Rua Bela Cintra, 67 — Telefone 34-5649
 Atelier e Escritório: Rua Clodomiro Amazonas, 1132 - Antiga Rua da Ponte - Itaim
 Telefones: Secção de Vendas e Escrit.: 61-8632 - Oficinas: 61-3871 - Diretoria: 61-7243
 Caixa Postal 5635 — Enderêgo Telegráfico «ARTISACRA» — São Paulo
 Filial Rio de Janeiro: Rua Uruguaiana, 118 - 6.º andar - Sala 602 - Telefone: 43-8664
 Agências: Campinas — Santos — Santo André — Belém — Belo Horizonte — Recife

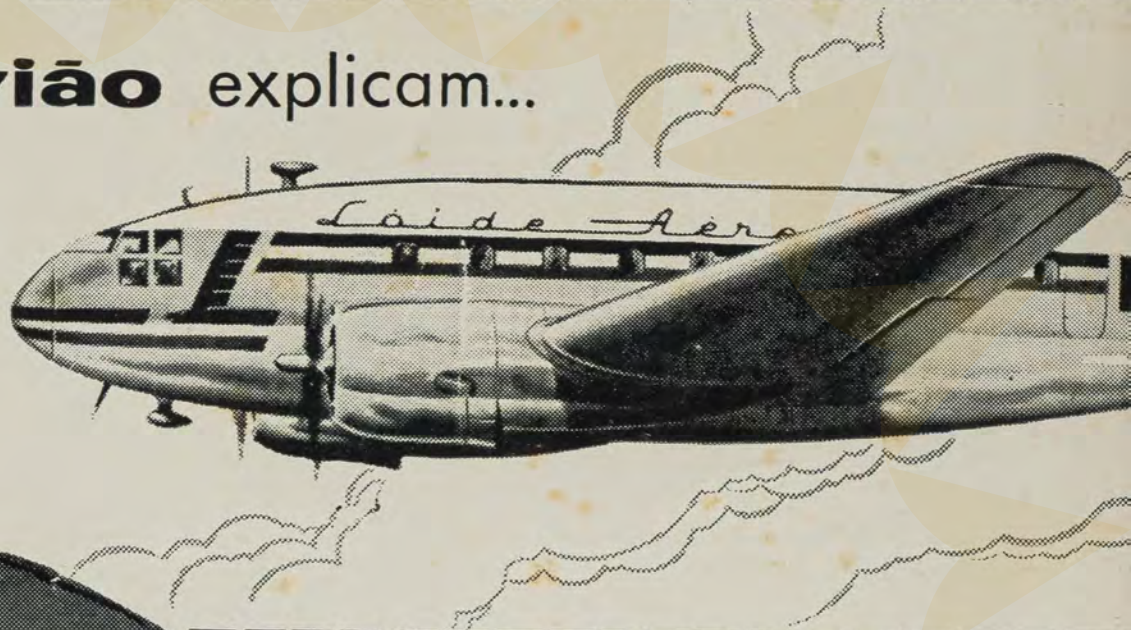
um mapa...



Observe este mapa e veja nele as linhas eixos do Lóide Aéreo: tôdas são retas, atravessando o território nacional de extremo a extremo, na mais racional ligação do litoral com o interior. O Lóide viaja pelo caminho mais curto e portanto poupa tempo e dinheiro aos seus passageiros.

...e um avião explicam...

E veja este avião: é o possante e confortável Curtiss Comando, com capacidade para 44 passageiros ou 4.500 quilos de carga. Ele desenvolve uma velocidade superior a 300 quilômetros por hora, encurtando ainda mais as distâncias.



**por que são
mais rápidas**

as viagens pelo
Lóide Aéreo

Por isso são mais rápidas as viagens pelo Lóide Aéreo. Linhas retas e velozes aviões que reduzem ao mínimo o tempo de voo. Desfrute você também da mais econômica e confortável das viagens pelo mais curto dos caminhos. Norte ou Sul, Nordeste ou Noroeste, seja qual for o seu destino, viaje mais rápido pelo Lóide Aéreo.

*São mais rápidas as viagens
pelas linhas retas do*



Lóide Aéreo





SÃO PAULO

VITÓRIA

RIO CLARO

DISTRITO FEDERAL

LA PAZ

CONCEPCION

UBERABA

NATAL

HAVANA

CURITIBA

JOINVILLE

PIRACICABA

CÁRDENAS

PALMA SORIANO

SANTOS

SÃO JOÃO DA BÔA VISTA

RECIFE

CAMPINAS

CIEGO DE ÁVILA

TEREZIN

NITEROI

UBER

HAVANA

FOR

ARARA

SÃO

NATAL

CON

URUGU

LIVRA

PRES

BARR

TAUBATE

MEXICO

LIVRAMENTO

SANTO

BOTUCATU

FLORIANOPOLIS

BAURU

SÃO JOÃO DEL REI

SALVADOR

URUGUAIANA

JUIZ DE FORA

CAXIAS DO SUL

ARARAS

RIBEIRÃO PRETO

BUENOS AIRES

OUR

SANTIAGO

MACEIÓ

SÃO BERNARDO DO CAMPO

GOIÂNIA

MANAUS

MARILIA

VOLTA REDONDA

CAMPO GRANDE

PÓRTO ALEGRE

SÃO VICENTE

PRESIDENTE PRUDENTE

SÃO LUIZ

VALPARAISO

OUR

SANTIAGO

MACEIÓ

SÃO BERNARDO DO CAMPO

GOIÂNIA

MANAUS

MARILIA

VOLTA REDONDA

CAMPO GRANDE

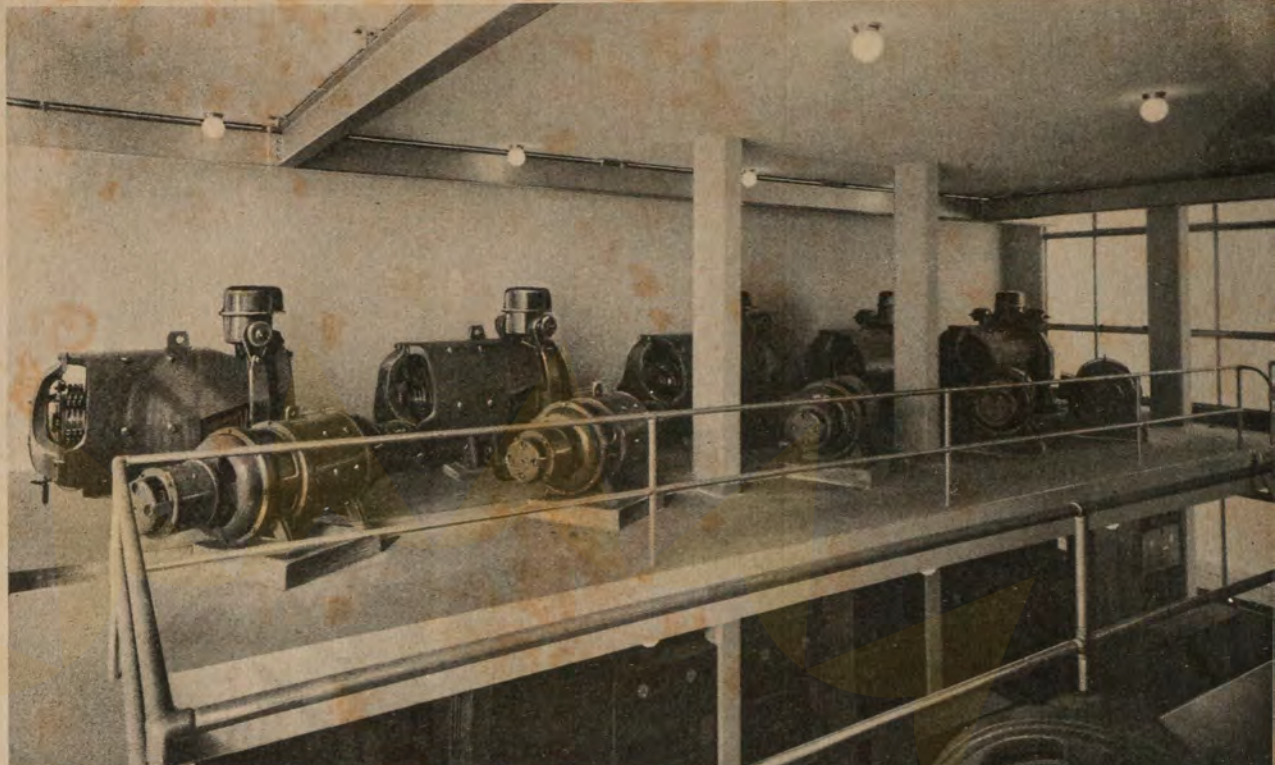
PÓRTO ALEGRE

SÃO VICENTE

PRESIDENTE PRUDENTE

SÃO LUIZ

VALPARAISO



Casa de máquinas dos elevadores, de dimensões e disposição excepcionais.

PRÉDIO "CONDE DE PRATES"

São Paulo

Incorporação da
SEGURANÇA IMOBILIÁRIA S. A.

Construção da
CONSTRUTORA ALFREDO MATHIAS S. A.



O suntuoso hall dos elevadores na entrada do prédio.

De amplas proporções, este hall é ideal à perfeita movimentação da grande população do prédio, e à boa ordem na utilização dos elevadores.

Com capacidade de 20 pessoas, e velocidade de 210 metros por minuto — com comando "Selectomatic Control" — os 9 elevadores ATLAS deste prédio proporcionam tráfego rigorosamente perfeito.



MEXICO

LIVRAMENTO

SANTO

BOTUCATU

FLORIANOPOLIS

BAURU

SÃO JOÃO DEL REI

SALVADOR

URUGUAIANA

JUIZ DE FORA

CAXIAS DO SUL

ARARAS

RIBEIRÃO PRETO

BUENOS AIRES

OUR

SANTIAGO

MACEIÓ

SÃO BERNARDO DO CAMPO

GOIÂNIA

MANAUS

MARILIA

VOLTA REDONDA

CAMPO GRANDE

PÓRTO ALEGRE

SÃO VICENTE

PRESIDENTE PRUDENTE

SÃO LUIZ

VALPARAISO

OUR

SANTIAGO

MACEIÓ

SÃO BERNARDO DO CAMPO

GOIÂNIA

MANAUS

MARILIA

VOLTA REDONDA

CAMPO GRANDE

PÓRTO ALEGRE

SÃO VICENTE

PRESIDENTE PRUDENTE

SÃO LUIZ

VALPARAISO

OUR

SANTIAGO

MACEIÓ

SÃO BERNARDO DO CAMPO

GOIÂNIA

MANAUS

MARILIA

VOLTA REDONDA

CAMPO GRANDE

PÓRTO ALEGRE

SÃO VICENTE

PRESIDENTE PRUDENTE

SÃO LUIZ

VALPARAISO

OUR

SANTIAGO

MACEIÓ

SÃO BERNARDO DO CAMPO

GOIÂNIA

MANAUS

MARILIA

VOLTA REDONDA

CAMPO GRANDE

PÓRTO ALEGRE

SÃO VICENTE

PRESIDENTE PRUDENTE

SÃO LUIZ

VALPARAISO

OUR

SANTIAGO

MACEIÓ

SÃO BERNARDO DO CAMPO

GOIÂNIA

MANAUS

MARILIA

VOLTA REDONDA

CAMPO GRANDE

PÓRTO ALEGRE

SÃO VICENTE

PRESIDENTE PRUDENTE

SÃO LUIZ

VALPARAISO

OUR

SANTIAGO

MACEIÓ

SÃO BERNARDO DO CAMPO

GOIÂNIA

MANAUS

MARILIA

VOLTA REDONDA

CAMPO GRANDE

PÓRTO ALEGRE

SÃO VICENTE

PRESIDENTE PRUDENTE

SÃO LUIZ

VALPARAISO

OUR

SANTIAGO

MACEIÓ

SÃO BERNARDO DO CAMPO

GOIÂNIA

MANAUS

MARILIA

VOLTA REDONDA

CAMPO GRANDE

PÓRTO ALEGRE

SÃO VICENTE

PRESIDENTE PRUDENTE

SÃO LUIZ

VALPARAISO

OUR

SANTIAGO

MACEIÓ

SÃO BERNARDO DO CAMPO

GOIÂNIA

MANAUS

MARILIA

VOLTA REDONDA

CAMPO GRANDE

PÓRTO ALEGRE

SÃO VICENTE

PRESIDENTE PRUDENTE

SÃO LUIZ

VALPARAISO

OUR

SANTIAGO

MACEIÓ

SÃO BERNARDO DO CAMPO

GOIÂNIA

MANAUS

MARILIA

VOLTA REDONDA

CAMPO GRANDE

PÓRTO ALEGRE

SÃO VICENTE

PRESIDENTE PRUDENTE

SÃO LUIZ

VALPARAISO

OUR

SANTIAGO

MACEIÓ

SÃO BERNARDO DO CAMPO

GOIÂNIA

MANAUS

MARILIA

VOLTA REDONDA

CAMPO GRANDE

PÓRTO ALEGRE

SÃO VICENTE

PRESIDENTE PRUDENTE

SÃO LUIZ

VALPARAISO

OUR

SANTIAGO

MACEIÓ

SÃO BERNARDO DO CAMPO

GOIÂNIA

MANAUS

MARILIA

VOLTA REDONDA

CAMPO GRANDE

PÓRTO ALEGRE

SÃO VICENTE

PRESIDENTE PRUDENTE

SÃO LUIZ

VALPARAISO

OUR

SANTIAGO

MACEIÓ

SÃO BERNARDO DO CAMPO

GOIÂNIA

MANAUS

MARILIA

VOLTA REDONDA

CAMPO GRANDE

PÓRTO ALEGRE

SÃO VICENTE

PRESIDENTE PRUDENTE

SÃO LUIZ

VALPARAISO

OUR

SANTIAGO

MACEIÓ

SÃO BERNARDO DO CAMPO

GOIÂNIA

MANAUS

MARILIA

VOLTA REDONDA

CAMPO GRANDE

PÓRTO ALEGRE

SÃO VICENTE

PRESIDENTE PRUDENTE

SÃO LUIZ

VALPARAISO

OUR

SANTIAGO

MACEIÓ

SÃO BERNARDO DO CAMPO

GOIÂNIA

MANAUS

MARILIA

VOLTA REDONDA

CAMPO GRANDE

PÓRTO ALEGRE

SÃO VICENTE

PRESIDENTE PRUDENTE

SÃO LUIZ

VALPARAISO

OUR

SANTIAGO

MACEIÓ

SÃO BERNARDO DO CAMPO

GOIÂNIA

MANAUS

MARILIA

VOLTA REDONDA

CAMPO GRANDE

PÓRTO ALEGRE

SÃO VICENTE

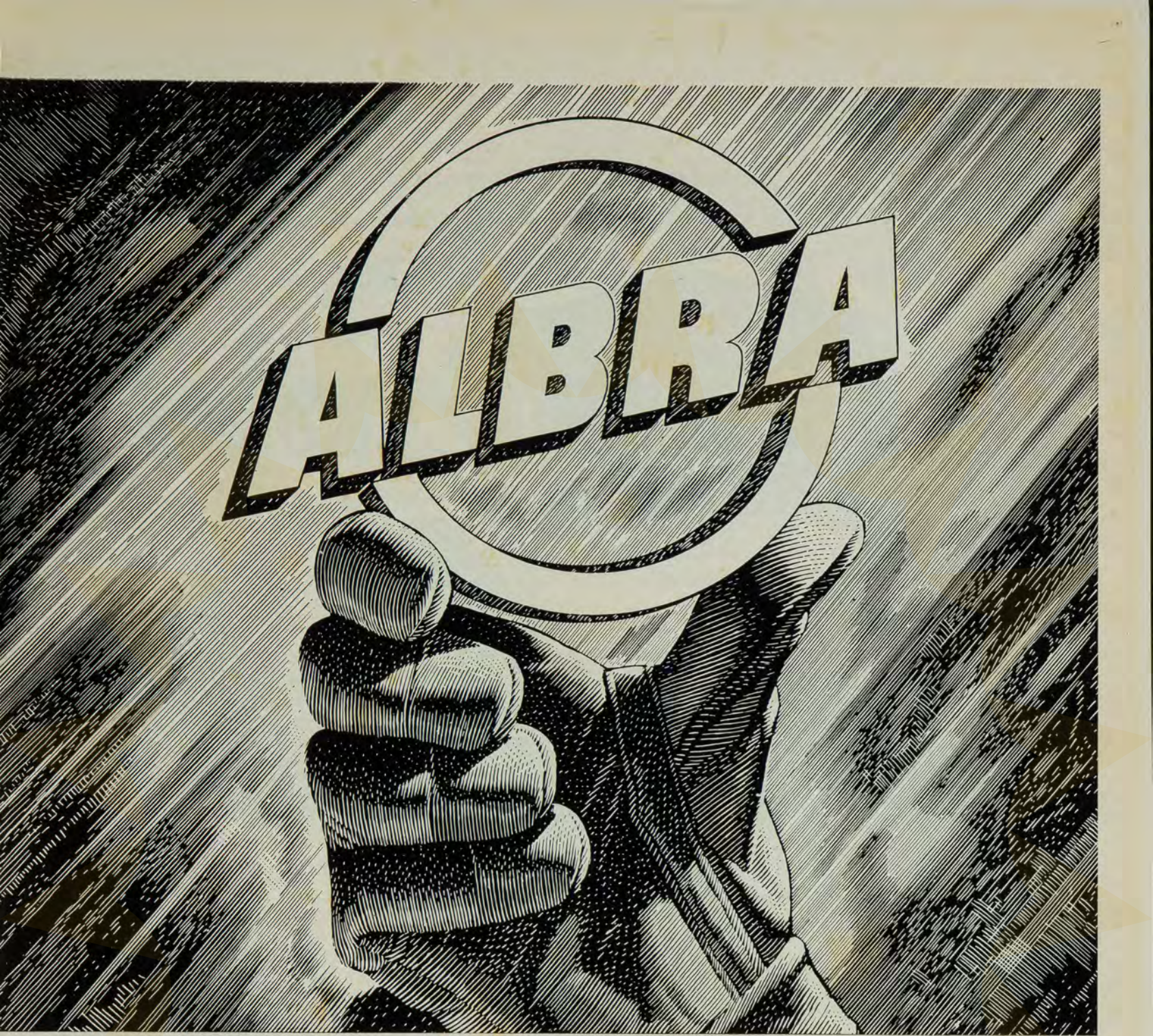
PRESIDENTE PRUDENTE

SÃO LUIZ

VALPARAISO

OUR

SANTIAGO



ALBRA

alumínio

em tôdas as formas, para todos os fins!

CONSULTE NOSSO DEPARTAMENTO TÉCNICO

*Atendemos, sem compromisso,
qualquer consulta relacionada
com a aplicação e as
possibilidades do alumínio
em todos os campos
de atividade. Escreva, telefone
ou visite-nos pessoalmente.*

Na indústria, nos transportes, na agricultura, nas construções... dia a dia, cada vez mais problemas são resolvidos com Alumínio Albra — melhor e mais economicamente do que com qualquer outro metal.

O Alumínio Albra é o metal miraculoso do século XX. Suas características de leveza, de extraordinária resistência, aparência inalterável e facilidade de acabamento, tornam-no apropriado para milhares e milhares de usos diferentes.

Colocamos tôdas as extraordinárias vantagens do Alumínio Albra à sua disposição.

Estamos tecnicamente equipados para isso. Fabricamos sob esta famosa marca:

Perfis Extrudados, sem qualquer limite quanto ao desenho.

Papéis e Cápsulas em tôdas as espessuras.

Chapas lisas e onduladas para todo tipo de construção.

Pecas fundidas em quilhas e sob pressão, além de grande variedade de ligas especiais para os mais diversificados fins.

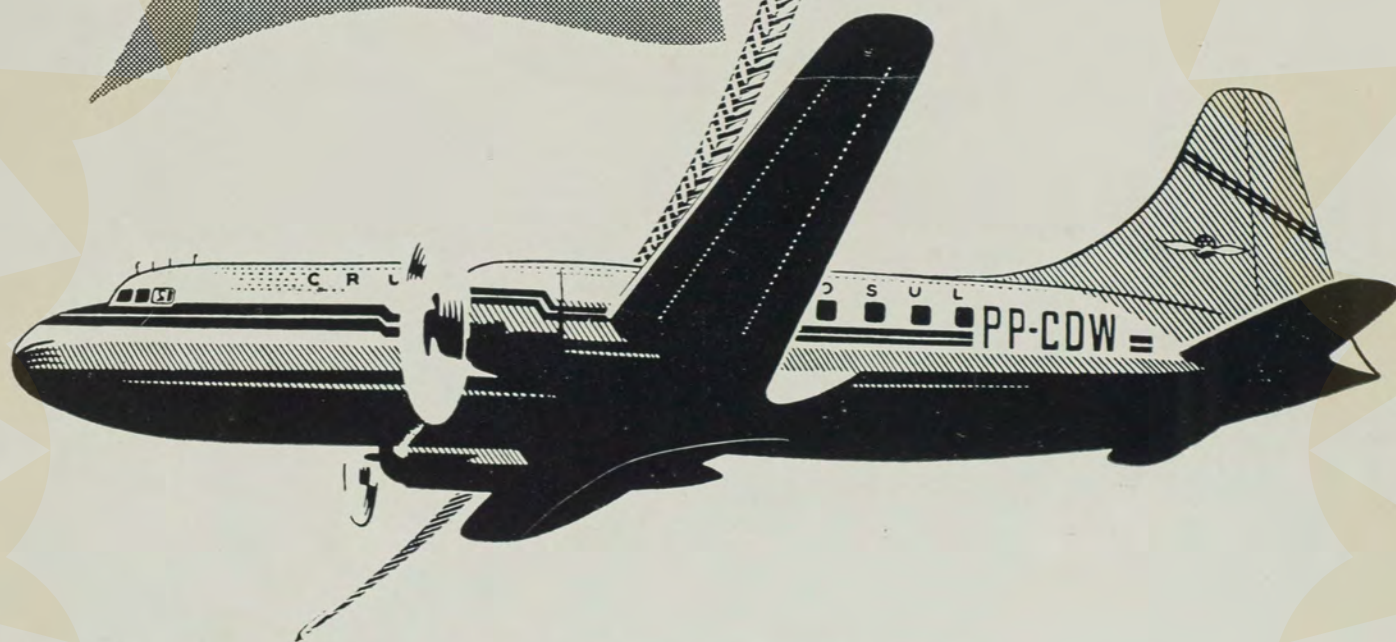
ALUMÍNIO DO BRASIL, S. A.

Largo Paissandu, 51 — 8.º andar — São Paulo • Rua México, 21 — 6.º andar — Rio de Janeiro



aviões
CONVAIR
340

Modernos e rápidos
possantes e
confortáveis



da CRUZEIRO DO SUL S.A.

Os possantes e modernos CONVAIR-340
da CRUZEIRO DO SUL, proporcionam
as mais confortáveis e rápidas viagens
aéreas.

a negócio ou a passeio prefira sempre



SERVIÇOS AÉREOS

CRUZEIRO DO SUL S.A.

Av. Rio Branco, 128 - Tel. 42-6060
Av. Nilo Peçanha, 26-A - Tel. 32-7000



definitivamente resolvido
o problema das

COBERTURAS PLANAS

pelo processo

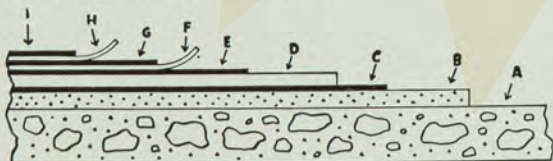
Wadimex

A estrutura celular mineral, exclusiva de Wadimex, envolvendo as partículas asfálticas, evita o perigo da oxidação e do derretimento do asfalto pelo calor. As camadas de Wadimex, intermeadas com véus de lã de vidro, aderem completamente sobre qualquer superfície, garantindo **proteção elástica e inalterável!**



- O nosso departamento técnico está apto a atender prontamente qualquer consulta sobre problemas de impermeabilização.
- Dispomos de turmas de operários especializados para executar qualquer serviço de impermeabilização, sob a orientação de nossos técnicos.
- O processo Wadimex, sendo a frio tem um campo de aplicação ilimitado, alcançando sempre os mais perfeitos resultados.
- O processo Wadimex é ideal para a impermeabilização de todo tipo de cobertura, bem como de alicerces, piscinas, calhas, juntas de dilatação, etc.

- A - Laje
B - Argamassa niveladora
C - 1 demão de Wadimex A
D - Isolação Térmica
E - 2 demãos de Wadimex A
F - Véu de lã de vidro
G - 2 demãos de Wadimex A
H - Véu de lã de vidro
I - 3 demãos de Wadimex A



é um produto da

WAMEX S/A

Indústria
Química

Esc. Rua Cons. Crispiniano, 120 - 13.º andar
Telefones: 32-0174 e 32-0349 - Cx. Postal 3607
End. Telegráfico "TECNICOM" - São Paulo
Fá. Rua Padre Cursino, 586 - Fone: 80 8397

DISTRIBUIDORES E APLICADORES AUTORIZADOS:

Rio de Janeiro (D.F.) - Impero Ltda.
Av. Nilo Peçanha, 155 - 8.º - s/ 815 - Fone: 42 4850
Goiania (Goiáz) - Mercurio Ltda. - Rua 3 - n.º 80
P. Alegre (R. G. do Sul) - R. Uruguai, 91 - s/ 523 - Fone: 7657
B. Horizonte (M. Gerais) - impermeabilizações Neso Ltda.
Rua da Baía, 2100 - Fone: 2-6469
Curitiba (Paraná) - Ransolin, Falce Ltda.
R. Voluntários da Pátria, 93 - Fone: 4406
Cx. P. 1512 - End. Tel. "LINFA"
Blumenau (Sta. Catarina) - Ransolin, Falce Ltda.
R. 4 de Fevereiro, 97 - Fone: 1127 - Cx. P. 578
End. Tel. "ZADROSNY"

Filiada à Organização Wadimex Internacional: Holanda - Suíça - França - Áustria
Itália - Espanha - Alemanha - Inglaterra - Bélgica - África Francesa

Para completar ambientes

com o máximo de harmonia e bom-gosto...

CONJUNTOS SANITÁRIOS **CELITE**

com a nova e
exclusiva cor

ROSA ORQUÍDEA



Conjuntos sanitários em
ROSA ORQUÍDEA

e também nas cores

- AZUL-HORTÊNCIA
- MARFIM
- AZUL-PASTEL
- VERDE-JADE
- AMARELO-CANÁRIO
- VERDE-ESMERALDA

A alta qualidade dos conjuntos Celite é acrescida agora mais uma característica: cor **ROSA ORQUÍDEA** — uma tonalidade suave, especialmente indicada para completar o bom-gosto de um ambiente. Conheça nos revendedores de sanitários os conjuntos Celite em sua nova e exclusiva cor **ROSA ORQUÍDEA**.



CERÂMICA SANITARIA PORCELITE S. A.

Rua Itapura, 626 - Tel.: 9-1183
C. P. 2818 - End. Teleg. "PORCELITE"
São Paulo

English summary

Page 1: Brasília, the new Capital of Brasil

In the following pages HABITAT is publishing three of the projects for the pilot-plan of Brasília. After the verdict of the Jury, against which it is not possible to call in compliance to the regulations of the contest, we shall not join the choir of those who regard the outline of a pre-project by the eminent architect Lucio Costa, as the only eligible one. There has been a voice of opposition and in our view this defeated voice was to establish a criterion in closer acquiescence of the brilliant achievement of the competitors who thoroughly approached the question and endeavoured to solve its many-sided problems, formulating highly interesting ideas, and resorting to theories that will always be of value in expounding the issues aroused by town-planning. We do not praise the decision of the Jury, either denounce the followed criterion, but do admit other more significant and encouraging possibilities of judging, showing perhaps a higher levelled professional consciousness; such possibilities were lost when the examiners restricted their consideration only to points of view expressed by facts. All theoretical and practical study put into the search of a suited planning, the amount of first-class work has been neglected by the hurried decision; this is the point we wish to record and deplore that it was the very last project to be sent in and the least based on elucidation that deprived the Jury of the rewarding possibility of a deeper reflection. The remaining projects were discarded notwithstanding the criterion suggested by Paulo Antunes Ribeiro, representative of the IAB (Institute of Brazilian Architects). We appreciate his high consideration for the work of all competitors, whom we honour here. We are not yielding to personal preferences in the publication of these pages, but endeavour to illustrate an experience: We think that the projects by the three architects of São Paulo are capable of witnessing this event, and the great amount of work which stays to honour Brazilian architecture, regardless of concrete results and classification by means of awards. For this reason we include the three projects of different inspiration, all consciously developed on the high technical level requested by such an attempt as Brasília. They prove the diversity of the planning as brought forward by the teams headed by Rino Levi, Milton Ghiraldini and Jorge Wilhelm, the thought and comprehension of three generations, each project being characteristic of the experience of its author, showing its original qualities fundamentally different in each hypothesis. HABITAT will come back to the subject when publishing other projects.

Page 4: Rino Levi

The site for the new capital of Brazil has been chosen on a levelled plateau near a projected artificial lake which will environ the city from three sides. The building for the supreme Executive, Legislative and Judicial powers are placed prominently in the middle of a large park close to the lake. The large avenue leading to them will be used also for parades and other civic and military occasions. The ministries and other administrative buildings are located in the urban centre from where the connection is easy. The largest part of the population lives within a range of slightly more than a mile around the urban centre which can be reached walking, avoiding all crossings with vehicles. The dwellings are grouped in units, these latter being grouped in residential ensembles which form a well equipped and organic nucleus. The characteristics of the units and ensembles are determined in view of the physical, spiritual and social needs of the population, taking into account the development of group-consciousness of self-determinations and civic understanding.

Brasília will have sectors for intensive and extensive dwelling; the first are grouped around the urban centre and will hold the largest part of the population. They have the advantage of being at walking distance from the urban centre and of reducing the construction of roads, power and water system etc., thus minimizing the maintenance expenses; all public services such as transportations, light, telephone, water supply, sewers are also reduced. The sectors for intensive habitation are centre. The population of the "ensemble" will live in three super-blocks for 16,000 persons each. Each super-block is divided into 4 units of 4,000 inhabitants, provided with all complementary facilities. The distance between the super-blocks is of 800 metres, thus allowing a satisfactory view. Each unit is served by an internal road along which there are shopping-centres, kinder-gardens, sanitation-centres, play-grounds etc. Each ensemble of 48,000 inhabitants will have a commercial centre, a social and cultural one, schools, cinema etc. Clubs and hospitals are placed so as to serve 2 or more ensembles. The sectors for extensive habitation are formed by ensembles of 15,000 inhabitants, each, being composed by 3 units of 5,000 inhabitants. They will comprehend residences and apartment-houses of a semi-intensive character. These ensembles are always located on the extreme portions of access roads. Each unit of 5,000 inhabitants has its own kinder-garden, school, sanitation-centre, play-ground, while each ensemble has a and cultural centre, church, cinema etc. The new capital will comprehend a limited industrial sector close to the railroad and highways, separated from the residential sector by means of a green zone. The urban centre will hold, beside the administrative buildings, those for commercial purposes, offices, banks, theatres, restaurants, hotels, museums, libraries, cinemas, cathedral, highway-terminals. The area for the urban centre has been calculated on the basis of 2.5 — 3 square meters for each inhabitant. The area of the university will include, beside the faculties buildings, residential quarters for students and teachers, clubs, sport-centres, hospital for specialization and all complementary institutes of the university. The sport-center and hippodrome, needing an easy access for large assistences, are linked to the main traffic roads. The soil of Brasília is rather poor and will require a special treatment to improve its quality. Parks and gardens will be set up in every sector and a green belt will enclose the city itself. The communication system will comprehend elevated highways, highways on ground level, internal streets and roads for pedestrians, avoiding all crossings with motorized vehicles. The problem of development and growth of the city must be controlled and limited by law, although a normal growth will not unbalance the original planning. The system of super-blocks allows to concentrate a large section of the population in a limited area, simplifying the scheme of the city and its services, making feasible a high material and spiritual well-being and a balanced social organization. The adopted structure of the buildings will permit a structural independence of each one thanks to its simplicity and flexibility, allowing manifolds solutions the planning, circulation and conception of the super-block.

Page 12: Milton Ghiraldini

The Ghiraldini project for the pilot-plan of Brasília is based on the following main principles of town-planning: a green belt to limit the growth of the city and for the supply of fresh food; super-block which avoids the living in permanent conflict with motorized vehicles; the neighbourhood-unit to vent the ribbon development which causes inevitable traffic-jams along kilometers of crowded main-roads. To maintain the green belt as such, it will be necessary to start with an area at three-miles deep that cannot be slowly incorporated by the growing city from the inside, or by some other adjoining

HABITAT

ARQUITETURA E ARTES NO BRASIL

DIR. RESPONSÁVEL: GERALDO N. SERRA

7.º ANO - MARÇO-ABRIL DE 1957 - N.º 40-1

PROPRIEDADE DE HABITAT EDITORA LTDA.

REDATOR-CHEFE: GERALDO N. SERRA
REDATOR: RODOLFO KLEIN
ARTES PLÁSTICAS: JOSÉ GERALDO VIEIRA
ARQUITETURA: GERALDO FERRAZ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PUBLICIDADE
RUA 7 DE ABRIL, 230; 8.º AND.; CONJ. 837/8
TELEFONE: 35-2837; SÃO PAULO — BRASIL

SUMÁRIO

Escolha do Plano Piloto para Brasília	1
Plano Piloto para Brasília — arq. Rino Levi	4
Plano Piloto para Brasília — arq. Milton C. Ghiraldini	12
Brasília, Ante-projeto de Plano Diretor — arq. Jorge Wilhelm	19
Arquitetura e urbanismo na Usina Salto Grande — arq. Icaro de Castro Melo	30
Capela para o Jardim Virgínia, em Guarujá, Est. de São Paulo — arqs. Edoardo Rosso, Rodolfo Almeida Fernandes e Yoshimasa Kimachi	44
Novo Teatro Municipal em Münster, Alemanha — arq. Harald Deilman	46
Um projeto paulista vence um concurso — arq. Rubens G. C. Viana	51
O concretista Lothar Charoux — José Geraldo Vieira	55
Quando o artista se diferencia de si próprio — Manuel Germano	58
Agonia ou ressurreição da paisagem?	61
O pretexto da natureza morta	64
Yolanda Mohalyi	66
Gerações novas: Maryvonne Dubois	68
Noticiário de Arquitetura	69
Exposições, Museus e Galerias	74

Lay-out da capa: arq. Jorge Wilhelm e Rosa Grena Kliass

DISTRIBUIDORES:

RIO DE JANEIRO e DISTRITO FEDERAL: Brasiloto Ltda. Av. Alm. Barroso, 54, térreo.

ARGENTINA: Dr. Carlos Hirsch, Florida, 165, Buenos Aires.

URUGUAI: Ibana S/A, Convención, 1488, Montevideo.

PORTUGAL: Aricie Ltda., Av. Almirante Reis, 106, 1.ª eq., Lisboa.

centres, from the outside. This project advises to maintain the public property of the ground which should be rented on long lease terms. Proceeding to the second point, the author stresses that the super-block offers the solution for a pacific living side by side with modern vehicles, or in spite of them. Instead of the usual 100 x 100 m. the area of the super-block should measure 35 to 50 acres; the access to the residences will be by means of footway or parkwalks; roads will be suited for the different uses, i.e. pedestrians, vehicles, service, parking etc. Consequently, there will be a complete separation between pedestrians and vehicles. In the super-blocks, residences have the service front turned to the access road, while providing the tenant with privacy, pure air and pleasant view. The backbone of the super-block, is the large inside park. The third point is the neighbourhood-unit based on a social and material principle. The social principle and its elementary components, i.e. the residential units, is that of allowing the relations in the primary circles, such as it not possible in the confusion of an over-crowded metropole. The conclusions of a long study on the social aspect of town-planning, define as fundamental functions of urban life, the dwelling, working and recreation, with the complement of circulation. The organic distribution of the zones for these different purposes, their precise definition and plastic composition, are the main objectives which determine this scheme. Technical data define the distribution of the population in each zone, taking into account a basis of 30 inhabitants for the rural sector and 110 for the metropolitan one. The residential zone will comprehend 83 neighbourhood units, forming together 4 large residential sectors, grouped around, 11 main centres with shops, post-office, schools, banks, church, offices, restaurants, hospital, large playing ground etc. The central working centre will be placed on the highest part of Brasilia and will enclose all activities peculiar to the centre of a city. The recreation centre is divided according to its features: athletic or active, contemplative or walking, and educational recreation, all being equally distributed to the population of all classes and buildings, the cathedral, a zone for the ministries, embassies and a Civic Park.

Page 19: Jorge Wilhelm

The authors of this original project have approached the problem of town-planning after a general social-economic survey in order to establish the characteristics and needs of the new city, which cannot be taken from the examples of Canberra, Chadigarh and others. The conclusions can be summed up as follows: both spontaneous and planned communities exist only in favourable social-economic conditions; the economic and demographic development of pioneer zones is closely linked to agriculture; the new capital is adjacent but outside the pioneers zone because of the poor fertility of the soil; in view of the distance separating Brasilia from the sources of raw-materials, the new capital will have only those industries that need to be in the consumer's neighbourhood; the population of Brasilia will remain stationary, since demographic increase is partly a consequence of the economic development, the number of civil servants and the population necessary to their maintenance will determine the population of the new capital, a purely administrative city, and influence the regional economy as a consumer centre and a catalysing agent in the extension of railroad, highway and airway systems. Being Brasilia an important consumer of electric power, sizable generating plants will have to be created. The social-economical limitations within which the pilot-plan was to be drawn have restricted the character of Brasilia to that of an administrative city with a stationary population, dependent for its needs upon local maintenance industries and on agricultural production from a site separated

from the capital by areas of low fertility. It would be uneconomic to make agricultural use of these areas on the present level of agricultural technique, except for the raising of perishable crops. The authors suggest to connect the new capital by highway and railroad to the State of S. Paulo, since its economic future will be closely linked to it, so as to facilitate the transport of goods; to exploit the adjoining calcarious deposits; to begin the study of a dam and power plant and of packing plants so as not only to supply the consumer needs of Brasilia but to render regional cattle raising more economical; to establish a supervised plan of agricultural credit since the fundamental problem is to produce economically, thus avoiding to push up the cost of living in Brasilia. Another fact that has constantly been kept in mind, are the successive steps both in erecting and moving to the new capital, so much that the plan structure with its independent adjoining units offers ample facilities to follow this principle. Demographic considerations were responsible for the determination of certain characteristic functions of the population of Brasilia, since civil servants will form its bulk. Civil servants generally do not have contacts with departments outside those in which they serve: the contacts are mainly of vertical nature, between the different categories of each administration. It is not necessary then, to concentrate all administrative buildings in a single centre; the authors, following the principle of decentralization, created units of habitations for a population of 15.000, to which it would approximately correspond a number of 2.800 civil servants. Each unit has as starting point, one or more administrative buildings in order to make up the given number of civil servants. The unit will be provided with a commercial centre, schools, a local core of community life. The same criterion has been adopted with reference to the working classes. The urban structure is divided into cells of a certain independence, in which residences are not farther than 20 minutes walk from the working place. This decentralization should be controlled by a basic principle of continuity, because certain aspects of urban life, such as green areas, commercial zones etc. cannot be isolated. The authors have established the following main zones: commercial, residential, working, industrial, green areas, hotels and expansion. The green areas are divided in: private areas for private use (gardens), private areas for community use (hotels, clubs, school, shopping centers, grounds), community areas for community use (gardens adjoining residential areas, central park of each unit), municipal areas for community use (Cultural Park, botanical garden, zoo etc.). Thus, the cost of their maintenance will not rest completely on public funds. The commercial centre will be located between the residential and working zones with one shop for every 50 inhabitants. Hotels are planned for: people coming to the new capital to deal with administrative departments (will be placed both near the airfield and those departments), hotels for persons moving to Brasilia for working purposes (placed near the working zone); hotels for those arriving to Brasilia by railroad, highways (placed near the terminal). The three kinds of hotels are grouped in a same area on the shore of the lake, since it would uneconomical to separate them and interfere with the principle of continuity. The road system within Brasilia will be made of highways in the form of "8", that border all units. From the perimetre-highways, avenues will depart every 600 meters, and from these, other streets, that will serve the commercial centres and residences. Brasilia must also have a symbolic value, to be expressed by the structural feature itself. The authors have chosen to place the buildings of the constitutional powers on the Capital, on the highest site of Brasilia. In front of it, a large park will house the museums, library, theatres, concert-halls etc.; it will be called Cultural Park because of its intent to symbolize the history and arts of the country. As to

the generating core of the new capital, the authors believe it to be linked to the people are actually going to build the city; therefore it should be placed on the borders of the hotel zone, of the city and Novacap administrative buildings, and of the workers lodgings. The Presidential residence will be erected on a peninsula, and close to it, an hotel where embassies and legations will be set up, at first, until their permanent seats can be built in a near-by area, the Embassy Park, between the Presidential residence and the Ministry of Foreign Affairs.

Page 30: Power Plant Salto Grande

Salto Grande is included in the Electrification Project for the State of S. Paulo and will benefit of an architecture and molded landscape in which the workers and their families may lead an active living and recreation in a suitable environment. The planning bearing in mind this aim, did not start from the very beginning, and some popular dwellings were already under way when the architects charged to draw the plan for the residences, club, chapel and the definite feature of the plant itself, arrived at the site. Nevertheless, their task of large scale planning has been carried on in a satisfactory way and some of the problems were solved with good plastic and functional results. Materials and architectural elements were fused harmonically in the ensemble, proving that production of electric power could be allied with comfort and pleasantness of the surroundings. The architects planned to link the club-house to the hotel, to simplify the service and the flow of supplies. The ground around the club-hotel will be provided with stadium, swimming-pool, tennis-courts etc. The architects have stressed the possibility of using the lake for sailing by placing all buildings along its shore. The residences are of three sizes according to the standard of the tenants. A chapel will be built in the place of an old one already existing. The whole planning is an important step toward our requirement of industrial and demographical spreading, because it tries to decentralise, providing at the same time all economic elements.

Page 55: Lothar Charoux

The artistic record of Lothar Charoux, a Viennese who arrived in S. Paulo in 1928 as a boy of sixteen, is an example of many artists who choose a career, being then compelled by life to follow a quite different path. Charoux, the nephew of a well-known sculptor wished to pursue the familiar vocation. This unfulfilled wish does not give him a feeling of failure, rather a proof that inner reality is the force which decides at the end. While still cherishing the theoretic idea of becoming a sculptor, he attended the general artistic course at the São Paulo Academy, teaching later geometrical design in that institute. He took part in his first collective exhibition as a painter of plastic expressionist trend, and became completely integrated with the artistic circles of his adoptive country. Charoux is today a marked personality in the graphic arts of Brazil, especially as designer of the vanguard group. In order to understand his evolution, we should remember that the repetition of one manner merely transforms the various literary or plastic schools into academies. The artist must choose between two solutions: he either persists in repetition, thus acquiring a personality or pattern without any urge of renewal, or he rebels against the ties of an already saturated system. Lothar Charoux is an example of this conscious drama. At the beginning of his career he used to paint portraits in the manner of, let us say, Soutine. He followed later the steps of many modern artists, until he came to abstract art after a mature and critical study, regarding it not as a medium for creating something different, but as new approach to painting as structural creation. The former geometrical designer has thus finally found his field from where to start, no longer on mere tentative flies, but on a definite trajectory of his own.

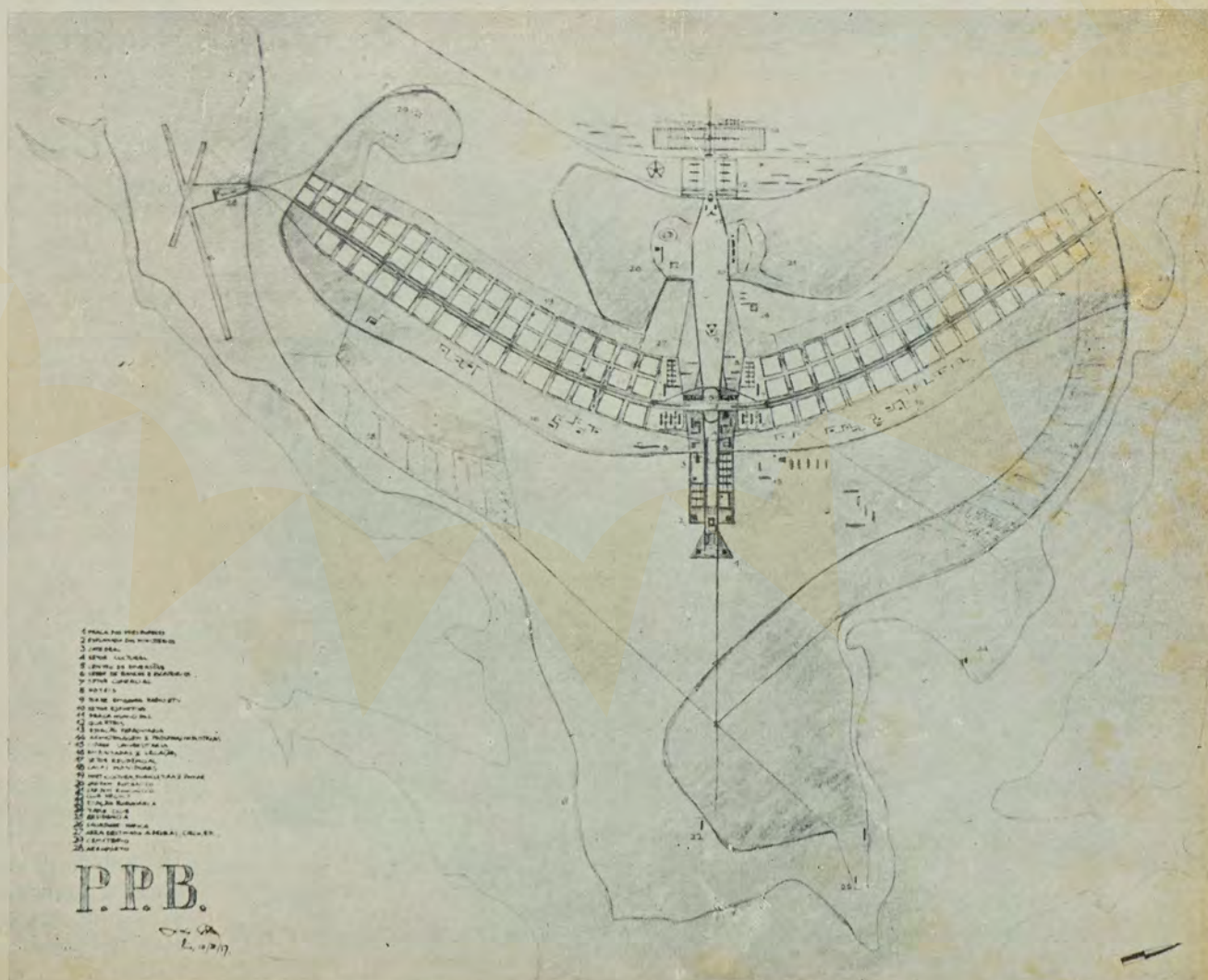
Escolha do Plano Pilôto para Brasília

HABITAT dá divulgação, neste número, nas páginas que se seguem, a três projetos visando ao Plano Piloto para Brasília, no Concurso aberto pelo edital de 19 de setembro de 1956. Diante de um laudo em que se votou a decisão do Juri, irreversível na letra do edital, não iremos formar no côro dos que compreenderam como única indicação possível o esboço de anteprojeto, formulado pelo arquiteto Lúcio Costa, dado que há um voto divergente, e em nosso entender êsse voto vencido estabelecia um critério mais consentâneo com a experiência realizada pela brilhante pleiade de concorrentes, que abordou, efetivamente, o problema, buscando-lhe soluções sob múltiplos aspectos, os mais variados, formando idéias de alto interesse, aplicando hipóteses que serão sempre válidas ao esclarecimento das questões que um pré-planejamento levanta. Não louvamos, pois, a decisão do Juri, nem lhe condenamos o critério seguido, mas reconhecemos a possibilidade de um outro critério, porventura de mais significação incentivadora, exemplificativa de uma consciência profissional situada em nível mais elevado, possibilidade essa que se perdeu, no fecharem os julgadores o caminho a qualquer consideração fora de um ponto-de-vista expresso em caráter de fato consumado. A soma de aplicação teórica e prática, que se lançou em busca de um planejamento capaz, no volume de trabalhos considerados de primeira plana, foi posta de lado pelo apressamento da deci-

são, e isto é o que registamos, deplorando que, exatamente, o último trabalho apresentado e o menos fundamentado é que tenha levado o Juri a perder as fecundas possibilidades de mais larga meditação. Foram assim relegados os demais, contra o critério sugerido pelo arquiteto Paulo Antunes Ribeiro, representante do IAB, em cuja moderação encontramos um alto sentido de respeito ao trabalho dos concorrentes, aos quais prestamos aqui a nossa homenagem.

Não houve, na publicação de destas páginas, uma preferência inspirada por qualquer fator personalista. Buscamos ilustrar um acontecimento, e nos pareceu que projetos enviados por arquitetos paulistas, seriam de molde a dar êsse testemunho, de um trabalho amplo, que honra a arquitetura brasileira, independente do resultado concreto obtido, da classificação dos projetos pela distribuição dos prêmios. Assim, aqui se inserem três projetos de distinta inspiração, mas conscienciosamente elaborados, no alto padrão técnico que uma tentativa como a que Brasília pôs em foco, reclamava dos que se interessaram em uma solução. Pode-se ver bem essa diversidade no caso dos Planos propostos pelas equipes encabeçadas por Rino Levi, Milton Ghiraldini e Jorge Wilhelm, pensamento e orientação de três gerações, caracterizando, cada projeto, a experiência de cada um, pela originalidade fundamentalmente diferenciada de cada hipótese. HABITAT continuará, posteriormente, a tratar do tema, na divulgação de outros projetos.

O desenho a mão livre do arquiteto Lúcio Costa, que foi considerado o melhor Plano Piloto, pelo Juri, recebendo o primeiro prêmio. Há vários espaços sem qualquer indicação.



O julgamento do concurso de Brasília

É do seguinte teor a nota oficial da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil, contendo o laudo da comissão julgadora:

"A comissão julgadora do concurso para escolha do Plano-Piloto da nova Capital do Brasil, sob a presidência do dr. Israel Pinheiro e constituída dos srs. "Sir" William Holford, André Sive, Stamo Papadaki, Oscar Niemeyer, Luiz Hildebrando Horta Barbosa e Paulo Antunes Ribeiro, de acôrdo com o respectivo edital do concurso, tendo encerrado seus trabalhos, apresentou o seguinte relatório de classificação dos concorrentes: O Juri realizou diversas reuniões a fim de escolher entre os 26 projetos apresentados o que melhor serve para base da nova Capital Federal. Inicialmente, procurou o Juri definir as suas atribuições. De um lado, considerou-se que uma Capital Federal destinada a expressar a grandeza de uma vontade nacional, deverá ser diferente de qualquer cidade de 500 mil habitantes. A capital, cidade funcional, deverá além disso, ter expressão arquitetural própria. Sua principal característica é a função governamental. Em torno dela se agrupam tôdas as outras funções e para ela tudo converge.

As unidades de habitação, os locais de trabalho, os centros de comércio e de descanso se integram em tôdas as cidades de uma maneira racional entre eles mesmos.

Numa capital, tais elementos devem orientar-se, além disso, no sentido do próprio destino da cidade: a função governamental.

O Juri procurou examinar os projetos inicialmente sob o plano funcional e, em seguida, do ponto-de-vista da síntese arquitetônica.

A) — Os elementos funcionais são: 1) A consideração dos dados topográficos; 2) a exten-

são da cidade projetada em relação com a densidade de habitação (escala humana); 3) o grau de integração, ou seja, as relações dos elementos entre si; 4) a ligação orgânica entre a cidade e os arredores (plano regional).

B) — A síntese arquitetural compreende: 1) composição geral; 2) expressão específica da sede do govêrno.

Levando em consideração o que vem de ser enunciado, o Juri selecionou quatro projetos que, até certo ponto, preenchem os critérios enumerados.

N.º 2 — de Baruch Milman, João Henrique Rocha e Nei Fontes Gonçalves; n.º 8 — de M.M.M. Roberto; n.º 17 — de Riro Levi, Roberto Cerqueira Cesar e L. R. Carvalho Franco; e n.º 22 — de Lúcio Costa.

O Juri se deparou com uma tarefa difícil ao tentar estabelecer uma classificação dos projetos segundo os aspectos funcional e plástico.

Realmente, desde logo foi verificada uma contradição. É que, enquanto certos projetos podiam ser escolhidos tendo em vista determinadas qualidades de ordem funcional ou mesmo pelo conjunto de dados funcionais, se encarados em seu aspecto plástico não se mostravam igualmente satisfatórios. Outros projetos, preferíveis sob o ângulo arquitetural, deixavam a desejar quanto ao lado funcional.

O Juri procurou encontrar uma concepção que apresentasse unidade e conferisse grandeza à cidade, pela clareza e hierarquia dos elementos. Na opinião de seus membros, o projeto que melhor integra os elementos monumentais na vida quotidiana da cidade como Capital Federal, apresentando uma composi-

ção coerente racional de essência urbana — uma obra de arte — é o projeto de n.º 22, do sr. Lúcio Costa.

O Juri propõe seja o primeiro prêmio concedido ao projeto do sr. Lúcio Costa.

Para o segundo prêmio propõe o projeto de n.º 2 — de Baruch Milman e outros — que apresenta uma densidade conveniente, agrupando de maneira feliz as habitações na beira do lago. Propõe, em seguida, sejam reunidos o terceiro e o quarto prêmios e atribuídos aos projetos de n.º 17 — por apresentar uma alta qualidade plástica em harmonia com uma grande competência técnica — e de n.º 8 — por sua ampla pesquisa de desenvolvimento regional e seus estudos aprofundados dos problemas econômicos e administrativos. O Juri propõe, finalmente, seja concedido o quinto prêmio aos seguintes projetos: n.º 24 — de Henrique E. Mindlin e Giancarlo Pianti; n.º 26 — da Construtécnica S. A. e n.º 1 — de Carlos Cascaldi, João Vilanova Artigas, Mário Wagner Vieira e Paulo Camargo e Almeida.

Em anexo um resumo das apreciações que serviram de base à seleção dos projetos premiados.

RIO, 16 de março de 1957 — Israel Pinheiro, William Holford, Stamo Papadaki, André Sive, Luiz Hildebrando Horta Barbosa e Oscar Niemeyer."

O arquiteto Paulo Antunes Ribeiro apresentou seu voto em separado.

A exposição dos projetos que participaram do concurso foi franqueada à imprensa no dia 19, às 14 horas, sendo aberta ao público no mesmo dia às 16 horas e o encerramento verificou-se a 30 de março último.



A Unidade Urbana. Traçado de M.M.M. Roberto para o Plano Piloto de Brasília. População: 72 mil habitantes; densidade: 142 hab/ha. Foi o projeto classificado em terceiro lugar, no concurso. Define-se como urbanismo em três dimensões e seu pensamento político é a cidade democrática moderna.

Voto em separado do sr. Paulo Antunes Ribeiro

Eis o voto em separado, constante da carta do representante do IAB:

"Apesar de ter enviado uma carta ao dr. Israel Pinheiro declarando que como representante do IAB me retirava do júri para julgamento do concurso para o Plano Piloto de Brasília em virtude de não concordar com o critério adotado na escolha dos trabalhos, fui convidado a apresentar o meu relatório, incorporando-o à ata que será feita, o que achasse deveria fazê-lo como meu voto. Como não me acho em condições de opinar tecnicamente, apresento como meu voto apenas o relato do que se passou nos dois dias e meio em que foram estudados e julgados os 26 trabalhos apresentados pelos concorrentes.

1) No dia imediato para encerramento do prazo para apresentação dos projetos, isto é, dia 12, terça-feira, foi aberta, às 4 horas da tarde, a exposição dos trabalhos apresentados, a ela comparecendo os membros do júri e os representantes da Companhia Urbanizadora;

2) Logo após a visita oficial que durou aproximadamente 40 minutos, o sr. dr. Israel Pinheiro convocou os membros do júri, solicitando-lhes comessem os trabalhos que ele esperava fossem concluídos em uma semana. Nessa ocasião, sugeri que fossem distribuídos aos membros do júri os relatórios dos 26 projetos apresentados, cuja leitura deveria ser o primeiro passo para o seu conhecimento; logo após começariam, então, os trabalhos de exame e comparação;

3) Objetou o sr. dr. Israel Pinheiro que esse processo tomaria um tempo precioso, o que levou o representante francês a informar que tendo recebido e arrumado os trabalhos, sabia que uma parte deles não resistiria a um simples exame, sugerindo que fizéssemos uma volta pelo salão, para verificar a exatidão da sua afirmativa, finda a qual decidíamos sobre como prosseguir;

4) A sugestão foi aceita e o júri, com todos os seus membros, correu toda a exposição durante mais ou menos uma hora, procedendo a um exame sumário dos projetos, daí resultando a "eliminação" de 16 trabalhos;

5) Com esse resultado, procurou deliberar o júri sobre como prosseguir. Solicitei, então,

novamente que fossem distribuídos os 10 relatórios a cada um dos membros do júri, dando-se-lhes um prazo para seu estudo e posterior reunião para deliberação. Mais uma vez o fator tempo interveio. A reunião deveria ser no dia seguinte; declarando eu, então, que levaria os relatórios e os leria à noite, mesmo que para isso precisasse de toda ela. Foi o que fiz. É claro que li apenas, sem fazer o estudo que deveria ser feito e que demandaria muito mais tempo;

6) Continuamos, ainda, na terça-feira, e ao término dessa reunião foi marcado novo encontro para 2,30 horas do dia seguinte, quarta-feira.

7) Na quarta-feira, às 2,30, compareci com os 10 relatórios lidos — somente, é claro. Começada a reunião procurei saber do representante inglês qual o critério adotado para exame dos 10 trabalhos que estavam sendo estudados. Depois de debatido o assunto venceu a idéia do representante da França, de que os trabalhos deveriam ser apreciados em função de: a) topografia; b) densidade; c) integração; d) plástica.

8) Percorremos, então, novamente, a exposição examinando cada trabalho, oferecendo cada membro do júri sua opinião sumária sobre cada um deles, o que era anotado em folha de bloco pelo representante americano (folha esta que guardei em meu poder);

9) Ao finalizar esse exame, voltamos a deliberar, declarando o representante inglês que tendo sido feita uma apreciação rápida demais, seria interessante que nos detivéssemos para aprofundar um pouco mais. Sugeri, então, que o dia seguinte, quinta-feira, fosse deixado livre para pensar e reexaminar o assunto e que sexta-feira nos reuníssemos às 10 horas para trocar idéias, antes da chegada do sr. dr. Israel Pinheiro, marcada para 11,30 horas;

10) Quinta-feira passei o dia todo na sala de exposição copiando trabalho por trabalho para compará-los melhor à noite em minha casa, procurando chegar a alguma conclusão. Ao mesmo tempo, repassei os trabalhos deixados para mais tarde, verificando que deveríamos rever mais um projeto, cujo exame seria aconselhável;

11) Como combinado, sexta-feira às 10 horas cheguei ao local dos trabalhos para trocar idéias, pretendendo sugerir o exame do projeto que encontrei no repasse, aí ficando até 15 para 11 horas; quando chegou o sr. Oscar Niemeyer acompanhado dos três representantes estrangeiros. Niemeyer, dirigindo-se a mim, entregou-me um pequeno relatório, dizendo-me que era o resultado do trabalho dos três arquitetos estrangeiros na quinta-feira, com o qual estava de acordo. Ao ler o documento, verifiquei, com surpresa, que não só os meus colegas tinham escolhido os cinco projetos finais, mas também os tinham classificado, estando, portanto, concluído por eles o julgamento dos projetos no tempo "record" de dois dias e meio. Contra três votos e mais o de Oscar Niemeyer, não me poderia restar nenhuma veleidade de opinar, mesmo que estivesse em condições de fazê-lo, o que não estava, motivo pelo qual, para salvar a responsabilidade do IAB, só me restava fazer o que fiz: escrever uma carta ao sr. dr. Israel Pinheiro declarando não concordar com o critério adotado para julgamento dos trabalhos e apresentando este voto em separado;

12) De acordo com as bases conhecidas de todos os associados do IAB, em virtude dos dados arbitrários fornecidos, caberia julgar, objetivando a escolha de equipe de real valor e alto padrão técnico, que demonstrasse sua capacidade para desenvolver o projeto da Nova Capital do Brasil.

Para finalizar, no intuito de colaborar construtivamente para solução da questão, sugeri, entretanto, que os 10 trabalhos separados no primeiro dia, acrescidos de mais um, o de n.º 11, na numeração a giz, fossem constituídos como a equipe vencedora do concurso, sem classificação, organizando-se, desta forma, uma grande comissão encarregada de desenvolver o plano de Brasília. Neste caso o assunto estaria resolvido com justiça e a contribuição de todos se faria sentir.

São estas as declarações que posso oferecer como meu "voto" e que são levadas ao conhecimento do Conselho Diretor do IAB."

RELAÇÃO DOS PRÊMIOS

É a seguinte a lista dos prêmios em dinheiro estabelecida pela comissão:

1.º lugar: Lúcio Costa — Cr\$ 1.000.000,00.

2.º lugar: Ney Gonçalves, Baruch Milman e João Henrique Rocha — Cr\$ 500.000,00.

3.º e 4.º lugares: Projetos de Rino Levi, Roberto Cerqueira Cesar, L. R. Carvalho Franco e de M.M.M. Roberto — Cr\$ 700.000,00 (400 e mais 300).

5.º lugar: Henrique E. Mindlin e Giancarlo Palanti — Construtécnica S. A. — Carlos Cascaldi, João Vilanova Artigas, Mario Wagner Vieira e Paulo de Camargo e Almeida — Cr\$ 200.000,00 para cada um dos três projetos.

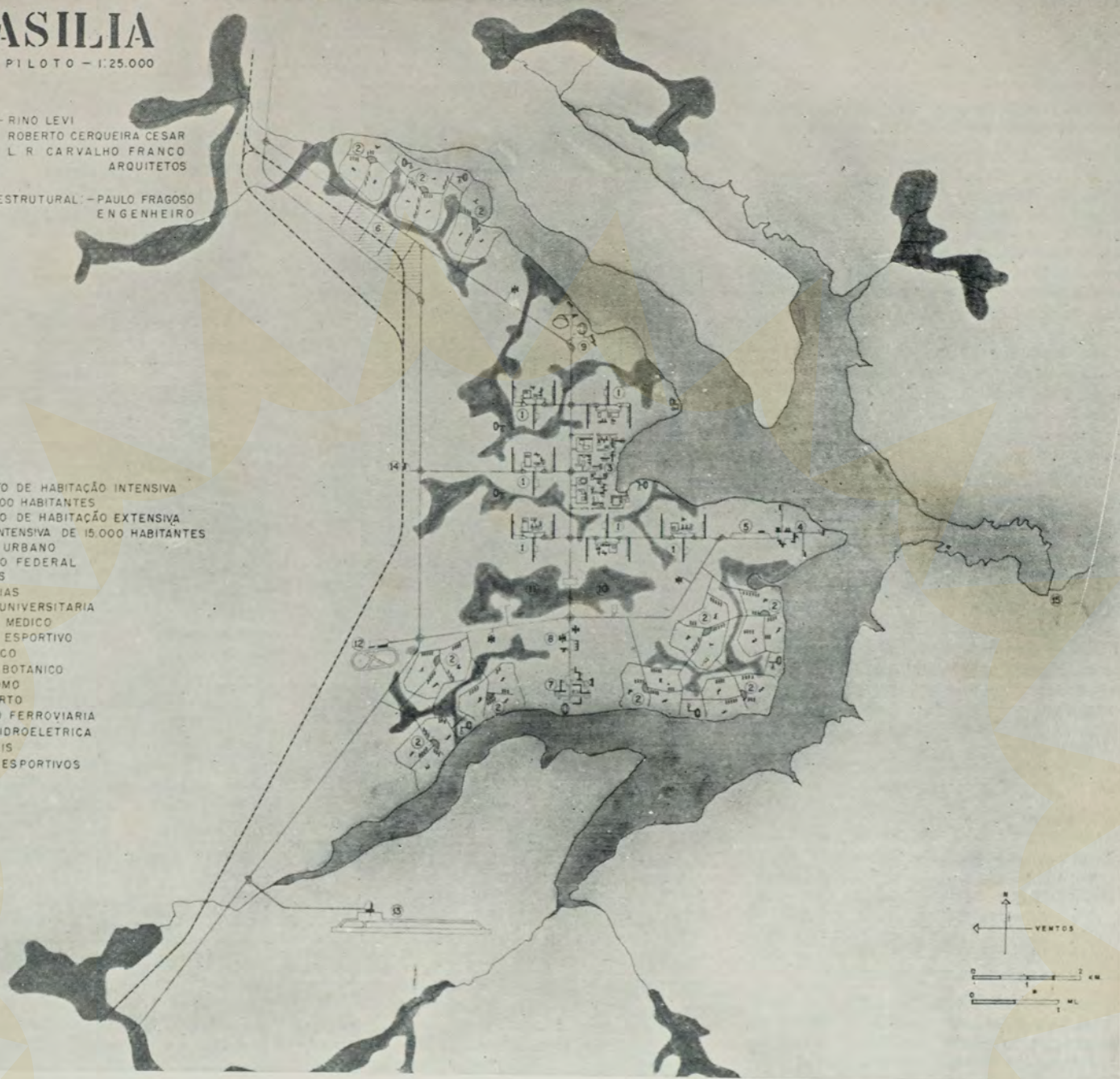
BRASILIA

PLANO PILOTO - 1:25.000

PROJETO - RINO LEVI
ROBERTO CERQUEIRA CESAR
L. R. CARVALHO FRANCO
ARQUITETOS

PROJETO ESTRUTURAL - PAULO FRAGOSO
ENGENHEIRO

- 1 - CONJUNTO DE HABITAÇÃO INTENSIVA DE 48.000 HABITANTES
- 2 - CONJUNTO DE HABITAÇÃO EXTENSIVA E SEMI-INTENSIVA DE 15.000 HABITANTES
- 3 - CENTRO URBANO
- 4 - GOVERNO FEDERAL
- 5 - DESFILES
- 6 - INDUSTRIAS
- 7 - CIDADE UNIVERSITARIA
- 8 - CENTRO MEDICO
- 9 - CENTRO ESPORTIVO
- 10 - ZOOLOGICO
- 11 - JARDIM BOTANICO
- 12 - HIPODROMO
- 13 - AEROPORTO
- 14 - ESTAÇÃO FERROVIARIA
- 15 - USINA HIDROELETERICA
- * - HOSPITAIS
- 0 - CLUBES ESPORTIVOS



Plano Pilôto para Brasília

arqs.: Rino Levi, Roberto Cerqueira Cesar, L. R. Carvalho Franco. Estruturas: eng. Paulo Fragoso

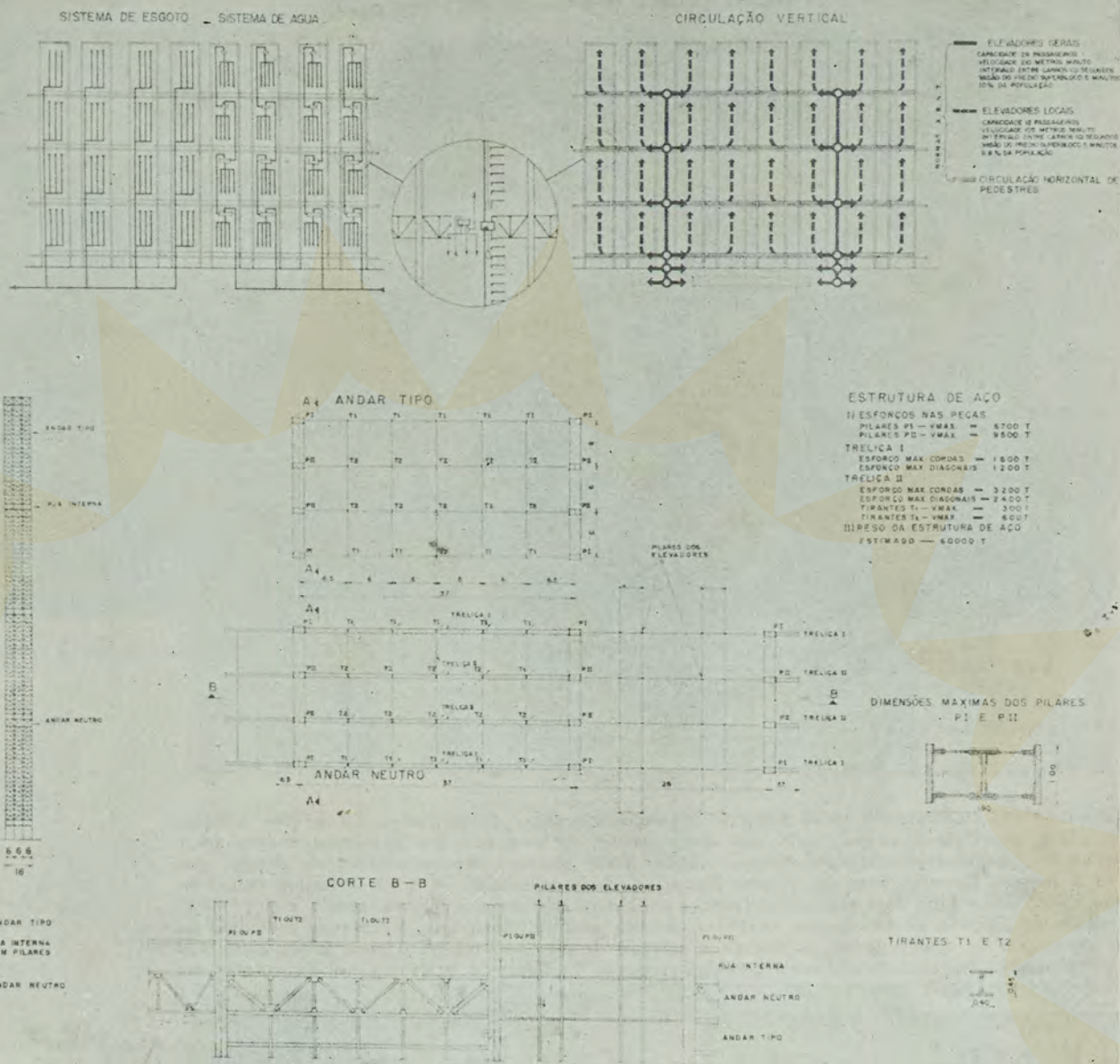
Insere-se o Plano Pilôto Rino Levi entre as idéias originais que o concurso suscitou, naturalmente mais difíceis de serem apreendidas em um exame sumário, do tipo do que foi procedido pelo Juri. Além disso, as idéias originais não têm o mérito da aceitação imediata, por serem indicações pioneiras, avançadas para o "tempo" em que surgiram e foram apresentadas. Talvez esta seja a cidade do século 21, e os homens que a projetaram e a calcularam já estejam com os seus passos trilhando as vias super-rápidas do ano 2000 para diante. Não é, porém, uma idéia sem fundamentação bastante, sem a imprescindível justificação, o que o Juri não quiz ver. Plásticamente, a sua imposição estética nos parece inconfundível. Cobrindo essa projeção arquitetônica um funcionalismo estudado em pormenorizada seriação, o projeto impressiona pelas suas indicações de viva adequação ao fim proposto. Pelas características da idéia original, forçosamente, aqui se conciliaram partidos arquitetônicos demonstrativos, o que não impediria outros partidos, dentro da mesma concepção dos superblocos. Pode impressionar com um "para quê?" a altura dos edifícios, dos superblocos. A idéia de concentração urbana, que se opõe ao crescimento vertical, deriva do congestionamento, que implica, e também dá interferência perturbadora que o chamado "arranha-céu" envolve, na solicitação dos serviços públicos, dos serviços coletivos de abastecimento — mas, precisamente, essa alegação, que abriria a controversia num urbanismo para cidade-feita, não colhe justamente para condicionantes resolutivas prévias dos problemas da cidade-comum, da cidade obsoleta. É este um dos planos verdadeiramente "originais" que se apresentaram: a concentração, contra a extensão, em benefício da circulação, numa cidade de crescimento limitado, com certa maleabilidade quanto a "circunstâncias supervenientes, imprevistas e imprevisíveis". A leitura do "relatório justificativo", que inserimos na íntegra, permitirá um conhecimento maior das qualidades marcantes desta notável indicação para um planejamento.

BRASILIA

PLANO PILOTO
DADOS TÉCNICOS DO SUPERBLOCO
ESCS.11000-1-200-1-26

PROJETO-RINO LEVI
ROBERTO CERQUEIRA CESAR
L R CARVALHO FRANCO
ARQUITETOS

PROJETO ESTRUTURAL-PAULO FRAGOSO
ENGENHEIRO



A concepção de Brasília, tal como imaginada neste plano, obedece à intensão de ordenar e equipar a cidade para a sua finalidade primordial, político-administrativa, na qualidade de capital do País, e tendo em vista o bem estar físico e espiritual da sua população.

ESCOLHA DO LOCAL: O local para implantação da nova Capital Federal foi escolhido em terreno praticamente de nível, junto ao lago projetado, sendo a cidade envolvida por este, por 3 lados.

GOVERNO FEDERAL: Os órgãos supremos dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário (Palácio do Governo, Senado, Câmara dos Deputados e Supremo Tribunal Federal), são dispostos em posição de destaque, no meio do parque, à margem do lago.

A grande avenida de acesso é também destinada a desfiles e outras manifestações cívicas e militares.

Os ministérios, as autarquias e os demais órgãos governamentais ou ligados ao governo, que necessitam de contactos fáceis e rápidos, para funcionários e público, são colocados no centro urbano.

A maioria da população habita num raio de pouco mais de um quilômetro em torno do centro urbano. Assim, o acesso às mencionadas repartições públicas poderá ser feito

to a pé, sem cruzamentos com o tráfego mecanizado, graças à solução adotada para a circulação.

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO: As habitações são grupadas em unidades e estas em conjuntos residenciais, ambos convenientemente equipados, formando núcleos orgânicos.

As características dessas unidades e conjuntos são fixadas atendendo as necessidades físicas, espirituais e sociais da população, visando o desenvolvimento da consciência de grupo, do sentido de autodeterminado e do espírito cívico.

A solução planimétrica reduzindo as distâncias ao ritmo de marcha a pé, visa concentrar as atividades da população, proporcionando a possibilidade de contactos entre indivíduos e dos indivíduos com a coletividade. São previstos setores de habitação intensiva e de habitação extensiva.

HABITAÇÃO INTENSIVA: O setor de habitação intensiva se desenvolve em torno do centro urbano, comportando o grosso da população.

Nesse setor conseguiu-se atingir índice demográfico elevado, sem prejuízo das melhores condições de insolação e de ventilação, re-

servando, praticamente, a totalidade do solo para espaços livres.

A concentração de parte considerável da população em torno do centro urbano, apresenta as seguintes vantagens:

a — As ligações com o centro urbano tornam-se curtas podendo ser feitas a pé. Essas ligações não cruzam com as vias de tráfego mecanizado;

b — Reduz o número e o volume das obras para construção dos sistemas viários, de eletricidade e de hidráulica;

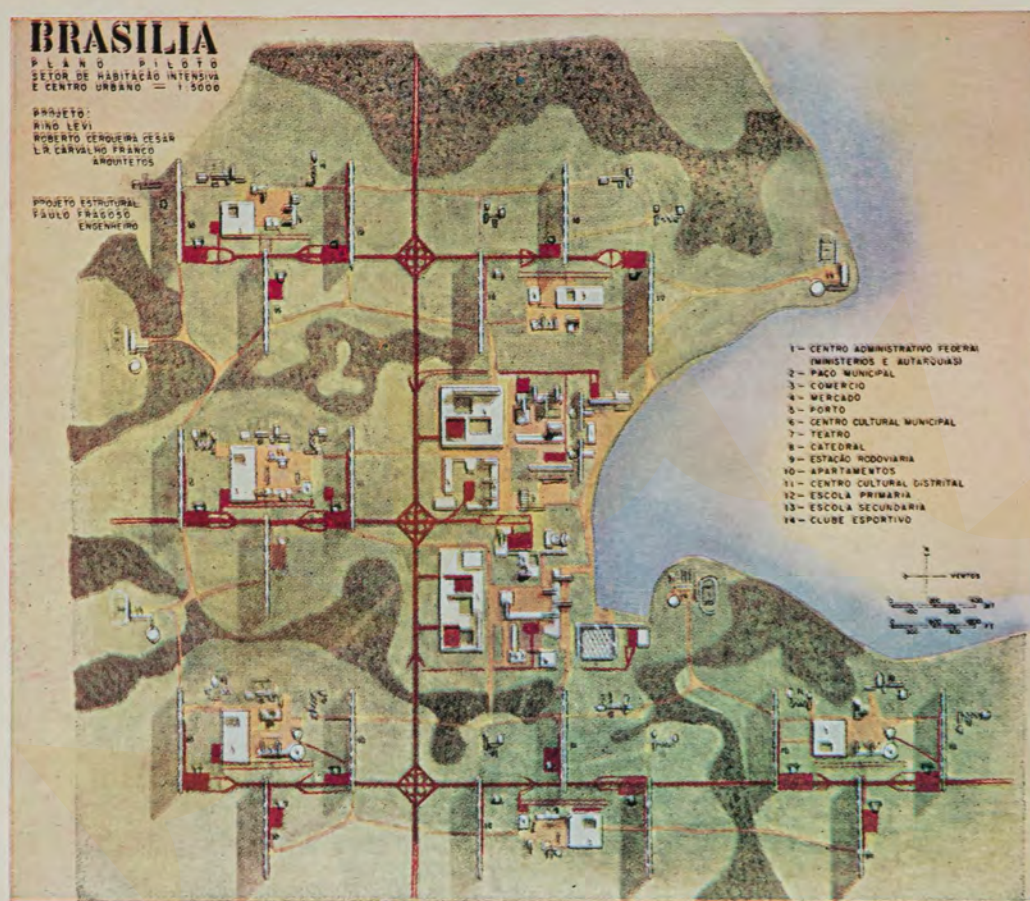
c — Reduz o equipamento e o pessoal necessários para a conserva dessas obras;

d — Reduz o custo de todos os serviços públicos, como de transporte, luz, energia, telefones, água, esgoto, limpeza e policiamento;

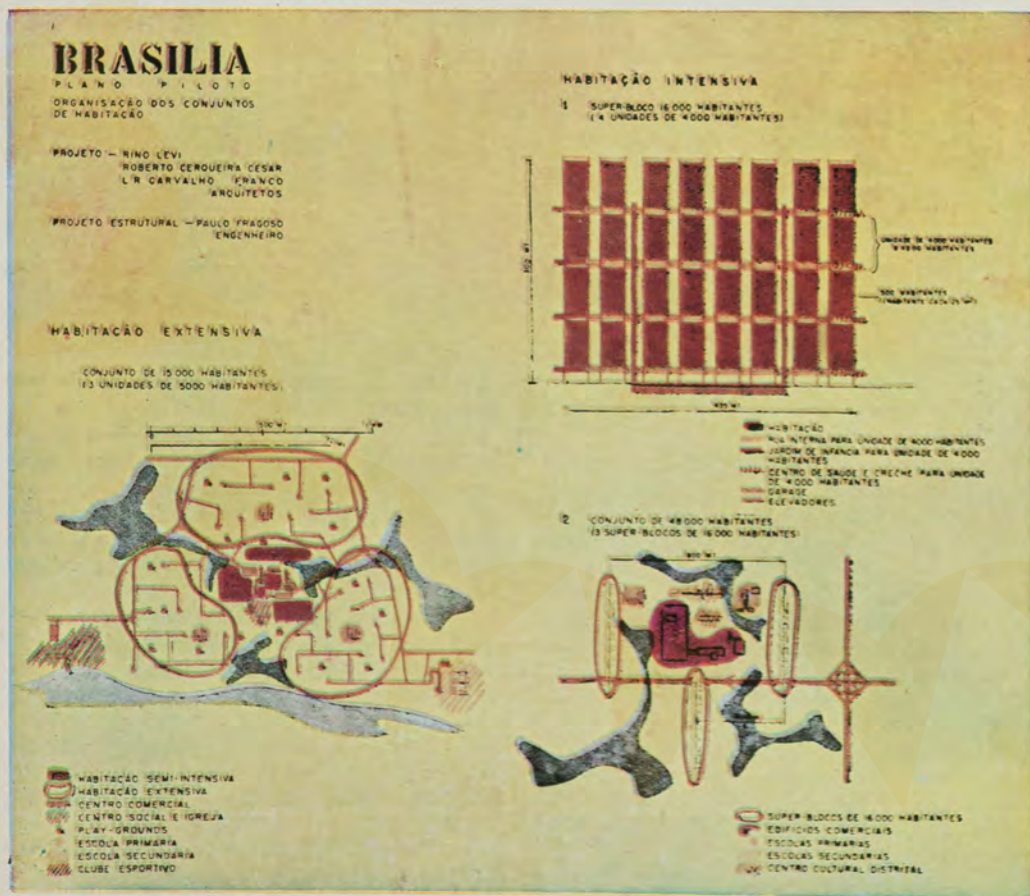
e — Proporciona maior possibilidade material de se executarem as obras da cidade dentro do mais alto padrão técnico;

f — Proporciona a possibilidade de transferir a Capital num prazo relativamente reduzido de acordo com o programa do atual Governo.

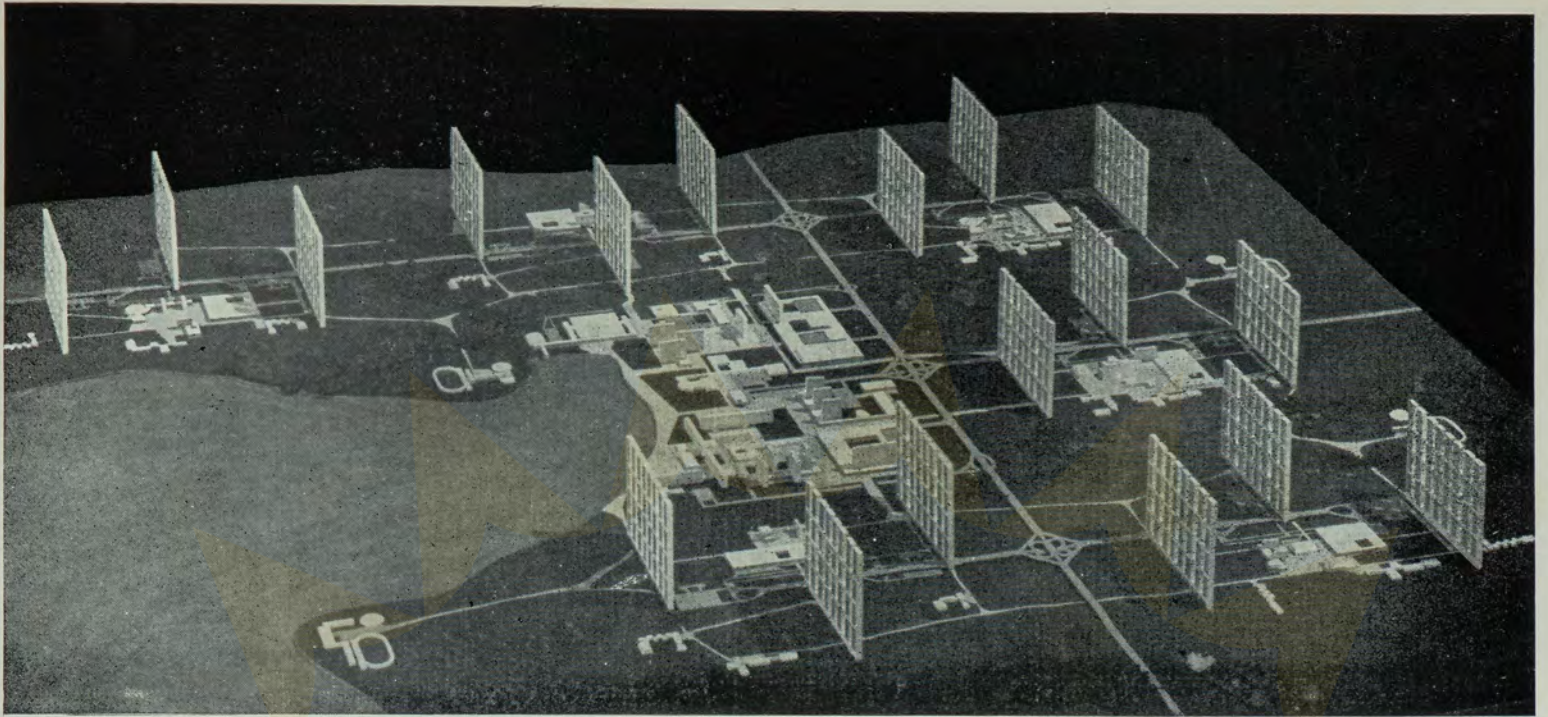
O setor de habitação intensiva é dividido em conjuntos de 49.000 habitantes, cada qual com centro distrital próprio.



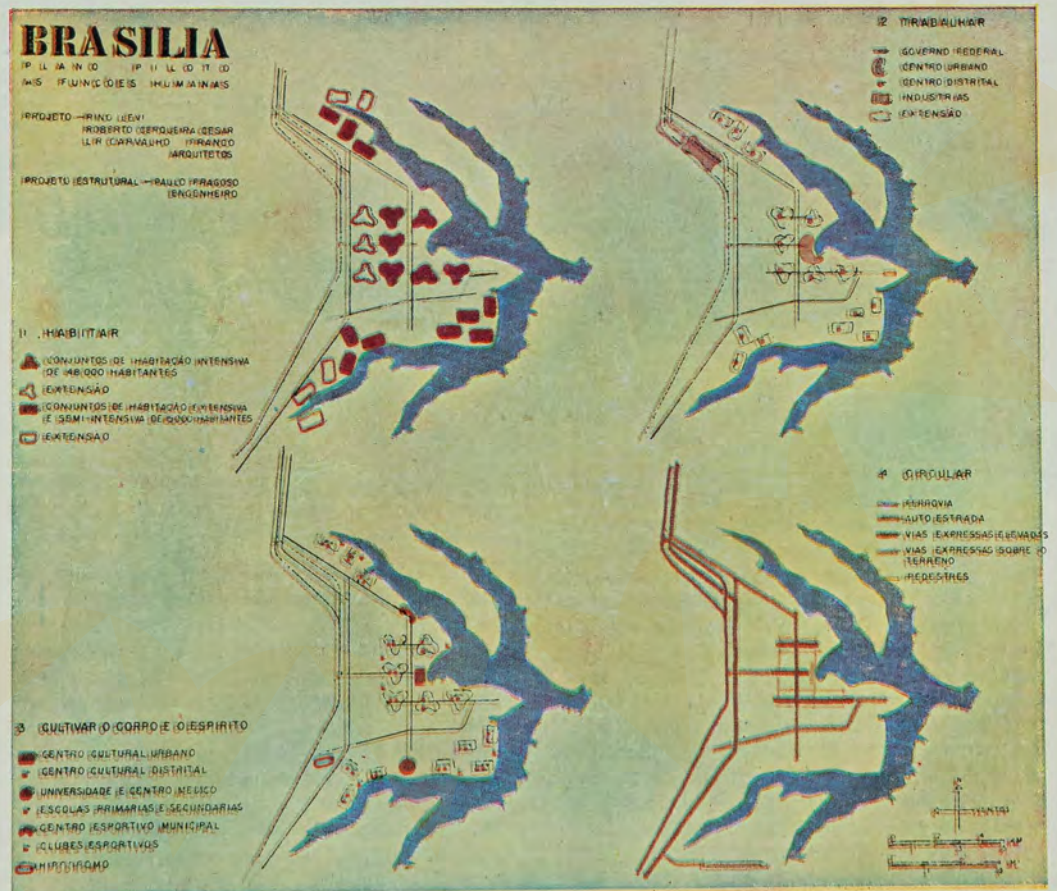
Planta geral do Plano Piloto no setor de habitação intensiva (superblocs) e centro urbano. A clara interligação se faz, pela sua simplicidade, de uma intuitiva evidência, e também é evidente que emergiu da concentração obtida, num racional aproveitamento de espaço, que só a técnica tornaria possível, a esta altura da idade industrial. A idéia fornecida pelo Plano Piloto Rino Levi está aqui sintetizada em toda a sua audácia, cristalizando um planejamento de límpida demonstração de todas as suas possibilidades. Esta inesperada economia na organização do espaço torna fascinante a solução de teor vertical. Não poderia ser mais viva a articulação entre as partes num acondicionamento humano de trezentos mil habitantes em torno da nucleação governamental.



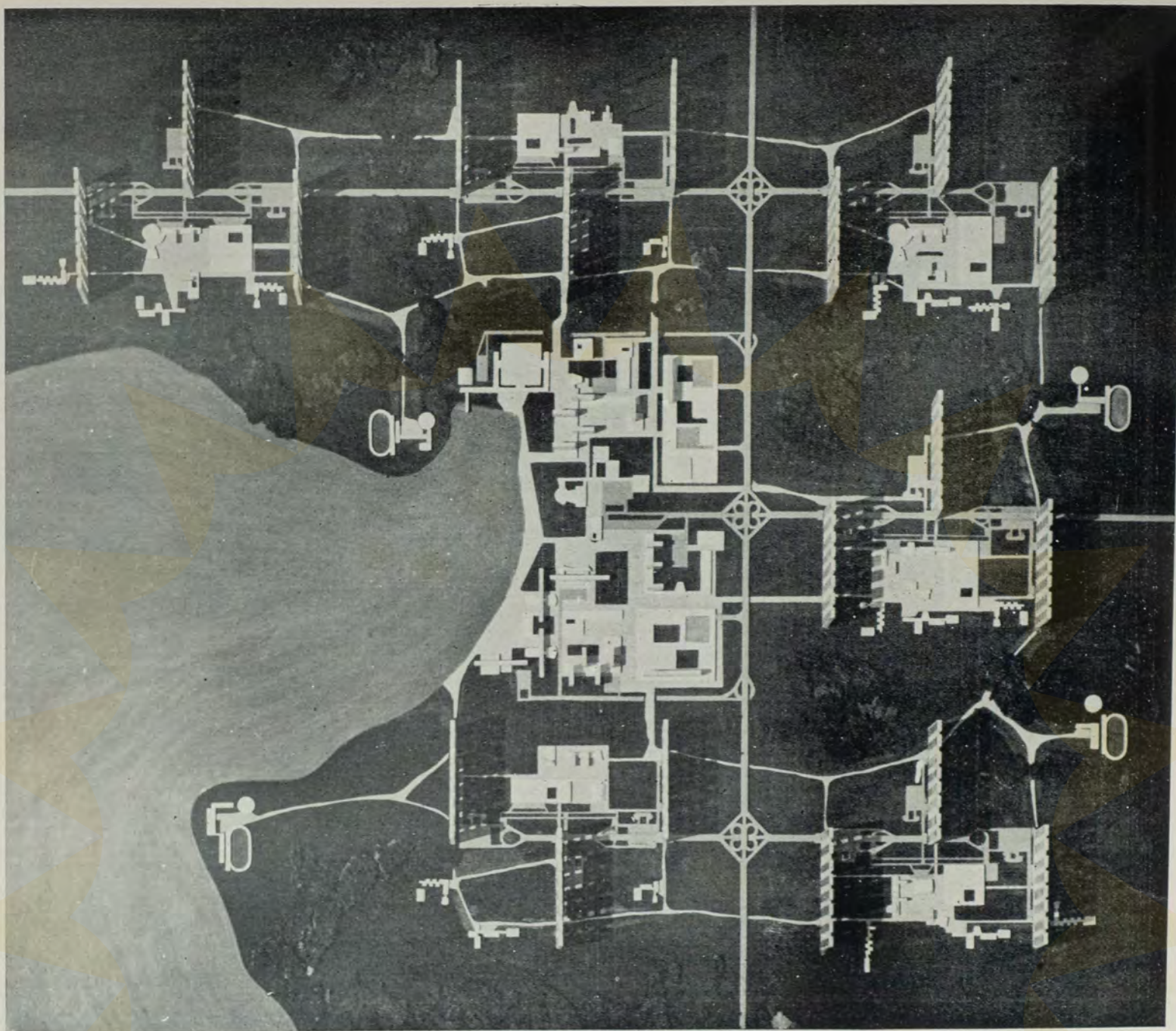
A demonstração do problema Habitação no Plano Piloto Rino Levi fica feita nesta prancha em uma clara visualização gráfica das resoluções tomadas sobre os dois ramos da moradia. O estudo da solução, no plano intensivo ou no plano extensivo, moldou-se em uma continuada e exaustiva formulação de fatores, cujo conjunto forneceu até o pormenor. Fez-se a habitação no menor espaço mas concedeu-se para a vida o maior espaço. Esta a síntese a que o Plano Piloto serviu, numa constante perquirição de elementos organizatórios. Em toda a demonstração, nada se poderia apresentar com maior clarividência, tal a imposição de uma lógica levada às suas finais consequências. Os arquitetos quiseram apenas contribuir, mas o fizeram seriamente, objetivamente, visando ao autêntico.



Perspectiva de um panorama da possível "cidade do ano 2000".



As quatro funções do moderno urbanismo foram sintetizadas no diagrama em que se condicionam geografia e topografia, sob as grandes dominantes das atividades humanas. As interações descritas sucintamente nesta prancha demonstram a preocupação de formular uma idéia em todas as suas consequências lógicas para uma leitura aceitável do planejamento a desenvolver, embora as indicações tenham sido tomadas em toda a sua fundamentação particularizadíssima. Vemos então que o Plano Piloto foi trabalhado visando a atender ao edital mas ao mesmo tempo inserindo em seus lugares a mais visível conjugação das funções. A cada uma das funções urbanísticas correspondem diretas medidas de ordenamento, dominando organicamente a vida de uma população.



Vista aérea do projeto.

A população de cada conjunto é abrigada em 3 superblocos de 16.000 habitantes. Cada superbloco, é dividido em 4 unidades de 4.000 habitantes, com seus serviços complementares. A distância entre superblocos, colocados frente a frente, é de 800 metros, de modo a garantir boas visuais panorâmicas. Cada superbloco possui estacionamento próprio, além de garage em sub-solo, ligada aos elevadores. O acesso de veículos aos conjuntos de habitação intensiva é feito por vias elevadas expressas, em "cul de sac", ligadas ao tronco viário N. S. Os ônibus tem parada no próprio andar em "pilotis" dos superblocos. Os detalhes técnicos dos superblocos são fornecidos na parte final deste relatório. Cada unidade de 4.000 habitantes é servida por rua interna de interligação dos elevadores gerais e locais. Nessa rua são localizados os seguintes serviços complementares: —

Cêrca de 30 lojas comerciais (1 loja cada 130 habitantes), jardim da infância com 2 classes (1 classe cada 2.000 habitantes), Crêche, Centro de saúde, Praças de recreio. Cada conjunto de 48.000 habitantes é servido por: Centro comercial, Centro social e cultural, 2 escolas primárias em 2 turnos de 650 alunos cada uma (14 alunos cada 1.000

habitantes por ano escolar), Escola secundária, Centro de saúde, Igreja, Cinema, Play-grounds.

Os clubes esportivos e os hospitais são distribuídos de forma a servir 2 ou mais conjuntos.

HABITAÇÃO EXTENSIVA: Os setores de habitação extensiva são constituídos de conjuntos de 15.000 habitantes. Cada conjunto compõe-se de 3 unidades de 5.000 habitantes. Destina-se a residências individuais e em parte a apartamentos de caráter semi-intensivo.

Os índices de densidade previstos são da ordem, respectivamente, de 100 e 200 habitantes por hectare.

Os conjuntos de habitação extensiva são dispostos sempre nos extremos das vias de acesso.

Cada unidade de 5.000 habitantes é servida por: Jardim da Infância, Escola Primária, Crêche, Centro de Saúde, Play-grounds.

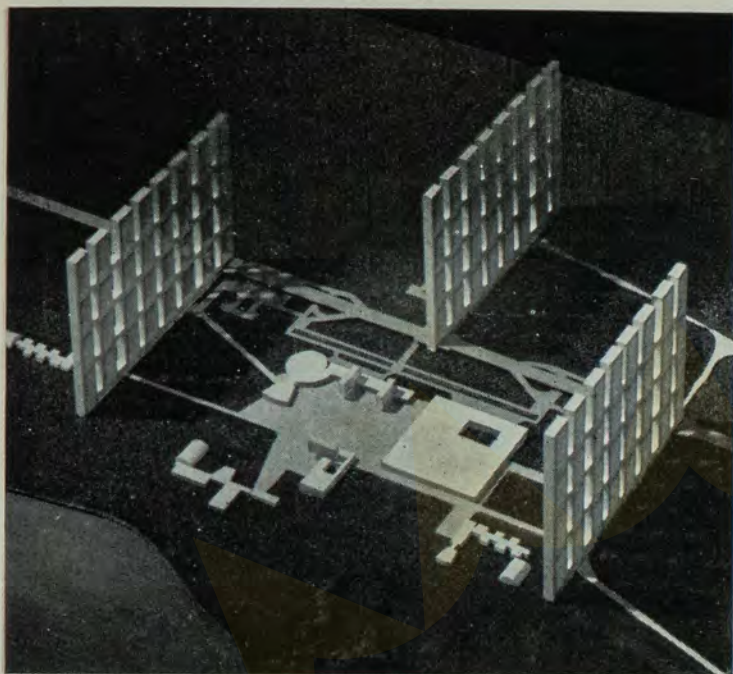
Cada conjunto de 15.000 habitantes é servido por: Centro Comercial, Centro Social e Cultural, Centro de Saúde, Igreja, Cinema. As escolas secundárias, os clubes esportivos e os hospitais são distribuídos de forma a servir 2 ou mais conjuntos.

SETOR INDUSTRIAL: Dado o caráter político-administrativo de Brasília, o setor industrial tem o objetivo de atender apenas às próprias necessidades da cidade. Exemplo: — Indústrias de alimentação (bebidas, laticínios, matadouro, tendal, frigorífico), indústrias da construção (marmoristas, serrarias) e outras com o mesmo caráter.

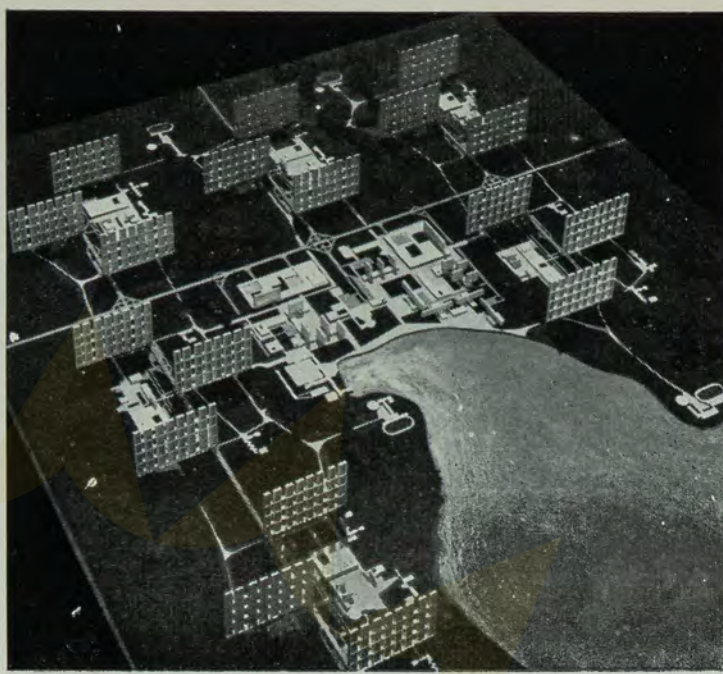
No setor industrial serão localizados também os entrepostos, depósitos de combustíveis, depósitos de materiais de construção, garages para ônibus, garages para veículos da limpeza pública e depósitos para a engenharia municipal.

O setor industrial, localizado junto à estrada de ferro e à auto-estrada, é separado do respectivo setor de habitação por zona verde. É ligado à cidade por via expressa, prolongamento do tronco N. S.

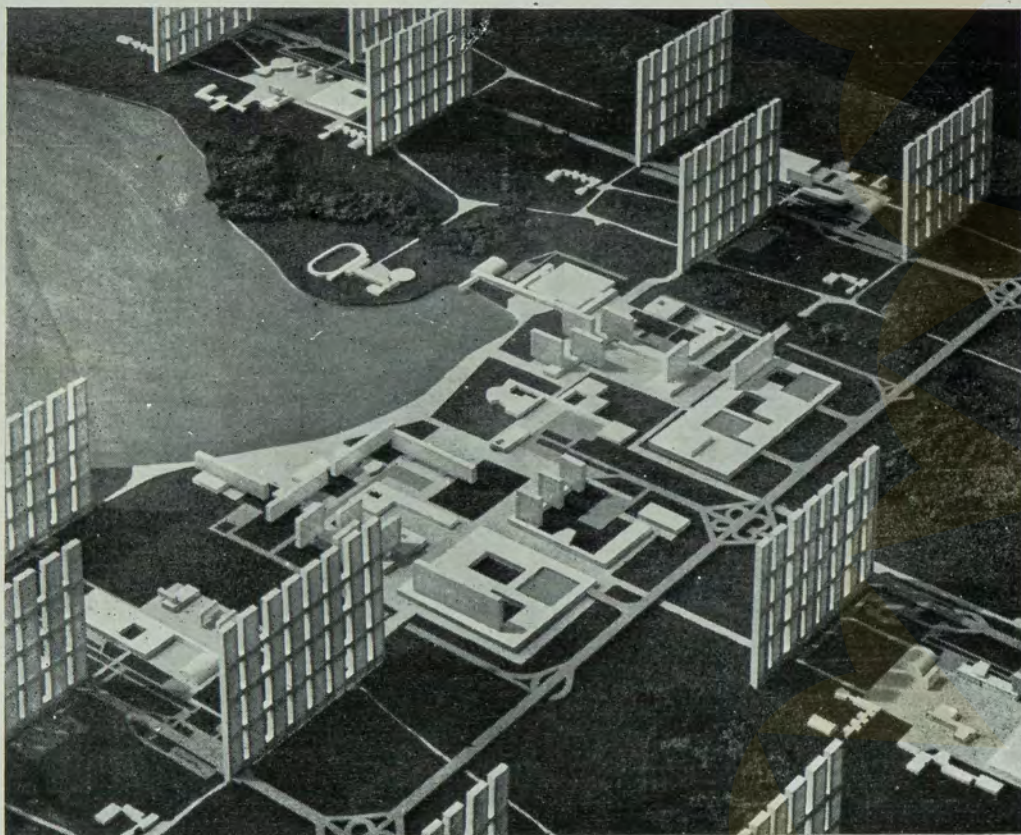
CENTRO URBANO: O centro urbano compreende, além dos órgãos federais já mencionados (ministérios e autarquias), as atividades centrais da cidade: atividades administrativas, comerciais, culturais e de recreio. Abrange lojas de vários tipos, mercado, escritórios, bancos, hotéis, restaurantes, teatros, museus, biblioteca, cinemas, catedral, estação rodoviária, etc.



Um conjunto de três superblocos à beira do lago.



Outra perspectiva geral.



Ampliação focalizando o centro urbano.

O centro urbano é tangenciado pelo tronco viário N. S. e é ligado por via direta à estação de estrada de ferro e à auto-estrada. A área do centro urbano foi calculada na base de 2,5 à 3 metros quadrados por habitante.

CIDADE UNIVERSITÁRIA: A área reservada para a cidade universitária, no extremo sul do tronco viário N. S., é prevista para as várias faculdades de ensino, setores residenciais para estudantes e professores. Clube dos estudantes, centro esportivo, centro hospitalar especializado e demais institutos anexos complementares da universidade.

CENTRO ESPORTIVO MUNICIPAL E HIPÓDROMO: O centro esportivo municipal e o hipódromo, que necessitam de fácil acesso para o transporte de grandes massas de público, são vinculados com as vias mestres de circulação.

ÁREAS VERDES: O solo de Brasília é, em geral, de qualidade medíocre, podendo, no entanto, ser recuperado com tratamento adequado.

As melhores áreas são cobertas de matas ciliares, cuja conservação e ampliação se impõem para preservação dos cursos de água que alimentam o lago, não devendo, portanto, ser utilizadas para agricultura.

A recuperação do solo permitirá construir jardins e parques na totalidade da área urbana, como previsto no plano, e criar chácaras e granjas na periferia imediata da cidade.

O sistema de parques e jardins tem como elemento principal o jardim botânico e zoológico, localizado a sul do setor de habitação intensiva.

SISTEMA DE INTERLIGAÇÕES E DE TRANSPORTE: É constituído por 4 tipos de vias diferenciadas, como segue: —

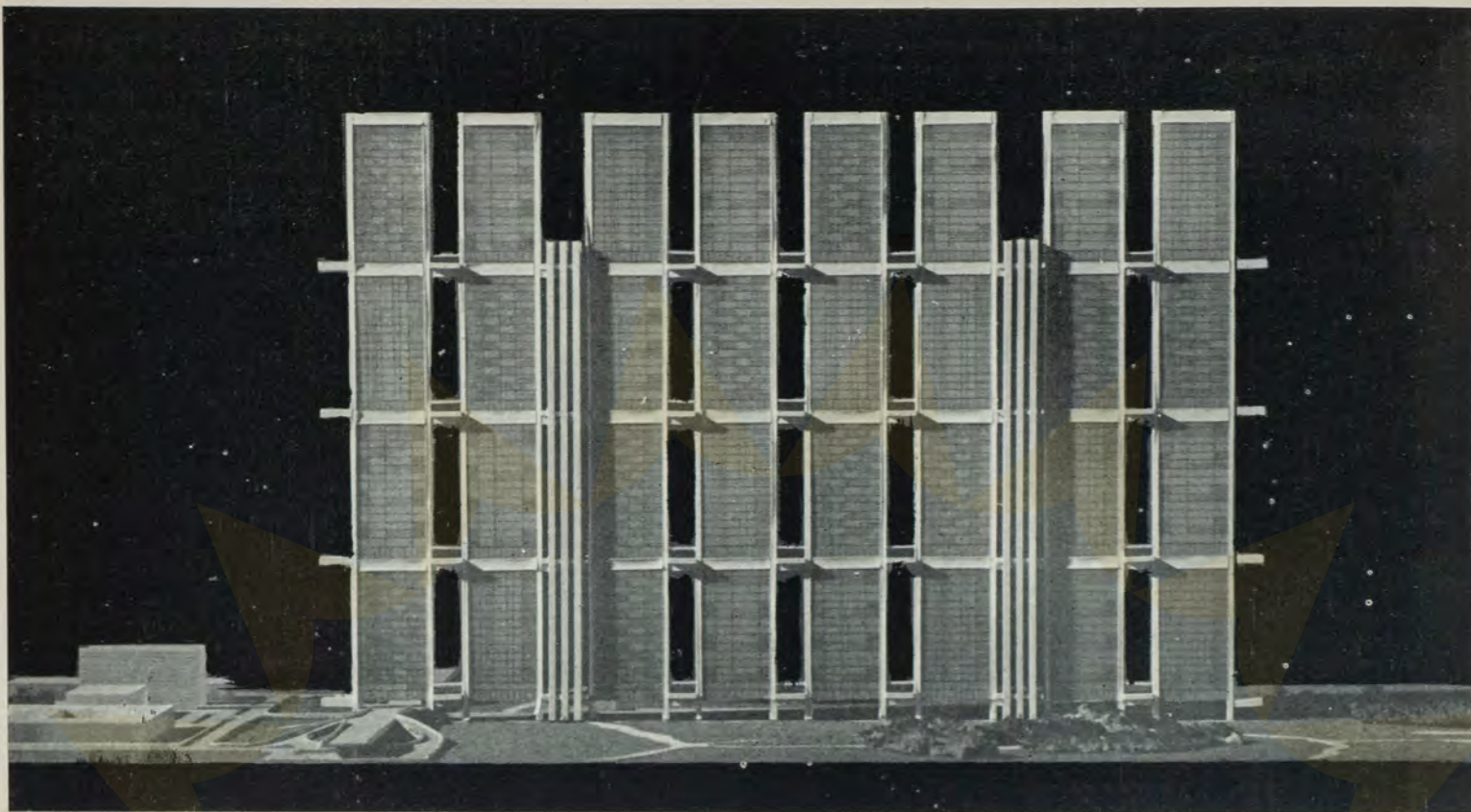
a — Vias expressas elevadas, sendo um

tronco N. S., tangente ao centro urbano, e 8 transversais E. O., servindo os conjuntos de habitação intensiva;

b — Vias expressas sobre o solo, fora dos setores habitados, ligando as vias elevadas com os demais setores da cidade e com a auto-estrada, a estação ferroviária e o aeroporto;

c — Vias internas dos setores, em "cul de sac", ladeadas, onde oportuno, por áreas de estacionamento;

d — Vias para pedestres, sem cruzamento com as vias expressas.



Um dos superblocos com seus 32 edifícios de 20 andares cada um, conjugados na solução de moradia concentrada: o projeto demonstra a possibilidade de diverso tratamento para cada uma das partes.

LIMITAÇÃO DO CRESCIMENTO DA CIDADE: O plano foi elaborado para uma população máxima de cerca de 500.000 habitantes, de acordo com o edital do concurso. No entanto, para atender circunstâncias supervenientes, imperiosas e imprevisíveis, admitiu-se a possibilidade de um crescimento além daquele limite.

Esse crescimento compreenderia a construção de mais 3 conjuntos de habitação intensiva e alguns de habitação extensiva.

Esse crescimento eventual não desvirtua os princípios orientadores do plano e mantém as condições de equilíbrio das várias funções e atividades da cidade, sem prejuízo da conservação dos espaços verdes. De qualquer modo, leis adequadas deverão limitar o crescimento da cidade e dos seus vários setores.

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DA CIDADE: A organização polinuclear do plano, revela a flexibilidade com que poderão ser realizadas as etapas sucessivas de construção da cidade. Cada etapa compreenderá a construção de um ou mais conjuntos de habitação, seja intensivo, seja extensivo. As instalações do Governo Federal e as demais da cidade, serão construídas paralelamente às habitações.

SUPERBLOCO DE HABITAÇÃO JUSTIFICATIVA TÉCNICA

O superbloco permite concentrar parte considerável da população em área reduzida, simplificando o esquema da cidade e de seus serviços, mantendo o terreno livre, possibilitando alto nível de bem estar material e espiritual e equilíbrio de organização social. O superbloco concebido para Brasília comporta uma população de 16.000 habitantes. Cada superbloco conjuga 32 edifícios de 20 andares e com dimensões, em planta, de 18,00 a 35,00 metros.

A população de cada edifício é de 500 habitantes. Esse cálculo foi baseado na média de 25,00 metros quadrados de apartamento por pessoa.

Os 32 edifícios que compõem o superbloco são divididos em 4 grupos superpostos, cada qual com 8 edifícios.

Esses 8 edifícios, colocados lado a lado, são ligados na base por rua interna.

A rua interna desenvolve-se em toda a extensão do superbloco, com 5 praças ao longo do seu percurso.

A rua interna, passagem obrigatória, comporta lojas comerciais, para comestíveis, restaurante, lavanderia, etc.. Nos 2 extremos localizam-se o jardim da infância, a creche e o centro de saúde. Jardim da infância e creche dispõem de áreas em balanço, destinadas ao recreio ao ar livre.

INSOLAÇÃO E VENTILAÇÃO: A orientação N. S. do superbloco, garante ótimas condições de insolação para as faces úteis.

O projeto detalhado dos apartamentos, que foge do alcance do plano piloto, deverá graduar a insolação, adotando os dispositivos adequados, de acordo com o destino das várias peças.

A separação de 15,00 metros entre edifícios, permite boa ventilação transversal do superbloco, reduzindo, consideravelmente, a zona de depressão a sotavento do edifício.

Esse dispositivo, tornando o superbloco permeável ao vento, alivia os esforços devidos à ação do vento, na estrutura.

Do ponto de vista plástico, a separação entre os edifícios quebra a continuidade de superfície e dá leveza e transparência ao superbloco.

CIRCULAÇÃO: A circulação vertical compreende 2 sistemas de elevadores, um geral e outro local, ligados entre si pelas ruas internas.

Os elevadores são projetados obedecendo às exigências da Associação Brasileira de Normas Técnicas.

Os elevadores principais ligam garage em sub-solo, rés do chão e as 4 ruas internas do superbloco.

Sua função é equivalente à do sistema de transporte coletivo da cidade convencional. Os elevadores são de tipo "standard", com entrada e saída nos lados opostos, com as seguintes características: capacidade, 28 passageiros; velocidade, 210 metros por minuto; intervalo entre carros, 10,1 segundos; vão em 5 minutos, 10% da população (estudo de tráfego em anexo).

É de se notar o reduzido tempo de espera. Os elevadores locais, que servem os vários edifícios do superbloco, são iguais aos usados habitualmente.

ESTRUTURA: A estrutura principal do edifício é constituída de quadros rígidos múltiplos, formados por pilares e forma celular, e vigas treliçadas longitudinais.

O vigamento treliçado recebe as cargas dos andares através de tirantes.

Esse sistema dá completa autonomia arquitetônica a cada edifício e evita pilares nas ruas internas.

Tendo em vista a grandeza dos esforços nos pilares principais (cerca de 9.500 toneladas), a rapidez de execução, o tipo de apoio adotado para os andares e a conveniência de redução do peso próprio da estrutura, concluímos pela preferência do aço.

A flecha calculada para a estrutura no sentido da menor dimensão, considerando a ação do vento de 100 quilos por metro quadrado, será de 0,73 metros, isto é 1/410 ou seja 0,0024, portanto dentro da tolerância admitida pela experiência Norte Americana (H. V. Spurr "Wind Bracing, the Importance of Rigidity in High Towers").

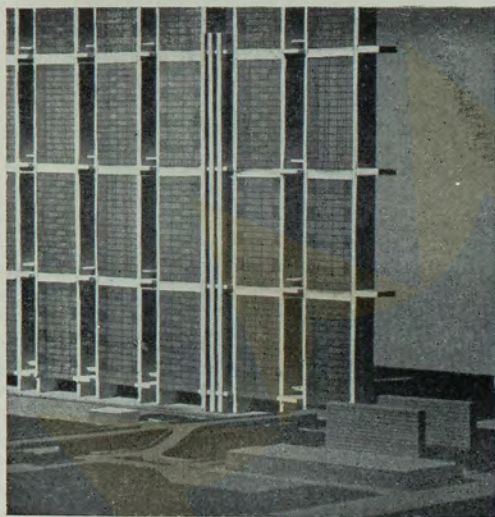
A previsão do material necessário é da ordem de 60.000 toneladas de aço comum ST-37, para cada superbloco.

O princípio estrutural adotado, dada a sua simplicidade e flexibilidade, permite independência estrutural de cada edifício, admitindo soluções variadas e planta de circulação vertical e de instalações e mesmo variantes na concepção do superbloco.

Desse modo, cada conjunto de 3 superblocos poderá ter sua fisionomia própria.

Os andares neutros, resultantes dos vigamentos treliçados, serão utilizados para máquinas dos elevadores, reservatórios de água, transformadores, tubulações, eventuais equipamentos de ar condicionado e para desvio de chaminés de ventilação de banheiros e cozinhas.

ÁREA CONSTRUIDA: Sub-solo (garage) m^2 15.800,00; ruas internas: $4 \times 9.000,00 = 36.000,00$ m^2 , edifícios de apartamentos: $32 \times 12.600,00 = 403.200,00$ m^2 , total: 455.000,00 m^2 .



Um detalhe do projeto do superbloco.

A-A — ANDAR NEUTRO
Estrutura - Máquinas - Caixas de água
B-B — RUA INTERNA:
1 Comércio
2 Jardim de Infância
3 Crèche
4 Recreio
5 Centro de Saúde
6 Praça

C-C — HABITAÇÃO

D-D — TÉRREO:

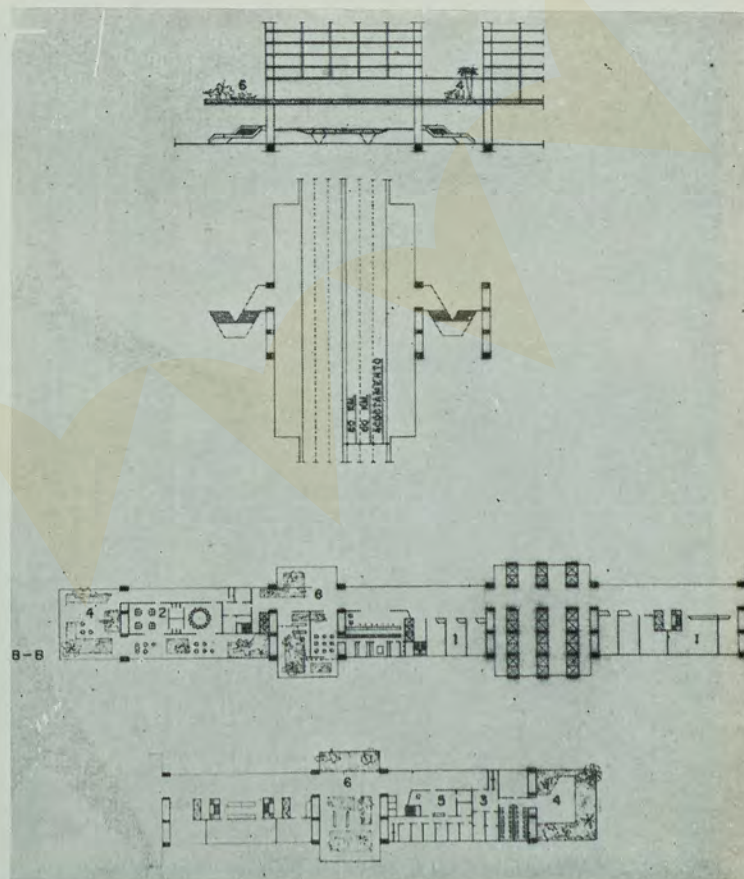
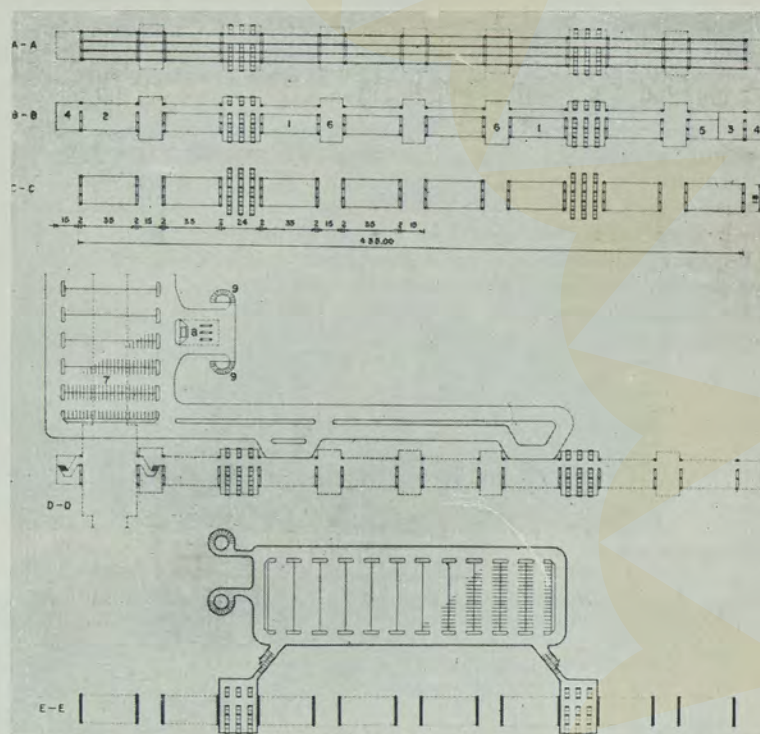
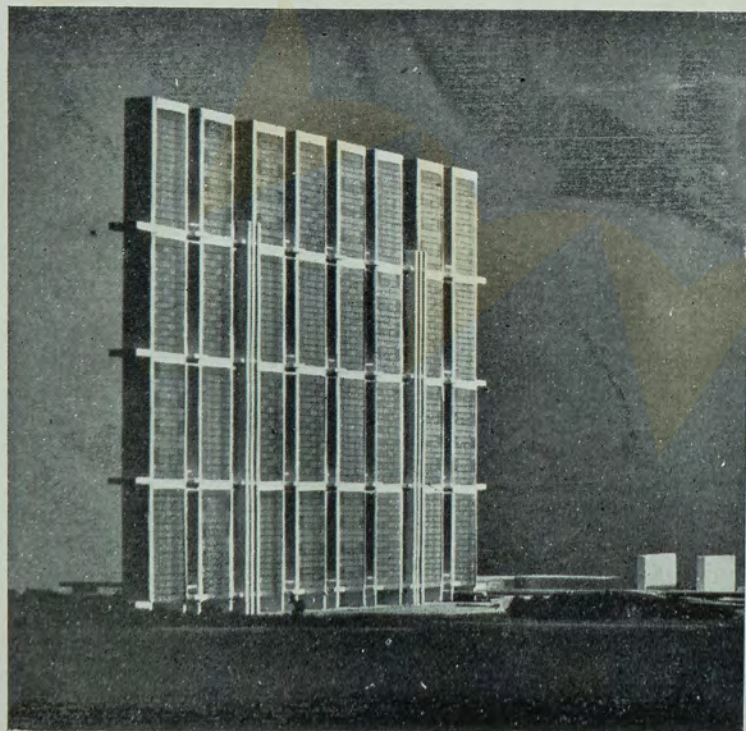
7 Estacionamento
8 Pósto de serviço
9 Rampa

E-E — GARAGE EM SUB-SOLO

Área construída.

Sub-solo (garage)	15.800 m ²
Ruas internas	$4 \times 9.000 = 36.000 \text{ m}^2$
Edifícios de aptos.	$32 \times 12.600 = 403.200 \text{ m}^2$
TOTAL	= 455.000 m ²

Pleno isolamento do superbloco.



Brasilia - Plano Pilôto para a nova Capital do Brasil

Arquitêto-chefe: Milton C. Ghiraldini

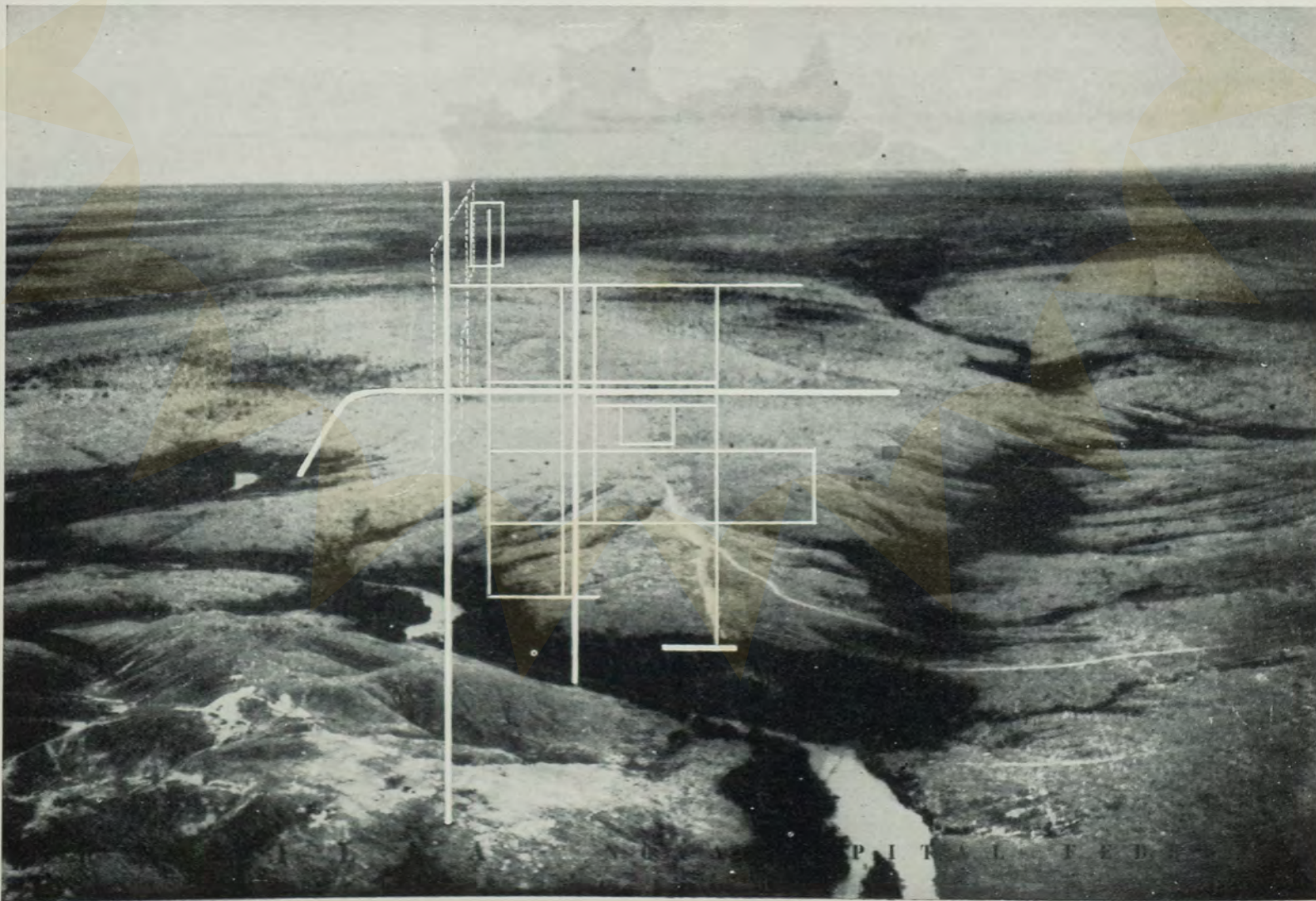
Arquitêtos: Clovis Felipe Olga - Nestor Lindenberg - Manoel da S. Machado
Wilson Maia Fina - Engenheiros: Milton A. Peixoto e Rubens Gennari

Reveste a apresentação dêste estudo uma aplicação, exaustivamente fundamentada, dos modernos princípios que informam o urbanismo, como ciência e como arte, na ordenação da cidade. Publicado o relatório, em elegante volume, os autores do presente anteprojeto prestaram um verdadeiro serviço à nova técnica, numa síntese atualizadora dos princípios urbanísticos, desde as premissas de Patrick Geddes, à noção da superquadra de Radburn, da rearticulação comunitária, cristalizando-se na unidade residencial de Maxwell Fry. Estamos, portanto, diante de uma solução em que vieram confluír as indicações mais depuradas da moderna ciência e arte do urbanismo, após uma análise do problema, solução aquela livremente manifestada no organograma simplificado das interrelações de atividades, fóra do âmbito habitacional.

Na paisagem urbana de Brasília aqui visionada, os autores dêste Plano Pilôto, uniformizaram a altura máxima de trinta metros,

ótimo a considerar-se como um anteparo à densidade, dentro dos princípios ordenadores da superquadra. Não incidiram os autores na crítica da Comissão que considerava as exposições feitas indo além do Plano Pilôto, nessa generalização com que formularam os julgadores as suas conclusões, pois se cingiram ao estrito da organização de um pré-plano, que focaliza o Plano Pilôto. As hipóteses apresentadas foram porém objeto de atento esforço destinado a fundir a funcionalidade ao complexo conjunto de indicações. Fez-se um trabalho, portanto, em alta escala, aproximativo entre o Plano Pilôto e a fase posterior de execução do planejamento. Se isto não qualifica o projeto, não lhe realça os objetivos, não responde ao edital, o concurso deixaria de ter um sentido. Na exposição sumária que aqui fica, em nossa limitação de espaço, deve-se compreender que a publicação do relatório já feita pelos autores, e a que os interessados podem recorrer, dispensa-nos, efetivamente, de mais esclarecimentos.

Prancha n.º 1.





Prancha n.º 4. Cinta Verde "Greenbelt" e seu agenciamento. Esta prancha indica a zona rural permanente (cinturão verde) e o esquema de sua sub-divisão, com os seguintes característicos:: a) Áreas até 1 hectare — Junto à zona urbana serão reservadas às chácaras e granjas. b) Áreas de 1 a 10 hectares — Localizadas em sequência às chácaras e granjas, constituindo a região indicada para sítios. c) Áreas maiores de 10 hectares — Em escala maior, envolvendo as anteriores, aparecem as grandes propriedades rurais. A sub-divisão proposta, visa proporcionar o eficiente abastecimento da cidade, impedindo ao mesmo tempo a expansão da zona urbana. Os "Centros Cooperativos Rurais" foram distribuídos em locais indicados por pesquisas efetuadas nas plantas de usos do terreno e estão apenas localizados, pois serão detalhados na prancha n.º 5.

O relatório justificativo do projeto Chiraldini abre com uma excelente introdução ao urbanismo, ciência, arte e filosofia, voltadas para três escalas do planejamento — o nacional, o regional e o local. Condena de passagem o número fixado para a população de Brasília, dizendo: "A população fixada de 500 mil habitantes é excessiva para esse tipo de cidade orgânica. A população dessas cidades, o ótimo, deveria variar entre 80 mil e 150 mil pessoas. Colin Clark admite até 200 mil. É apenas em obediência aos termos do Edital, que uma população desse porte foi considerada. Não estamos de acordo com ela."

Visando a uma terceira fase da ordenação territorial, em que emerge o Plano Piloto, marca os objetivos nos conceitos básicos orientadores da criação de novas cidades, ou seja: 1) a *cinta verde* para limitação da extensão da cidade e abastecimento de "fresh food"; 2) a *superquadra*, que permite a convivência pacífica com o automóvel; 3) a *unidade de vizinhança*, que permite a rearticulação social e comunitária nas urbes. É sobre esses pilares que se assenta a cida-

de, na hipótese do Plano Piloto Ghiraldini. Decompõem então os autores aqueles conceitos básicos.

Demoram-se os autores na exposição dos elementos fundamentais que seu planejamento implica, e assim reexaminam e remanejam os conceitos de Ebenezer Howard sobre as cidades-jardins, que é cidade e "não simples bairro, jardim ou subúrbio residencial, dormitório de uma metrópole qualquer". Sendo então uma cidade orgânica, deve submeter-se a planejamento, cuja "população ideal" passa a ser da ordem de 35 a 80 mil pessoas, distribuídas em unidades de vizinhança de 6 a 10 mil pessoas cada uma. Chegamos, então, ao ponto básico do primeiro problema: "Como impedir a extensão dos limites urbanos além dessa densidade razoável?" E responde: "Um dos aspectos mais desagradáveis e mais inconvenientes das cidades atuais, é o que se chama "desenvolvimento em fita", "ribbon development" ao longo das vias de comunicação. Esse desenvolvimento se estende por quilômetros ao longo das estradas, congestionando-as com habitações de ínfima classe, desprovidas dos

serviços essenciais a uma vida decente. A cinta verde formada de terrenos rurais, e que como tais devem ser permanentemente conservados, evita esses inconvenientes.

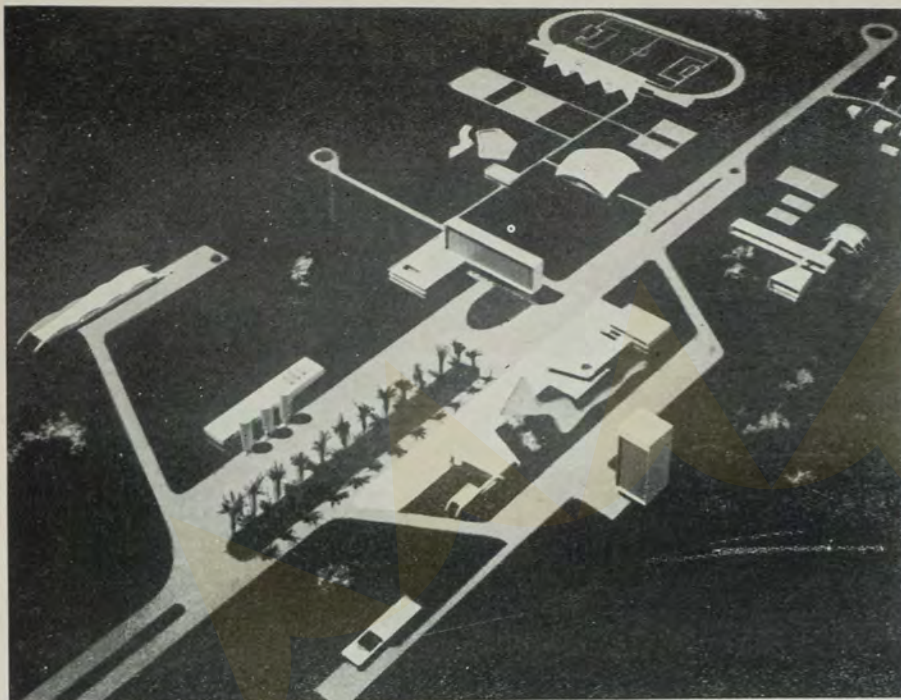
E evita também que um qualquer centro metropolitano vizinho envolva com os seus tentáculos a cidade-jardim, que nesse caso ficaria reduzida a simples subúrbio de centro maior.

Para exercer essa função de maneira eficaz, essa cinta precisa ter cerca de 3 milhas de largura, cerca de 5 quilômetros.

De acordo com a idéia original de Ebenezer Howard seriam precisos 6.000 acres (acre = 4.047 metros quadrados) para uma cidade-jardim.

Desse total apenas 1.000 acres seriam ocupados pelas habitações e indústria e os restantes 5.000 formariam a zona rural ou cinta verde.

A densidade da população (gross overall) seria de 30 pessoas por acre (75 por hectare), o que parece elevado mas é exigido pela economia dos serviços públicos urbanos. A regra é: "Compactness without overcrowding". Outra função da "Green belt" é o abasteci-



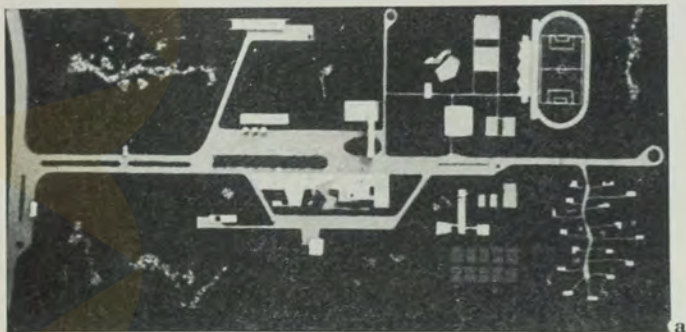
Fotografias da maquete de um centro cooperativo rural sob vários ângulos:

- a) planta;
- b) vista aérea geral;
- c) detalhe da parte central.

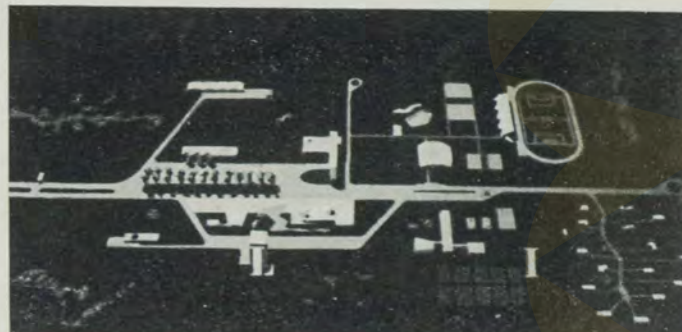
Este Centro congrega os seguintes edifícios:

- 1 — Silos para armazenamento de produtos agrícolas e sede da cooperativa.
- 2 — Oficina mecânica para reparos de maquinário agrícola.
- 3 — Centro comunitário.
- 4 — Centro de saúde.
- 5 — Igreja.
- 6 — Escritórios.
- 7 — Escola rural.
- 8 — Hortas.
- 9 — Centro de Esportes.
- 10 — Núcleo residencial.

Prancha n.º 5.



b



mento da cidade com produtos da pequena lavoura e laticínios. E também recreio rural. Ficam assim integradas as economias rural e urbana, com mútuo proveito."

Chegamos, então, aqui, a um ponto que julgamos essencial nesse admirável relatório: "O dispositivo fundamental é que a terra seja mantida como propriedade pública".

Ninguém desconhece a imensa valorização que se produz na transformação do terreno rural em urbano. Não é menor a valorização produzida no terreno urbano pelo aumento de população, desenvolvimento do comércio e indústria, realização de obras públicas e grandes reformas urbanas.

Essa valorização é caracteristicamente um "unearned increment" porque não depende de esforço do proprietário, mas corresponde a trabalho coletivo.

Para a coletividade deve, pois, reverter; e o meio mais prático de fazê-lo é conservar a terra como propriedade pública, arrendando os terrenos por longos prazos aos interessados. A importância dessas locações, renovadas e calculadas cada cinco ou dez anos, é suficiente para a realização e manutenção dos serviços públicos, e para melhoria crescente do "standard" da vida urbana."

Aborda a partir desse ponto o relatório a idéia de Radburn com a superquadra, solução também básica do Plano Piloto Ghirardini. Diz o relatório nesse ponto:

"Radburn é a consagração da superquadra; uma cidade na qual se pode viver pacificamente com o automóvel, ou antes, apesar dele.

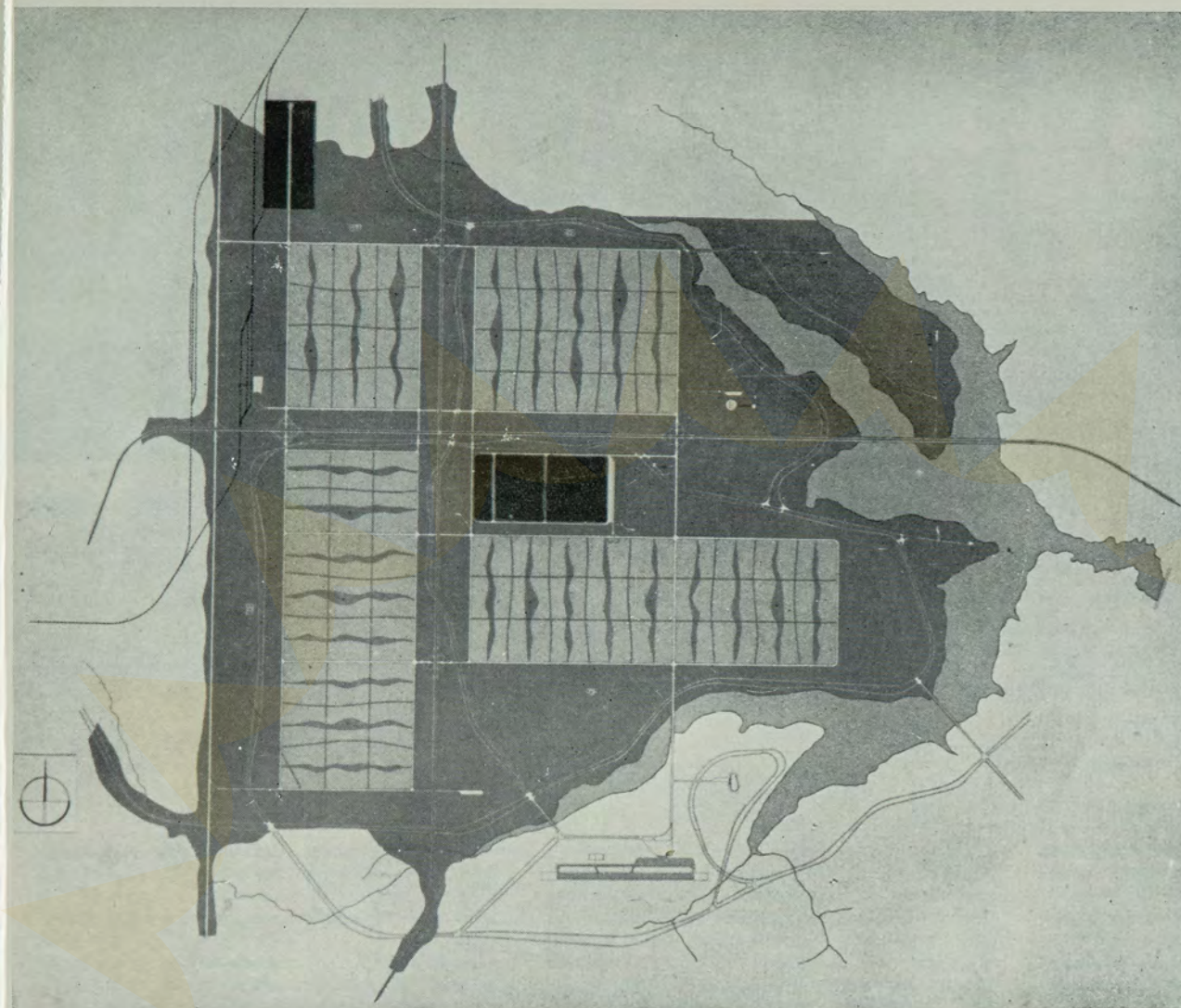
Os rebanhos metálicos tornaram o molde tradicional do xadrez e da quadra comum de 100,00 x 100,00 base tradicional dos planos urbanos — tão obsoletos como as muralhas das cidades fortificadas.

Mais americanos foram mortos por automóveis, nas ruas e estradas da União Americana do que em todas as guerras em que se envolveu a América do Norte".

Para viver em paz com o automóvel, o relatório responde à pergunta: "Que elementos usar?", especificando-as em cinco pontos. São eles: "a superquadra, em vez da quadra característica, retangular. Superquadradas de 35 a 50 acres de área, isto é, de 150 a 200.000 m² de área, equivalentes a 15 ou 20 de nossas quadras comuns. Essas quadras serão servidas por ruas chamadas de distribuição", por intermédio das quais "o acesso dos pedestres às casas é feito por meio de "footways" ou "parkwalks", "veredas parque", que percorrem os parques interiores e que constituem o núcleo das superquadradas, e de área de metade da área total das quadras". Assim, visam-se ruas traçadas para uso especializado, com "diferenciação entre pedestres, veículo rápido ou lento, serviço, estacionamento, jardim e parque". Conse-

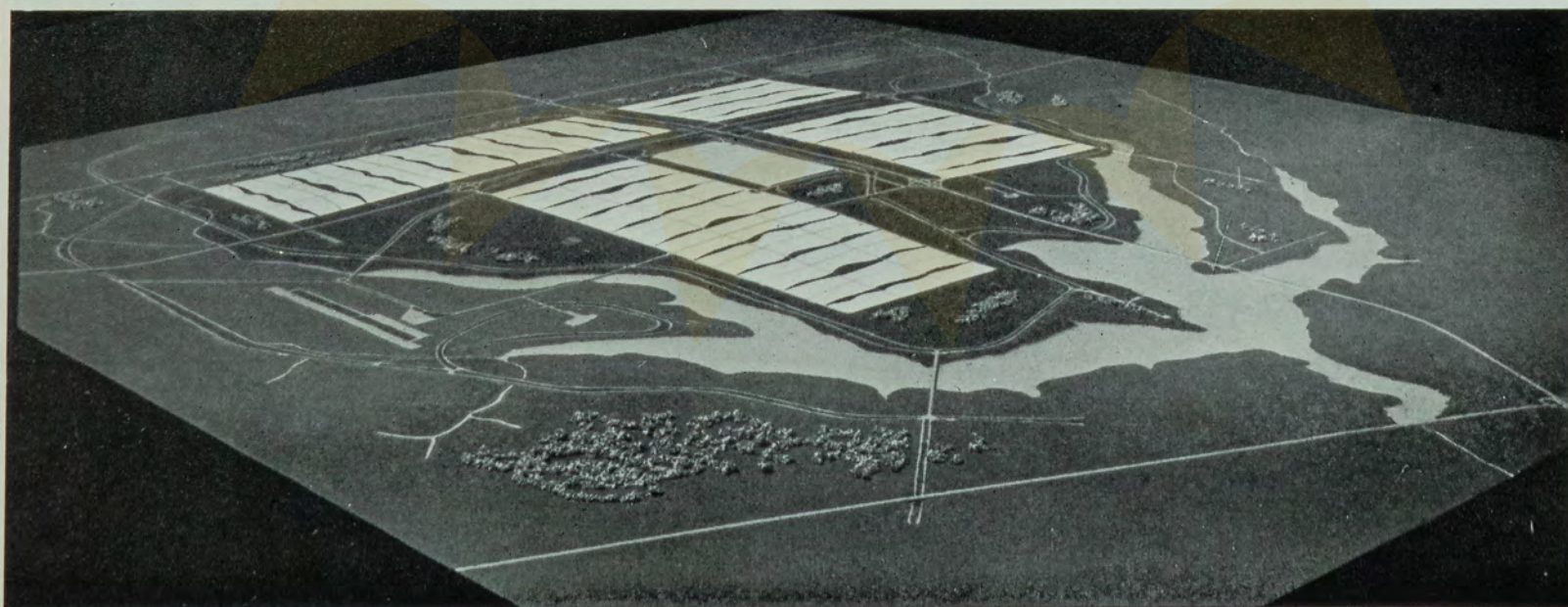
quentemente, ter-se-á uma "completa separação entre o pedestre e o automóvel, ou tão completa quanto possível". Nas superquadradas, "as habitações têm as fachadas de serviço voltadas para as ruas de acesso, como é lógico que seja, e as de "vida" voltadas para os parques interiores". Essa preocupação de "orientação total", asseguraria "aos seus moradores os bens essenciais, sol, ar puro, vista da vegetação, calma, intimidade, silêncio, ou as "vozes do silêncio, como diria d'Annunzio". Conseguir-se-ia dessa forma inteira defesa contra o ruído, a poeira, a fumaça, os ventos frios e a chuva. Mas a espinha dorsal da superquadra é o grande parque interior.

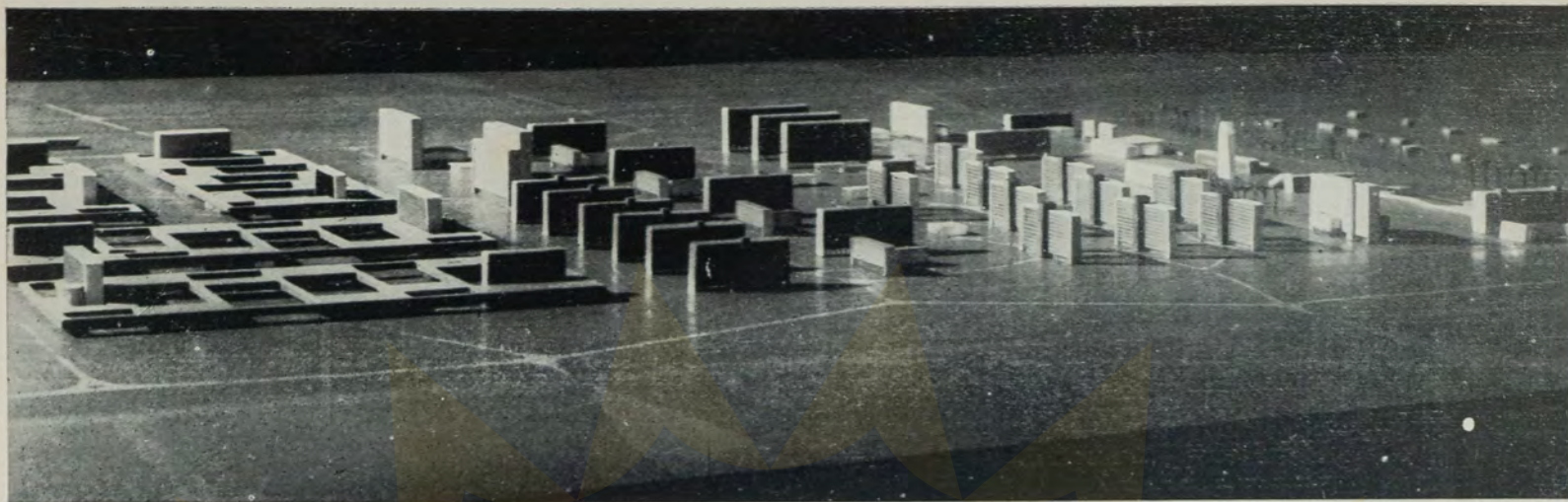
O terceiro conceito básico é o da unidade de vizinhança. Demora-se o relatório em sua análise, a partir dos dois pontos que imediatamente repontam o ambiente e as interrelações. "Base social e base material se completam. A base social da unidade de vizinhança, e de suas componentes elementares, as unidades residenciais, é justamente a possibilidade de restabelecimento das relações nos círculos primários, que a confusão congestionada das metrópoles impede". Entra aí a contribuição da sociologia com a interação e os contatos sociais, primários e secundários. Após estudar esses aspectos, o relatório busca definir as soluções técnicas do urbanismo humanizador, em referência a eles,



Francha n.º 6. Distribuição orgânica das zonas de diversas atividades — Traçado básico.

Francha n.º 7. Vista aérea do esquema básico.





Prancha n.º 12. Vista aérea do Centro Urbano.

e chega então à conclusão da moderna técnica, representada por vários autores, preconizando a "rearticulação comunitária". Cita os escalões comunitários de base, de Bardet, os escalões de base social e orgânica, segundo Lebreton, e a célula básica fundamental da unidade residencial de Maxwell Fry, para quem "a cidade é um organismo vivo, cuja estrutura deriva da família, e da maior, mais bela, mais nobre das responsabilidades da família, ou seja, a criação e a educação dos filhos".

As conclusões estão assim concatenadas: "O tipo "unidade de vizinhança" constitui mudança radial no sistema de movimento de pessoas e coisas. Separa o cotidiano do intermitente; a recuperação da qualificação". Chegamos, finalmente, à parte referente à determinação do traçado:

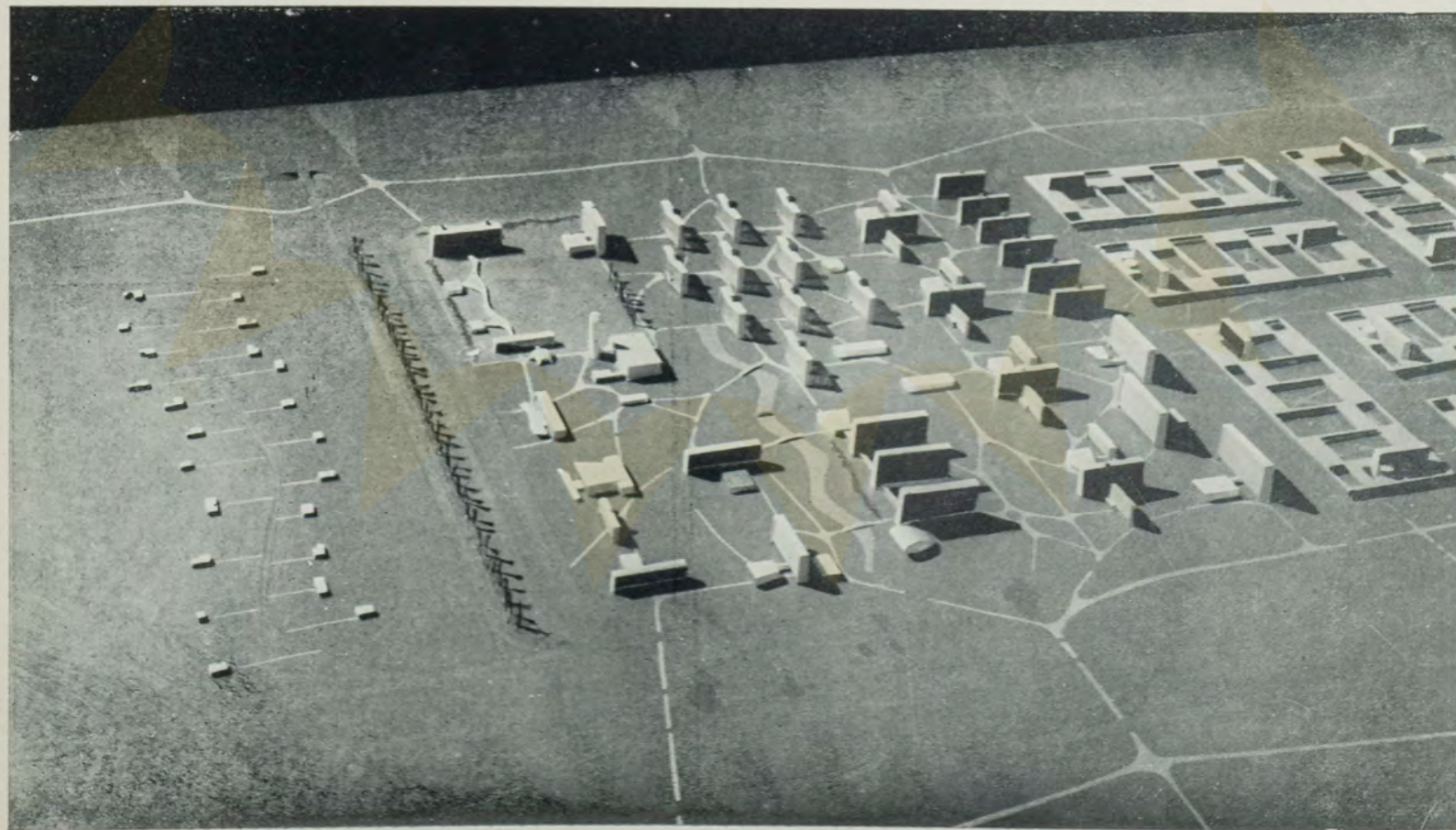
"As diretrizes que nortearam esta equipe a adotar o traçado proposto, foram determinadas pela necessidade de se obter o equilíbrio entre as três funções fundamentais da vida urbana. Habitar, Trabalhar, Recrear, completadas pela Circulação.

A distribuição orgânica das zonas de diferentes atividades, sua definição precisa e a plástica da composição, foram os principais obje-



Orgonograma.

Prancha n.º 13. Vista aérea do centro urbano.





Prancha n.º 14. Perspectiva da praça cívica.

tivos que determinaram nosso esquema. A integração de todos os elementos do plano se processa de maneira equilibrada, resultando uma solução espontânea, pura e simples."

Seguem-se os dados técnicos: *Densidades* — Densidade geral bruta urbana: 30 pessoas por hectare. Área livre total urbana, incluindo recreio, sistema viário e equipamento social: 67%. Densidade residencial líquida de cada Unidade de Vizinhança: 110 habitantes por hectare. *Zona Residencial* — As 83 unidades de vizinhança que compõem os 4 grandes setores residenciais foram distribuídas de forma a se evitar grandes concentrações em determinadas áreas e em detrimento de outras. Verifica-se que as distâncias dessas Unidades ao Centro, entre as opostas, são praticamente iguais. O número de Unidades foi determinado pela densidade residencial líquida adotada para cada uma. Junto ao Centro foram projetados vários blocos residenciais

desenvolvendo-se em altura e destinados à habitação dos solteiros (cêrca de 15% da população total). Altura máxima 30 metros. As unidades de vizinhança dos setores residenciais são agrupadas em "clusters" em torno de 11 centros principais. Em cada Centro teremos 60 ou 70 lojas diversas, correio, escola secundária, bancos, escritórios, igrejas, restaurantes, centro de comunidade, hospital e uma grande área de recreio. *Trabalho* — Além das zonas de trabalho de cada unidade de vizinhança, teremos: a) Zona Central — O perímetro central situa-se na parte mais elevada do terreno e congrega todas as atividades peculiares ao centro da cidade. Suas proporções foram calculadas em função dos elementos que a constituem. b) Indústria — Sua localização é devida a duas determinantes principais: I — Sistema de Viação (Ferroviário e Rodoviário). II — Ventos dominantes da região, cuja maior frequência é de Leste para Oeste. *Recreio* — O

sistema abrange elementos de três qualidades: I — Recreio ativo ou atlético. II — Recreio contemplativo ou de passeio. III — Recreio educacional. É distribuído equitativamente a toda a população, para todas as classes e todas as idades."

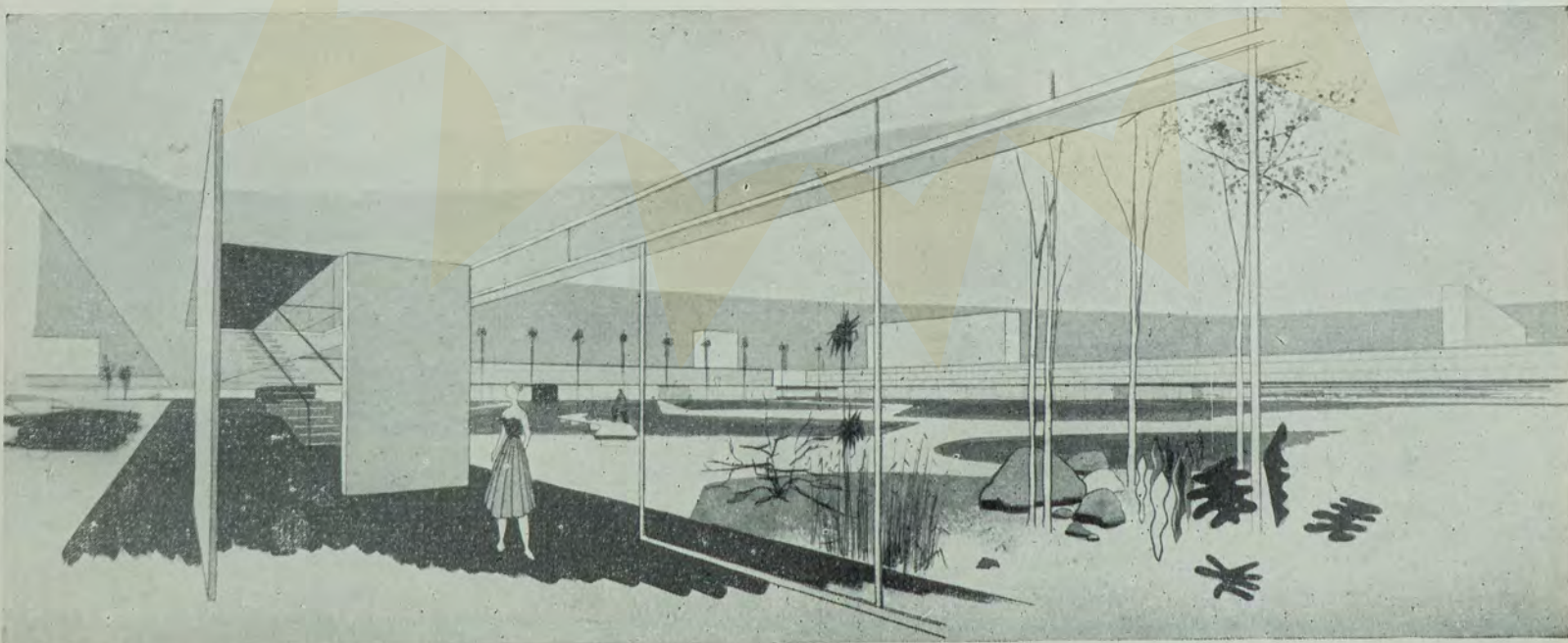
No centro de Brasília, o traçado compõe o Centro Cívico com os edifícios da administração federal, o Palácio do Governo, o Palácio do Legislativo, o Palácio do Judiciário, o Palácio Municipal com Executivo e Legislativo, a catedral e o palácio cardinalício, finalmente, a Praça Cívica.

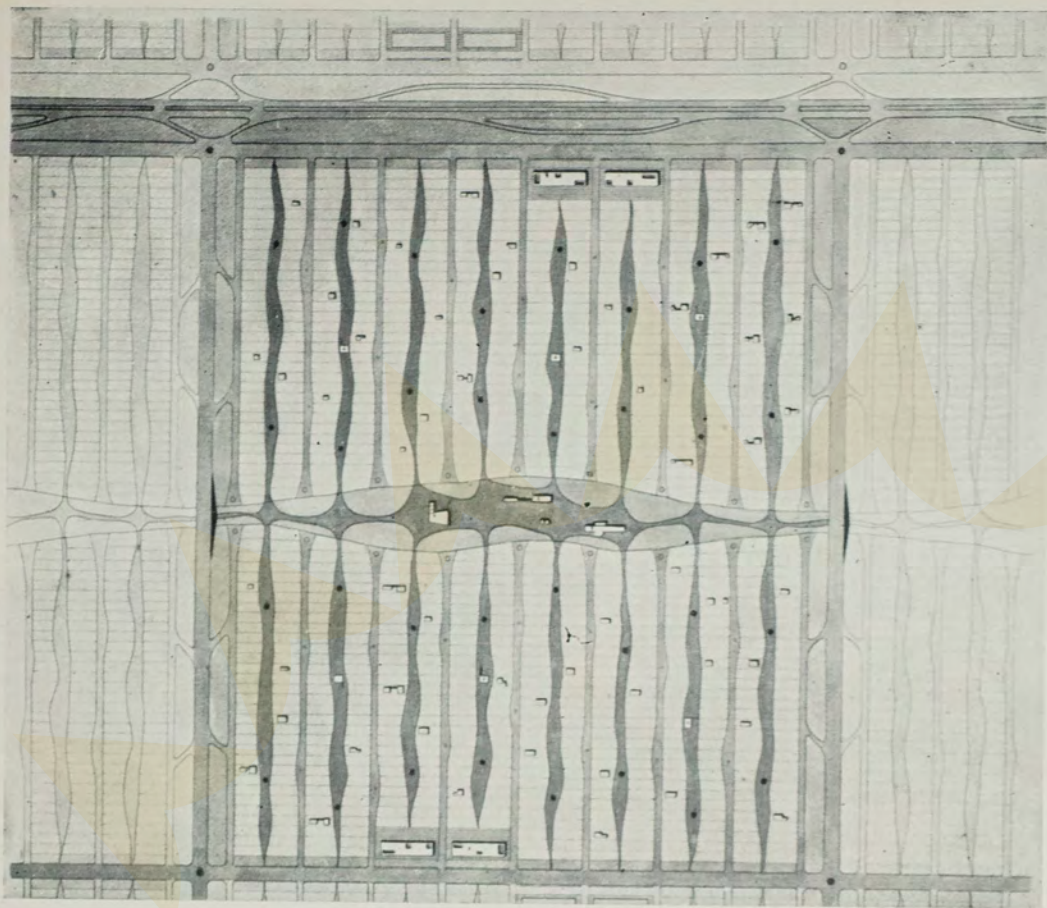
Seguem-se o centro cultural, a zona dos Ministérios, o centro administrativo, o centro comercial, embaixadas e abastecimentos.

Um amplo estudo completo o relatório, com um sistema de circulação estudado exaustivamente até os pormenores.

Num resumo desta ordem é impossível, naturalmente, dar um esboço da importância do trabalho realizado.

Prancha n.º 15. Perspectiva do centro comercial.





Prancha n.º 16. Unidade de vizinhança. Planta detalhada.

"A cidade é um organismo vivo, cuja estrutura deriva da família e da maior, da mais bela, da mais nobre das responsabilidades da família — a criação e educação dos filhos."

"Maxwell Fry"

Prancha n.º 17. Perspectiva do parque interior da unidade de vizinhança.



Brasília, ante-projeto de plano diretor

Arquiteto: Jorge Wilhelm

Introdução Socio-Econômica: Maurício Segall, economista e Pedro Paulo Poppovic, sociólogo.

Abastecimento Hidro-Elétrico: Péricles de Amaral Botelho e Riolando Silveira, engenheiros.

Água e aspectos sanitários: José Meiches, engenheiro.

Arquitetos colaboradores e representação gráfica: Rosa Grena Kliass e Arnaldo Tonissi, arquitetos; Odilea Helena Setti, Consultor agrônomo; Alfredo Gomes Carneiro, agrônomo.

O presente ante-projeto foi apresentado ao concurso instituído pela Novacap, não obtendo classificação. Seus autores consentem, contudo, em sua publicação, baseados nos seguintes argumentos: 1.^o — o concurso de Brasília constitui marco importante para a arquitetura brasileira, pois permitiu por vez primeira a contribuição filosófica e conceitual de arquitetos, no campo de planejamento; 2.^o — deve, portanto, ser considerada e valorizada a contribuição intelectual dada pelas 26 equipes participantes, não podendo o concurso se resumir na escolha de um nome vencedor; 3.^o — esta valorização não foi realizada de forma suficiente através o julgamento, devido aos critérios adotados; 4.^o — neste sentido, propôs o autor ao IAB sugira à Novacap a publicação dos anais do concurso, edição completa dos projetos apresentados, obra de importância polêmica e histórica tanto para a cidade de Brasília como para a arquitetura nacional; 5.^o — os autores consideram terem dado alguma contribuição que poderia ainda ser utilizada não apenas como elemento polêmico, mas também no planejamento definitivo. O trabalho apresenta o seguinte sumário:

I — Apresentação

II — Introdução sócio-econômica

1. As cidades e a realidade sócio-econômica
2. Enquadramento sócio-econômico de Brasília
3. Fatores de crescimento urbano da zona pioneira
4. A realidade sócio-econômica goiana:
 - 4.1 Características gerais
 - 4.2. Divisão em 9 zonas demográficas
 - 4.3. Agricultura
 - 4.4. Pecuária
5. Considerações demográficas e previsão da população de Brasília
 - 5.1. Colocação do problema
 - 5.2. Número atual de servidores públicos federais
 - 5.3. Política administrativa

- 5.4. Cálculo da população de Brasília
- 5.5. População das unidades de habitação
- 5.6. Desenvolvimento futuro

III — O Plano Piloto

1. Influências diretas da realidade sócio-econômica
2. As quatro funções básicas
3. Os três princípios geradores específicos
 - 3.1. Integração
 - 3.2. Descentralização
 - 3.3. Continuidade
4. Zoneamento
 - 4.1. Zona residencial
 - 4.2. Áreas verdes (e azuis)
 - 4.3. Zona de comércio e trabalho
 - 4.4. Zona industrial
 - 4.5. Zona hoteleira
 - 4.6. Áreas de expansão
5. Circulação
6. Capitólio e Parque de Cultura
7. Núcleo gerador e as construções existentes

8. Planejamento agrônomo do Distrito Federal

- 8.1. Abastecimento
- 8.2. Irradiação da técnica agrícola
- 8.3. Proteção ao solo
- 8.4. Política de terras e financiamento

9. Abastecimento de água e saneamento

- 9.1. Abastecimento e saneamento
- 9.2. Disposição de águas residuais e pluviais
- 9.3. O problema do lixo
- 9.4. Conservação dos cursos de água na cidade

10. Abastecimento de energia elétrica

- 10.1. Generalidades
- 10.2. O Distrito Federal e a demanda de energia elétrica
- 10.3. A nova Capital e os recursos energéticos
- 10.4. Um programa viável
- 10.5. Conclusões

11. A construção por fases

12. Um problema construtivo

IV — Bibliografia

Nesta publicação limitamo-nos à apresentação, e alguns capítulos descritivos do plano, abrangendo partes resumidas (textos entre parênteses) e certos aspectos mais conceituais (a íntegra do memorial alcançava 230 páginas). Da extensa fundamentação socio-econômica apenas damos, na apresentação, uma descrição sumária do método de pesquisa, conclusões e medidas propostas.

I - Apresentação

Há coisas que, por sua própria natureza, não podem ser simples. Urbanismo é uma delas. Por mais sintético que seja um plano, o número dos fatores que o integram não pode deixar de resultar em estudo complexo. Não se pode negar que simplificação demasiada significa, frequentemente, o sacrifício de algum fator componente, com evidente prejuízo para o plano. Um plano, mesmo na fase de ante-projeto, deverá abranger, superficial-

mente que seja, os diversos setores da realidade que concorrem para o seu condicionamento global, caso contrário, ignorando a realidade dos fatos e a complexidade do problema, resultará em solução omissa, falha, seja um desenho utópico, seja uma previsão errônea.

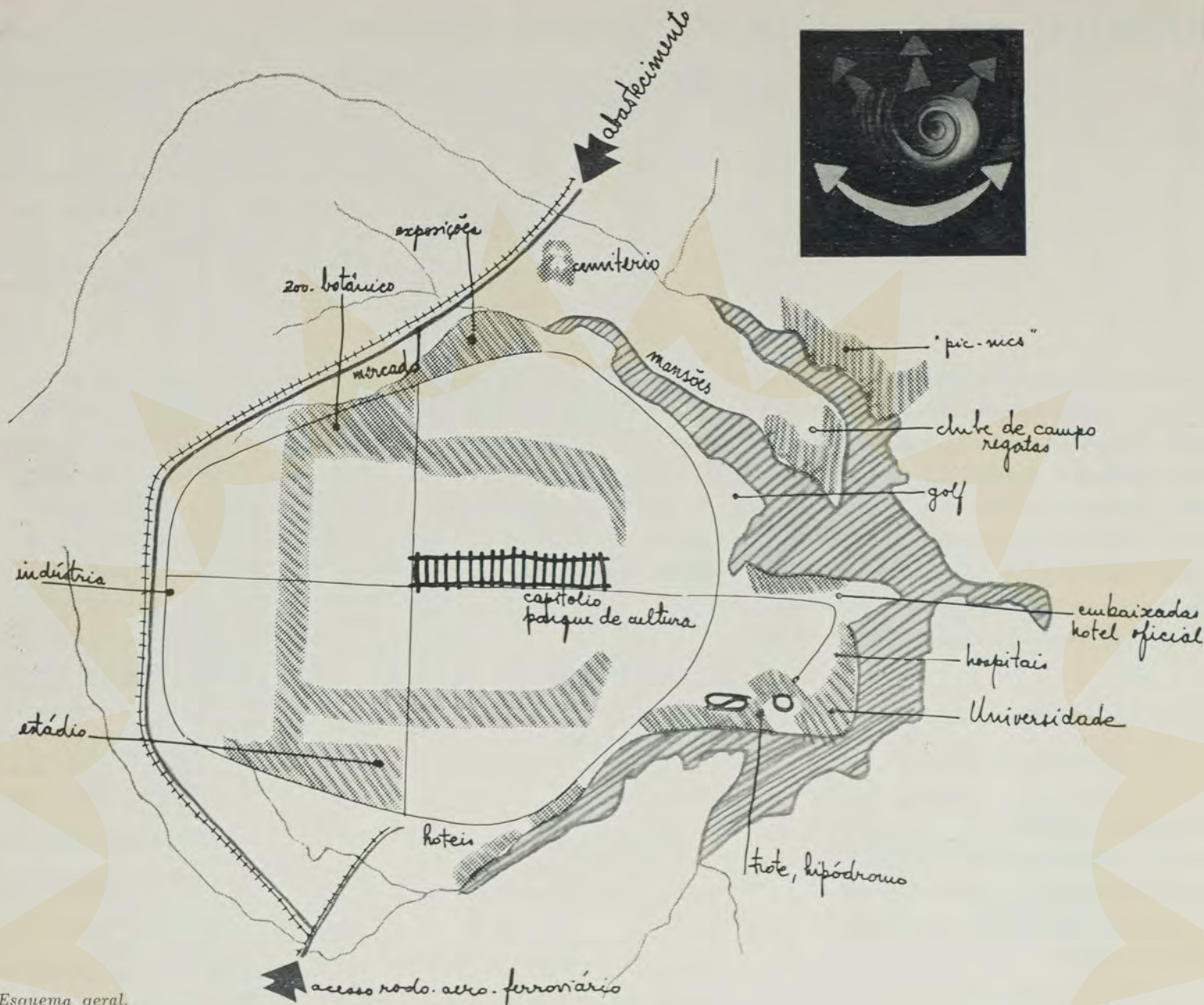
Desejando abordar cientificamente o assunto, com exclusão de toda solução simplista, não hesitamos em tratar o plano piloto de Brasília a partir de um introdução socio-econômica, mesmo percebendo a extensão que tal estudo necessariamente assumirá. O resultado desta diretriz parece justificá-la, pois permitiu a indicação de medidas imediatas importantes, vindo assim de encontro aos desejos do Governo, no sentido da mudança rápida da Capital.

Além desta intenção governamental, a organização do concurso fazia prevêr igualmente o interesse em conhecer os profissionais e os ante-projetos que melhor poderiam ser desen-

volvidos para a elaboração do plano definitivo. Daí termos timbrado em elaborar todo o setor teórico do plano propriamente dito, a fim que tanto nosso trabalho quanto nossos critérios e conceitos urbanísticos possam ser julgados em profundidade.

Devido à extensão deste ante-projeto, iniciamo-lo com a apresentação do esquema, visando dar rápida idéia do conjunto. Incluímos nesta apresentação as conclusões e medidas objetivadas pela introdução socio-econômica e por alguns capítulos complementares ao plano; no texto, encontram-se os dados e a argumentação que serviram de base às conclusões e, portanto, em parte, ao plano piloto elaborado.

Abordamos o assunto demonstrando a relação existente e necessária entre a realidade socio-econômica e as cidades. Tanto as cidades espontâneas quanto as planejadas fundamentam-se nesta realidade; é, portanto, imprescindível uma análise da mesma para



Esquema geral.

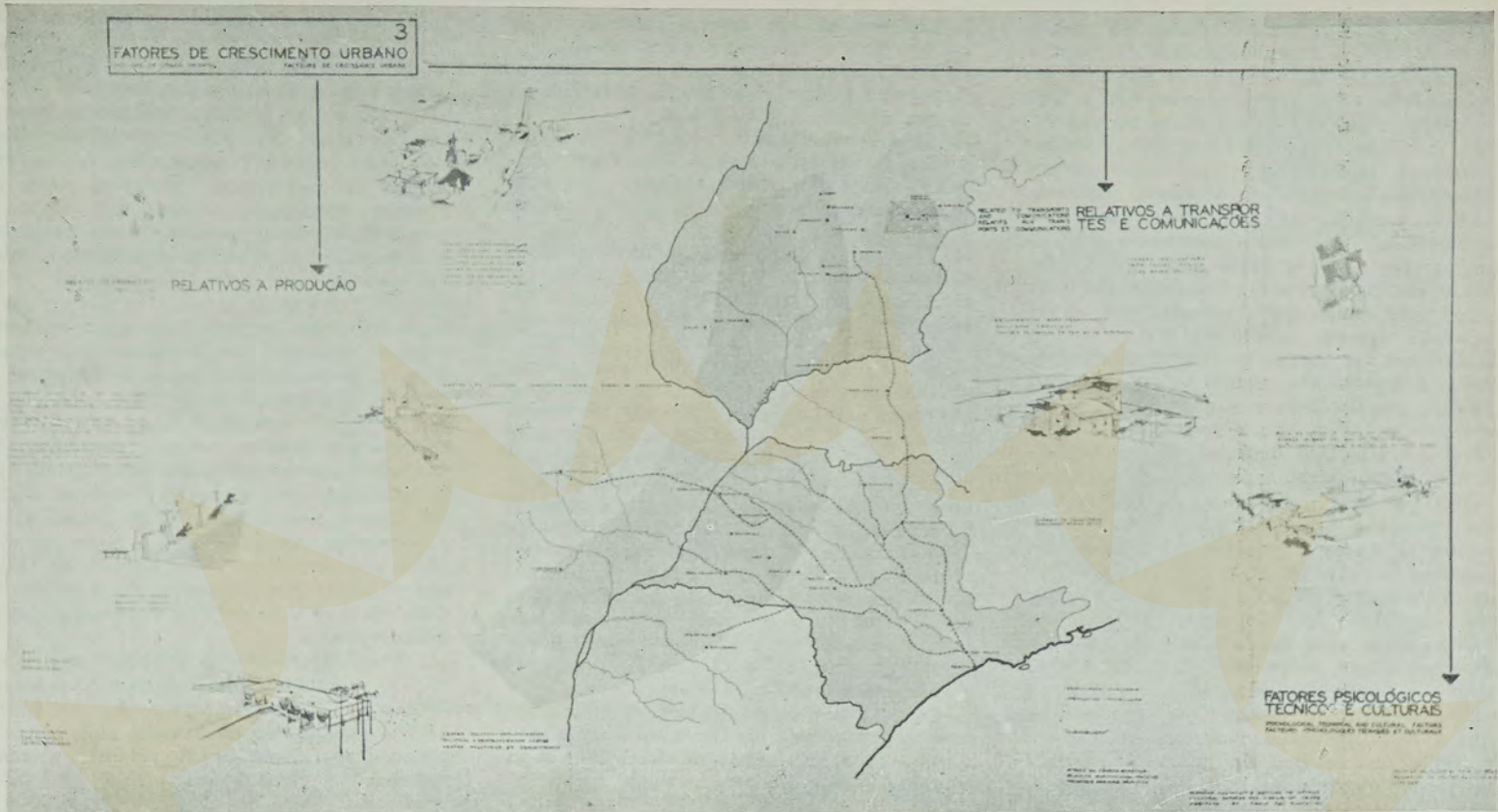
um estudo urbanístico, especialmente em se tratando do ante-projeto de uma cidade. Mas que aspecto da realidade analisar? Onde encontrar quadros de referência, semelhanças? Iniciamos assim o segundo capítulo: *Enquadramento Socio-Econômico de Brasília*. Mostramos aqui não ser muito útil, do ponto-de-vista de sua realidade, a comparação com outras capitais (Washington, Canberrá, Chandigarh, etc.), pois ela obviamente difere da de Brasília. Mesmo no Brasil, a realidade socio-econômica apresenta facetas muito diversas. Era necessário enquadrar Brasília numa zona da qual se pudessem haurir experiência e referência. Destacamos, por isso, uma zona brasileira denominada "Zona Pioneira Paulista" (vide prancha n.º 2), apresentando marcadas características próprias, entre as quais o crescimento rápido, fundamentação agrícola, elevado grau de urbanização, continuidade geográfica e geológica, predominância do café, situação caudatária e dependente do centro industrial e exportador de São Paulo. Esta zona abrange, em faixa vertical: o sul de Mato Grosso, norte do Paraná, oeste de São Paulo, sul de Minas e sul de Goiás. A zona pioneira, altamente imigratória, alcança a região a oeste do Planalto Central onde se situa Brasília. A caracterização desta zona demonstra claramente que Brasília a ela estará ligada, podendo-se de seu estudo depreender os motivos da não-existência de uma cidade no Planalto Central.

Analisamos, por isso, os *fatores de crescimento na zona pioneira*. Este capítulo, dedutivo em sua argumentação, fartamente exemplificado no que tange aos problemas urbanos, levou à cristalização dos fatores positivos de nascimento e crescimento de cidades na zona pioneira. Estes fatores podem ser reunidos em três grupos:

- a) Fatores de posição, relacionados com a produção (fertilidade, fontes de matéria prima, proximidade de água, energia elétrica, pontos intermediários entre produção e consumo e, indiretamente, proximidade de centros político-administrativos).
 - b) Fatores de posição relacionados com transportes e comunicações (ponta de trilho, boca de sertão, nó viário, passagem obrigatória, quebra de transporte, portos, pontos de convergência, cidades de espigão, etc.).
 - c) Fatores psicológicos, culturais e técnicos ("coronelismo", espírito de especulação imobiliária, atraso tecnológico da agricultura, escolha cultural de safras para consumo, etc.).
- Inicialmente, quisemos aprofundar a análise através de um estudo da *realidade socio-econômica de Goiás*, tanto da parte meridional, compreendida na acima referida zona pioneira, quanto do restante do Estado. Para tal, após comentários de ordem genérica, tecemos considerações sobre a demografia goiás, caracterizada pela baixíssima densidade de população, e grande irregularidade de distribuição. Outra característica fundamental demonstrada é o afastamento de Goiás da costa, e a fluidez de sua economia.

Ainda neste capítulo, procedemos à divisão do Estado em zonas, incluindo em cada uma os aspectos demográficos e econômicos, e o desenvolvimento que deverão ter à luz da fundação de Brasília. Um estudo sobre a pecuária e outro sobre a agricultura encerram o capítulo; evidencia-se, então, o baixo nível da técnica agrícola, a procura das áreas de mata, o ciclo mata-arroz-pasto, e as diversas formas de influências destes dois fenômenos econômicos fundamentais sobre a urbanização do Estado.

Poderíamos, já a esta altura, tirar conclusões respondendo à pergunta: Por que não existe uma cidade no sítio de Brasília? O que fazer para que ela possa existir de acordo com a realidade socio-econômica? Para completar a introdução, no entanto, redigimos antes o importante capítulo sobre a *Demografia de Brasília*. Neste, procuramos demonstrar que, a nosso ver, é incorrer em erro basear um ante-projeto em dados numéricos subjetivos, sem tentar pelo menos uma aproximação à realidade, pois é indispensável ter-se pelo menos uma idéia de grandeza para um ante-projeto. O capítulo em apreço descreve os métodos pelos quais chegamos à nossa previsão da futura população da nova capital, desdobrada em suas diversas atividades, assim como sobre o seu desenvolvimento no tempo; em seguida, passa à exposição pormenorizada da execução do estudo e de seus resultados.



A zona pioneira e seus fatores de crescimento urbano (em grande parte inexistentes em Brasília).

Partindo do princípio de que Brasília será forçosamente uma cidade administrativa, concluímos que o fator central para a determinação de sua população seria o número de servidores públicos que lá irá residir. A primeira parte, portanto, mostra como chegamos a este número de servidores, através a análise crítica de seis fontes diferentes. Serviu, pois, de base uma certa realidade, ou

seja, o número de servidores existentes no Brasil e a proporção dos que atualmente servem no Distrito Federal. Isto foi preciso calcular, de vez que os dados oficiais são omissos. A seguir, em ligação íntima com esta realidade, definimos a política administrativa a ser seguida pelo governo da União no futuro, chegando, por fim, ao número de servidores públicos que Brasília abrigará.

Em seguida, baseados neste dado “conhecido”, calculamos as incógnitas, ou seja, a população total e o seu desdobramento em diversas atividades. Para isto, partimos da composição da população de certas cidades brasileiras, dotadas de certa semelhança com as características já definidas da nova Capital. A comparação destas populações e a definição das funções de Brasília levou aos resultados definitivos, a saber:

			Pessoas	%
ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA FEDERAL			70.000	
ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA MUNICIPAL			6.807	
TOTAL ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E DEFESA			76.807	= 14%
OUTRAS ATIVIDADES:				
Agricultura	0,5%	2.743		
Indústria Extrativa	0,2%	1.097		
Indústria Transformação	7,0%	38.403		
Comércio, Merc., etc.	6,5%	35.660		
Comércio, Imóveis, etc.	1,5%	8.229		
Prestação Serviços	14,0%	76.807		
Transportes, etc.	3,0%	16.459		
Profissões Liberais	0,8%	4.389		
Atividades Sociais	2,0%	10.972		
Atividades não compreendidas	0,3%	1.646		
Condições Inativas	7,2%	39.501		
Ativ. Dom. & Disc	43,0%	235.906		
TOTAL OUTRAS ATIVIDADES			471.812	= 86%
TOTAL DA POPULAÇÃO DE 10 ANOS E MAIS			548.619	= 100%
TOTAL DE CRIANÇAS DE ZERO A NOVE ANOS			132.050	19,4%
TOTAL DE POPULAÇÃO DE DEZ ANOS E MAIS			548.619	80,6%
TOTAL DA POPULAÇÃO DE BRASÍLIA			680.669	100%

Faltava vêr o aspecto dinâmico do problema, ou seja o desenvolvimento da população no futuro. As deficiências dos métodos de previsão demográfica existentes, e a falta de dados e estudos demográficos aprofundados em nosso país, impedem, conforme salientamos, qualquer previsão muito precisa. Concluimos que, devido às nossas hipóteses básicas, ou seja que Brasília não terá desenvolvimento econômico acentuado durante muito tempo, a população seria estável durante um bom período. De fato, sem atrativos para imigração (acrescido dos atrativos das regiões vizinhas), com provável emigração das novas gerações contrabalançando o crescimento vegetativo, mantida constante a população-base (os servidores públicos), tudo indica que a população será estável nos próximos decênios. Ela só tenderá a aumentar (aproximadamente 25 mil habitantes por ano) quando, devido ao aumento da população brasileira, fôr necessário aumentar o número absoluto de funcionários públicos federais em Brasília. Também esse aumento de população se dará num período não previsível, quando então se entra no "longo prazo" que foge a qualquer previsão. Este resultado parece-nos justificar plenamente a necessidade do presente estudo; o ante-projeto, bem como tôdas as medidas que a Novacap venha a adotar, deverão ter presente esta ordem de grandeza: 680.669 habitantes em Brasília.

Passamos a esboçar as conclusões desta introdução socio-econômica, quais sejam:

- 1) As cidades, sejam elas espontâneas ou planejadas, podem viver devido a fatores socio-econômicos propiciatórios.
- 2) O desenvolvimento econômico e demográfico de Goiás, como de toda a zona pioneira, está intimamente ligado à agricultura, concentrando-se na região ao sul, sudoeste e oeste de Brasília.
- 3) Brasília, o D.F. e a zona do planalto goiano, estão fora da zona pioneira, em posição contígua, devido à infertilidade dos solos em relação aos atuais métodos agrícolas.
- 4) Devido ao afastamento de fontes de matéria prima, só haverá em Brasília indústrias que devem estar próximas ao consumidor, isto é, indústrias leves de sustentação. A indústria frigorífica de carne, tipicamente de "perda de peso", tem sua localização mais econômica mais perto possível da zona de criação (norte, nordeste e sudeste de Brasília, a distâncias consideráveis).
- 5) É lícito concluir que a zona do planalto terá, a curto e médio prazo, um desenvolvimento econômico medíocre em comparação com as demais zonas, e dependente diretamente da criação de Brasília, ou seja do grande centro artificial de consumo.
- 6) Sendo o desenvolvimento demográfico em parte consequência do desenvolvimento econômico, as razões acima mostram que a população de Brasília será estável.

7) O número de servidores públicos e sua população de sustentação serão a determinante básica da população do D.F., sendo o número total de habitantes, 680.669.

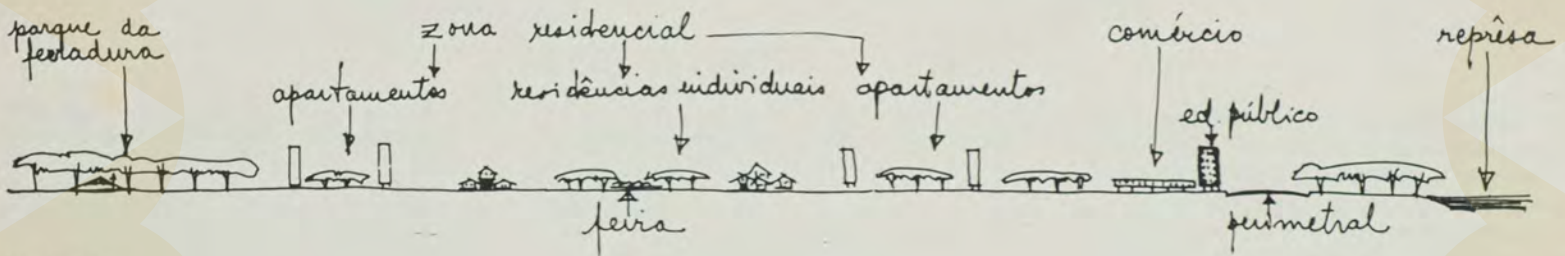
8) Brasília será, portanto, cidade puramente administrativa, não em consequência duma legislação restritiva que, aliás, se tornaria inócua se contrariasse condições socio-econômicas propiciatórias, mas sim devido à inexistência desses fatores, sendo previsível a necessidade de medidas legais apenas brandas para impedir a fixação eventual de indústrias pesadas.

9) A influência de Brasília sobre a economia regional (goiana) é a de um centro de consumo e elemento catalizador da extensão de rede de comunicações.

10) Como tal, representa fator de aceleração decisiva do desenvolvimento econômico basicamente agro-pecuário das zonas produtoras já existentes (sul, sudoeste e oeste do D.F.).

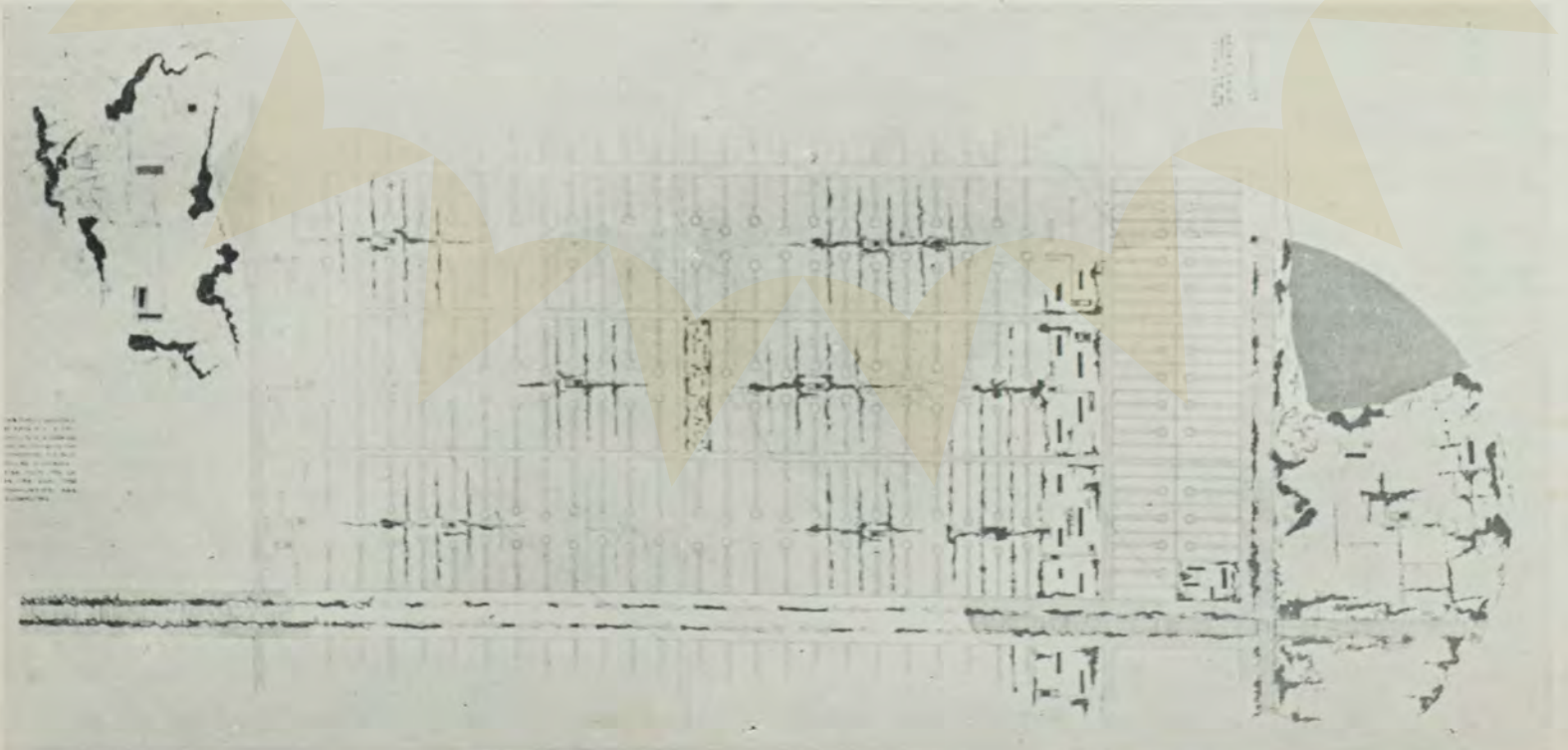
11) Como desenvolvimento de zonas novas, prevemos a extensão, para o norte, do movimento pioneiro no Mato Grosso, de Goiás, assim como, possivelmente, do vale do Paraná, através uma política governamental de colonização.

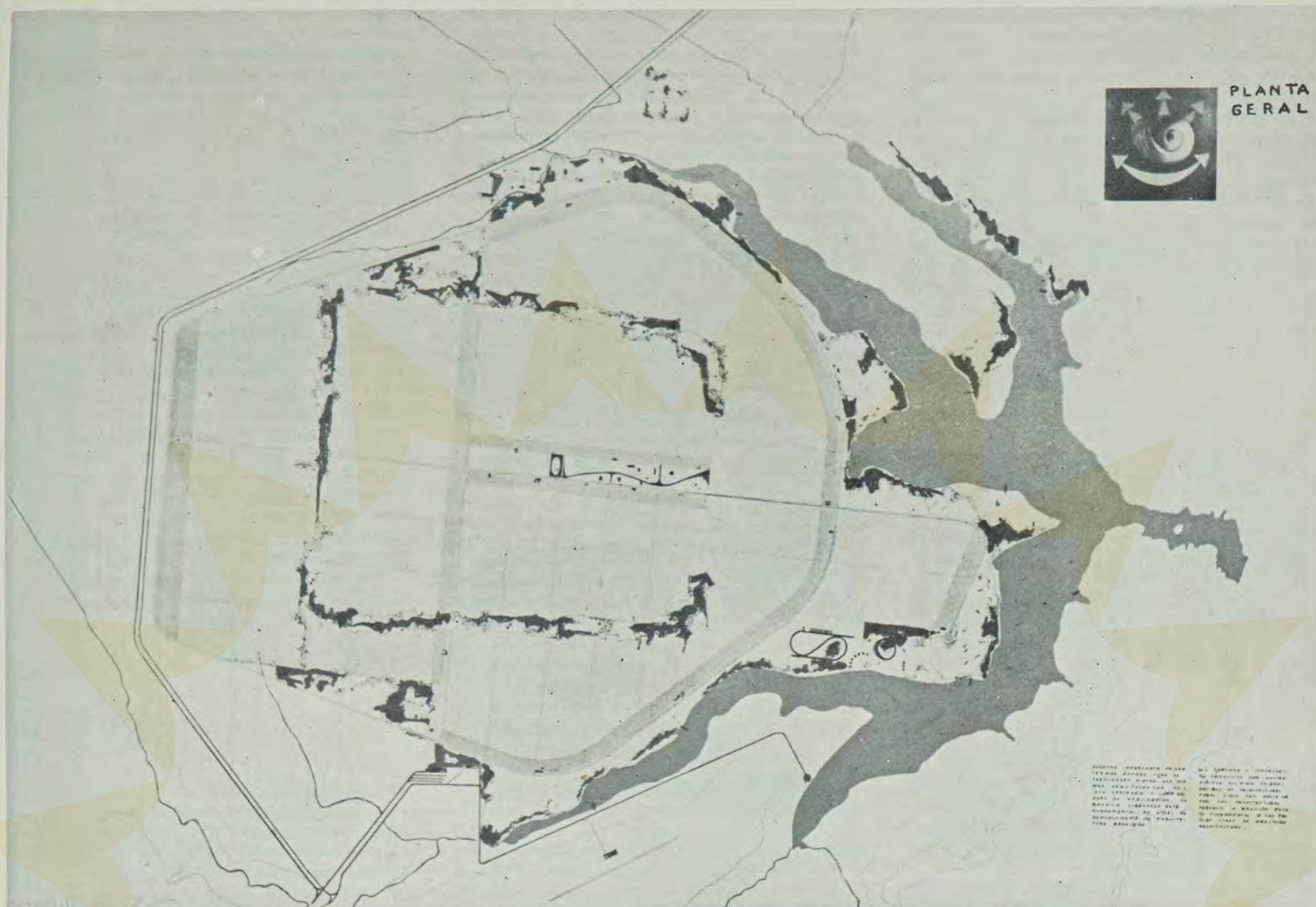
12) Brasília ocasionará a extensão, até sua região, das ferrovias e rodovias que partem do Rio e São Paulo; será ainda um grande centro consumidor de energia elétrica, obrigando a instalação de importantes usinas e sistemas de transmissão.



Corte tipo.

Unidade de habitações para 15 a 18 mil pessoas; contígua à zona residencial da unidade está sua zona de comércio e trabalho com o edifício público que a caracteriza.





Planta geral: o anel periférico da zona de comércio e trabalho; a zona industrial a oeste; recreação ao longo da represa e no Parque da Ferradura.

13) Estes fatores propiciarão o nascimento e desenvolvimento de indústrias da mineração, especialmente de níquel (em Niquelândia) e do cimento (ao norte do D.F.), visando esta suprir a ausência de matéria prima para olarias.

14) A mudança do D.F. para Brasília terá influência econômica apenas regional; sua influência econômica sobre o resto do país se dará apenas a longo prazo, na medida em que houver o desenvolvimento demográfico das regiões que atualmente isolam Brasília, das regiões economicamente mais significativas do país.

15) Portanto, a situação de Brasília como centro geográfico do Brasil ganhará significado somente após o desenvolvimento econômico e demográfico do país, onde a mudança do D.F., no momento atual, representará apenas um entre muitos fatores concorrentes.

16) Resumindo: as limitações socio-econômicas, dentro das quais houve liberdade de elaborarmos o plano piloto, restringem Brasília em sua caracterização como cidade administrativa de população estável, que depende para as suas necessidades socio-econômicas de uma indústria local de sustentação e de uma agricultura dela separada por extensas terras pouco férteis. O cultivo destas pelas técnicas agrícolas existentes seria anti-econômico.

Em base a estas conclusões, propomos as seguintes medidas imediatas:

- 1) Estudar a ligação rodoviária Brasília-Ceres visando o abastecimento de comestíveis transportáveis.
- 2) Estudar a criação de uma Colônia Agrícola no vale do Paranã, e sua ligação a Brasília.
- 3) Explorar as jazidas de calcário ao norte do D.F. instalando imediatamente uma fábrica de cimento e de blocos de cimento esponjoso.
- 4) Estudar a possibilidade de ligar a linha da C.P.E.F. à E. F. Mogiana entre Barrinha e Ribeirão Preto (40 Km), melhorar o leito da Mogiana até Goiás, e estendê-la até Brasília, promovendo tráfego e administração mútua com a Cia. Paulista. Estando os destinos econômicos de Brasília intimamente ligados aos do Est. de São Paulo, através a zona pioneira, Triângulo Mineiro e sul de Goiás, esta ligação ferroviária é de importância mais imediata do que a extensão da E. F. Central do Brasil de Porecatú (Minas) a Brasília, via Formosa.
- 5) Iniciar os estudos da Represa e Usina do Rio Tocantins, no local recentemente descoberto pela C. E. L. G.
- 6) Iniciar os estudos necessários para o integral aproveitamento das consequências fa-

voráveis da mudança do D.F. para Brasília, no que tang: à mineração do níquel e cobalto em Niquelândia.

7) Estudar a localização de frigoríficos que não só atendam a demanda de Brasília, mas também torne mais econômica a pecuária goiânia.

8) Promover um plano de crédito agrícola supervisionado, visando contrabalançar as prováveis consequências predatórias acarretadas pelo surgimento de um novo grande centro consumidor em Goiás.

9) Completar o estudo iniciado pelo DASP, objetivando o levantamento dos servidores públicos federais que se mudarão para Brasília.

10) Promover todos os estudos necessários para a profunda compreensão da realidade, para que sobre ela se baseie a elaboração do plano diretor definitivo que, através medidas realistas, assegure o êxito do empreendimento.

Da própria amplitude destas medidas depreende-se a importância, para o planejamento de Brasília, do estudo feito para toda a região. Terminada a extensa introdução, abordamos finalmente a justificativa, descrição e teorização do Plano Piloto, cuja leitura é fundamental para a melhor análise deste trabalho. Aos seus sete primeiros capítulos, aos quais voltaremos, seguem-se uma série de capítulos integrantes do plano, mas, de certa forma, complementares.

O *Abastecimento Elétrico* historia a Usina do Paranoá e sua represa, estudo esse feito anteriormente à escolha do sítio definitivo da Capital; calcula ainda a potência necessária a ser instalada, em base a nosso cálculo demográfico. Chama a atenção para o fato do nível de represa descer 9 metros na estiagem para produção normal de energia; o perigo da formação de um lodaçal urbano impede que se permita este abaixamento. O empedramento das margens e construção de uma barragem nos terminais da represa, constituiria uma das soluções possíveis. Conclui-se pela necessidade de procurar outras fontes de energia, deixando a Usina do Paranoá funcionar sem abaixamento do nível da represa, o que implica, naturalmente, em produção muito menor. Uma ajuda termo-elétrica poderia vir a representar uma solução de compromisso. Indica o capítulo a conveniência da interligação Dourada-Paranoá-Tocantins que teria, entre outras vantagens, a de solucionar definitivamente esse problema. Nos *problemas sanitários*, indica-se especificamente a dificuldade em levar o esgoto para a juzante da Usina do Paranoá através topografia acidentada; sugere a obrigatoria separação das águas pluviais e do esgoto, possibilitando o tratamento deste em estações de tratamento. O lodo seco digerido poderá

ser aproveitado, em conjunto com o lixo, para a fabricação de fertilizantes.

Na *organização agrônoma* do Distrito Federal, desenvolve-se uma argumentação que conclui, em resumo, pela possibilidade de plantar tudo em qualquer lugar, pois a técnica vence praticamente qualquer obstáculo; mas a que preço resultaria tal produção? O problema fundamental do planejamento agrônomo prende-se portanto à produção econômica, a fim de não onerar a vida dos habitantes de Brasília. Mostramos ainda ser *irreal* qualquer distribuição de zonas de produção, mapas de utilização dos solos, e cálculo de produtividade de um cinturão verde no D.F., sem planejamento, isto é, sem análise físico-química dos perfis, cálculos de vasões, etc.; tais dados são ainda prematuros na fase de ante-projeto. Prende-se, por isso, o capítulo mais à organização da produção agrícola em moldes cooperativos. Seus itens principais são:

Abastecimento do Distrito Federal e da Capital

Irradiação da técnica agrícola

Proteção do solo

Política de terras e financiamento.

Noutro capítulo procuramos mostrar a inevitabilidade da mudança e da *construção por fases* e como tal fato sempre esteve pre-

sente na elaboração da estrutura urbana; com efeito, o plano estruturado em células contíguas independentes possibilita amplamente tal processamento da mudança.

Finalmente, destacamos, entre os *problemas da construção*, a necessidade de uma fábrica de cimento e de elementos pré-fabricados, como decorrência da falta de argilas.

Desejamos salientar a importância das informações prestadas verbalmente por numerosas personalidades de Goiânia, Anápolis, Formosa, Luziânia e Planaltina que foram por nós entrevistadas em novembro de 1956, e cujos esclarecimentos sobre a mudança da Capital e a realidade goiana tornaram-se ainda mais valiosos devido à rápida obsolescência dos dados publicados sobre aquela região de rápido desenvolvimento. Foram de especial relevo as informações gentilmente prestadas pelos Srs. Dr. Zoroastro Artiaga, Diretor do Museu de Goiânia; Dr. Altamiro Moura Pacheco, Presidente da Comissão de Cooperação; Dr. Peixoto da Silveira, ex-deputado estadual, Secretário da Saúde e da Fazenda de Goiás; Dr. Carlos de Pina, Prefeito de Anápolis; Dr. Deodato Amaral, Agrônomo da Prefeitura de Formosa; Dr. Socrates Diniz, Superintendente do Banco Comercial do Estado de Goiás em Anápolis; Eng. Oton Nascimento, Diretor da CELG — Centrais Elétricas de Goiás.

II - O PLANO PILÓTO

Inicialmente abordamos as *consequências diretas da realidade socio-econômica*, que poderiam ser resumidas em:

- 1.^o — número e estabilidade numérica da população;
- 2.^o — presença de indústria apenas de sustentação;
- 3.^o — condição de "fim de linha" no que tange às comunicações;



- 4.^o — função predominantemente administrativa da cidade;
- 5.^o — morfologia "introvertida" por ausência de população rural considerável;
- 6.^o — empreendimento caro, necessidade absoluta de economia no planejamento e na construção.

(No capítulo dedicado às *Quatro Funções Básicas*, analisamos qual o aspecto local tomado pelas funções estabelecidas pela Carta de Atenas, a saber: trabalhar, habitar, circular e recreação. Indicamos ainda que tais funções não são específicas de Brasília, sendo necessária a elaboração de princípios geradores nascidos da própria caracterização socio-econômica da cidade.)

3. OS TRÊS PRINCÍPIOS GERADORES ESPECÍFICOS.

São estes: a integração, a descentralização e a continuidade.

3.1. A Integração

Um plano urbanístico visa organizar espaços abertos. O fato do urbanismo moldar um cenário externo à arquitetura não impede que características semelhantes à da arquitetura lhe sejam atribuídas. É o que ocorre com a noção da simultaneidade, isto é, do espaço relacionado com o tempo, nova dimensão essencialmente dinâmica — possivelmente a mais importante conquista no setor plástico desde a descoberta da perspectiva (o cinema vulgarizou o sentimento de simultaneidade a ponto de se tornar noção aceita e usada por todos, com maior ou menor clareza, ou mesmo inconscientemente).

O conceito do espaço-tempo em urbanismo (como na arquitetura), está essencialmente ligado ao homem. No Renascimento, o homem era o observador fixo da perspectiva. Este centro focal, imensa invenção do homem renascentista, desenvolveu-se para assumir, no barroco, características quase dogmáticas. Hoje em dia o homem não é observador fixo: circula através dos espaços. Em lugar da sucessão de pontos-de-vista fixos, frequentemente simétricos, devemos contemplar o espaço perceptível por uma mente já habituada à simultaneidade.

Esta conceituação de espaços alia-se a diversos problemas de ordem orgânica na vida urbana: a circulação, as tensões habitar-trabalhar e habitar-recreação, etc. Padrões culturais e costumes também determinam o uso a ser dado aos espaços urbanos.

A integração de fatores levou-nos à distribuição de *espaços abertos*, na medida do possível, *proporcionais aos habitantes que neles circularão*, que deles usufruirão. Nada pior, nada mais desorganizado, por exemplo, do que uma praça por demais grande, um espaço em que o homem não se oriente, onde não saiba em que direção caminhar, ou de que lado surgirá um veículo. Um espaço é definido por suas limitações; estas devem, portanto, ser facilmente perceptíveis pelo homem em seu trajeto. Mas não só uma praça, também um parque desmesurado pode se

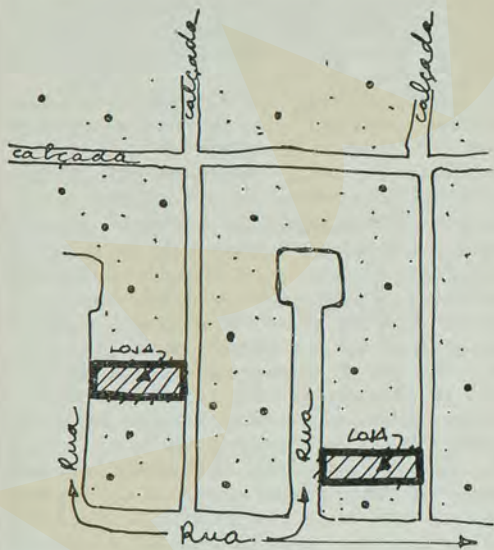
constituir angustiante labirinto verde, caso não houver parcelamentos ambientais. É uma ilusão pensar que uma área, por ser grande e ilimitada, signifique amplitude e liberdade para quem a habita. O espaço aberto deve sempre estar organizado, de forma proporcional ao número de pessoas que o usarem.

Este uso e conceito do *espaço aberto em escala humana*, foi adotado, por exemplo, no parque de cultura, imenso jardim e coração da cidade; ele é parcelado em múltiplos jardins caracterizados e limitados, do tamanho, digamos, da Praça da República em São Paulo (ou do "Carroussel" em Paris). O parque é constituído pela integração desses jardins contíguos, entre os quais há elementos de ligação, tais como construções, espelhos de águas, monumentos ou mesmo vegetação. Este mesmo sentido procuramos dar à colocação dos lotes residenciais de Brasília. Todos eles são servidos por uma alameda de um lado, isto é, por automóvel. A vida, no entanto, é voltada para o outro lado, para os jardins onde brincarão as crianças. A disposição dos lotes forma áreas verdes semi-fechadas. O jardim para uma família é a do lote individual; já para um pequeno grupo de crianças (famílias) há um jardim comum, criado pela própria disposição de três lotes; um grupo maior, mais três lotes fronteiros) terá uma área verde maior; a contiguidade dessas áreas constitui um corredor verde, jardim já de certas proporções, proporcional ao lazer de aproximadamente 20 famílias. Finalmente, estes jardins todos desembocam no grande parque da unidade de vizinhança, de dimensões proporcionais à vida e recreação coletiva de cerca de 300 famílias. Há sucessão linear destes parques das unidades de vizinhança. Os parques destas unidades desembocam finalmente no Grande Parque Urbano da Ferradura, jardim circular, ponto de encontro recreativo de toda a população. Do jardim doméstico ao parque urbano, haverá sequência de espaços verdes de dimensões crescentes, sempre proporcionais às necessidades vitais, espaciais, e plásticas do respectivo número de habitantes. Os espaços desenvolvem-se como um caracol, uma concha, ou uma espiral que tem a família no cerne e a coletividade no limite. Esta é a integração do particular ao geral, dos espaços verdes em Brasília.

3.2. A Descentralização

Considerações de ordem demográfica levaram à fixação de certas características funcionais da população de Brasília. O funcionalismo acusa nesta cidade administrativa a parcela mais característica e definida, se não a mais numerosa da população. A organização social desse funcionalismo apresenta características peculiares, das quais a fundamental, a nosso ver, é o isolamento de cada organismo federal.

Sendo o funcionalismo federal estruturado em carreiras, compostas de quadros rígidos em cada órgão, há algo de estanque em cada ministério ou autarquia. Os contactos funcionais entre órgãos diversos são raros; encontram-se os processos apenas em instâncias superiores.



Esquema viário na zona comercial.

res; o contacto de pessoal de órgãos diferentes praticamente não existe, do ponto-de-vista funcional. A movimentação, seja burocrática, seja humana, é sempre vertical, dentro dos quadros de cada órgão. Muito difícil se torna a um funcionário mudar de emprego, passando a outra entidade, no mesmo cargo, conservando as vantagens de serviços prestados, etc. É, por isso, limitada a mobilidade dos funcionários e de suas famílias, presos à entidade que os emprega, sendo o cargo, aliás, efetivo.

Tal fato é de importância fundamental pois cria grupos sociais de pessoas cujas vidas estão muito integradas no mesmo campo de trabalho, durante muito tempo. Esta comunhão de interesses é forte fator congregatório, fator social positivo e desejável numa comunidade sadia.

Estas considerações nos levaram a concluir pela inutilidade de congregar os edifícios públicos num centro administrativo, forçosamente imenso, pois sua contiguidade seria simplesmente desnecessária! E mais: esta adjacência é urbanisticamente nociva, pois

criaria um núcleo muito grande, obviamente congestionado. A cidade se transformaria numa concentração radial, onde a justa busca de moradia próxima ao local de trabalho acarretaria um centro abafado, com os inevitáveis prejuízos de tráfego congestionado, ilusoriamente "resolvido" mediante sinais semaforicos e proibições. Outro inconveniente do grande centro é a irregular distribuição de densidades diurnas e noturnas, encarecendo os serviços públicos: grande concentração de dia, à noite o deserto. Somente uma necessidade funcional, orgânica, poderia obrigar a concentração dos locais de trabalho num centro imenso. Não existindo tal necessidade, torna-se o centralismo prejudicial.

Adotamos, por isso, para Brasília, o princípio da descentralização dos locais de trabalho. Como processar tal descentralização e qual seu significado? Reunimos os órgãos governamentais cujo número de servidores se aproximasse de 2.800 (vide capítulo n.º 5 da Introdução); a este número de funcionários corresponderia uma população total de cerca de 15.000 habitantes. Este total é indicado para a organização celular de comércio próprio, ensino primário e secundário, um "coração" local de vida comunitária. Noutras palavras: distribuímos o funcionalismo e seus dependentes de forma que a população total ficasse dividida em unidades de habitação de 15.000 pessoas. O mesmo critério foi adotado para a população operária, conforme se justifica no capítulo referente à demografia de Brasília. O critério parece justo, inclusive por repetir, em escala menor, aquele adotado na análise demográfica da cidade.

Fator importante nesta conceituação: oferece ao governo e à Novacap grande flexibilidade na construção e mudança por fases; dificilmente outro sistema possibilitaria uma mudança ordenada e sistemática (voltaremos a este aspecto posteriormente).

Nalguns casos (por exemplo, no do Ministério da Viação) o grande número de funcionários exigiu nada menos de 4 unidades de habitação; noutros foi necessário agregar outras entidades para alcançar os 15.000 habitantes (por exemplo: Ministérios da Educação, da Saúde, IBGE e Fundações). Nestes casos, preocupámo-nos por associar entidades cujos funcionários pudessem ter certa semelhança ou identidade de interesses, de trabalho e de preocupações.

A trama urbana dividiu-se, assim, em células de certa independência, em que a residência dista sempre menos de vinte minutos de caminhada do local de trabalho. Diversos critérios foram adotados para a distribuição destas unidades. Em primeiro lugar, era necessário colocar os locais de trabalho em posição centrífuga, perimetral, para evitar o grande centro e diminuir as distâncias, uma vez que a cidade ocupa um terreno grosseiramente circular. A colocação perimetral dos edifícios mais altos permitiu maior isolamento dos edifícios públicos. Estes são, geralmente, mais elevados que os demais (5, 7 e 12 pavimentos; a altura máxima para as zonas de trabalho seria de cinco pavimentos) e se destacariam, isolados, marcando bem a tri-dimensionalidade da arquitetura, um dos

objetivos plásticos fundamentais a ser conseguido no plano. Assim os edifícios que representam a função governamental da cidade ficariam em evidência.

O critério da descentralização, entretanto, isolado dos demais princípios geradores, poderia sugerir a dissolução de Brasília e a distribuição de micro-capitais por todo o Distrito! Chegaríamos, talvez, assim, às teses "wrightianas": unidade das vidas urbana e rural. A criação de micro-capitais não se nos afigura correta, por diversos motivos: dissolução da vida comunitária, opondo-se ao espírito coletivo (isto, numa região de baixíssima densidade, onde a coesão social é fator importante de desenvolvimento da cidade); encarecimento enorme dos serviços públicos; dificuldades de ordem topográfica; irregularidade dos recursos agrícolas, tornando ilusório e impossível o regular e igual abastecimento para todas as micro-capitais. A pleiteada auto-suficiência e união cidade-campo seria portanto uma ilusão idealista, sem apoio na realidade socio-econômica e física da região.

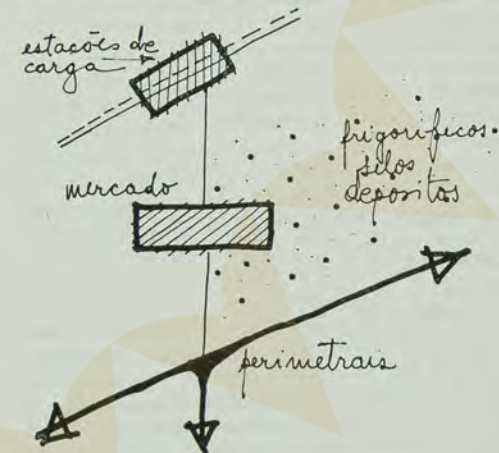
Os justos limites do princípio da descentralização em Brasília, são definidos pelo terceiro princípio gerador: a continuidade.

3.3. A Continuidade

Muito embora o trabalho e a habitação pudessem e deveriam ser descentralizados, constituindo-se em células mais ou menos auto-suficientes, há certos aspectos urbanos que não deveriam ser isolados, mas sim unidos e integrados.

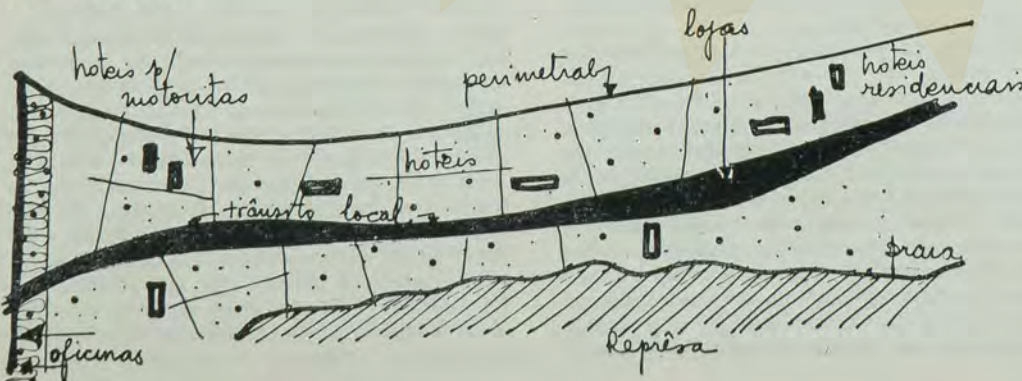
É o caso, anteriormente analisado, dos espaços verdes, e é também o da zona comercial. Para o comprador, o local ideal é o corredor de vitrines, possibilitando a comparação e escolha. Para o abastecimento do comércio, é igualmente ideal a disposição linear e contínua. As vias rápidas, naturalmente, também precisam de continuidade.

Da mesma forma há interesse em reunir as habitações de pessoas solteiras (muito numerosas numa cidade nova), e casais sem filhos, cujas vidas tem algumas características especiais. Por isso, os edifícios de apartamentos, mais apropriados para o modo brasileiro de vida, para a moradia sem crianças, foram colocados em faixas contínuas.



Acesso Norte: o abastecimento.

Zona hoteleira.



Desta forma, as unidades de habitação descentralizadas, auto-suficientes, bem integradas em sua região de trabalho perimetral foram colocadas contigualmente. Garante esta situação a continuidade da zona comercial ideal, da área verde, das vias rápidas e da habitação de solteiros. Devemos a isso acrescentar a continuidade natural da área azul, da represa que abraça grande parte da cidade. Estes três princípios geradores, integração, descentralização e continuidade, símbolos do presente plano, são específicos de Brasília, criados de dados objetivos condicionados por funções e critérios urbanísticos contemporâneos. São os responsáveis pela estrutura da cidade e determinaram-lhe o zoneamento e a circulação.

4. ZONEAMENTO

As implicações socio-econômicas, demográficas e administrativas, à luz dos princípios gerais esboçados, levaram ao estabelecimento das seguintes zonas: residencial, comércio e trabalho, industrial, áreas verdes, hoteleira e de expansão.

(No que tange à *zona residencial* de acôrdo com o princípio da descentralização, estabelecemos setores contíguos de habitações individuais e coletivas; apresenta-se em toda a cidade um corte típico que vai da represa ao parque circular urbano, passando por: via rápida perimetral, estacionamento, edifício público característico da unidade, zona de comércio e trabalho, habitação coletiva, habitação individual, com sua praça central da feira, habitação coletiva. Pensamos na habitação coletiva como mais apropriada para solteiros, casais sem filhos e demais pessoas de hábitos mais extrovertidos; a residência individual destina-se a famílias com crianças. No que tange à densidade, sua média na cidade é de 65 hab/ha. A vida da zona residencial apresenta duas *tensões fundamentais*: uma centrífuga, habitar-trabalhar, indo por alamedas e avenidas à zona de trabalho dominada pelo edifício público que caracteriza a unidade; outra centrípeta, habitar-recreação, percorrendo as áreas verdes, do jardim individual ao Parque da Ferradura).

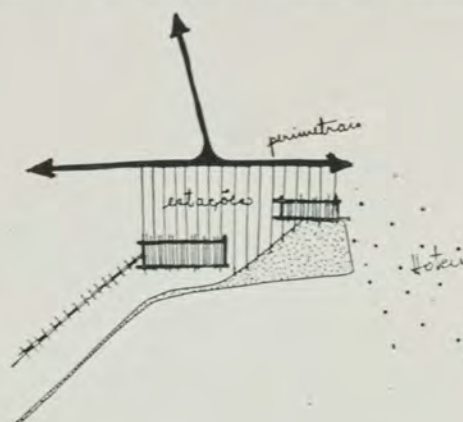
4.2. As Áreas Verdes (e Azuis)

Ao pensar em cidade planejada, visualizamos imediatamente áreas não-congestionadas, com belos parques e avenidas ajardinadas. Esta visão não se origina apenas numa real necessidade humana, mas é também a reação contra as cidades desumanas em que vivemos, geralmente tão pobres em áreas verdes. Justificar-se-ia, por isso, sonharmos com uma Brasília mergulhada em parques e jardins. Mas sonhar ainda não é planejar. O jardim público interessa ao povo (ao planejador) na medida em que funciona como tal, com árvores tratadas, canteiros cuidados e limpos, passeios transitáveis, etc. A área verde descuidada transforma-se imediatamente em matagal, especialmente no Brasil onde a flora cresce de forma extremamente rápida; de matagal passa a depósito de lixo e de excrecências, fator obviamente negativo na paisagem urbana. Tal estado de coisas exemplificam os jardins internos da zona residencial de Goiânia, abandonados pela Prefeitura devido a motivos como a baixa densidade, poucos impostos, pouco dinheiro, muita despesa. A área verde deve existir da forma e nos limites em que sua existência positiva seja possível e sustentável.

Já dissemos que pequenos descuidos no planejamento transformariam com facilidade Brasília em brinquedo de luxo a exaurir os cofres públicos. O caso das áreas verdes é típico. Um dado fixo do problema já coloca para a futura municipalidade um problema difícil e oneroso: a represa com seus 35 km. de margens gramadas e ajardinadas do lado propriamente urbano! O problema torna-se mais grave quando cogitamos da impropriedade do solo para árvores de sombra e para flores, necessitando muitos cuidados. Por outro lado, há absoluta necessidade de sombrear os logradouros. (Lembremos que as únicas árvores de porte em Brasília são justamente aquelas que serão derrubadas nos vales a serem cobertos pela represa!). A não nos preocuparmos com problemas de ordem prática, apresentaríamos soluções acadêmicas, desligadas da realidade, e desenhariamos no papel imensos parques (obrigando a criação de verdadeiros exércitos de jardineiros permanentes!) Preferimos planejar os parques imprescindíveis e, paralelamente, analisar os meios que

supririam tal necessidade sem onerar os cofres públicos. Dividimos por isso as áreas verdes segundo o direito de propriedade, da seguinte forma:

- áreas verdes particulares de uso particular;
 - áreas verdes particulares de uso coletivo;
 - áreas verdes coletivas de uso coletivo;
 - áreas verdes municipais de uso coletivo;
- Na primeira categoria estão as áreas verdes dos lotes individuais, cercadas ou não, unifamiliares. No segundo caso, muito comum, acham-se áreas de lotes para edifícios de uso público, tais como: hotéis, restaurantes, clubes, hospitais, casas de culto, cinemas e teatros, escolas, centros comerciais etc. Estes lotes são particulares, mas grandes, e neles os proprietários poderão construir uma porcentagem baixa da área total (10 a 30%); o proprietário ainda se obriga a conservar o ajardinamento do lote inteiro, e a não o cercar. A contiguidade destes lotes os transformará, para os habitantes, em vasto parque com edifícios de uso público. Para conseguir este objetivo, é necessário que os lotes sejam bem grandes e de preço unitário baixo, a fim de haver interesse, por parte do proprietário, na exploração econômica arcando com as responsabilidades exigidas.



Acesso sul.

Boa parte do parque da ferradura, a zona hoteleira, o jardim das embaixadas, etc., são compostas por terrenos nestas condições, possibilitando-lhes a existência sem ônus para a municipalidade.

A terceira categoria é constituída pelas áreas verdes fronteiriças aos lotes residenciais e que desembocam no jardim central de cada unidade de vizinhança. É o caso também das áreas verdes que circundam os prédios de apartamentos. Elas são cuidadas graças à cotização e taxas de ajardinamento pagas pelos usuários, isto é, pelos proprietários dos lotes que as limitam; constitui-se, por assim dizer, um condomínio de área verde. Finalmente, na quarta categoria, estão os parques da inteira responsabilidade da municipalidade. Abrangem: o parque de cultura, algumas partes do parque da ferradura, os jardins botânico e zoológico, as áreas de proteção às nascentes (que se confundem com os anteriores), parte das margens, canteiros de avenidas e praças, etc. Desta forma cremos ter obtido extensas áreas verdes planejadas e exequíveis.

Vejam agora o caráter e uso específicos das áreas verdes. As que atendem aos pequenos grupos de lotes são, praticamente, gramados com alguma sombra; lá se encontram gangorras, escorregadores e balanços para as crianças menores; para cada "corredor" verde poderá haver um campinho de futebol. No jardim central da unidade de vizinhança já encontraremos os edifícios de uso coletivo para cerca de 300 famílias: uma casa de culto (igreja ou não), um pequeno clube ou sala de reuniões e espetáculos, uma escola primária e um jardim de infância com re-

canto infantil e biblioteca juvenil e popular, uma piscina ligada ou não ao clube, um pequeno campo de futebol (parece-nos justo dar ênfase aos campos de futebol, à luz dos divertimentos principais da criança e do jovem brasileiro). Numa extremidade desse jardim central, localiza-se o "comércio de bairro", uma série de pequenas lojas para farmácia, quitanda, açougue, bar, empório, padaria, livraria, armazinhos, etc. Em cada unidade de habitação, haveria uma praça especialmente preparada para a "feira" da semana. Esta modalidade de mercado semanal ambulante é típica da vida brasileira, muito diferente dos mercados europeus; corresponde a um hábito de compra, inteiramente americano e enraizado secularmente em nossos costumes. É certa, portanto a sua localização estratégica e sua adequação com locais de estacionamento de carroças, bancadas e jardins. Não é uma praça qualquer, mas a praça típica da feira (como nas cidades medievais italianas, havia as "piazze delle erbe").

O parque da ferradura é dotado de grandes árvores frondosas, e se desenvolve circularmente, tocando em todas as unidades de habitação da cidade. Neste jardim localizamos aqueles edifícios de uso público recreativo e cultural, para cuja existência concorre necessariamente uma população de sustentação maior do que a de uma só unidade de habitação. Dêstes edifícios há, no entanto, diversos edifícios desta categoria, para suprir as necessidades de toda a população urbana. É o caso de: grandes clubes, clubes hídricos, riques de patinação, arenas e teatros ao ar aberto, locais para danças e festas, cinemas, bibliotecas, centros de saúde, postos de polícia e rádio-patrolhas, eventualmente maternidades (que não devem ser conceituadas como hospitais!) e clínicas particulares, etc. Todas estas construções teriam lotes muito grandes, podendo ocupar 10 a 30% da área, conforme o caso. Ao longo deste parque, desenrolar-se-iam caminhos para cavalos, ciclistas e pedestres, com caramanchões para o descanso e lazer. Seria o grande logradouro de passeio, comum e próximo a todas as unidades de habitação. (Este parque da ferradura, com sua localização central, indica morfológicamente, o tipo de cidade que será Brasília: voltada para dentro. Será bastante diferente, por exemplo, de uma cidade tipicamente cafeeira, de desenvolvimento espontâneo, que tivemos a ocasião de projetar em 1956, e onde as diversões coletivas fundamentais se situavam na periferia, por atenderem principalmente à população rural!).

Deparamos, finalmente, com aqueles edifícios de uso coletivo, recreativo e cultural de que um só bastará para toda a cidade: teatro de ópera, teatro de prosa, sala de concertos, museu de artes plásticas, histórico, científico e folclórico; grande parque de diversões, jardins zoológico e botânico, hipódromo, corridas de trote, estádio, autodromo e velodromo, clubes de campo, de regatas, iatismo, golfe, etc. (Estes edifícios se confundem com suas áreas verdes, merecendo, por isso, inclusão neste capítulo). Grande parte deles é reunida no Parque de Cultura, sobre o qual voltaremos a discorrer. Os demais localizam-se em pontos específicos da cidade, sendo o estádio na proximidade do acesso sul, próximo à habitação operária que fornece o maior número de frequentadores. Acha-se numa região mais acidentada, onde se poderá aproveitar desníveis mais acentuados para evitar estruturas caras ao levantar arquibancadas. O autodromo localiza-se na parte sudoeste da cidade, de forma a serem seus inevitáveis ruídos levados pelo vento dominante para longe do centro urbano. Os jardins zoológico e botânico foram situados na área verde que protege as nascentes, na parte norte da cidade. Os demais edifícios localizam-se às margens da represa, por motivos funcionais ou paisagísticos, tendo ainda em vista a ocupação de margens para uso



Parque da Ferradura: área verde, sede da recreação coletiva da cidade; culminância das áreas verdes integradas, destinadas a cultivar o espírito cotidianamente.

público com responsabilidade particular. O cemitério foi colocado em posição tal que possa ser alcançado por vias rápidas de qualquer ponto da cidade, em ponto alto e de belo panorama, dentro de denso parque. A população prevista determinou-lhe área considerável, baseada em normas inglesas e americanas, resultando em 1 km².

Na ponta da península em que se situa a residência presidencial, há o esmerado Jardim da Residência, aberto ao público, em ponto do qual se descortina uma das mais movimentadas paisagens: a parte da represa que entra numa garganta, encaminhando-se para a barragem. Este jardim prolonga-se para o parque dos hospitais e o campo da Universidade, ambos colocados como apêndice à vida mais agitada do resto da cidade. Nas proximidades do hotel já em construção, na ponta acima referida, localizamos o Jardim das Embaixadas, igualmente público, e cujos edifícios poderão constituir um atrativo para a população; a motivação será demonstrada em capítulo posterior.

Deveríamos, a esta altura, discorrer sobre a "área azul", a represa que abraça grande parte da cidade. O capítulo destinado ao abastecimento hidro-elétrico trata da motivação desta represa e de sua função relacionada com a usina do Paranoá; aqui retemos apenas sua imensa importância paisagística e recreativa (natação, regatas, iatismo, passeios, comunicações lacustres). Na ponta da península (tormada a nordeste da cidade pelos braços do Bananal e do Torto), situamos o clube de campo, em posição panorâmica privilegiada. Ao longo da acidentada margem esquerda do Torto, distribuímos logradouros para pique-niques, terrenos para caça, praias, etc., para o espairecer dos domingos.

Como se vê, a função recreação da cidade está intimamente ligada ao zoneamento, através das áreas verde e azul; por outro lado, está a recreação bem entrosada com a função habitar por meio destas mesmas áreas.

4.3. A Zona de Comércio e Trabalho.

(O comércio está sempre situado entre a habitação e o trabalho, na proximidade de paradas do sistema de comunicações. Caracteriza-se a zona por sua continuidade e pela separação das vias de pedestres e veículos, formando duas tramas independentes; tal esquema acarretou lotes comerciais com duas frentes, uma para o abastecimento e outra para vitrinas e compras; o valor de renda de tais lotes passa de 825,3 P — caso comum de quarteirões e ruas — para 1.165 P, em que P é o valor unitário do metro de frente. Há uma loja para cada 50 habitantes).

4.4. A Zona Industrial.

(Neste capítulo mostramos que a população industrial, 39.500 habitantes, se dedicará em parte à indústria de sustentação e em boa parte à construção civil. Por este motivo, parte da zona residencial operária está voltada para a zona industrial e outra parte para as vias rápidas que abraçam o restante da cidade. A localização da zona industrial foi determinada pelos ventos dominantes E-O e pelas comunicações inter-municipais).

4.5. A Zona Hoteleira.

A capital administrativa do país será forçosamente centro de viajantes, mas diferirá muito das cidades-ponta-de-trilhos, em que há grande desenvolvimento da zona hoteleira, intimamente ligada ao comércio; em Brasília teremos a função hoteleira ligada à administração.

Esta função terá, a nosso vêr, três aspectos: existirá o hotel propriamente dito, destinado a pessoas, chegadas quase sempre por via aérea, cujo destino é acompanhar processos, discutir problemas com repartições federais ou com parlamentares. Haverá ainda, em bom número, hotéis residenciais, destinados a solteiros e a funcionários que para lá se transferirem imediatamente, ou aqueles que se mudarão sôzinhos, chamando suas famílias depois. Essa função hoteleira específica será marcante em toda a primeira fase da construção de Brasília. Desde o início, deverá a Novacap construir tais hotéis, para abrigar o grande número de funcionários administrativos e técnicos que para lá irão projetar e construir a cidade. (Repetimos, aliás, que toda cidade imigratória tem população tipicamente jovem, com grande número de solteiros). Existirá, finalmente, como terceiro tipo, o hotel que se prende aos transportes, especialmente rodoviários. Já dissemos que Brasília, devido aos vácuos econômicos que a cercam, e sua posição marginal na tendência de desenvolvimento da zona pioneira em Goiás, não pode ser considerada apenas cidade de passagem no esquema rododiferroviário regional; será ponto terminal e inicial de vias de comunicação. Indispensável, portanto, a preparação de uma zona hoteleira específica.

O que diferencia esses três tipos de zonas hoteleiras do ponto-de-vista de sua localização na cidade? Para o viajante que vem tratar com o governo (na quase totalidade dos casos, com um só órgão do governo), descentralizar importa apenas que seu hotel esteja próximo a vias rápidas que o conduzam diretamente aos edifícios públicos; convém ainda que esteja próximo ao aeroporto.

Para o funcionário residente em hotel é im-

portante a proximidade ao local de trabalho. Já vimos que esses funcionários existirão especialmente na primeira fase de construção (10 anos?). Serão sobretudo técnicos e funcionários ligados à construção urbana. Por outro lado, o escritório técnico da Novacap será o cerne de uma futura "Secretaria de Planejamento e Obras Públicas" (S.P.O.P.) do Distrito Federal, ligada obviamente à administração municipal. Esses escritórios, portanto, deverão estar próximos da zona hoteleira residencial e vice-versa.

Finalmente, é importante que os hotéis para os motoristas e pessoas ligadas aos transportes se situem nas proximidades do acesso à cidade, perto de garagens e oficinas onde possam estacionar veículos, e nas imediações das estações rodoviária e ferroviária.

Vejamos agora as características comuns aos três tipos de hotéis: devem gozar bom tratamento paisagístico, dispôr duma série de serviços e comércio típico anexos, tais como: restaurantes, bares, lavanderias, barbearias, jornais e revistas, discos, farmácias, agências de viagens, cinemas, locais para danças, piscinas, praia, correios e telégrafos, telefones públicos, comércio de quinilharias e lembranças, cartões postais, etc. Há ainda um modo de vida comum: vida voltada para fora, coletiva, servindo a moradia apenas para o descanso.

Os fatores expostos determinaram a localização da zona hoteleira. A contiguidade dos três tipos de hotéis, visa atender àquilo que entre eles há de comum. Ocupa pois esta zona grande parte duma margem da represa, onde hotéis serão construídos sobre 10 a 30% de grandes lotes de áreas ajardinadas e sem muros divisórios. A zona hoteleira está igualmente perto do acesso mais usado e do aeroporto (tanto do determinado pela Novacap quanto por aquele que sugeriremos no capítulo seguinte). Os escritórios da Novacap, futura SPOP, e futura Prefeitura, são adjacentes à zona hoteleira. Por outro lado, este setor é servido pela via rápida perimetral que alcança os edifícios públicos da cidade. Está portanto situada estrategicamente entre o acesso (vias de comunicação interurbana) e a cidade.

Levar a zona hoteleira para longe do acesso significaria aumentar o trajeto das vias de acesso ingressando estas indevidamente no sistema viário urbano. Separar os diversos tipos de hotéis, rompendo com o princípio da continuidade, não seria econômico pois acarretaria duplicidade de serviços e diversões para hotéis residenciais e outros.

4.6. Áreas de Expansão.

(Neste capítulo, baseados na conclusão de estabilidade demográfica, julgamos não ser necessário prever grandes áreas de expan-



Uma calçada da zona comercial: corredor de vitrinas, via exclusiva de pedestres.

são; as duas penínsulas alcançadas através os acessos norte e sul, são consideradas áreas de expansão capazes de abrigar 200.000 habitantes com folga).

5. CIRCULAÇÃO.

(Neste extenso capítulo, abordamos três itens: as comunicações interurbanas, o sistema viário urbano e os acessos, pontos de contacto entre os anteriores. Chamamos a atenção para a prioridade que devem ter as ligações rodod-ferroviárias de Brasília com o Sul, com São Paulo, fazendo sugestões para melhor aproveitar-se os leitos da Paulista e da Mogiana. Analisando a localização do aeroporto, sugerimos nova posição, mais a oeste do núcleo habitado, mas praticamente à mesma distância da zona hoteleira prevista — em cota mais alta e terreno mais plano. Quanto ao sistema viário, é ele composto principalmente por um “8” de vias rápidas perimetrais que tangenciam tôdas as unidades sem interferir no tráfego local. Desta forma, todos os edifícios públicos são alcançados pela perimetral, conforme o corte tipo já mencionado. Das perimetrais partem avenidas de penetração, com intervalos de cerca de 600 m.; destas saem ruas na zona comercial, e alamedas sem saída para atender aos lotes individuais. As vias exclusivas de pedestres da zona comercial são chamadas “calçadas” e, como uma “rua Direita” ou “rua do Ouvidor”, são corredores de vitrinas. Nas áreas verdes de unidades de vizinhança, de habitação e no Parque da Ferradura, há passeios para pedestres, ciclistas e cavaleiros, sem cruzamentos com veículos motorizados.

Há dois acessos; ambos localizados num “Y” constituído pelo nó viário das perimetrais urbanas: o do Norte recebe o abastecimento comestível, madeira e cimento, tendo em sua proximidade silos, depósitos e frigoríficos, assim como o mercado central distribuidor; o acesso Sul é de passageiros e está contíguo à zona hoteleira).

6. CAPITÓLIO E PARQUE DE CULTURA.

Brasília deverá ter certas características plásticas, não apenas funcionais e morfológicas,

que a distingam como Capital do Brasil. Seu valor simbólico deve expressar-se desde a própria estrutura urbana, com seus pontos focais, até aos monumentos e estátuas.

A adoção de alturas maiores para os edifícios públicos, sua posição ao longo das perimetrais circundando a cidade, e as praças fronteiriças, permitindo a estes prédios resplandescerem em todo o seu valor tri-dimensional, foram meios empregados para pô-los em relevo como pontos focais, símbolos de pequenos corações da cidade. Mas o que deveria constituir o verdadeiro coração de Brasília D.F.?

No intuito de resolver este duplo problema, coração da cidade e aspecto simbólico, abordamos o tema do Capitólio. Ele realmente é a sede do Governo, é o símbolo do Estado. Escolhemos, portanto, o ponto mais alto da cidade e, num verdadeiro terraço aberto sobre a capital de todo o Brasil, situaram-se os edifícios que encerram os poderes constituídos. O Palácio do Governo, o Parlamento (reunindo Senado e Câmara Federal) e o Supremo Tribunal Federal. Este terraço deveria ter um caráter digno e cívico, formando uma esplanada de linhas puras e imponentes, sobre a qual se realçassem apenas os três edifícios símbolo. A Esplanada seria realmente construída, elevando-se acima do solo, para acentuar-lhe o caráter, servido de ponto focal para toda a cidade. A via rápida transversal tangenciaria o Capitólio, partindo da Residência Presidencial e dando-lhe a importância plástica de um centro de perspectiva. Sob o Terraço do Capitólio estará a respectiva área de estacionamento, descendo até ela os elevadores dos três edifícios. No Capitólio realizar-se-ão as atividades cívicas, hasteamento de bandeira, etc. O símbolo da Capital do País e do Centro Convergente da Nação, no entanto, não poderia ser apenas o seu cerne de Governo, pois este simboliza apenas o Estado. Para simbolizar uma Nação, necessário é reunir os elementos que lhe caracterizam a história e a cultura do povo. Com esse objetivo, e frente ao Capitólio, como acesso à Esplanada situamos um imenso parque onde pudessem fazer-se representar a Cultura e a História do Brasil.

Estes símbolos, no entanto, devem ser essencialmente dinâmicos, para evitar o risco de se transformarem em meras estátuas. Por isso procuramos entremear páginas da História com cultura viva: Do monumento “A Descoberta”, passa-se ao Museu Histórico, e de lá ao Museu Folclórico. Este apresentaria costumes, construções e objetos de diversas partes do País, terminando com o Monumento às Bandeiras. A continuar teríamos um longo espelho de água levando do monumento à “Independência” à estátua de Castro Alves, servindo-lhe de fundo o edifício da Biblioteca Municipal. Perpendicularmente, desenrolar-se-ia um labirinto, composto de diversos trechos, formando gigantesco painel em que estaria pintada a história do Brasil. Estes painéis poderiam ser entregues a diversos artistas nacionais e ser completados por esculturas. A forma de labirinto cria espaços semi-fechados, próprios para o exame dos painéis e a meditação. O painel se abriria sobre o Monumento à FEB e no fundo o Capitólio. Todo este conjunto propicia uma feliz combinação de Monumentos, História e Cultura.

O parque, porém, deveria abranger também outras particularidades: uma imensa arena para comícios, a discoteca e filмотeca municipais, uma série de casas de espetáculo, constituindo a praça dos Teatros: Sala de Concertos, Teatro Municipal de Prosa, Teatro de Ópera e Ballet, e Teatro ao Ar Livre. Na proximidade do Museu Histórico localizar-se-á o Museu de Artes Plásticas, essencialmente didático, talvez até em base a reproduções (fac-símiles), com seu Jardim de Esculturas, um Museu Científico e o Planetário. O parque será completado finalmente, com uma vasta área destinada a exposições internacionais, um Parque Fixo de Diversões, Tablados de Dança para o carnaval, Terreiros para Festas Joquinas e locais para Quermesses. Nas proximidades do Capitólio: a Igreja Matriz e Templos-Sede de diversos Cultos, bem como Fontes Monumentais.

Anexas aos diversos pontos de estacionamento, sempre perimetrais ao Parque, estariam localizadas séries de pequenas lojas: bares, restaurantes, farmácias, livrarias, e locais para dança.

É difícil descrever a integração aqui almejada de ambientes e intenções. Reuniram-se, no Parque de Cultura, os edifícios culturais que são únicos na cidade. Sua ordenação pode ser cristalizada em três grupos: diversão, cultura e civismo; três capítulos numa orientação de tomada de consciência nacional, desabrochando no Capitólio. Buscou-se a integração dos símbolos da Nação e do Estado, no espaço vivo e dinâmico e criar um palco natural para encontros informais de grandes massas: o grande coração da cidade.

Encontramos aqui aquela integração de áreas verdes anteriormente descrita.

O urbanista cria um palco, mas o povo dá-lhe caráter. O Parque de Cultura e o Capitólio são o cenário do coração pulsante de Brasília; ele oferece ao povo, em seus encontros informais uma variedade de logradouros para passear e conversar nos dias de festa. Criando o cenário para a integração de diversão, cultura e civismo, o planejador contribuirá no desenvolvimento da cultura e na formação da consciência nacional dos habitantes da capital. Não duvidamos que o valor simbólico da cidade a que antes nos referimos frutificaria assim no melhor dos resultados.

7. O NÚCLEO GERADOR E AS CONSTRUÇÕES INICIADAS.

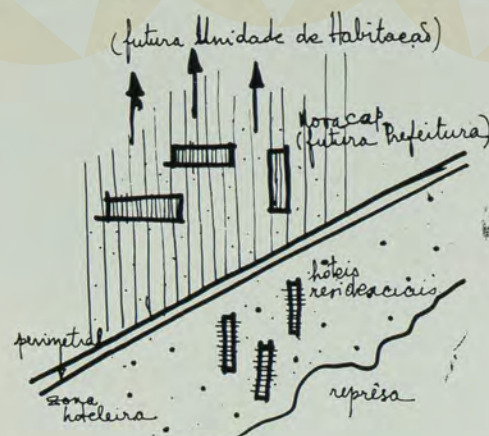
As cidades nascem e desenvolvem-se inicialmente, em torno de um núcleo gerador; este, por vezes, se constitui em coração da cidade, outras vezes não. Como exemplo do primeiro caso, temos inúmeras cidades da zona pioneira paulista, nascidas ao longo de uma estrada, e onde um trecho de calçada se constituiu em coração da cidade. Como exemplo de deslocamento, tomamos São Paulo, cujo Pátio do Colégio certamente não lhe serve mais de coração. Mais recentemente, temos o caso de Goiânia, nascida em torno de uma praça cívica, atualmente à margem do coração da cidade, que é a Avenida Anhangüera.

Desejamos, com isso, realçar bem as duas funções diversas do coração da cidade do núcleo gerador. Sua coincidência não é essencial nem programática; numa cidade grande, tal coincidência torna-se inútil com o tempo. No caso de Brasília, motivos programáticos farão diferenciar o coração do núcleo gerador.

O problema do núcleo gerador está ligado ao da mudança, sendo difícil ao planejador

definir algo ligado à tarefa precípua do governo. O programa de mudança, com efeito, deverá ser elaborado com a assistência do planejador, numa fase de elaboração definitiva do plano. A Novacap já iniciou duas construções definitivas em Brasília, talvez com o fito de marcar um núcleo gerador para a cidade. Mesmo que tal não fosse seu intuito, devemos considerar esta possibilidade. Poderá a cidade nascer e se desenvolver em torno da Residência Presidencial e do Hotel em construção, na ponta leste que se projeta na direção do Paranoá?

A nosso ver, o núcleo gerador está forçosamente ligado ao pessoal que construirá a cidade, seus primeiros habitantes por definição. Os técnicos da Novacap, os escritórios de planejamento, a crescente administração



Núcleo gerador.

municipal, os hotéis residenciais anexos, seus serviços e comércio e as residências dos operários: este será o núcleo gerador, o ponto de partida do desenvolvimento urbano. Pode-se alegar que estes construtores da cidade estarão ocupados erigindo determinados edifícios em outros pontos, mas "núcleo gerador" significa vida urbana constante e fixa, prende-se a uma densidade demográfica, só poderá criar-se onde mora, e trabalha a gente. Parece-nos, por isso, justo que o núcleo gerador, primeiro coração urbano, se localize na zona hoteleira ou, mais precisamente, na confluência desta zona em seu aspecto residencial, com a futura unidade da Prefeitura, onde devem se localizar os escritórios de

finitivos da Novacap. (Voltaremos ao assunto ao tratarmos da construção por fases).

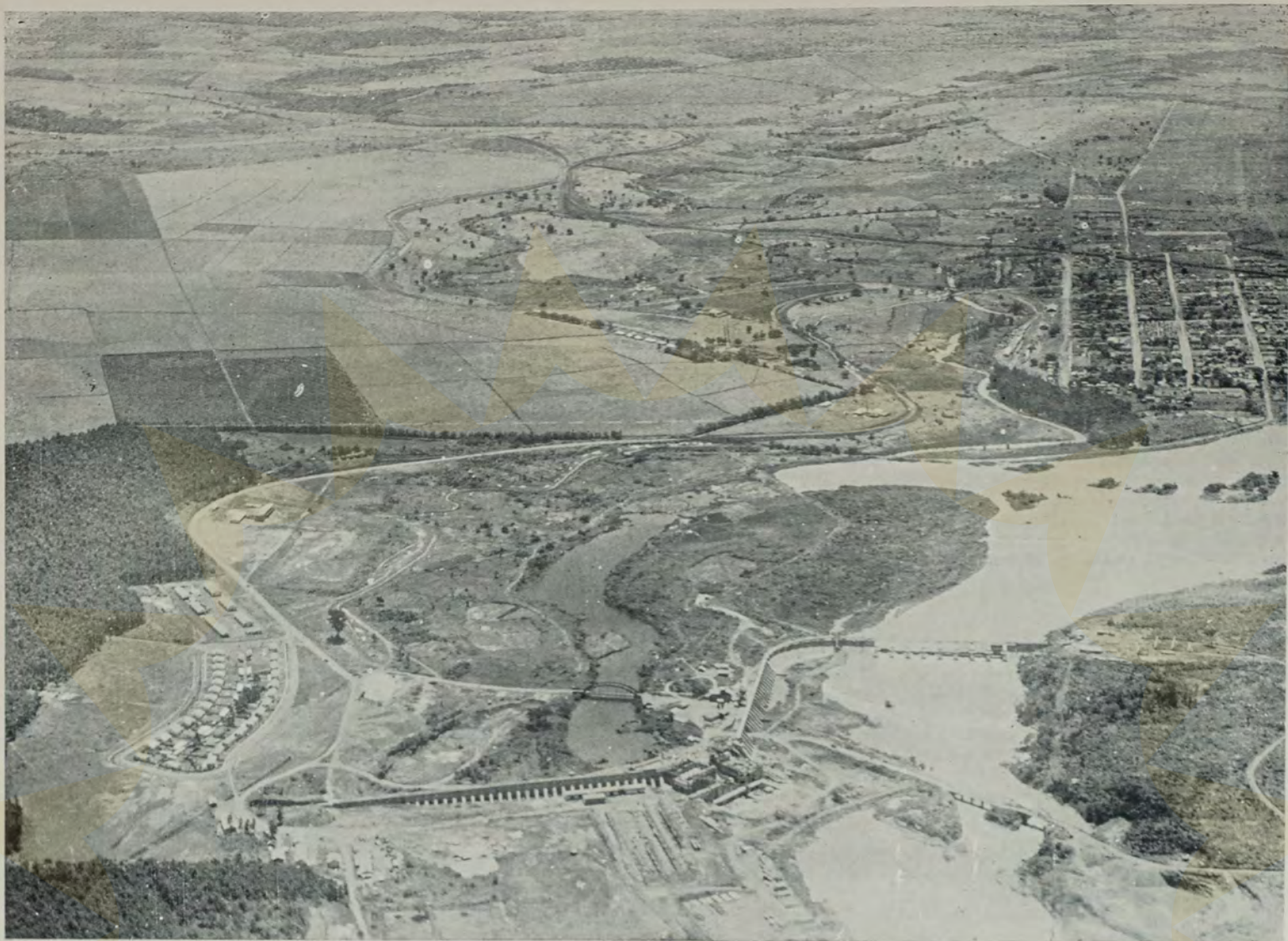
Poderíamos, a rigor, transportar esse conjunto de elementos para o ponto em que se constroia a Residência. Não seria acertado, porém, pois a zona hoteleira, como acima vimos, não poderia localizar-se numa península, obrigando os acessos a entrarem na rede urbana ou pela zona do aeroporto, atravessando longa e caríssima ponte sobre a represa. De qualquer forma, tal medida estrangulária, com sua grande densidade, um panorama bonito que deve permanecer o mais desobstruído possível. Finalmente, fechar-se-ia a Residência Presidencial, que se veria cercada por hotéis. Todos estes motivos nos desaconselharam de levar o núcleo gerador para o ponto em que ora se iniciam as construções.

Mas então, como coordenar tais construções com o plano? Qual o seu destino? Numa capital nova, os primeiros elementos que se mudam são: a presidência com seus gabinetes, o Parlamento e as Legações estrangeiras. Washington e Canberra são provas disto. Aliás, são os elementos que gozam de maior mobilidade devido ao pequeno quadro de funcionários, e cuja função é dependente ou integrante do governo central. Julgamos, por isso acertar a construção da Residência, à qual deveria seguir a do Capitólio. Ao hotel vizinho à Residência reservamos um objetivo mais nobre do que o de hotel comum, ou de turismo, no futuro. (Aliás, não se nos afiguram as possibilidades turísticas de Brasília: longe de qualquer circuito turístico, sua bela represa terá função recreativa eminentemente urbana). Abrigará o hotel as embaixadas e legações que poderão assim mudar-se e viver nas proximidades da Residência. Habilitarão no hotel as legações até construir suas sedes na área vizinha, em terreno doado pela União, e em edifícios representativos e típicos de seus países. Criar-se-á assim o Jardim das Embaixadas, entre a Residência e o Ministério do Exterior, margeando a avenida monumental que leva ao Capitólio. Este jardim, aberto à visitação pública, será outro ponto de interesse na cidade. Posteriormente, o hotel conservaria seu caráter oficial, sendo reservado a comitivas oficiais, congressistas, delegações e visitantes coletivos, completando-se o parque com um grande salão de congressos, contíguos ao hotel. A transformação do hotel em Hotel Oficial do Governo, cremos, conservará o caráter nobre do conjunto, isolando-o no meio de um parque público.

O Capitólio e o Parque de Cultura

1 — Grande anfiteatro para comícios; 2 — Bares e restaurantes; 3 — Paineis monumentais: a História do Brasil; 4 — Biblioteca; 5 — Discoteca e filmoteca; 6 — Museu de Artes Plásticas; 7 — Planetário; 8 — Tablados para danças folclóricas e carnavalescas; 9 — Museu histórico; 10 — Museu folclórico; 11 — Teatro de prosa; 12 — Bares e restaurantes; 13 — Teatro de ópera; 14 — Capitólio: Palácio do Governo, Parlamento e Supremo Tribunal Federal.

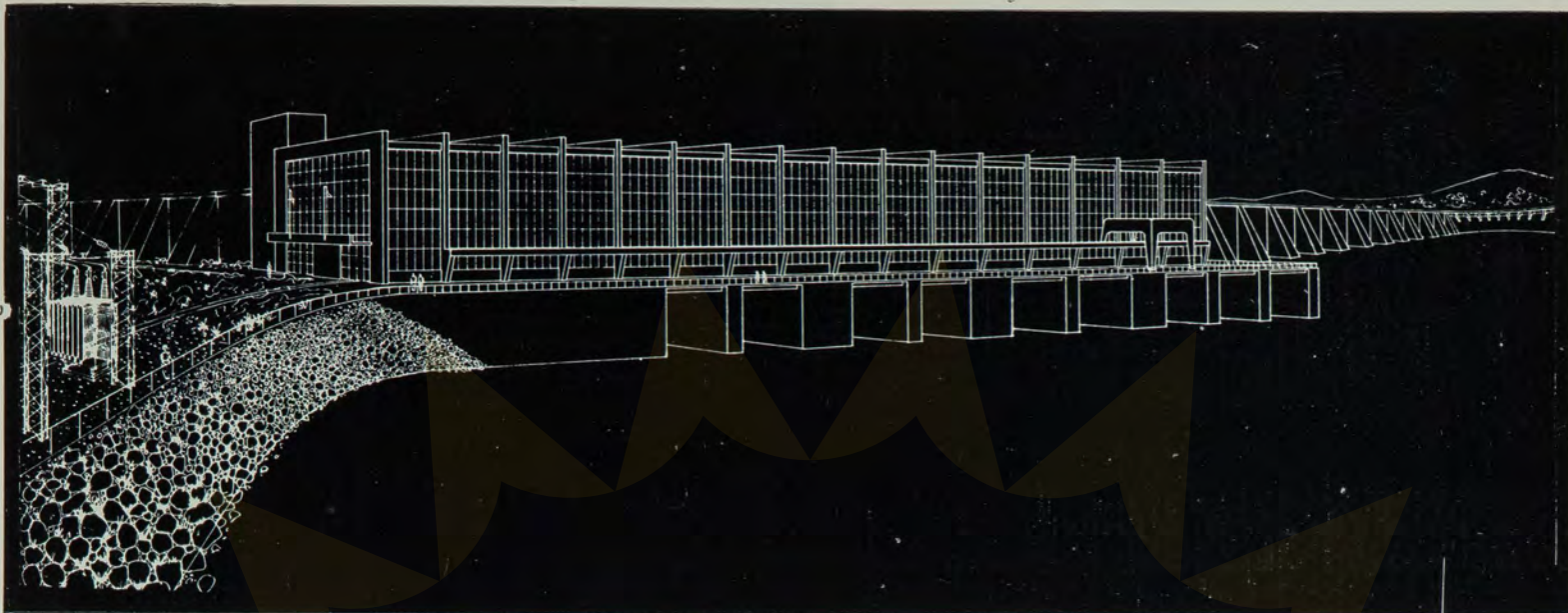




Arquitetura e urbanismo na Usina Salto Grande

arqs.: Ícaro de Castro Melo e Helio Pasta, colaborador

A Usina de Salto Grande, enquadrada no Plano de Eletrificação do Estado de São Paulo, no vale do Paranapanema, terá arquitetura e um espaço urbanizado, em que os trabalhadores e suas famílias encontrarão os elementos para o recreio ativo em ambiente próprio. Infelizmente, as possibilidades dessa urbanização e dessa arquitetura não acompanharam, de início, as obras. Um correr de casas populares de tipo comum, foi encontrado pelos arquitetos encarregados de construir o Hotel, as residências, o clube, a capela, e ainda de dar uma feição aceitável aos interiores e exteriores da grande usina. Salvo, pois, àquele conjunto de habitações medíocres uma obra de planejamento em amplo espaço foi efetuada, verificando-se então as possibilidades de alguma coisa fora do comum em instalações semelhantes, a viabilidade de se aliar ao pensamento construtivo da produção elétrica um ambiente amável, tanto no que respeita às condições de trabalho, como naquela parte que significaria o complemento habitacional, a parte social, e, portanto, econômica dessa empresa. Alguns problemas puderam assim alcançar uma boa solução funcional e plástica — aplicações ao aproveitamento de materiais e elementos arquitetônicos, incluíram-se harmoniosamente no soberbo conjunto de unidade hidroelétrica, como prova de que não cabe menosprezar as concepções da arquitetura, em tudo o que seja organização do espaço para as atividades humanas. A imponente usina se encontra em adiantada fase de construção. Ela responde, como tantas outras em edificação, ao plano de descentralização e desdobramento de fontes de energia elétrica empreendido no atual governo. É portanto uma obra de alcance no que respeita ao Planejamento e ao Urbanismo, porque visa a descentralizar, ao mesmo tempo que a fornecer elementos econômicos às nossas necessidades de dispersão industrial e demográfica.

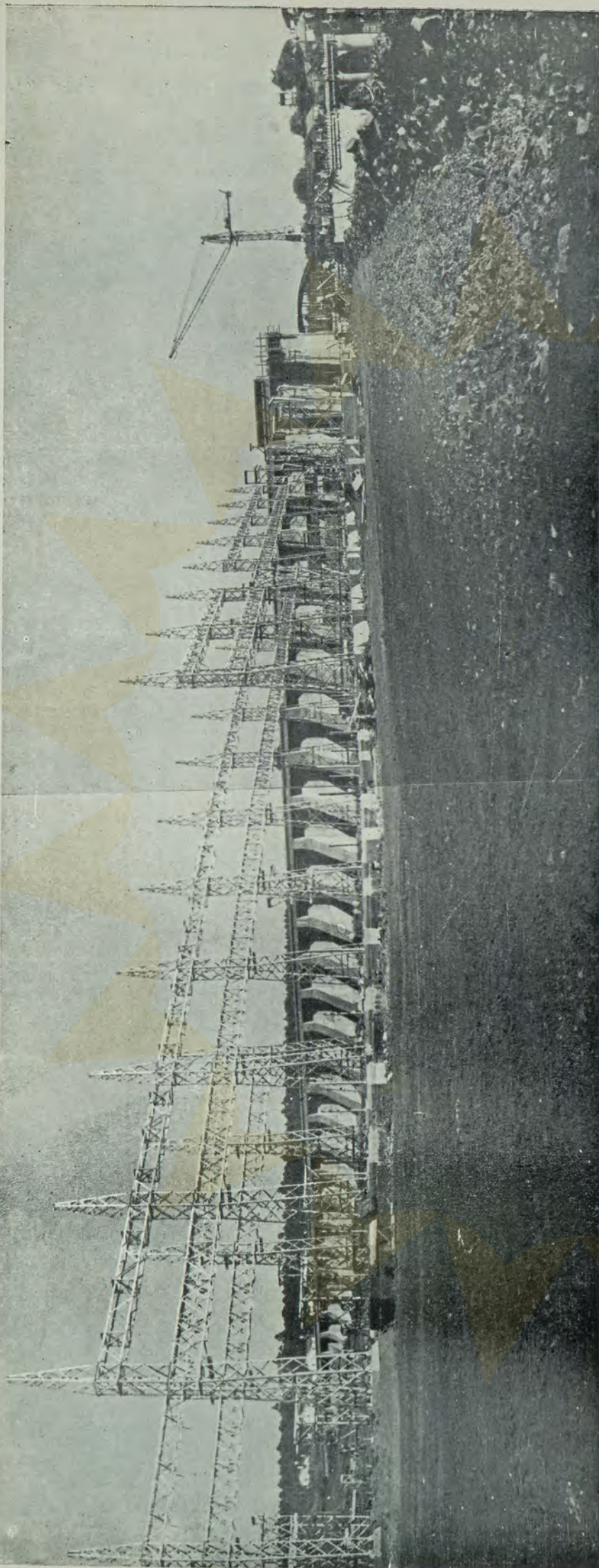


Casa de Fôrça, Perspectiva.

Casa de Fôrça

Interior da Casa de Fôrça.





Campo de torres.

A imponência deste panorama do campo de torres, estação transmissora donde se irradiará a distribuição da energia produzida em Salto Grande, dá-nos uma visão panorâmica do desenvolvimento das obras. Projetada a construção, já se acha em fase final a obra compreendendo a barragem de gravidade, em concreto, com 20 metros de altura média e 900 metros de comprimento na crista. A bacia de compensação criada pela barragem armazenará o volume de 60 milhões de metros cúbicos de água. Aproveita um desnível de 18 metros de vassão regularizada de 285 m³/s, com uma potência total de 68.000 kw em quatro máquinas com turbinas tipo Kaplan, com potência unitária de 17.000 kw. A Central Hidroelétrica de Salto Grande, em adiantada fase de construção, como se vê, contribuirá para melhorar e desenvolver os serviços de energia elétrica numa região que abrange cerca de 64.000 quilômetros quadrados, com uma população superior a 1.250.000 habitantes.

Especificamente, sendo a primeira das centrais projetadas no médio Paranapanema, a de Salto Grande, além de atender às necessidades do consumo atual e do desenvolvimento da eletrificação das linhas da Estrada de Ferro Sorocabana, abastecerá cinco companhias particulares de serviços públicos, já existentes, a saber: 1) **EMPRESA DE ELETRICIDADE VALE PARANAPANEMA S/A**, servindo a área compreendida pelos seguintes municípios, todos no Est. de S. Paulo: Salto Grande — Ibirarema — Palmital — Cândido Mota — Assis — Maracá — Paraguaçu Paulista — Quatá — Rancharia — Tupã — Rinópolis e Bastos. 2) **COMPANHIA ELÉTRICA CAIUÁ**, servindo a área compreendida pelos seguintes municípios: Zona Sorocabana — Martinópolis — Regente Feijó — Indiana — Presidente Prudente — Piraposingo — Alfredo Marcondes — Presidente Bernardes — Santo Anastácio — Piquerobí — Presidente Wenceslau e Presidente Epitácio; Zona Paulista — Parapuã — Oswaldo Cruz — Lucélia — Adamantina — Flórida Paulista — Pacaembú — Dracena — Junqueirópolis — Paulicéia e Gracianópolis. 3) **COMPANHIA LUZ E FORÇA SANTA CRUZ**, servindo as áreas compreendidas pelos seguintes municípios: Estado de São Paulo — Santa Cruz do Rio Pardo — Ipaucú — Chavantes — Bernardino de Campos — Ourinhos — São Pedro do Turvo — Pirajú — Timburé — Manduri — Olso — Santa Bárbara do Rio Pardo — Avaré e Cerqueira Cesar. Estado do Paraná — Ribeirão Claro e Jacarezinho. 4) **COMPANHIA HIDROELÉTRICA PARANAPANEMA**, servindo as áreas compreendidas pelos seguintes municípios: Estado de São Paulo — Burí — Capão Bonito — Itapeva — Itaporanga e Fartura. Estado do Paraná — Jaguariaíva — Sengés — Wenceslau Braz — Siqueira Campos — Tomazina — Ibaiti — Quatiguá — Joaquim Távora — Carlópolis — Santo Antônio da Platina — Cambará — Andirá — Bandeirantes — Abatiá — Santa Mariana — Cornélio Procópio e Uraí. 5) **EMPRESA ELÉTRICA DE LONDRINA S/A**, servindo a área compreendida pelos seguintes municípios, todos no Estado do Paraná: Ibiporã — Londrina — Cambé — Rolândia e Arapongas.

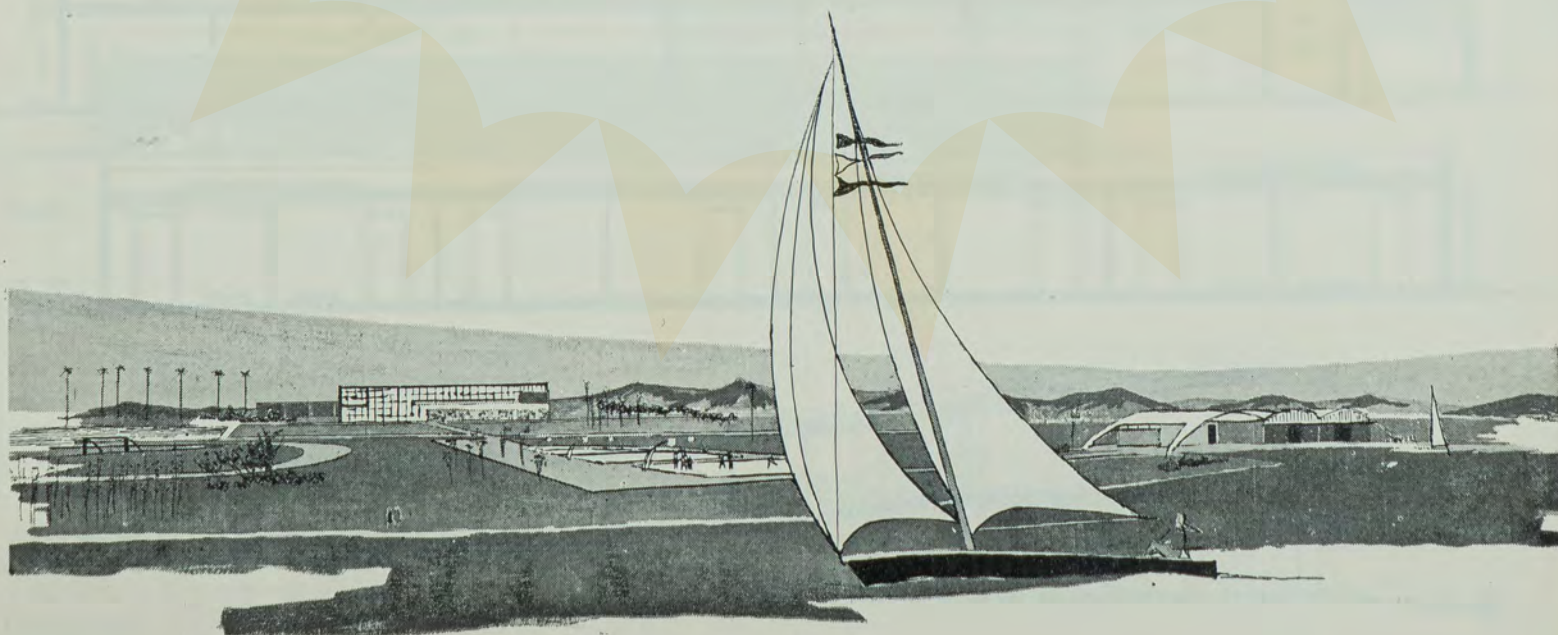


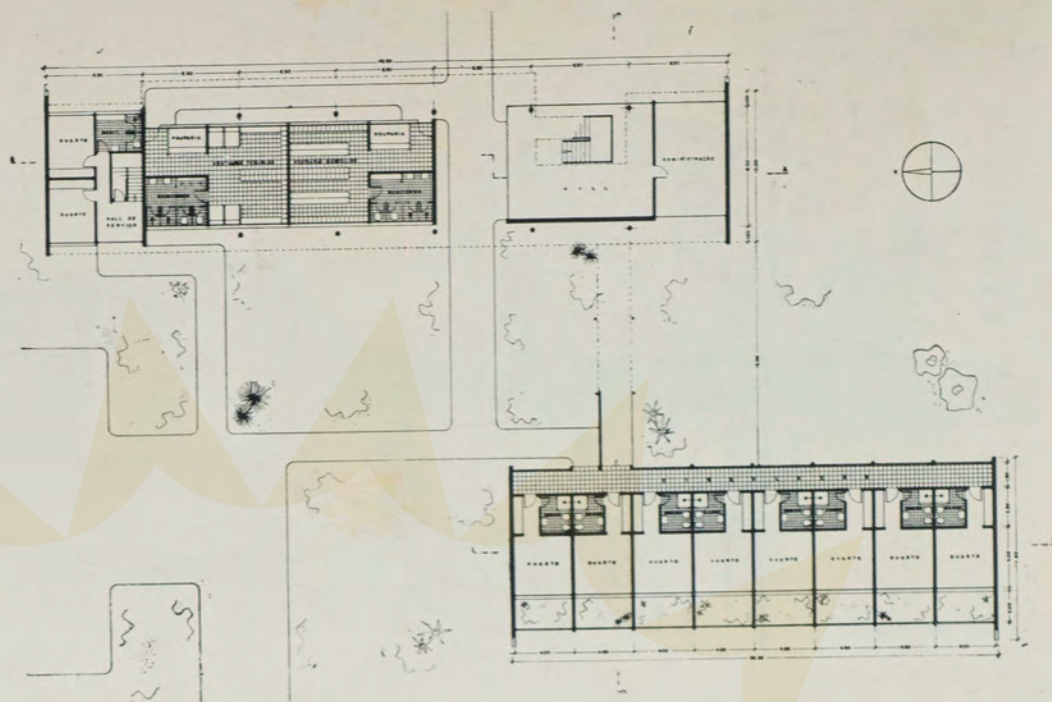
Planta geral do trecho urbanizado, projeto do Clube, do hotel, da sede, da garage de barcos e campos esportivos, de futebol, cestobol, voleibol, piscina, play-ground, com que se completa toda a recreação ativa de crianças e adultos.



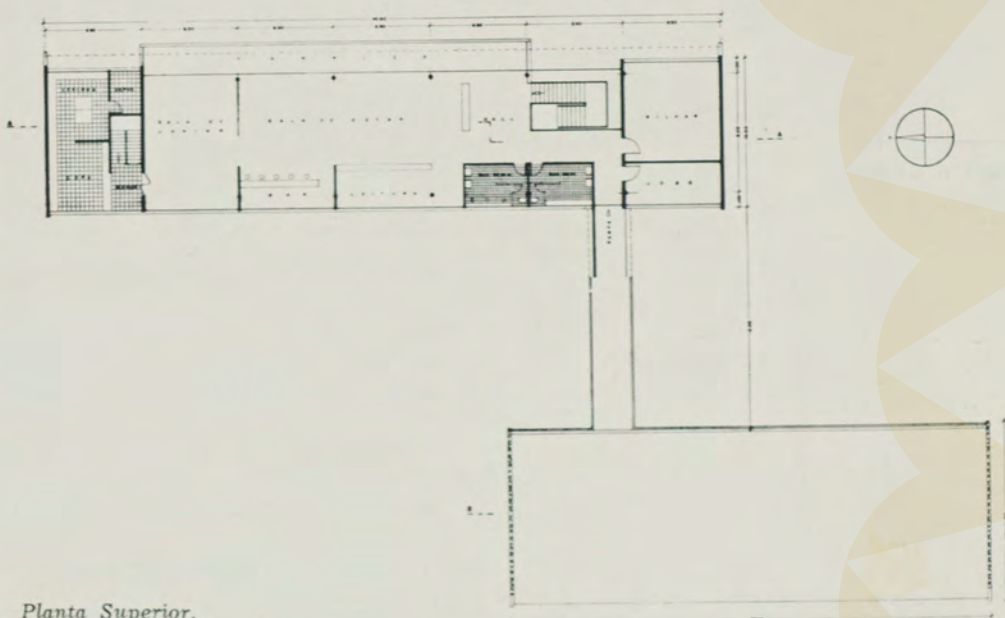
Hotel e sede

Os arquitetos assumiram aqui uma responsabilidade funcional, plástica e paisagística: colocaram essas instalações diante de um lago de tres km de extensão e articularam os espaços com jardins, que terão principalmente por decoração as plantas e flores nativas, numa expressão botânica regional. Foi dispensado especial cuidado à coordenação dos edifícios, de maneira que as instalações da sede do clube servirão ao hotel, numa extrema economia de trabalho e de abastecimento. O aproveitamento panorâmico realizado, igualmente se destaca, como se pode ver perfeitamente na perspectiva abaixo, em que se imaginou a realização de esportes aquáticos, para o que houve também que projetar uma garage de barcos, que se vê ao fundo à direita do observador.



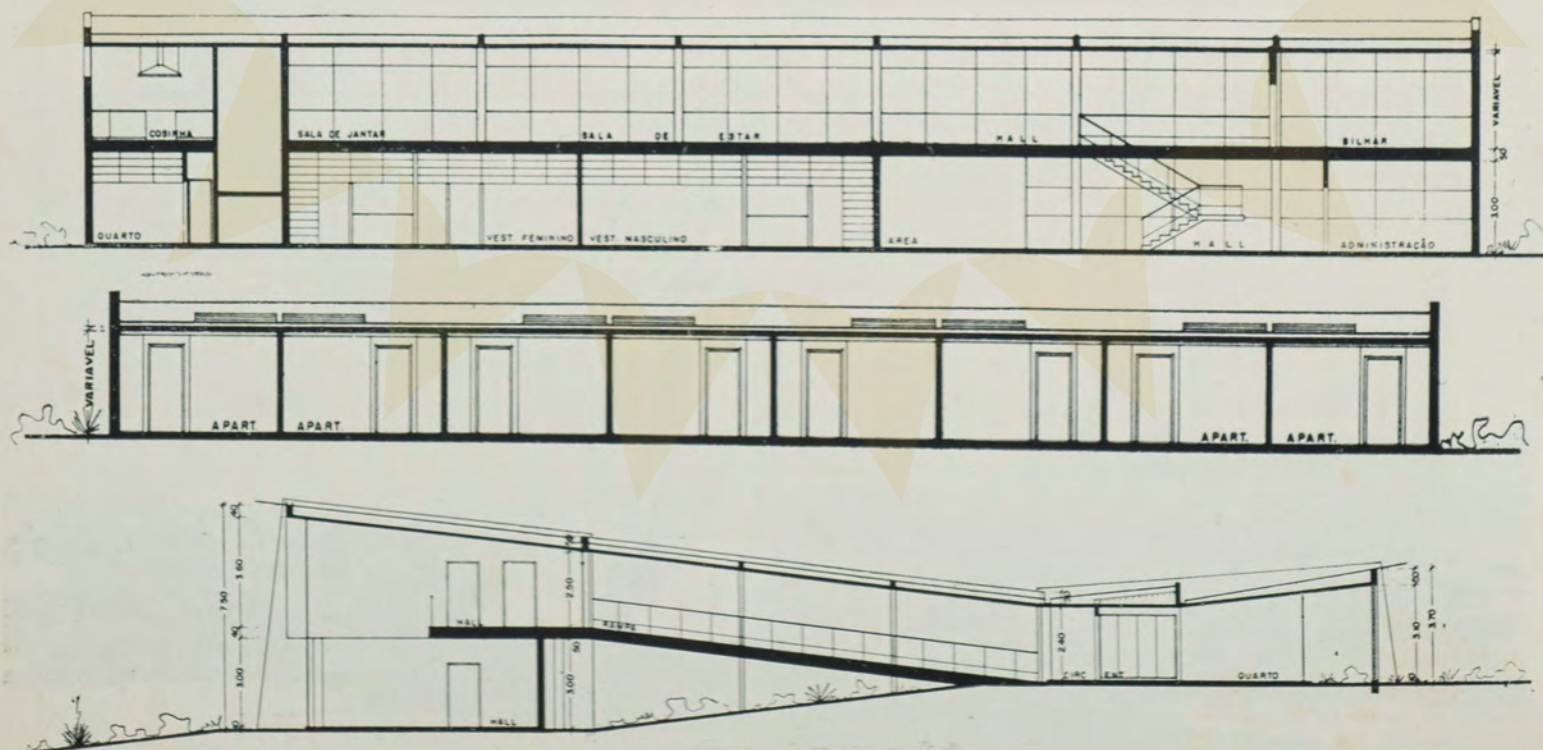


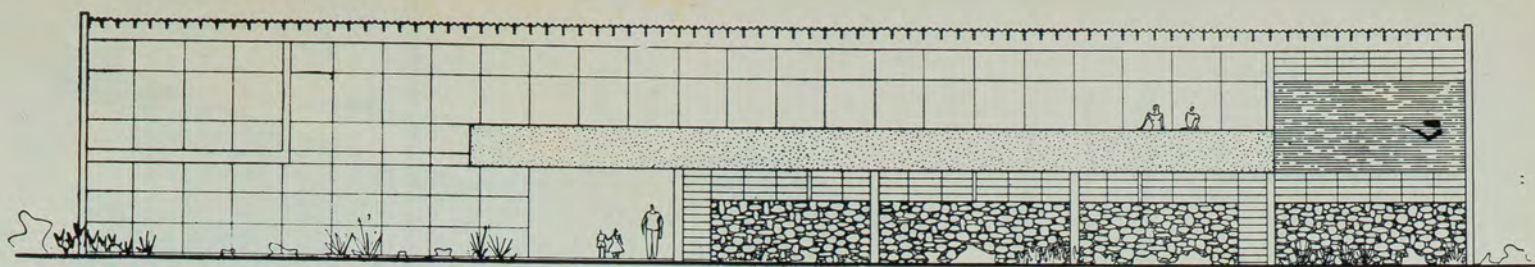
Planta térrea.



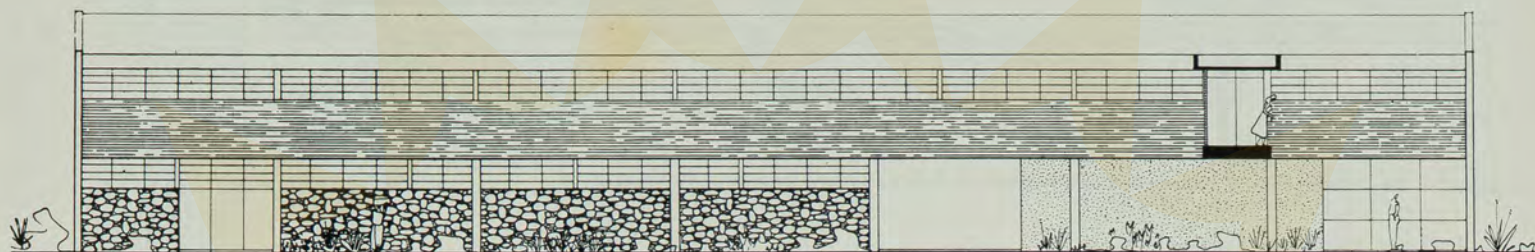
Planta Superior.

Em baixo: Cortes 'A - A',
'B - B' e 'C - C'.

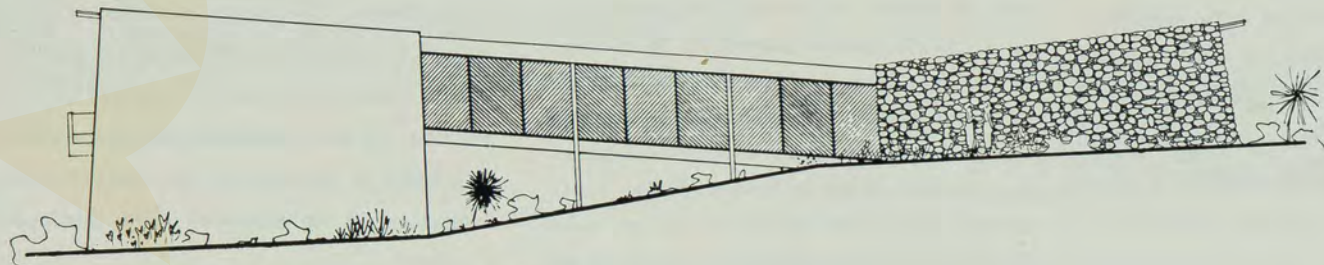




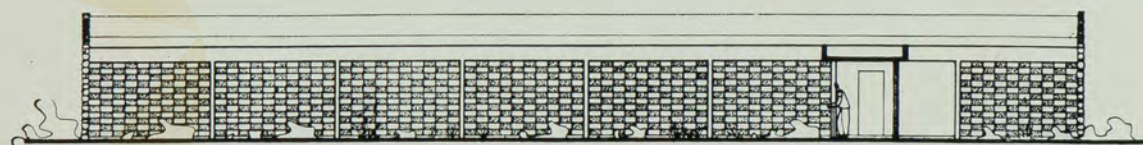
Sede — Fachada leste.



Sede — Fachada oeste.



Fachada norte.



Hotel — Fachada leste.



Hotel — Fachada oeste.

Reunem-se nesta página os exteriores do Hotel e da Sede, com pleno tratamento em tôdas as faces, na variedade bem determinada da correspondência às plantas dos dois edifícios.



Fachada sul.



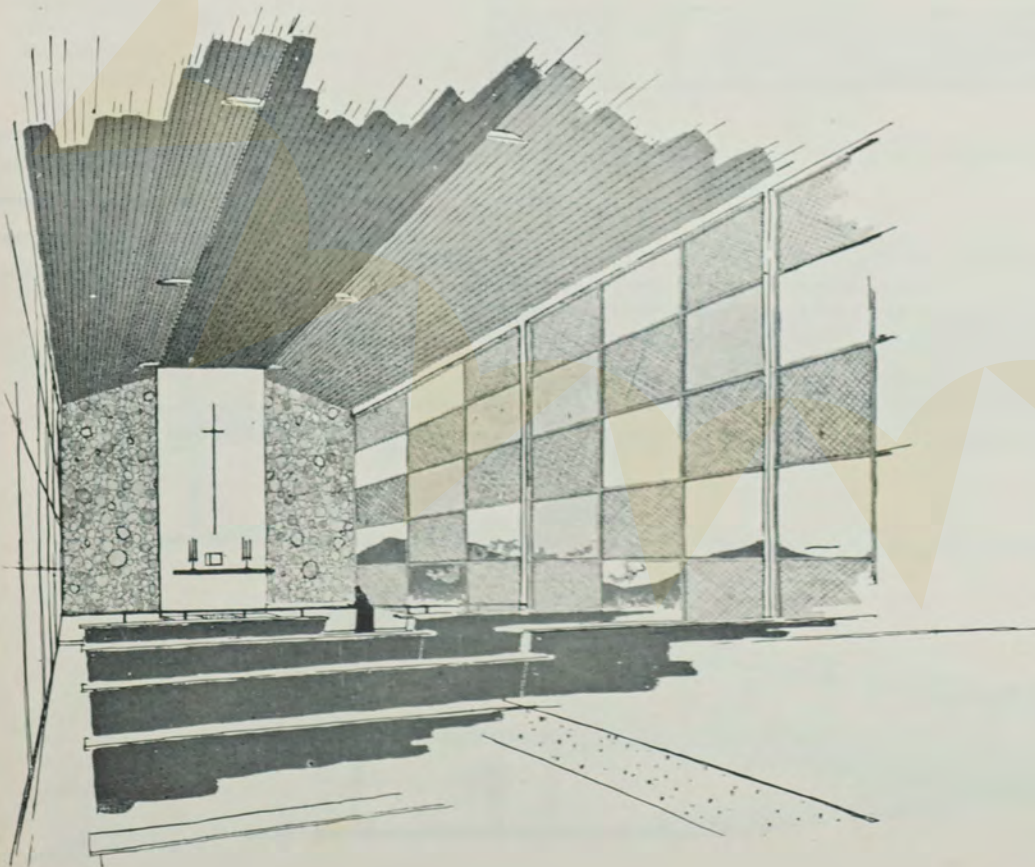
Perspectiva da capela com o cruzeiro monumental ao lado, sôbre a pequena esplanada.

Ao projetarem a capela, os arquitetos buscaram dar relêvo especial ao culto religioso. Concebida sôbre fundações já existentes, a capela é para servir e não para ficar como um monumento inútil. Situada a cavaleiro da paisagem, ela domina amplamente a área, abrangendo todo o panorama urbanizado. Internamente, é coberta por um fôrro em

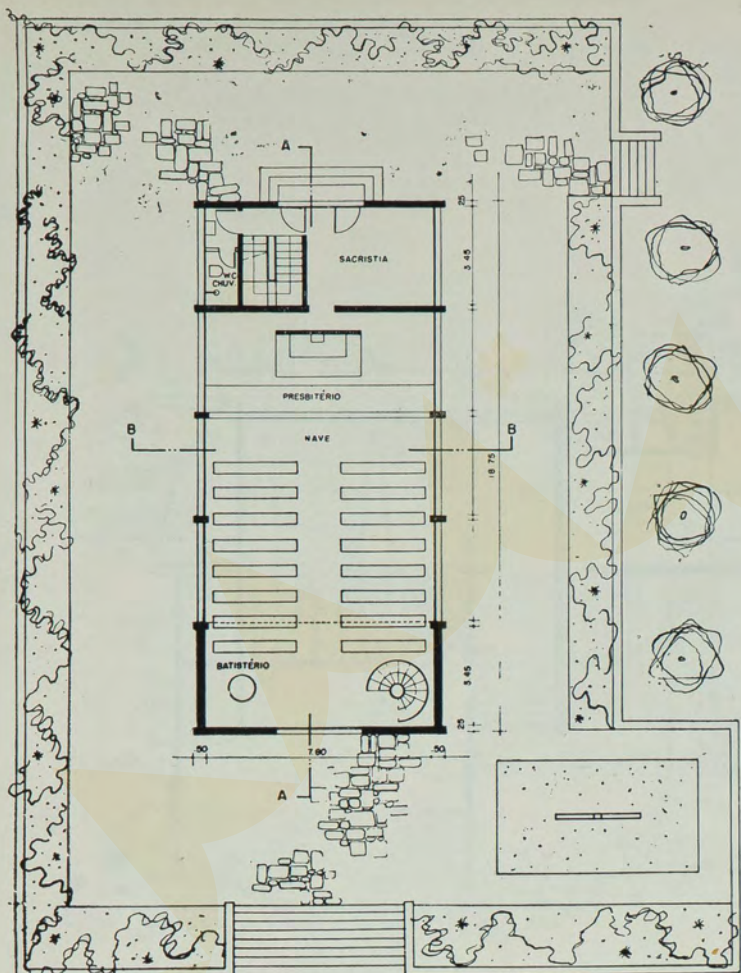
madeira, de cor natural. As laterais são paredes de pedra. A vedação compreende como se vê na parede esquadrias de madeira com treliças formando um xadrez alternado com vidro, dando do interior uma sensação de vasado. Exteriormente, as fachadas compreendem simples alvenaria branca. Telhas canal. Entra-se sob o côro. Ao fundo há um andar térreo para funcionamento da sacristia e um

andar superior para servir de apartamento ao sacerdote. O altar não poderia ser mais simples — uma cruz metálica sôbre a prancha de mármore assinala o essencial da iconografia. É uma realização em que a maior disposição da simplicidade foi adotado como formadora de um ambiente nítido destinado à oração.

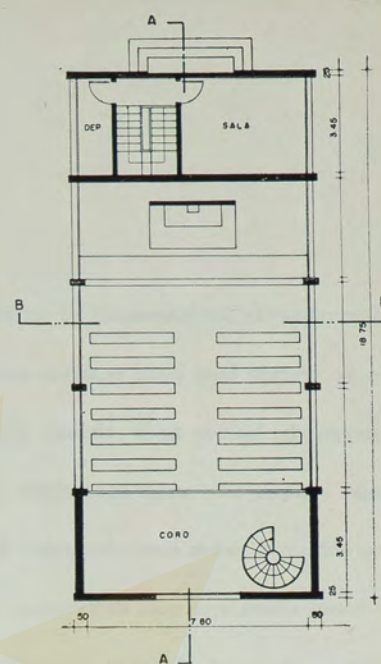
Capela



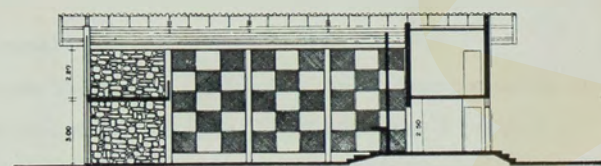
Interior da capela, em que a decoração foi obtida, no fôrro e nas laterais, com elementos diretamente construtivos.



Planta pavimento térreo.

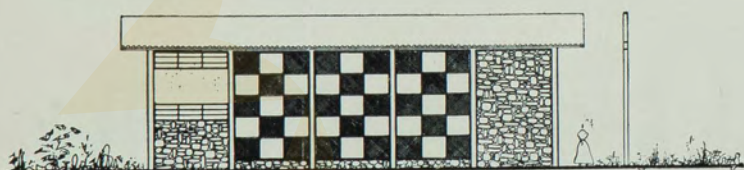


Planta pavimento superior.



Corte A - A.

Capela



Fachada norte-sul.



Corte B - B.



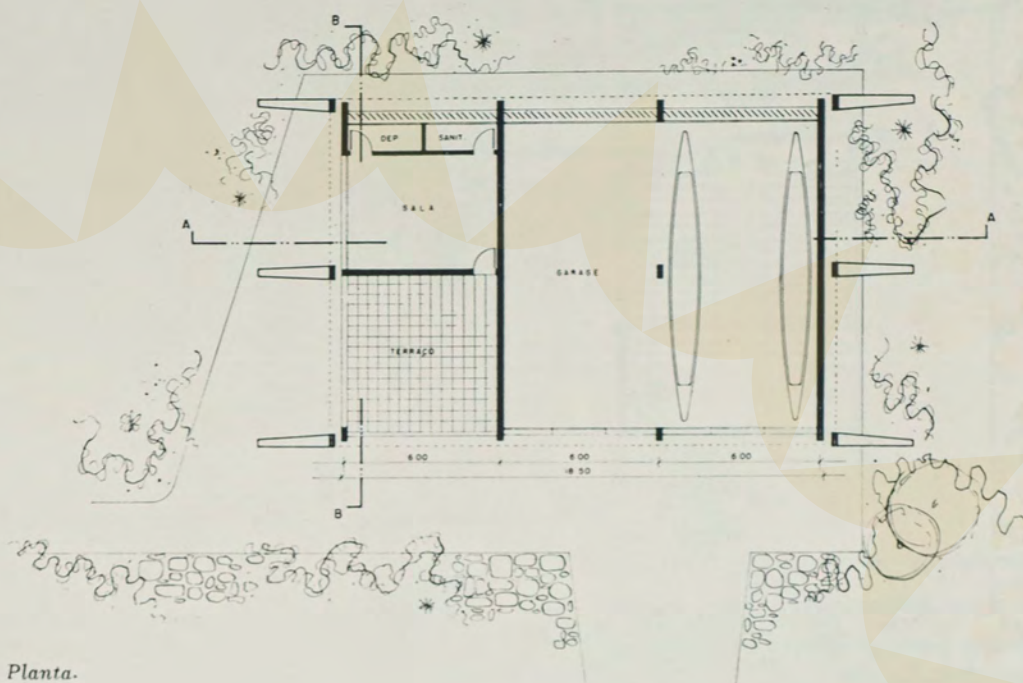
Fachada este.



Fachada oeste.

Complemento indispensável ao aproveitamento do grande lago para esportes aquáticos, a garage de barcos nada oferece de especial, mas compreende uma construção entrosada no conjunto, pelos seus elementos exteriores, e assim assinala-se com os desenhos desta página a sua projeção plásticamente realizada.

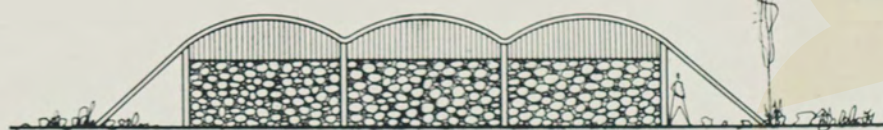
Garage de barcos



Planta.



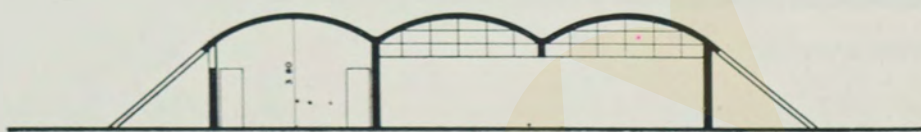
Fachada norte.



Fachada oeste.

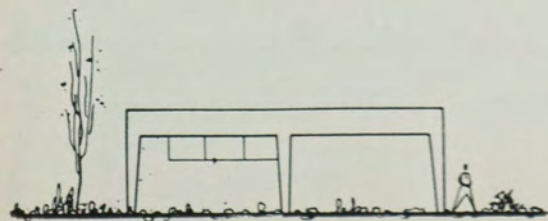


Corte B - B.

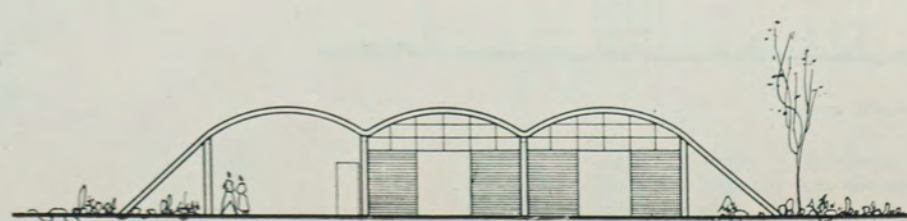


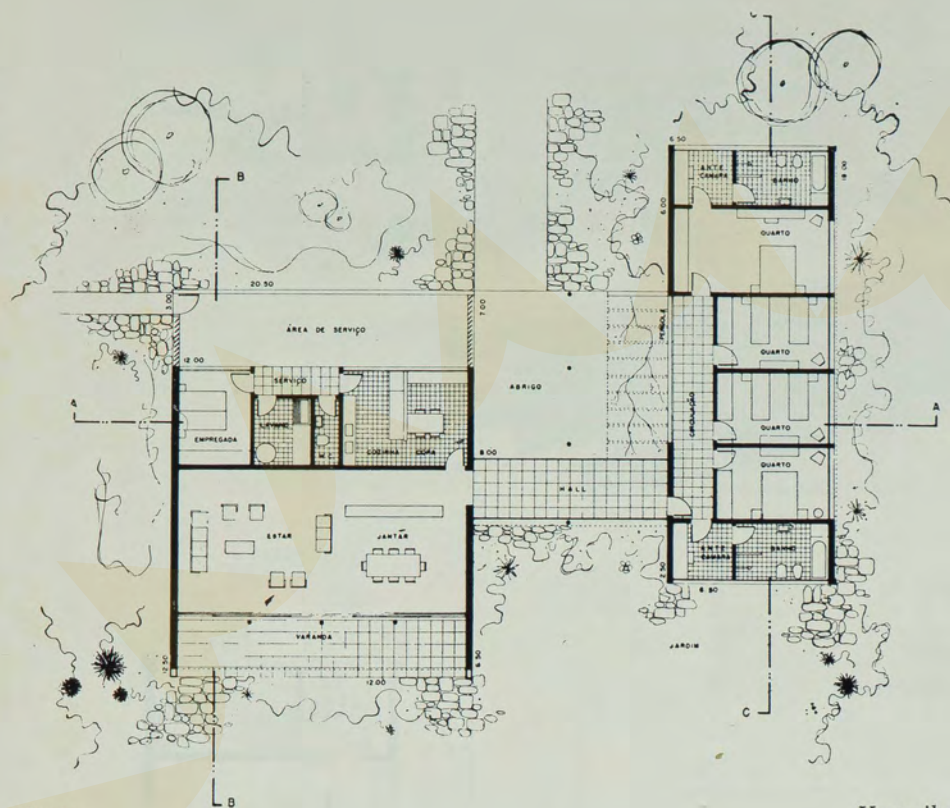
Corte A - A.

Fachada sul.



Fachada leste.

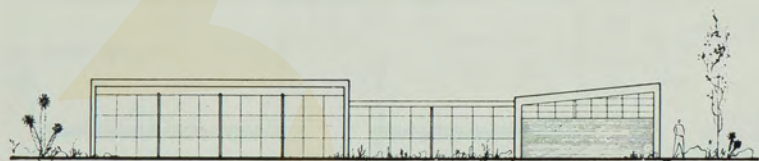




Planta.



Fachada Oeste.



Fachada Este.

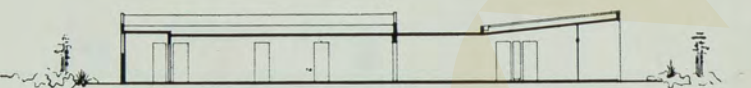


Fachada Sul.



Fachada Norte.

Uma ilustração da grande residência é feita exaustivamente em todos os pormenores nesta página. Vê-se assim que é possível adotar-se um partido excelente para os programas da casa rural, de que participa esta instalação de aglomerado humano, em torno da Usina de Salto Grande. Boas linhas externas decorrem da excelente articulação interna: a separação das partes e a entrada sempre pelo lado oposto à utilização social dão uma notável localização à moradia destinada ao diretor da Usina.



Corte A - A.

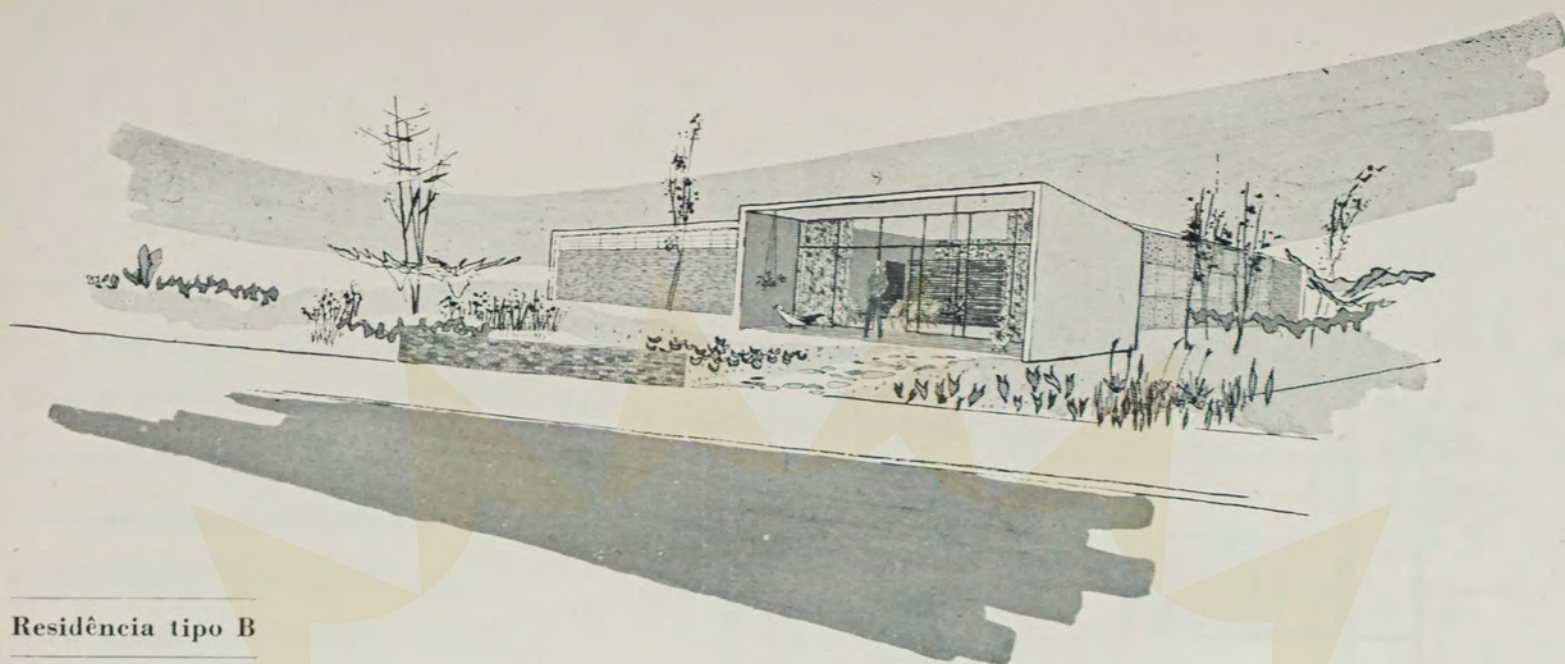


Corte B - B.

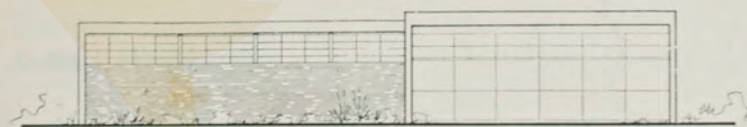


Corte C - C.

Residência tipo A



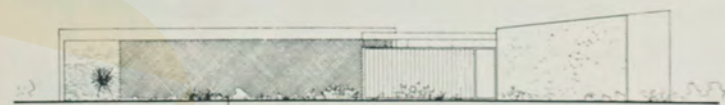
Residência tipo B



Fachada Este.



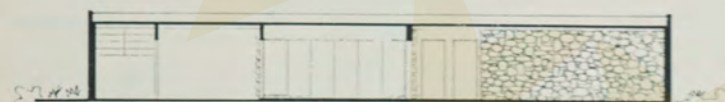
Fachada Oeste.



Fachada Sul.



Fachada Norte.



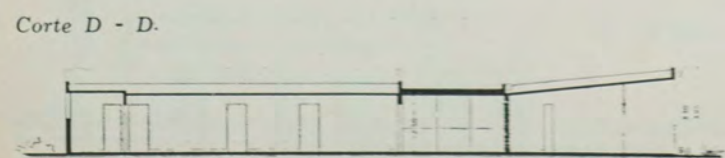
Corte A - A.



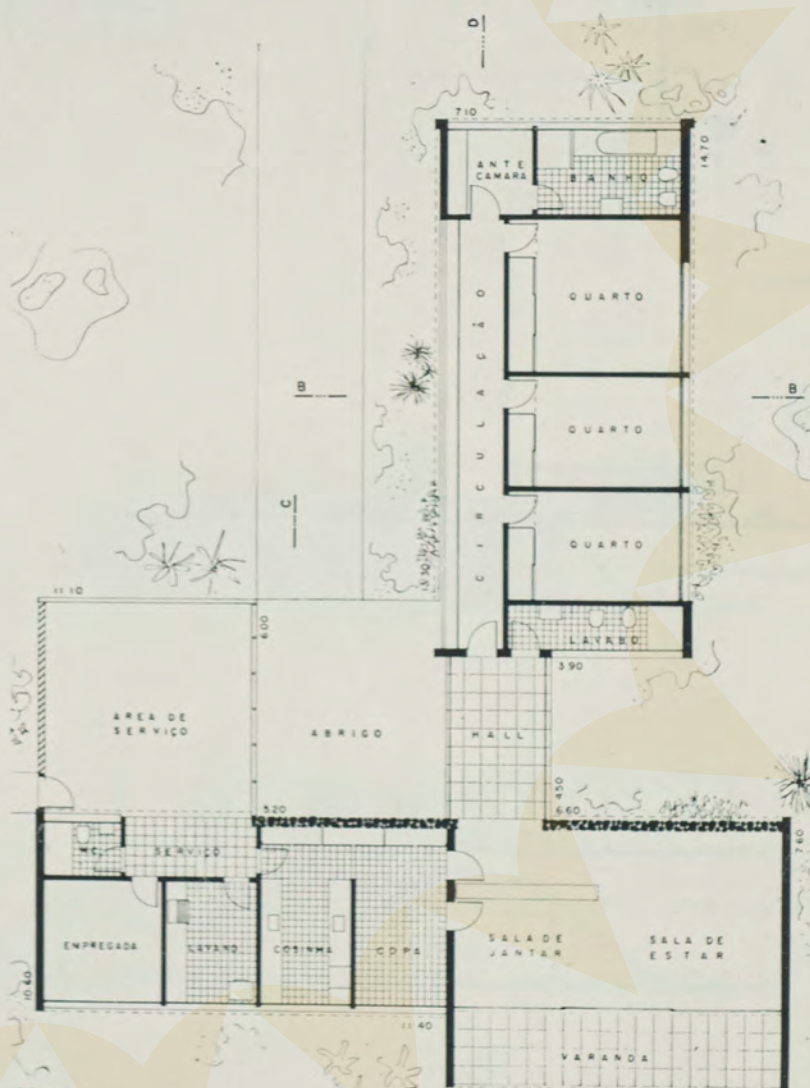
Corte B - B.



Corte C - C.

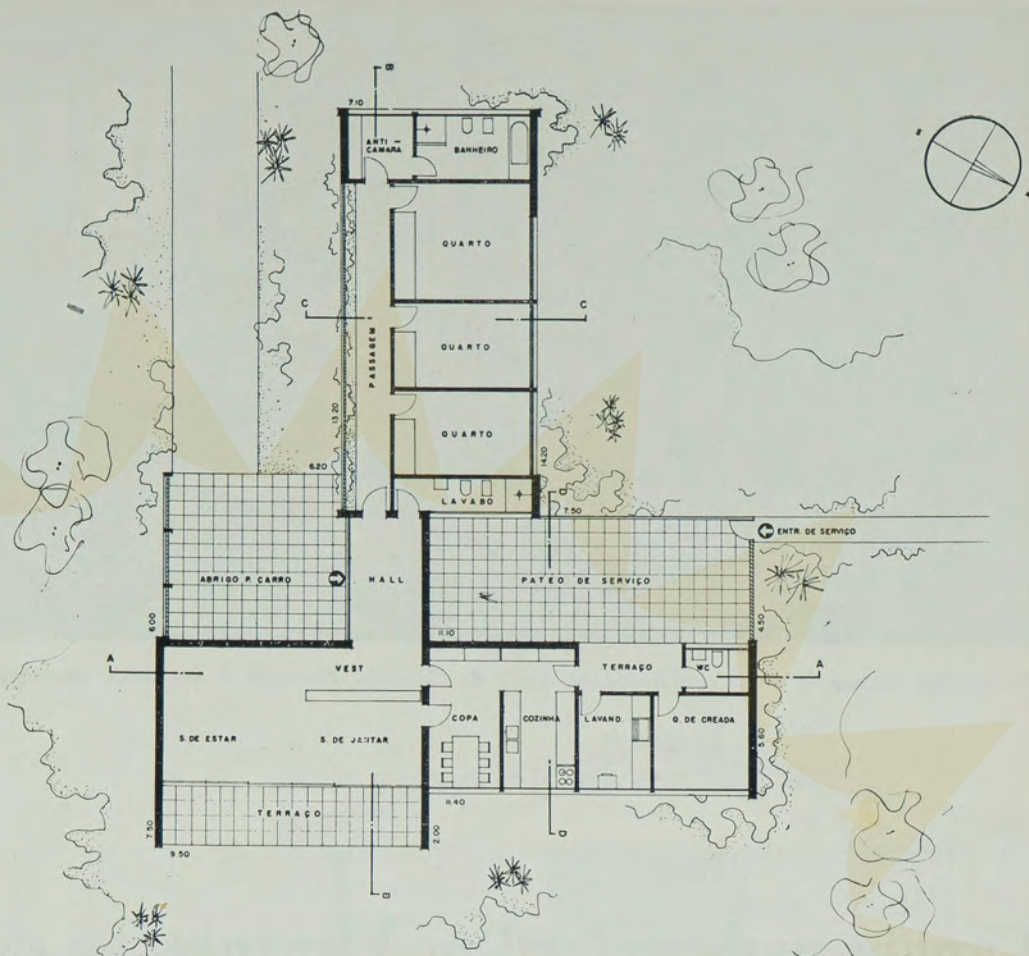


Corte D - D.



O tipo B compreende casas de moradia para engenheiros e funcionários graduados, constando das mesmas divisões, da mesma concepção, com redução de peças. A leitura das plantas e cortes justifica plenamente o resultante nestas fachadas.

Planta.



Residência - tipo - C

Mais um tipo de habitação criado e em construção na área habitacional de Salto Grande. Deve-se registrar apenas que essa iniciativa arquitetônica não tenha chegado a tempo de favorecer também os trabalhadores de categoria inferior com boa arquitetura. O exemplo de Salto Grande, nesse particular, entretanto, serve como suficiente indicação de como se deve construir.



Fachada Oeste.



Fachada Este.



Fachada Sul.



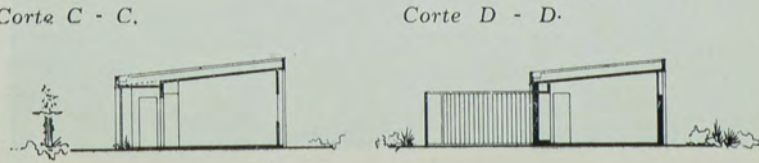
Fachada Norte.



Corte A - A.

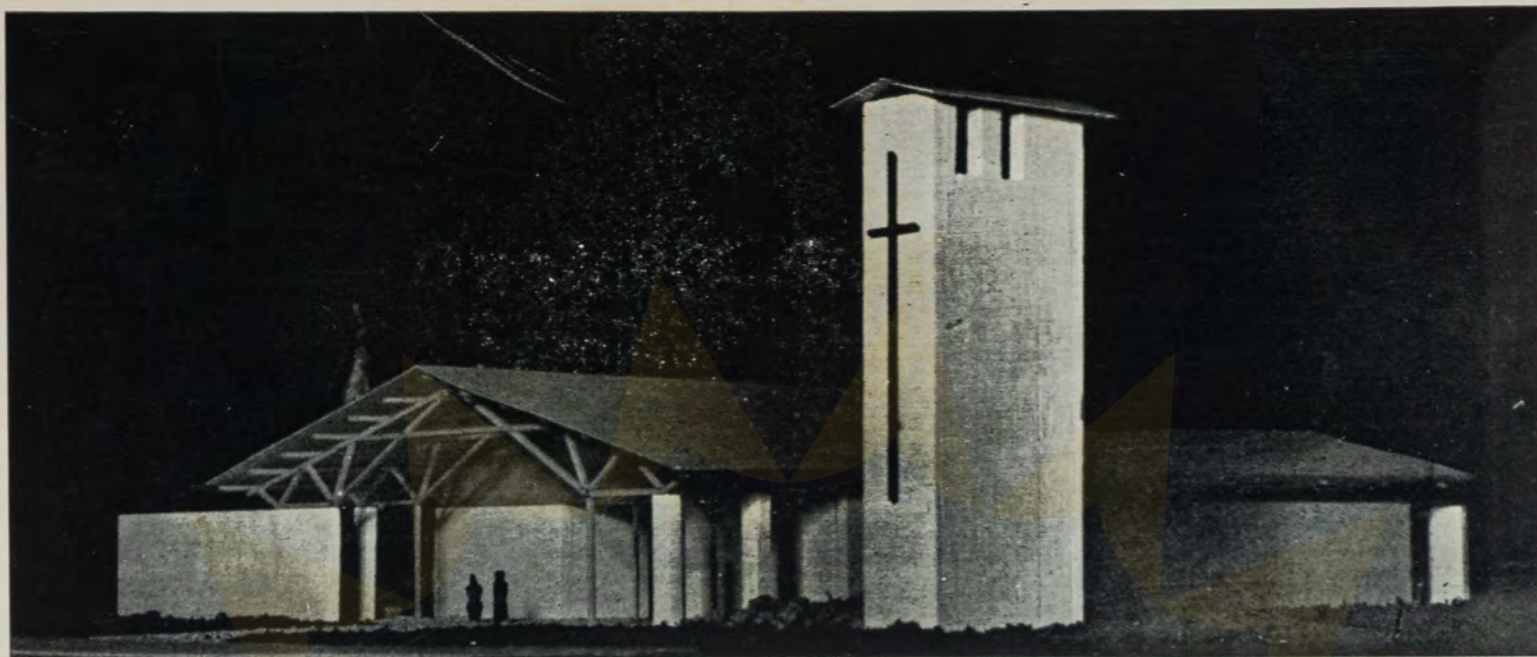


Corte B - B.



Corte C - C.

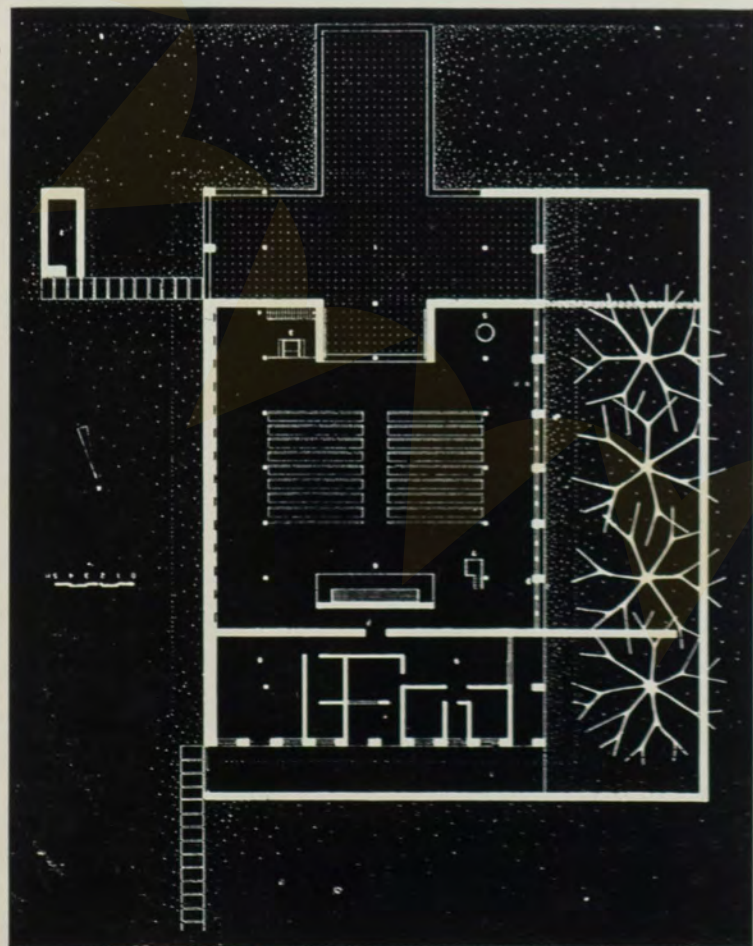
Corte D - D.



Perspectiva da capela a ser construída na praia da Enseada, Guarujá. Suas linhas modernas e severas impõem-se pela discrição.

Capela para o Jardim Virginia, em Guarujá, Est. de S. Paulo

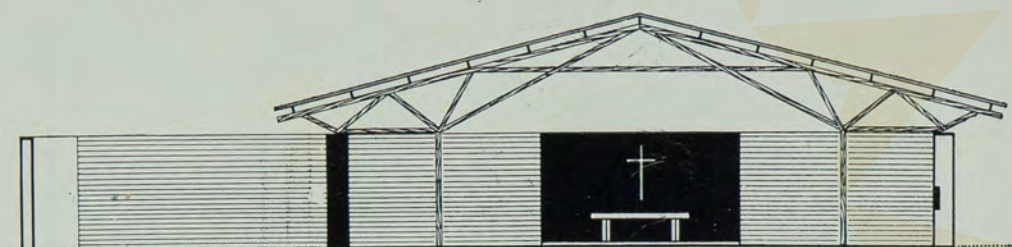
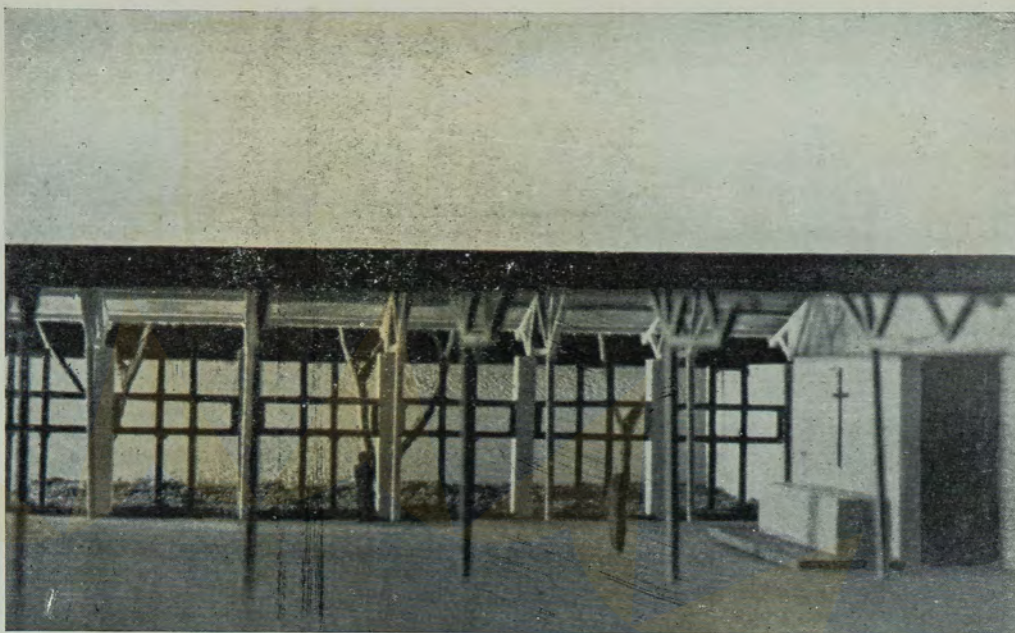
arqs.: Edoardo Rosso, Rodolfo Almeida Fernandes e Yoshimasa Kimachi



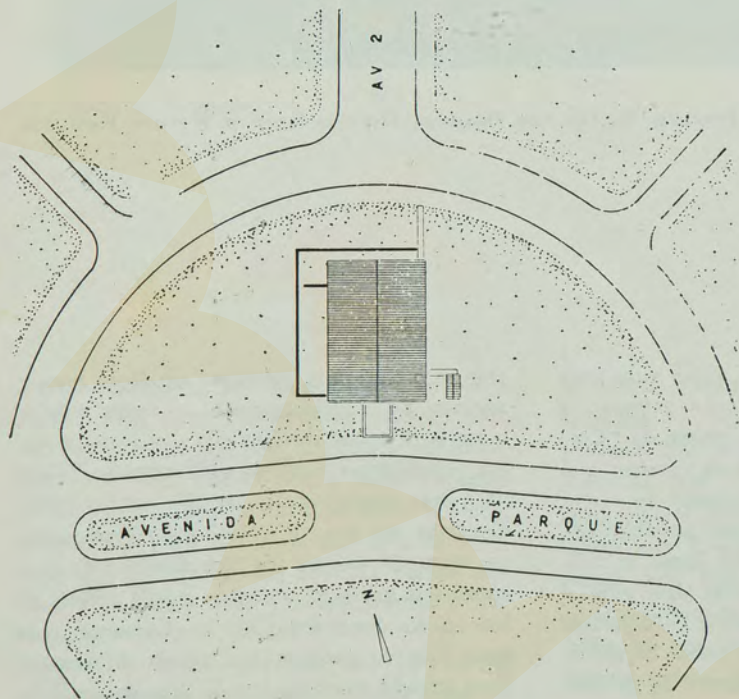
Jovens arquitetos solucionaram, neste caso, um pequeno problema arquitetônico com notável adequação de programa e partido. Na praia da Enseada, em Guarujá, vai ser construída uma capela para abrigar 200 pessoas, no máximo, em suas atividades religiosas. Os arquitetos buscaram ficar dentro de uma possibilidade de construção econômica, observadas as condições locais. Os brancos muros de alvenaria têm uma altura de quatro metros. Protegem a capela por todos os lados. A construção colocada retangularmente abre um dos seus lados para um pátio interno, como o demonstra a planta e a própria maqueta o assinala. Ao lado esquerdo da frente ergue-se autônoma a torre do campanário. A cobertura é toda em estrutura de madeira, pré-fabricada, para montagem no local. Essa estrutura e a alvenaria não requererão mais do que a mão de obra local, dado que é muito difícil deslocar trabalhadores em construção civil para a Enseada, no Guarujá. Assim a construção evitará o uso de mão de obra especializada, o que reverterá em benefício de maior economia. Todas as precauções de resistência aos ventos foram tomadas ali, para que não se dêem acidentes desagradáveis. As telhas serão, possivelmente, todas amarradas. A resultante plástica possui uma simplicidade tocante. No interior, na foto que assinalamos com uma legenda, conseguiram os arquitetos tramar com a própria imagem da cruz uma decoração singela e de grande efeito. Este projeto, apresentado no 21.º Salão Paulista de Belas Artes do ano passado, obteve o Prêmio Governador do Estado.

- 1 Atrio.
- 2 Campanário.
- 3 Confessionário.
- 4 Acesso ao Cór.
- 5 Pia Batismal.
- 6 Altar.
- 7 Púlpito.
- 8 Sacristia.
- 9 Apto. do zelador.

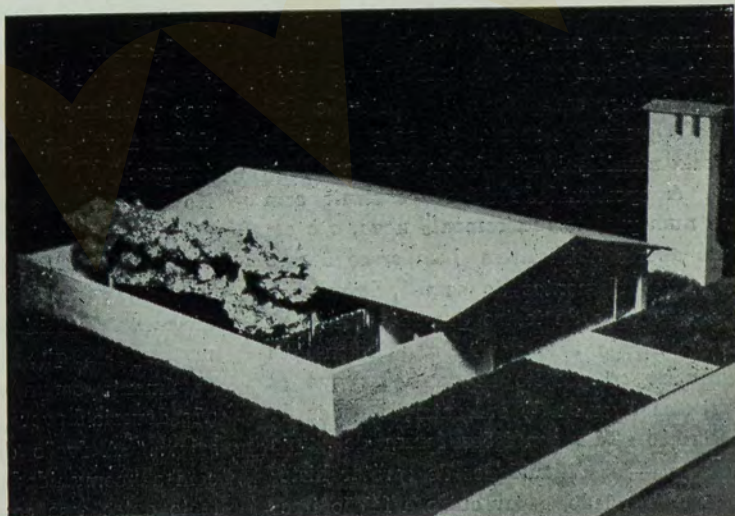
No interior da capela, um excelente efeito decorativo iconográfico foi obtido com a trama de madeira lateralmente, para o pátio, em que o desenho da cruz é repetido em continuidade.



Corte transversal.



Planta de situação.



Duas fotos da maquete, sob outros ângulos, sendo a do alto situada na própria paisagem.



Novo Teatro Municipal em Münster, Alemanha

arqs.: Harald Deilmann, M. Cl. von Hausen, Ortwin Rave e Werner Ruhнау

Há um ano foi inaugurado o primeiro novo teatro construído na Alemanha depois da segunda guerra mundial, a nova casa de espetáculos de Münster. Esse novo Teatro Municipal tem sido objeto de generalizada atenção, tendo tido, por parte do público, uma acolhida excepcional.

A construção do edifício foi rápida — estendeu-se por um período de apenas vinte meses, em local anteriormente ocupado pelo antigo teatro, completamente destruído durante a guerra, ao mesmo tempo que a antiga sala municipal, situada na “velha Münster”. A oportunidade de se construir com base num projeto inteiramente novo, e o espírito aberto à iniciativa, bem como a confiança dos elementos do comitê, levaram a uma concepção de teatro que se revestiu de um significado todo particular. Deram esse significado ao projeto as condições que os arquitetos tiveram de enfrentar, a partir da localização. Tais condições foram de dupla natureza — as dificuldades de caráter histórico, por um lado, e por outro a feição irre-

gular do terreno, de esquina, entre duas ruas que o restringem. A construção anterior, o desejo de se conservarem as ruínas da “Corte Romberg” e, com elas, duas árvores que contam duzentos anos, a existência do teatro provisório que ainda oferecia possibilidade de uso, e que fora erigido no lugar do “foyer” do antigo Teatro Municipal destruído, e ainda a referência de tratamento paisagístico, constante de três igrejas de valor histórico, nas vizinhanças, foram os fatores de dificuldades a vencer, além da citada situação do terreno.

No programa, a nova casa de espetáculos devia ser planejada para servir, ao mesmo tempo, à ópera, opereta, às peças teatrais e para concertos. A única condição imposta por Hermann Wedekind, administrador do teatro no tempo em que se lançou a idéia, cargo que atualmente ocupa em Basileia, era de que não deveria haver “nenhuma parede nua na sala...” A fusão da massa de espectadores com a “comunidade teatral”, o estreito contacto entre essa comunidade, assim estabele-

cido, e o conjunto, principal condição para o sucesso do funcionamento — constituía o tema para a boa distribuição dos lugares numa organização adequada do espaço. Visando a essa condicionante, os 960 lugares foram dispostos em uma platéia elevada em forma de arena (a última fila fica distante do palco apenas quatorze metros), e três ordens de balcões se dispuseram estrategicamente, com suas filas de cadeiras em níveis diferentes. Essa solução permite a cada espectador avistar livremente toda a sala, ao mesmo tempo que reciprocamente todos os frequentadores se vêem uns ao alcance do olhar dos outros, o que corresponde muito ao desejo de exibição e mútuo exame que os espectadores trazem consigo, enquanto o conjunto se integra livremente na sala, pois defronta somente outras pessoas, como desejava Wedekind, e não com paredes nuas. As paredes da sala, que funcionam também como proteção contra distrações óticas ou acústicas do interior ou do exterior, respectivamente, foram pintadas de preto. Esse fundo não im-



Planta de situação.

pede a atmosfera festiva proporcionada pelo público, em alegre expectativa, quanto pela luz das mil e duzentas lâmpadas do forro, que delimitam, ôticamente, a parte superior da sala e impedem a vista do próprio forro, aproveitado para um prolongamento de equipamentos acústicos, com as suas várias instalações, visando quer a acústica quer a iluminação.

As escadas foram, por sua vez, planejadas ao redor da sala em forma circular como se pode ler na planta, e ligam em diversos níveis internos o vestiário, que se acha na linha térrea, e o "foyer", localizado no primeiro pavimento. A disposição se diferencia, fundamentalmente, da disposição destituída de fins, de outras casas de espetáculos, em que as escadas não vão além de sua própria função. O seu planejamento foi objeto de estudos de que participaram elementos técnicos e informativos alheios aos demais pontos do projeto.

Quanto ao palco, incluíram-se nele todos os recursos modernamente empregados, mas não

se lhe aplicaram aparatos mecânicos desnecessários ou dispensáveis. Estão sendo completados três palcos móveis, sendo um deles giratório, com 45 cenários embutidos, e um palco móvel para o regente. A planta da iluminação é controlada por meio de canos eletrônicos. Entre as diversas instalações cabe mencionar os dispositivos eletro-acústicos. Aliás, os problemas acústicos da sala, destinada a tantos usos diferenciados, foram resolvidos com um sistema de ressonância regulável, de acordo com a representação corrente, ópera ou peça de teatro. Por via experimental, foram estudados muitos recursos acústicos a se aplicarem, tendo sido construído um modelo de sala interna, todo espelhado e reproduzindo as ondas acústicas em fortes concentrações. Tornou-se, dessa maneira, possível melhorar ainda mais esses resultados, durante a construção do teatro. Na eventualidade não prevista de qualquer alteração na nitidez, tonalidade e ressonância, tomou-se a precaução de localizar-se, em bai-

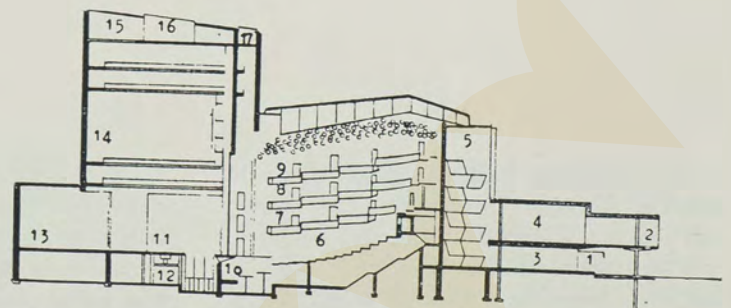
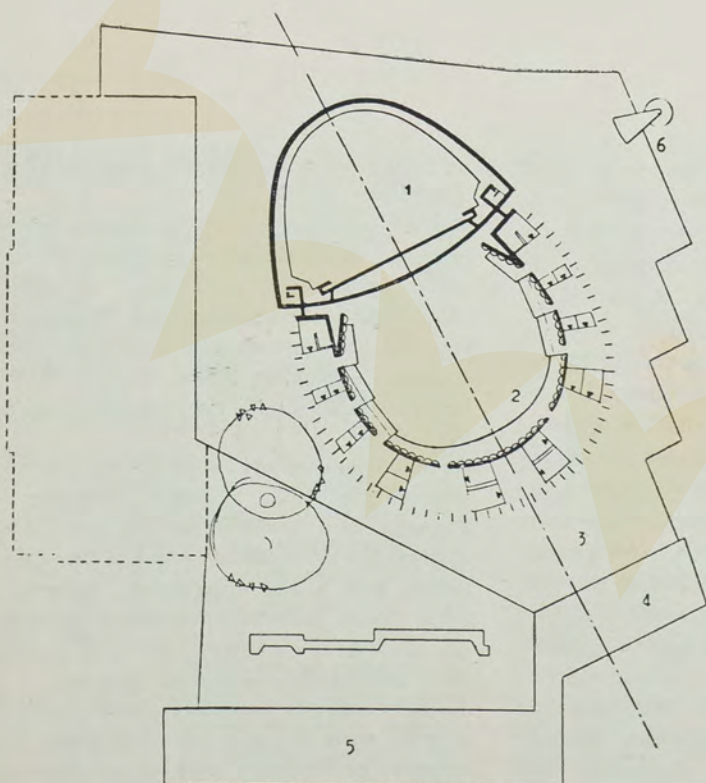
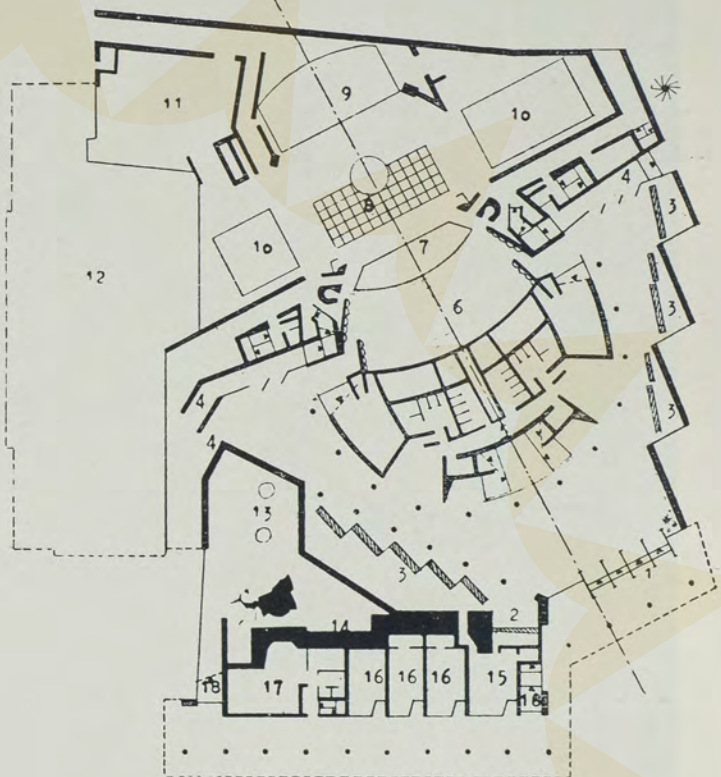
xo de um dos palcos laterais, uma caixa harmonizadora, de 200 m³.

Ainda quanto aos pormenores técnicos, visouse a uma instalação de ar condicionado, com ventilação de baixo para cima. Os vestiários, "foyer" e corredores, têm temperatura regulada por meio de um sistema de aquecimento colocado no chão e no forro, distribuído ainda e incluído no próprio sistema de ventilação.

Os materiais empregados para o revestimento exterior são vitrais, mosaicos vidrados de Florença, com acabamentos em que foram empregados mármore de Carrara. Esses materiais, com a sua durabilidade, nobreza e cores alegres, harmonizam-se com a organização circular da construção, refletindo a agradável ambientação dos espaços internos. As diferenças tão acusadas, visíveis do lado externo, entre os vários corpos do teatro que agrupam as diferentes salas, acham-se entretanto, bem inseridas no paisagismo da "velha Münster", de proporções reduzidíssimas, que envolvem este notável edifício.

- 1 Saguão
- 2 Sala de fumar
- 3 Restaurante
- 4 Copa
- 5 Ruínas da «Corte Romberg»
- 6 Pátio com árvores
- 7 Saídas de emergência
- 8 Platéia
- 9 Painel de manobra da iluminação
- 10 Entrada balcão nobre
- 11 Entrada segundos lugares da platéia
- 12 Entrada terceiros lugares da platéia
- 13 Escadaria nobre

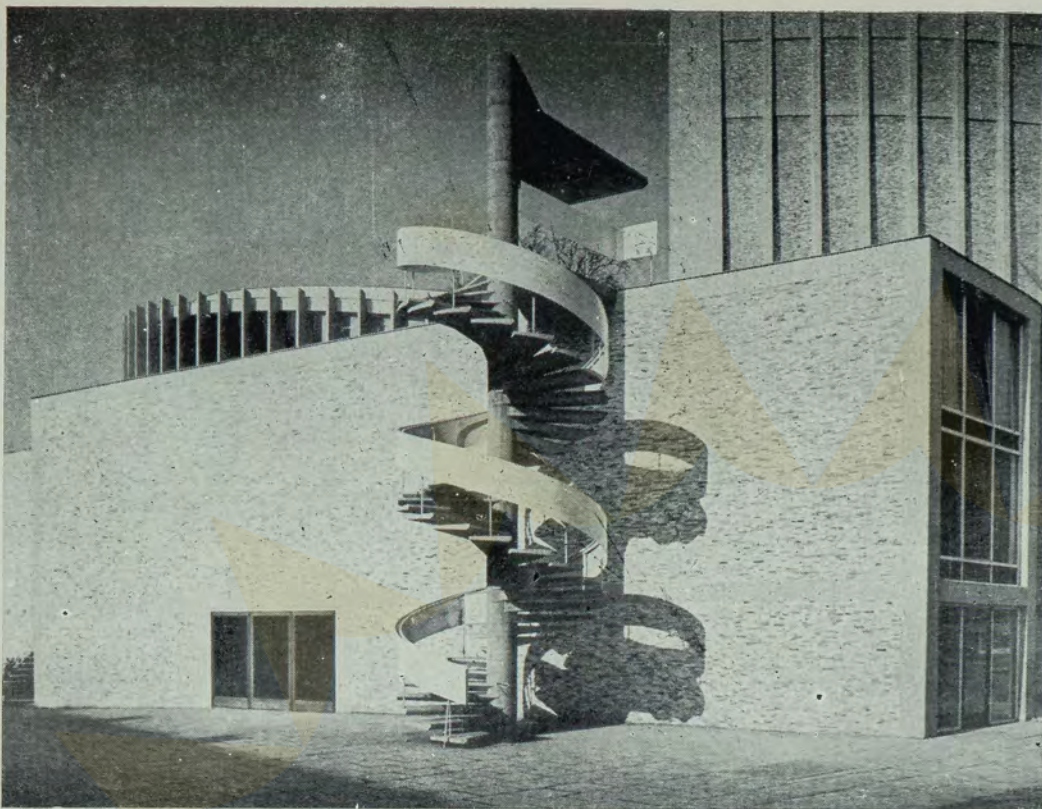
- 1 Entrada de ar
- 2 Caixa que funciona à noite
- 3 Vestiário
- 4 Saída de emergência
- 5 Lavatórios
- 6 Platéia
- 7 Caixa da orquestra
- 8 Palco principal
- 9 Palco do fundo
- 10 Palcos laterais
- 11 Almoxarifado
- 12 Antiga construção (transformada em oficinas e vestiário dos artistas)
- 13 Árvores
- 14 Ruínas
- 15 Caixa diurna
- 16 Lojas
- 17 Cozinha
- 18 Subida ao pátio interno



- 1 Entrada de ar
- 2 Sala de fumar
- 3 Pavimento do vestiário
- 4 Saguão
- 5 Escadaria nobre
- 6 Platéia
- 7 Balcão nobre
- 8 II Balcão
- 9 III Balcão

- 10 Caixa da orquestra
- 11 Palco principal
- 12 Palco inferior
- 13 Palco do fundo
- 14 Torre do palco
- 15 Pavimento do comando do palco
- 16 Ventilação do palco
- 17 Ventilação da sala

- 1 Torre do palco
- 2 III Balcão
- 3 Teto do saguão
- 4 Teto da sala de fumar
- 5 Teto do restaurante
- 6 Escada de emergência



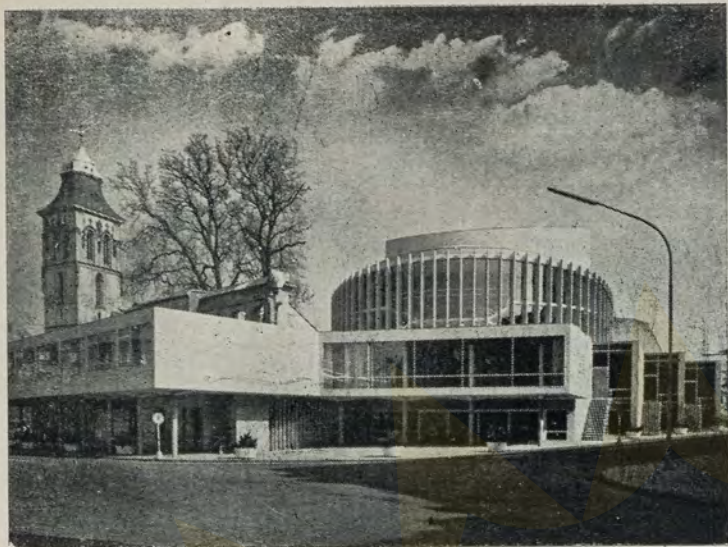
Vista do lado sul com escada em espiral, de emergência, construída em cimento armado, pre-fabricado, revestindo-se o parapeito com folhas de aço. Vê-se uma pequena parte da parede externa do auditório.



Escadas laterais de acesso às localidades do foyer.



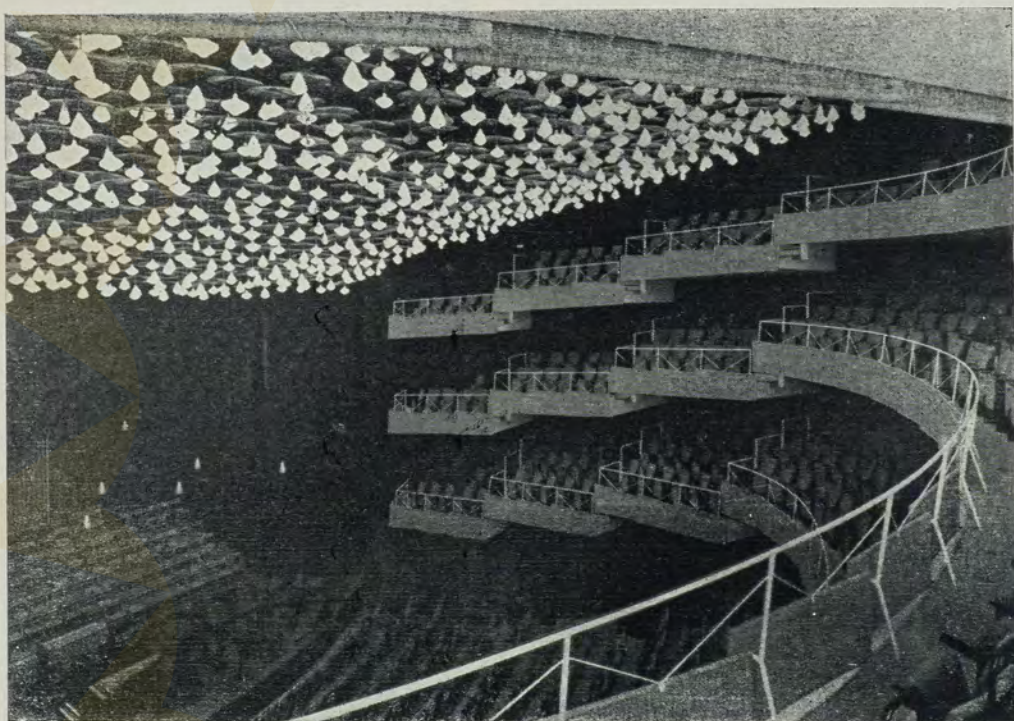
Vista da terceira ordem de lugares, vendo-se em baixo a orquestra. A visibilidade com a iluminação servida por lâmpadas de formas diversas fica neste caso completa.



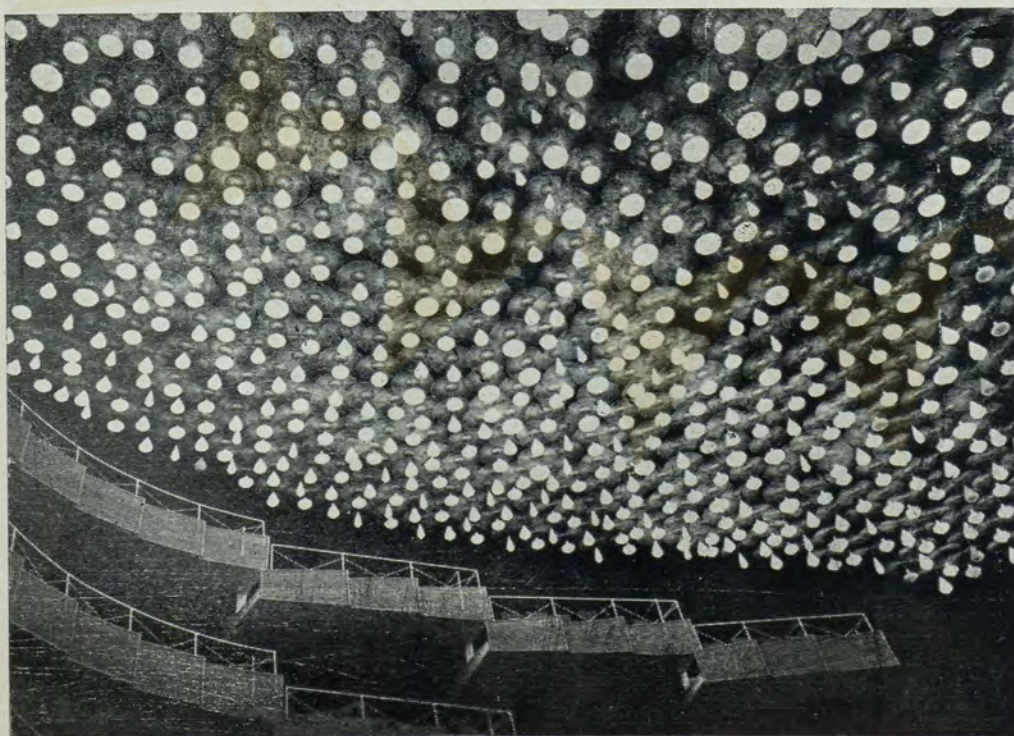
Lado oeste da Heubrukenstrasse com a entrada principal do teatro. À esquerda a igreja Martini, vendo-se as ruínas restauradas da construção Romberger.



Vista da ala esquerda do foyer.



Dois pormenores do interior do auditório, vendo-se uma parte das localidades e ao fundo, em baixo, o lugar da orquestra. A iluminação é profusa, graças às 1.200 lâmpadas.





Perspectiva do projeto do Hotel para Assunção. 1.º prêmio do Concurso do Instituto de Previdência Social — Pleno aproveitamento da construção com todas as vantagens de uso, privado para os hóspedes, público para o povo.

Um projeto paulista vence um concurso

arqs.: Rubens G. C. Viana
Adolfo Rubio Morales
Ricardo Sievers

Acontecimento, sem dúvida, muito significativo, o da vitória de um projeto brasileiro em Assunção, no Paraguai, no concurso internacional para o Grande Hotel que o Instituto de Previdência Social mandará construir, naquela capital. Significativo o resultado porque a arquitetura brasileira encontra, mediante esse projeto, um âmbito em que lançar os seus marcos fora do país, por um lado; mas, por outro, significativo porque o exemplo deve frutificar, e devemos ter confiança em nós mesmos e confiança nos concursos. É preciso, pois, que os novos arquitetos não considerem a distância que os separa dos medalhões consagrados, distância que não existe, porque é aos moços que cabe ir para diante, conseguindo mais do que os outros conseguiram, e será, precisamente, na experiência estimulante dos concursos, nacionais e internacionais, que essa marcha para o futuro tem de ser aberta. Certamente, há fatos recentes, fatos presentes, que são desanimadores. Mas há também acontecimentos como este, que estamos comentando, que valem por uma reconquista da fé e do entusiasmo, com que os novos arquitetos devem se armar para cumprir as suas tarefas. O país é imenso, imenso é o território sul-americano, esse continente a despertar e onde cabe construir, em todos os setores, no Brasil e fora do Brasil. Não devemos recuar, nem adotar as lições pessimistas que nos cercam. Há muito o que fazer, e haverá oportunidades que estarão abertas aos que forem honestamente ao seu encontro, imbuídos do conhecimento e da intenção de fazer o melhor... Para este concurso do Grande Hotel de Assunção, concorreram quinze arquitetos do Brasil, sendo seis de São Paulo e nove do Rio de Janeiro; três arquitetos do Chile, três do Peru e três da Argentina; do Paraguai dois e da Bolí-

via, Uruguai e Hungria um de cada país. Na classificação do concurso, verificou-se que os prêmios tinham cabido a dois projetos enviados por equipes do Brasil, um por um grupo chileno e outro por um arquiteto uruguaio. É a seguinte essa classificação:

1.º prêmio - arquitetos Rubens G. C. Viana, Rubio Morales e Ricardo Sievers; 2.º prêmio - arquiteto Jaime Larrain Valdez, com a colaboração dos arquitetos Julian Echeverria, Hernan Manriquez e Frederico Lorca, de Santiago do Chile; 3.º prêmio — arquiteto José de Sousa Reis, do Rio de Janeiro e 4.º prêmio — arquiteto Ruben A. Dufau, de Montevideú.

O concurso e o programa

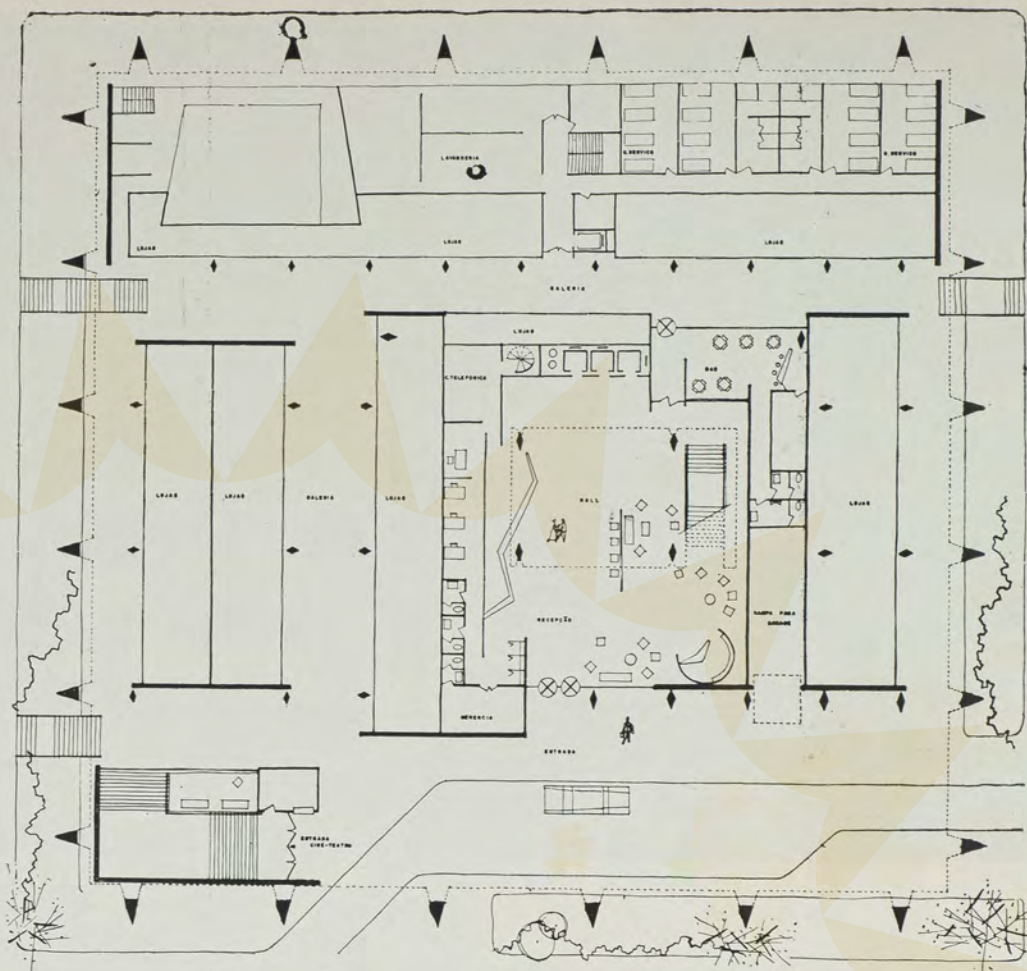
O concurso de ante-projetos tinha por fim um edifício destinado a hotel, a ser construído em Assunção, pelo Instituto de Previdência Social. No exame do programa, porém, a esta simples indicação, sobrepujaram-se outras considerações, que os arquitetos levaram em conta — concluía-se, de fato, através desse programa, que não se tratava apenas de um ante-projeto de hotel, mas de se levantar no ponto central da capital paraguaia, um amplo conjunto que constituísse como que o "core" da cidade, servindo a polarizar atividades vitais na vida social, econômica e cultural de Assunção. De fato, esse conjunto compor-se-ia de uma edificação hoteleira servindo à hospedagem de 300 a 400 pessoas, com seus grandes salões de baile, boite, "grill-room", áreas de exposição, piscina e jardins, além de uma parte funcionalmente independente e que compreendia um centro comercial e um cine-teatro. Todas essas exigências deviam ser preenchidas pelo projeto, e a sua imposição no centro de Assunção deveria servir como que a

marcar um momento da evolução da cidade e do país, centro de atração, coração do aglomerado urbano, marca arquitetônica monumental, portanto. Isto, como é claro, dependeria da originalidade do partido, de sua feição característica, e o preenchimento de todas essas finalidades era, também, inspirador. Foi na decorrência de uma vontade posta a serviço de tal tarefa que o projeto surgiu, mediante um partido que realmente representa alguma coisa de importante na história de nossa arquitetura.

Aspectos do partido

Os arquitetos Rubens Viana, Rubio Morales e Ricardo Sievers ativeram-se a uma dupla solução em altíssimo nível — buscaram um partido em que emparelhassem, numa tensão resolutive, tanto a parte funcional como a expressão plástica, e esta pesquisa os levou à concepção de um conjunto formado por dois corpos perfeitamente definidos, um de sentido horizontal e outro vertical. Na organização do espaço em expansão horizontal foi ocupado praticamente todo o terreno disponível, enquanto, ao mesmo tempo se conseguia o seu desdobramento, em parte, pela plataforma imaginada e sob a qual se acondicionaram as partes do programa que, pelas suas características funcionais, exigiam o acesso fácil do exterior, como o centro comercial e o cine-teatro, a garagem, os diferentes serviços do hotel, a sua parte pública, discriminadamente, os salões de estar, de baile, de reuniões, de exposições, etc. Sobre esta área a plataforma para a qual se transferiu a extensão mesma do terreno, utilizada agora para uma parte ainda social e recreativa, com piscina, jardins, "play-ground". Então, num dado espaço desta plataforma, passaram os arquitetos a situar o corpo verti-

Planta do andar térreo, sob o qual se situa, em subterrâneo, o cine-teatro e garage, fora outras pequenas instalações.

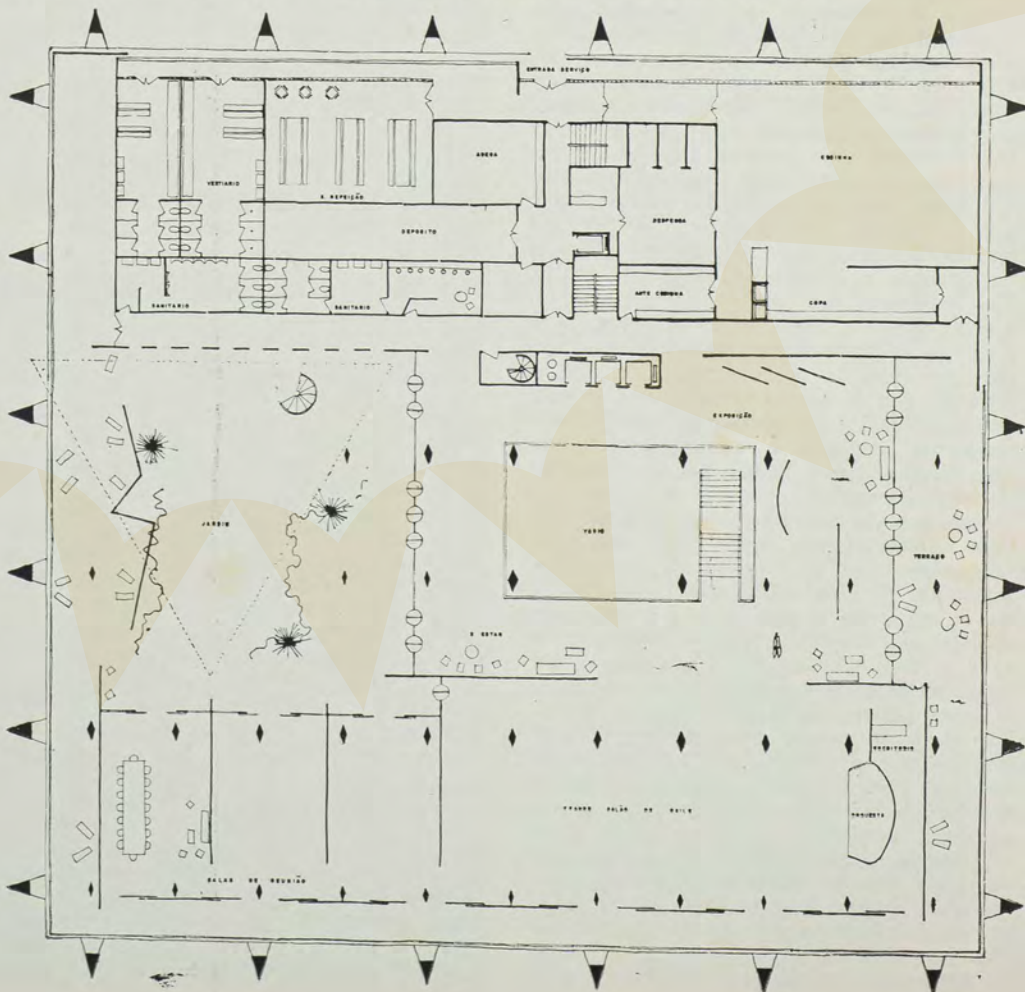


Planta do 1.º andar, situado imediatamente antes da cobertura da plataforma.

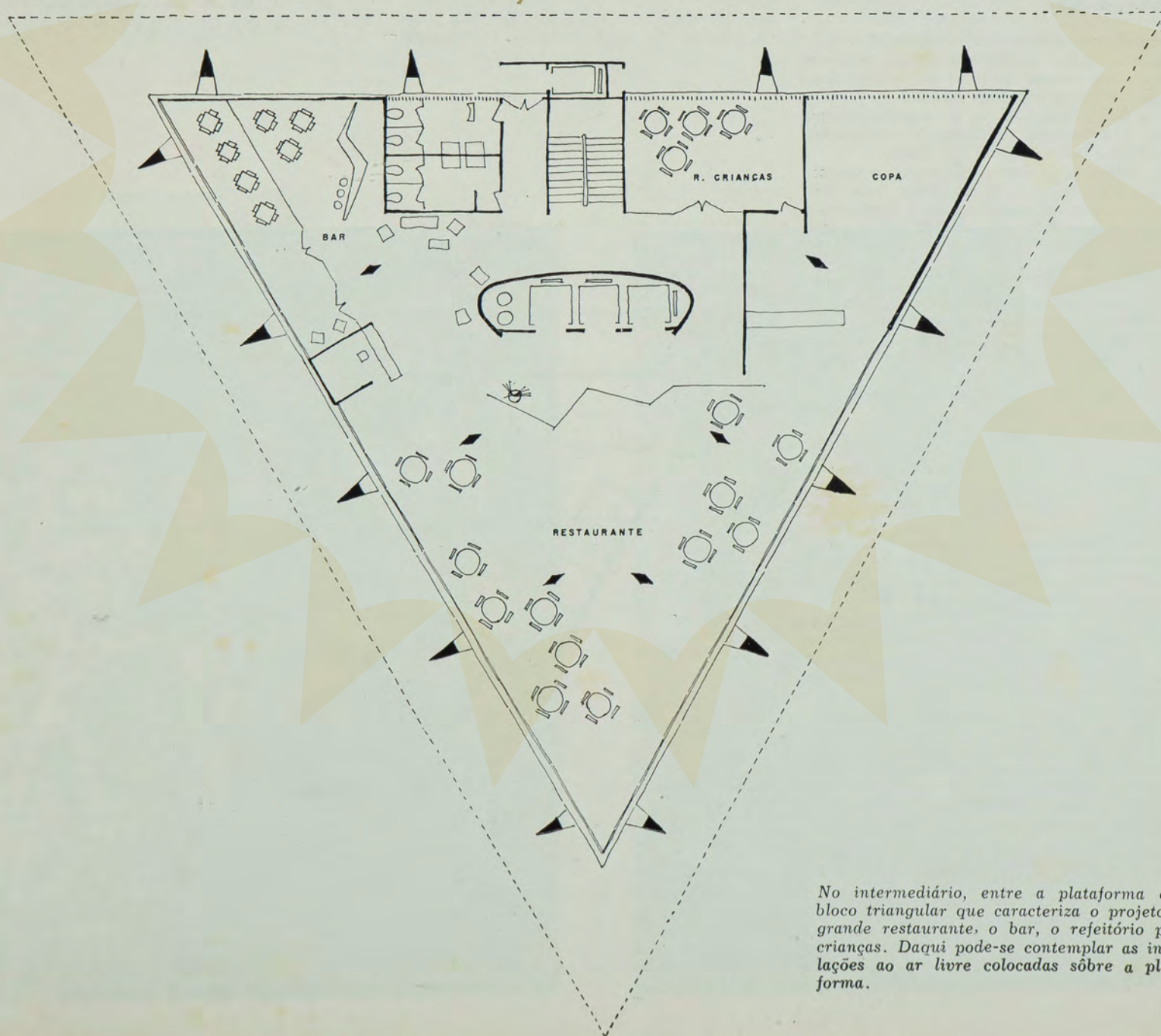
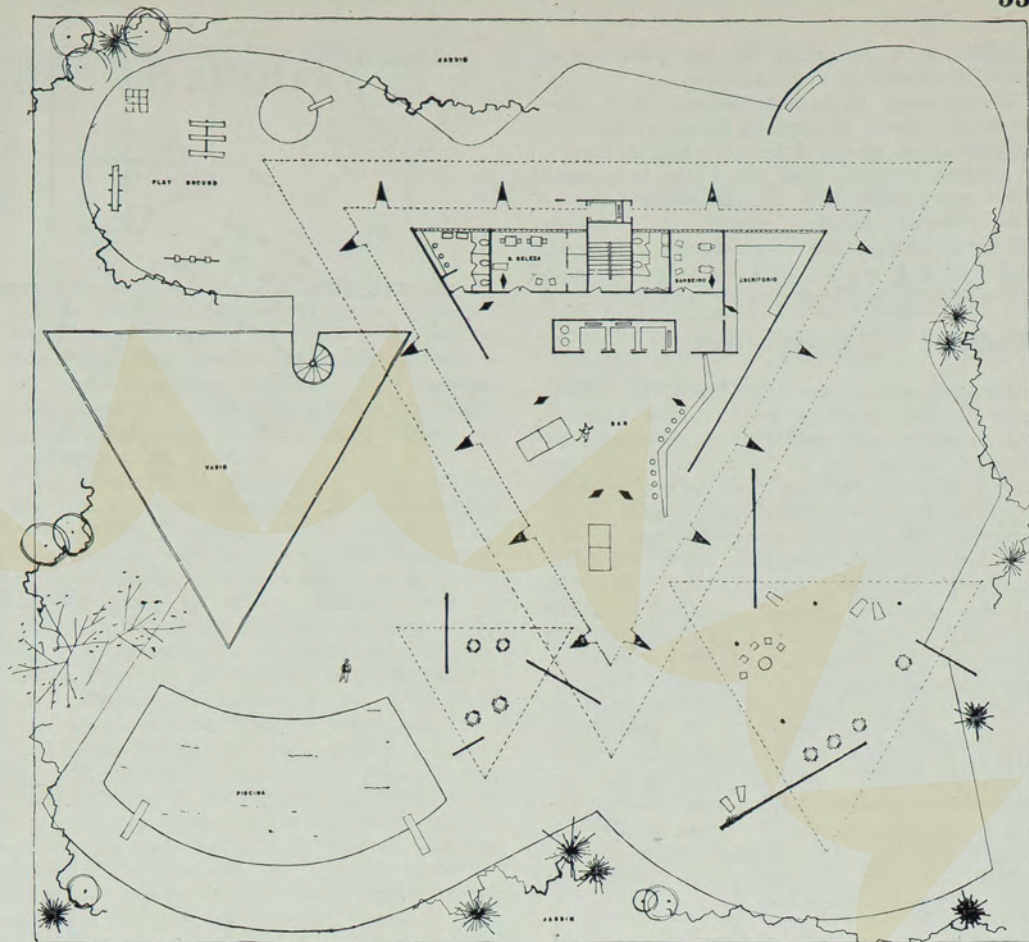
cal do edifício, concebido em base triangular, e que compreende, além das instalações destinadas à permanência dos hóspedes do hotel, à sua moradia, o refeitório íntimo a eles reservado, e, no último andar a "boite". Se esta deve também servir ao público, e a sua ligação com o exterior foi prevista sem interferência para com os frequentadores do hotel, a escolha do ponto teve em vista, principalmente, aproveitar-se a mirrada sobre a cidade, o rio, o panorama mais distante.

Ressalvaram os arquitetos um ponto-de-vista, a saber que a forma do prisma vertical não foi uma consequência forçada de simples aspiração à originalidade, mas resultante direta de fatores funcionais, arquitetônicos e urbanísticos, que julgaram imprescindíveis e que deveriam também caracterizar o projeto, o que se justifica na seguinte ordem de fatores:

- Conseguir-se duas frentes com boa orientação, em lugar de uma só, como seria no caso de um prisma retangular;
- voltar para a praça principal o maior número de apartamentos possível;
- voltar para a praça uma fachada que a apontasse como o mais importante logradouro público de Assunção;
- eliminar dentro do possível os longos corredores de acesso aos seus apartamentos, que são consequência das soluções acadêmicas, em lâminas verticais de base retangular;
- conseguir em substituição a êsses corredores, ocupando a mesma área, um hall de amplitude espacial e grande efeito arquitetônico, de muita utilidade como salão de espera;
- centralizar o serviço de ar condicionado, correndo seus ductos pelo corpo central de



Planta das instalações na superfície da plataforma retangular — jardins, play-ground, piscina, bar.



No intermediário, entre a plataforma e o bloco triangular que caracteriza o projeto, o grande restaurante, o bar, o refeitório para crianças. Daqui pode-se contemplar as instalações ao ar livre colocadas sobre a plataforma.

elevadores e repartindo-se em cada andar para alimentar os apartamentos.

"Tôdas essas vantagens indiscutíveis, afirmam os autores do projeto, foram as que nos induziram a adotar a forma triangular para o prisma vertical, que por outro lado também nos parecia uma solução muito feliz do ponto-de-vista plástico, criando um contraste bastante interessante em referência à horizontalidade e à simplicidade do corpo inferior do conjunto, a plataforma retangular."

A solução dos apartamentos

Adotaram os autores do ante-projeto três tipos de apartamentos na previsão feita — apartamentos que poderiam ser chamados de solteiro, de casal e de luxo, tendo cada andar três destes últimos tipos, o que foi ainda uma solução adequada ao problema dos ângulos. Há em cada andar seis apartamentos para solteiros e dez para casais. Os apartamentos de luxo compreendem vestibulo, sala-de-estar, dormitório, banheiro completo e amplo terraço. Todos os apartamentos, de qualquer tipo, estão voltados para o exterior, não existindo quartos voltados para áreas internas — em sua maior parte se acham orientados para a praça fronteiria. Os apartamentos serão dotados de um sistema de "veneziana-brise-soleil", formado por chapas horizontais de alumínio, capazes de virar segundo o seu eixo horizontal e ser levantadas, permitindo as mais diversas variações no controle de luz, da vista completamente livre até um escurecimento total.

As razões que levaram o Juri a premiar o ante-projeto

Conforme as informações obtidas após o julgamento, o Juri considerou fatores decisivos para a sua decisão, escolhendo o projeto Rubens Viana, os seguintes fatores:

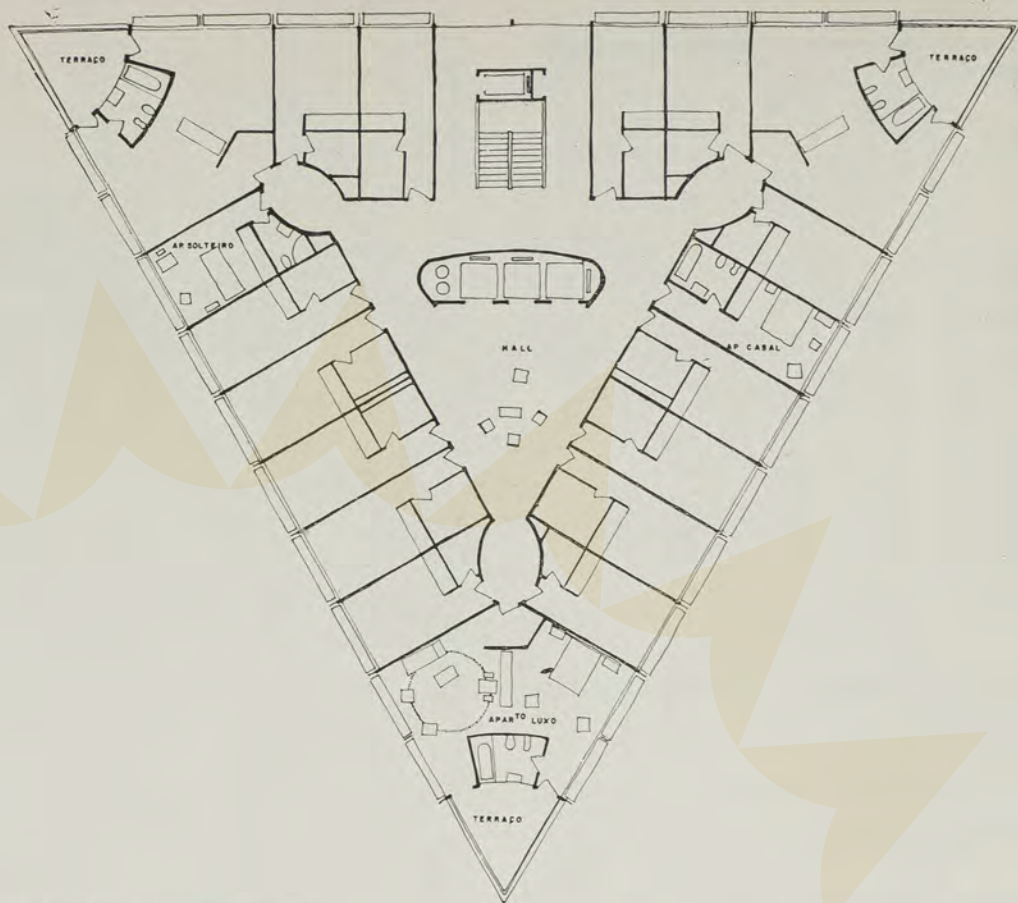
- I) a forma triangular e as suas vantagens para a articulação funcional das instalações destinadas aos hóspedes do hotel;
- II) posição da piscina e dos jardins, vista exterior livre em toda a amplitude, com rendimento máximo portanto para a frequência;
- III) a grande área comercial de lojas, o que foi conseguido pela localização subterrânea do cine-teatro;
- IV) boa situação dos salões com vistas para o parque, utilização diversificada e separada de tôdas as instalações com duplo uso, dos hóspedes do hotel e do público, sem possibilidade de contactos heterogêneos na intimidade da hospedagem;
- V) pureza plástica nitidamente expressa.

Um resulta do plástico

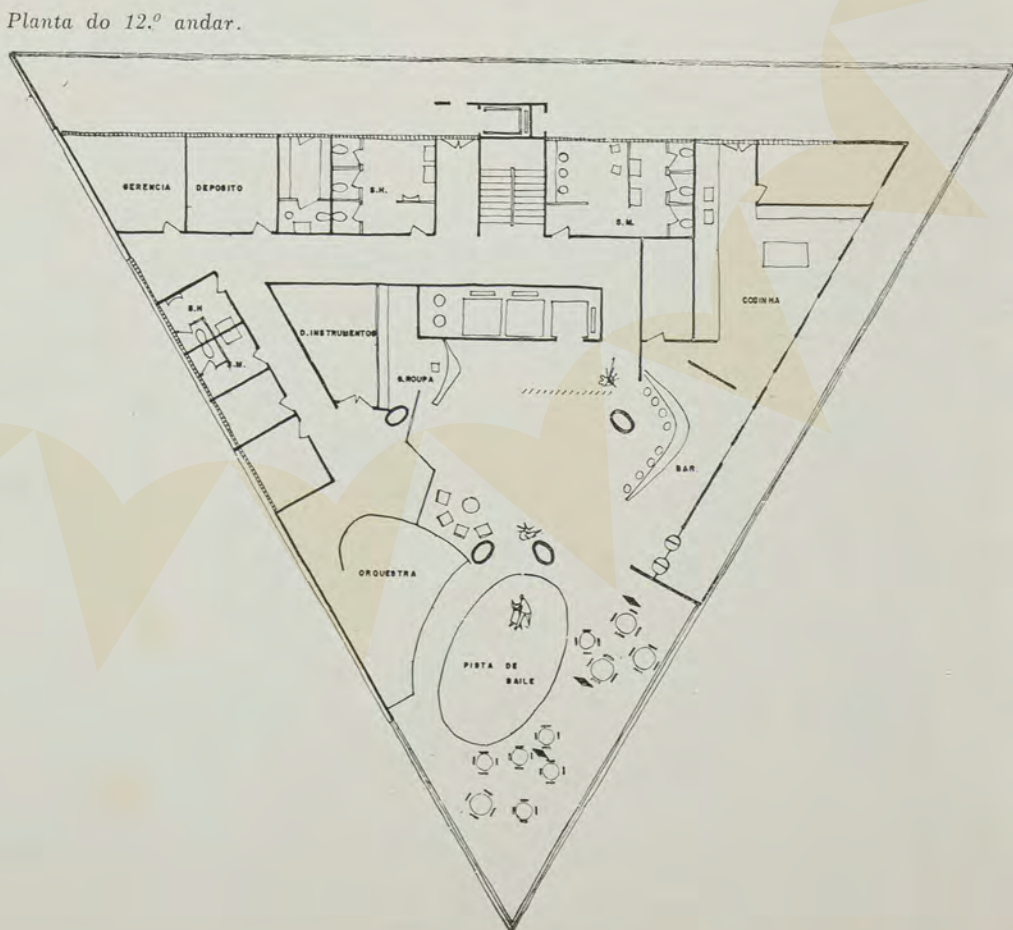
No que respeita a êsse último fator, ou seja a parte plástica do ante-projeto, a solução concebida para partido ensejou apreciável realização. Caracterizar-se-á o edifício pela extrema pureza de duas formas, de dois volumes geométricos, entrosados com extrema dutilidade na sua formulação: o prisma vertical triangular se eleva sobre uma ampla forma horizontal, a que o vidro empresta uma grande transparência, constituindo-se pois o conjunto uma límpida demonstração da síntese definida por Gio Ponti: "l'architettura é un cristallo".

Deve-se, finalmente, acrescentar que sendo o conjunto do hotel, na intenção dos que especificaram as condições do concurso, destinado a marcar o futuro "coração da cidade", o resultado do projeto irá formar, naturalmente, com as construções existentes, o desejável contraste plástico, de modo a acentuar mais ainda a sua posição imponente na paisagem arquitetônica e urbanística que compõe a cidade capital paraguaia.

Uma exposição dos projetos foi feita no Instituto de Previsão Social, devendo a seguir ser efetuada outra exposição, dado o interesse pelo concurso, em um ponto central de Assunção.



Planta do 4.º ao 11.º andar.



Planta do 12.º andar.

O concretista Lothar Charoux

José Geraldo Vieira

O currículo artístico de Lothar Charoux — esse vienense que em 1928 veio para São Paulo com dezesseis anos — é o exemplo do itinerário de muitos artistas que na juventude optam por uma carreira mas que na vida prática acabam enveredando por outro rumo. Sobrinho de um célebre escultor austríaco ora radicado em Londres, Lothar Charoux sempre desejou ser escultor sem que até hoje, já amadurecido e consciente em artes gráficas e plásticas, tenha realizado o sonho da meninice de organizar um ateliê de escultura com peças monumentais e instalações que fariam inveja a Naum Gago e Pevsner...

Não constitui isso jamais um drama de malôgro nem de adiamento, e sim apenas a prova habitual de que na infância os pruridos da vocação escolhem romanticamente uma finalidade, a própria realidade íntima sendo porém, a força que acaba decidindo. Assim é que o jovem estudante vienense ao passar tantas vezes pelo prédio onde existe o maior acervo de desenhos do mundo, a Albertina, se deixou subconscientemente infiltrar por aquelas forças potenciais, mas como reação barroca devaneava ser escultor... devaneio que o persegue até hoje apenas por imposição fundamental de clã, já que na família brilha em Londres um grande escultor.

De fato, sempre com essa idéia fixa teórica, Lothar Charoux passou de mero aluno do curso geral do Liceu de Artes e Ofícios, de São Paulo, a professor de desenho geométrico naquela mesma entidade. Sem querer, transformava a atmosfera gráfica em base, permanecendo no desenho como dentro de um recinto de destino.

Naquele instituto conheceu o prof. Valdemar da Costa e elementos de sua geração, como Maria Leontina. Entrou então na esfera plástica expressionista e foi como pintor que expôs pela primeira vez no Salão do Sindicato dos Artistas Plásticos e participou de outros certames coletivos, como *Os 6 Novíssimos* (no Instituto dos Arquitetos do Rio), *Os 19 Pintores* (em São Paulo), etc. Expôs individualmente no Anjo Azul (no Salvador), na Galeria Piratinina (em São Paulo) e em diversas cidades do interior, tais como Atibaia e São João da Boa Vista. Integrado totalmente nas rodas artísticas do país, tomou parte em exposições coletivas no exterior (Chile), seguiu diversas tendências, pertenceu ao grupo cismático *Ruptura*, participou das diversas Bienais de São Paulo e foi sempre observado pela crítica devido à sua índole marcante. Índole e artesanato que lhe valeram em prêmios de importância a medalha de Ouro do Salão Baiano e o primeiro lugar em desenho no

Prêmio Arte Contemporânea, instituído por Isai Leirner. Hoje, figura exponencial em artes gráficas, ou mais ortodoxamente no desenho de vanguarda, cumpre que lhe estudemos sua evolução.

★

O hábito da iteração, isto é, o vêzo de repetir, satura as diversas escolas literárias e plásticas, tornando-as meras academias. Sobrevêm então, como resultante, dois caminhos: ou o literato e o artista teimam e insistem nessa iteração e nela se radicam, adquirindo uma personalidade e um padrão, ou sentem necessidade de reformar-se, isto é, de inventar algo novo. O temário e o processo de registrar esse temário, quer em novelística, quer em artes visuais, esgotam-se ao cabo de certos períodos (que constituem escolas) e durante os quais se postula uma coerência até se chegar a um signo (o padrão).

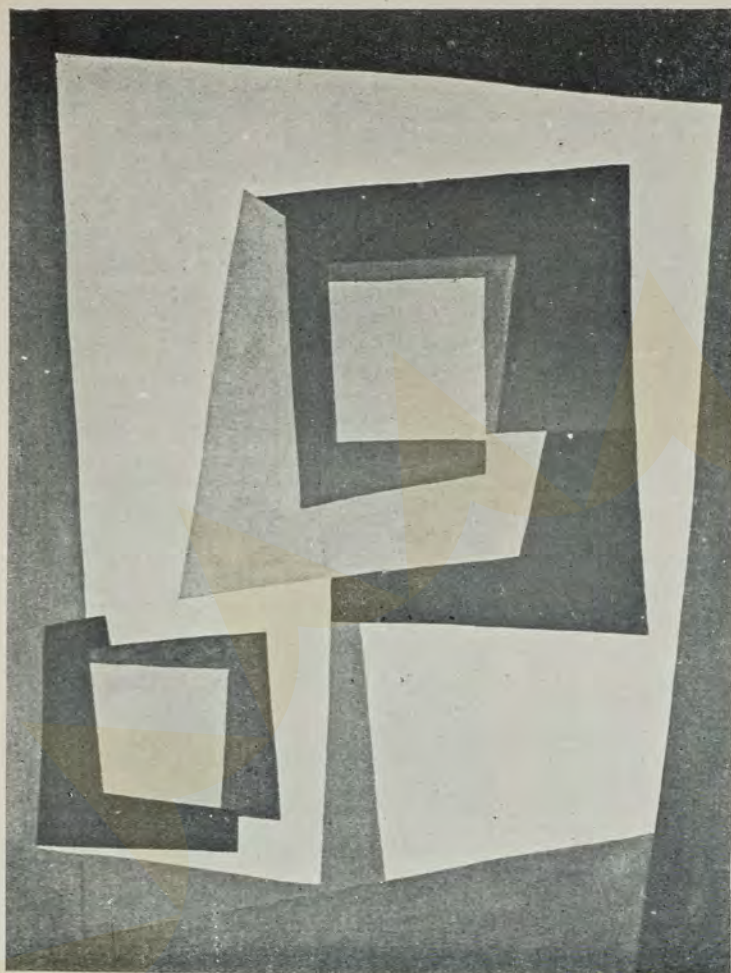
Assim que uma escola atinge sua programação de ápice, há que subir outro lance, buscar outro formalismo radical. Isso tem ocorrido sempre, quer em desenho, gravura, pintura e escultura, quer em poesia e ficção. Temos na história literária e artística as diversas etapas de iteração (ou repetição) divididas pelas linhas verticais de compasso

"Retrato de Maria Leontina", 1946.



"Janela", 1947.





"Composição abstrata", 1950.

"Aquário", 1947.



das experiências eurísticas. (Eurística, todos sabem, é a vontade de inventar, de criar coisa nova).

Tomemos um exemplo conhecido. Tanto se imitou um romance *Mme. Bovary*, de Flaubert, que o sistema, por mais que evoluísse, acabou por se tornar saturado e, portanto, insuportável. E hoje em dia, o romance *Le voyer*, de Alain Robbe Grillet, é o exemplo dessa literatura literal, de revolução, criando uma nova lente dióptrica de se ver a realidade dos fatos e das coisas, das criaturas e dos enredos. Em artes plásticas, o fenômeno da iteração enche museus antigos e modernos. Tanto há iteração no Louvre como no Museu de Arte Moderna de Paris. Tanto há iteração na arte figurativa, no retrato, na paisagem, como em arte abstrata. Esgotam-se de tal forma as possibilidades de evoluir dentro de um alcance de escola rígida, que os reformadores ou pioneiros se aventuram a criar coisas novas, entram pelos caminhos não explorados da eurística.

★

Lothar Charoux é um exemplo desse drama consciente do artista que não se deixou emparedar em sistemas já saturados. Iniciando sua carreira, pintou retratos expressionistas. Na pauta de Soutine, digamos assim. Atento às inovações, percorreu por algum tempo os caminhos comuns por onde passaram muitos dos atuais pintores modernos: o impressionismo, o cubismo, o expressionismo, o purismo, o abstracionismo. Suas telas *A Janela* e *O Aquário*, por exemplo, são típicas dessa passagem através de técnicas e formulações do figurativismo das últimas décadas do século passado e da primeira década deste ano. Lógico que no Brasil a iteração de sistemas expressionistas e cubistas se processou já no comêço da terceira década. Da mesma forma que o abstracionismo, sob o influ-

xo da Escola de Paris, veio depois do influxo dos purismo e futurismo. Não se pode negar o caráter de grande aula prática que tiveram na II Bienal certos movimentos aqui apresentados em retrospectivas formidáveis, do valor e das consequências da exposição coletiva do Armory Show, nos Estados Unidos.

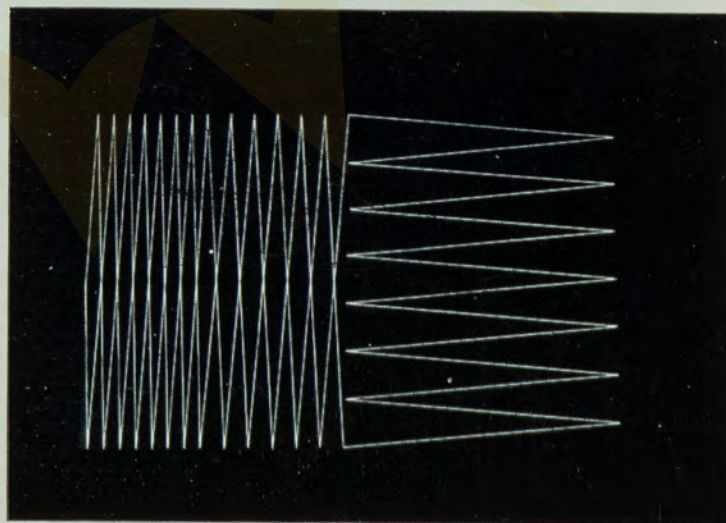
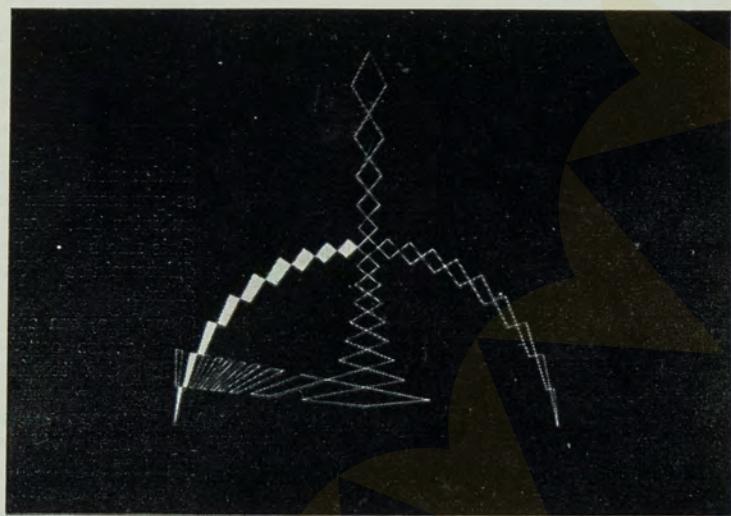
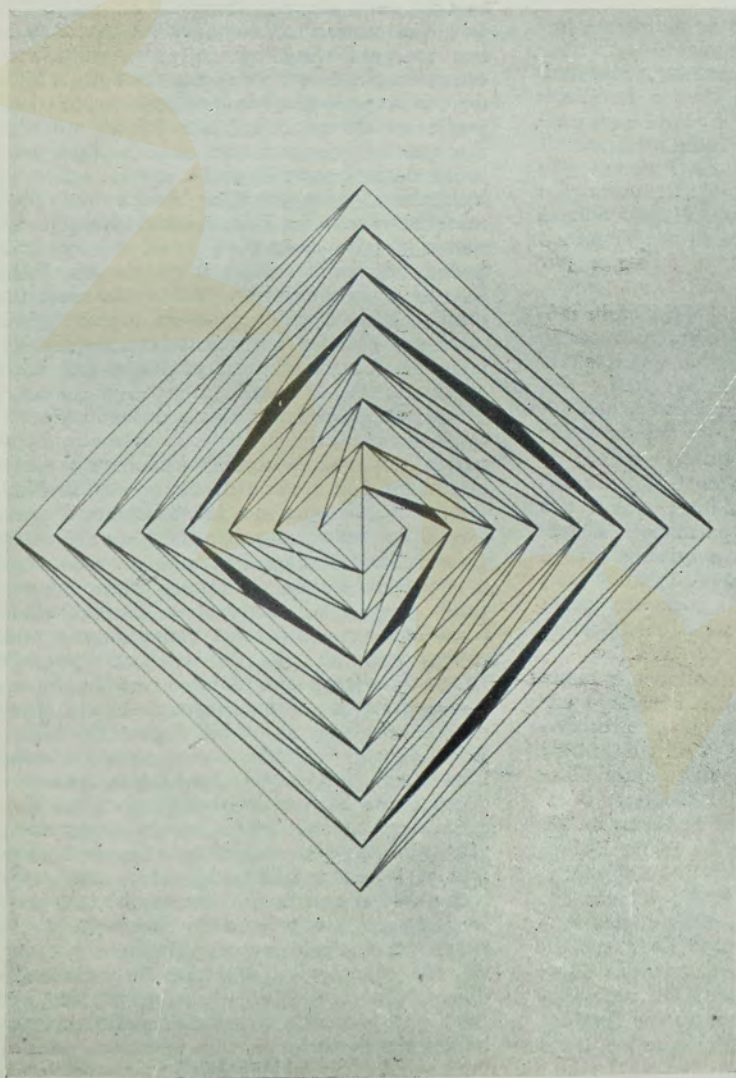
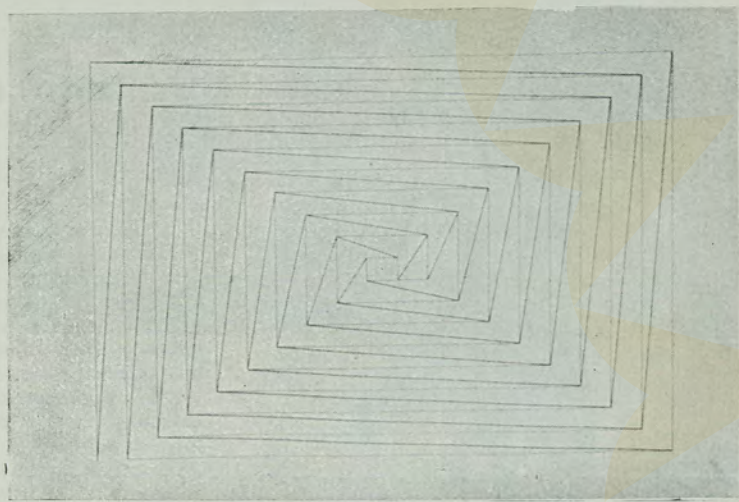
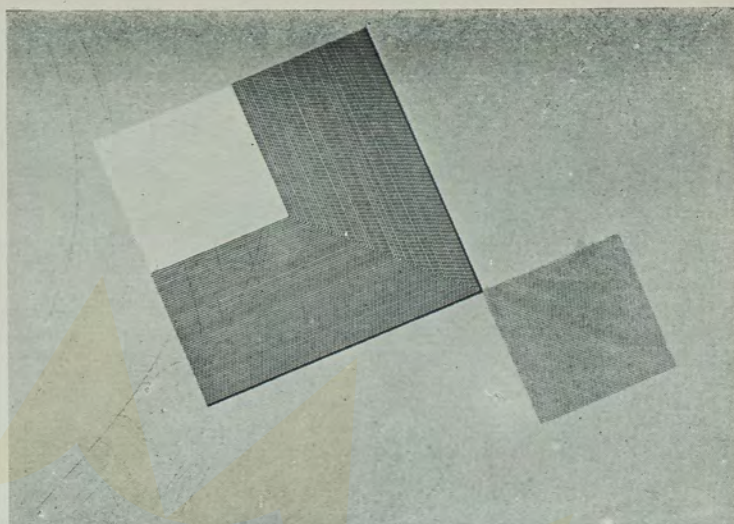
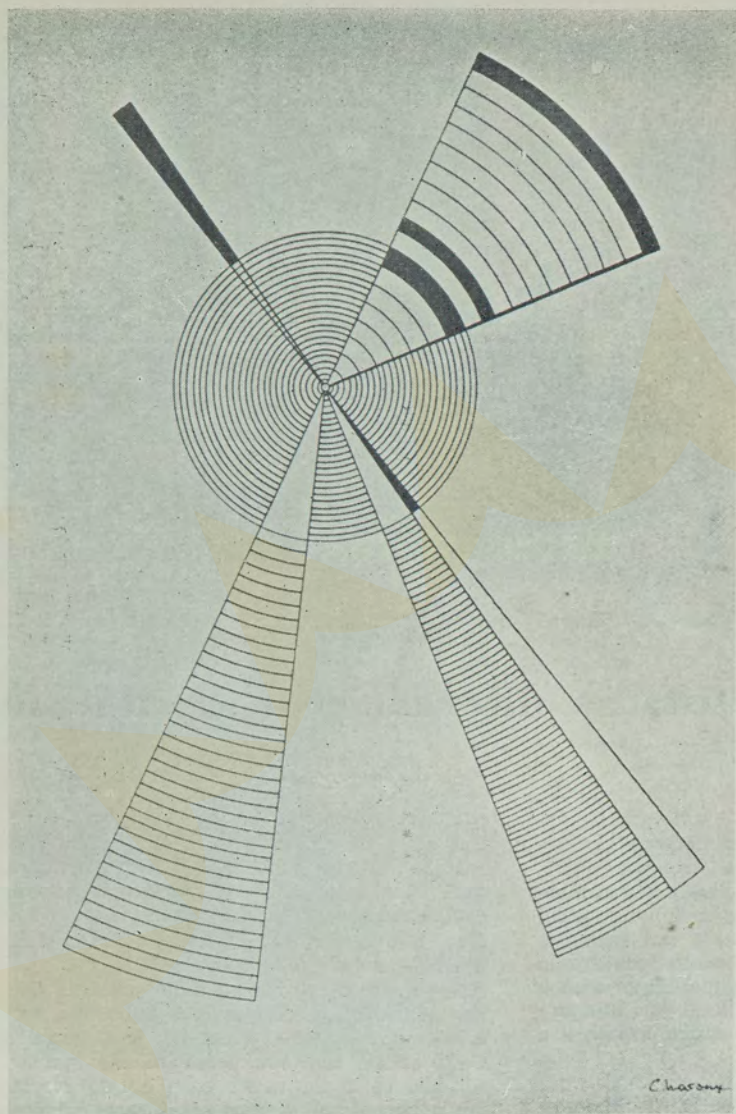
Lothar Charoux passou, portanto, com empenho, escrúpulo e critério, por diversas tendências e fases artesanais e artísticas, de evidente estética já algo saturada.

E chegou ao abstracionismo, não por ânsia de criar algo diferente, mas ainda como solfejo de desteridade, de fatura, composição, partindo do ponto zero. Isto é, largando de vez o retrato, a pintura de paisagem, de interior, e recomeçando a pintura de criação estruturada. Lógico que fizesse seu estágio dentro das pautas do geometrismo de Herbin, Delaunay, Dewasne, etc.

Teria assim, por volta da III Bienal, passado por todas as escalas de produtividade artesanal e por todas as experiências estéticas, tanto as figurativas modernas como as abstracionistas de vanguarda. Mas isso seria ainda um exercício gradual, de ponta a ponta, através de pistas já corridas. Trabalhos, ainda de mera iteração.

O antigo desenhista geométrico, encontrou, finalmente o seu aerodromo para alçar vôo ortodoxo de piloto não mais de provas, mas de trajetórias, no concretismo. O juri que lhe deu uma láurea no Prêmio de Arte Contemporânea como resultado de sua participação no I Salão Nacional de Arte Concreta, não premiou portanto um ousado pioneiro que inventasse uma técnica nova de desenho. Premiou um desenhista que se livrou de todos os seus passaportes já peremptos e tirou *brevet* internacional de eurística. É o que prova sua atual exposição na Petite Galerie, no Rio.

Aquela base manual de desenho geométrico onde Lothar Charoux se soube consolidar desde cedo, lhe valeu como capacitação para, após tantas experiências, recomeçar seu caminho ao sair ainda menino de uma visita demorada ao Albertina em Viena. Mercê disso, pôde o artista iniciar suas variações sobre temas de triângulos, losangos, obtendo desenvolvimentos, posições estáticas e lances dinâmicos que são outros tantos temas de criação. Suas variantes sobre temas lineares, suas soluções aos problemas de espaço e estrutura, suas espirais em posição áurea, suas trajetórias em ritmos e sinfonias dentro de espaços noturnos, negros, onde o seu tira-linhas descreve constelações e percorre segredos de galáxias — tudo isso prova o seguinte: possibilidades ilimitadas de criar em planos chapados elementos gráficos com função plástica de efeito estético belíssimo. E também de alcance social. Pois em meio ao mundo caótico, ao que Victor Chab chama tão bem o descrédito da harmonia e do verdadeiramente estético, os desenhos geométricos de Lothar Charoux provam que o artista deve deixar de ser um automato, permanecer dentro das leis de ritmo e bem-estar da Criação, impor seu critério no plano espacial de auto-criação. Parece-nos que sua arte, ora do mundo industrial, ora do mundo cósmico, aparentemente objetiva e prosaica como síntese de leis equilibradas, também se nutre de mistérios ideológicos e sentimentais, não é mera realização mecânica, coexistindo com a técnica, mas possui algo de mensagem poética, por sua serenidade e por seu contacto com a magia. O antigo aluno de Viena que percorreu todas as iterações como através de um geografia humana, pode proporcionar-nos agora uma perspectiva sobrenatural também, devido aos seus dons de eurística.





Braque, "Os Peixes", escultura, 1955.



Braque, "Charrua", ou "Os Trabalhos e os Dias", escultura, 1937.

Quando o artista se diferencia de si próprio

Manuel Germano

O artista renovador, que interrompe um período artístico histórico e inaugura outro, impõe desde logo a sua técnica e a sua mensagem ou as consegue através duma especial maturação. Tende a vincar a sua maneira, quase a estereotipá-la, para assim constituir o seu padrão; mesmo que se modifique com o tempo e que em sua obra total se distingam diversas fases, o instituto crítico descobre a mão criadora.

Já o artista legítimo porém não renovador geralmente (conforme diz bem M. T. Maugis) "*ne fait que démarque le tableau d'un maître*".

Mesmo certos grupos, como os de alguns impressionistas, como especialmente os cubistas e diversos *fauves*, se acaso ou propositalmente apresentam em sua técnica familiarizações e consanguinidades, é ainda assim fácil distinguir o padrão de cada qual individualmente. As paisagens de Pissarro não se parecem com as de Sisley; as composições cubistas ortodoxas de Braque, Picasso e Juan Gris não se confundem entre si; um Vlaminck diferencia-se dum Marquet; e assim por diante.

O padrão, em arte individual, será certo módulo quase constante de fatura, composição e maneira temática, módulo esse que faz qualquer pessoa afeita às artes visuais distinguir logo um Monet, um Renoir, etc.

Após longa vida de metiê, um artista tende a estereotipizar-se, mesmo quando mercê de disciplina e auto-crítica se modifica de súbito, como no caso de Cézanne; mas a fim de descobrir o artista que permanece apesar de tudo na evolução de seus quadros não é preciso a gente ser um Gustave Geffroy para reencontrar no Cézanne da *natureza-morta com alhos*, de 1900 ainda e sempre o Cézanne de *dois vasos com flores* de 1873.

É comum, numa exposição coletiva e internacional, o leigo avisado adivinhar logo entre uma porção de telas a maneira branca e dicotomizada das telas de Vieira da Silva; os rabiscos das linhas impetuosas de Hartung; o onirismo cândido de Chagall; o estado pueril de Miró; as cores violentas de De Stael; os círculos rotativos de Sônia Delaunay; a Torre Eiffel de seu marido, etc. Mas se um Modigliani se impõe à primeira vista pela côr, pelo retrato, pelas efígies longas tipo Greco, pelos pescoços de garça de suas mulheres, será essa padronização objetiva que o caracteriza sempre? Ou será algo mais, um *quid* especialíssimo, que se fixa em suas telas fazendo-se garantir que se trata de um Modigliani?

Por mais que reconheçamos na fatura geométrica centrípeta de Herbin a sua maneira, será apenas nessa força de gravitação que está enquadrada a sua maneira?

Seja o que fôr, se poderá chamar a base e a atmosfera.

A base será a estrutura fundamental da tela, da escultura, do desenho. A atmosfera será o lirismo, a tragédia, a serenidade, o tumulto. Cada artista tem sua personalidade marcante, que se apoia nessa base e que respira nessa atmosfera. Ambas essas características nos fazem dizer: "Isto é um Soulages; esta tela só pode ser um Magnelli".

Por que motivo, então, às vezes um artista nos ataranta abandonando sua base e sua atmosfera, indo nutrir-se no exótico, saindo de sua experiência, do seu temário, do seu jardim ou da sua selva, para iniciar um atalho que não chega a ser caminho, que não passa de um infundíbulo?

Vejamos alguns exemplos dessas fases domingueiras ou digamos mesmo bissextas de certos grandes artistas.

Todos nós conhecemos o estágio atual de Braque, após o cubismo. Todos nós o conhecemos pintor. É a disciplina em pessoa, o humanismo plástico mais ortodoxo depois de Cézanne. Como explicar, portanto, que indo algum de nós à Galeria Maeght, por exemplo, e mesmo estando ciente da evolução relativa de Braque, não adivinhemos que esses peixes escuros, esculpidos áridamente como se fôssem de um poço do Saara são de Braque e de Braque de 1955? Como é que, diante de uma fotografia feita por Denise Colomb, onde se ostenta uma charrua com o respectivo cavalo, admitimos logicamente o título grego mas universal de *Os Trabalhos e os Dias*, mas não nos passa sequer pela cabeça que se trata de uma escultura de Braque realizada em 1937?

Estamos fartos de brincar mentalmente com o mundo onírico e pueril do catalão Miró. Seu universo rupestre nada tem do mundo intelectual de Klee. De forma que, conhecedores dessa base e dessa atmosfera em que se alicerça e ao mesmo tempo se expande Miró, temos que estranhar suas cerâmicas atuais. Serão um caminho novo, um outro rumo que o artista está seguindo?

Não. É o gesto reflexo de saturação de si mesmo, a vontade incoercível de se diferenciar de si próprio. A ânsia da disponibilidade gideana, o desejo de respirar num ar livre que não o do seu ateliê confinado pelo hábito da desteridade. De maneira que vemos o plácido e aldeão Miró vagar por uma



Miró, Cerâmicas exóticas.

África que já nem é muçulmana nem arábica e nem espanhola, mas das selvas independentes.

Todos nós conhecemos o lirismo das telas de Kandinsky, aquele padrão que prolifera como um Tratado de Histologia Poética, digamos assim, e que ficou estereotipado na sua primeira grande exposição em Paris na Galeria Drouin, em 1946. Mas eis que nesse mesmo ano, na exposição na Fundação Guggenheim em Nova York, aparecem telas circulares, onde há em Kandinsky russo algo do bem eslavo Chagall na síntese; algo de Delaunay antigo e algo de um consórcio entre cubismo e purismo.

E eis que as exposições ulteriores reafirmam o antigo Kandinsky. Como a última exposição de Braque reafirma o antigo Braque. Logo, a rotina artesanal quando cansa o artista, o obriga a divagar, a evadir-se a fim de verificar se há saturação e despedida das maneiras antigas e procura de novo rumo; ou se convém voltar, pois o instinto e a consciência lhe afirmam categoricamente que o seu padrão é e continua sendo certo.

Podemos assim, considerar base, num artista, a sua obra impregnada de maneira constante, repisada, dentro de uma disciplina estoica até encontrar sua mensagem e distribuí-la em telas e esculturas que seriam outras tantas encíclicas da sua estética. E podemos considerar atmosfera a possibilidade oxigenada dessa arte viver, respirar nessa ambiência específica. De modo que a base quase não muda nunca. É nos artistas aquela coerência artesanal que existe nas repetições plásticas de Raoul Ubac, fazendo qualquer visitante de exposições reconhecê-lo incontinenti entre centenas de outras esculturas. E atmosfera será aquela possibilidade movel de aventurar-se por outros atalhos, como no *Sillage du Cygne* de Prassinos, onde o visitante vê, nas águas trêmulas, que por ali passou de fato uma mensagem de Lohengrin.

Kandinsky, "Círculo negro", 1946.

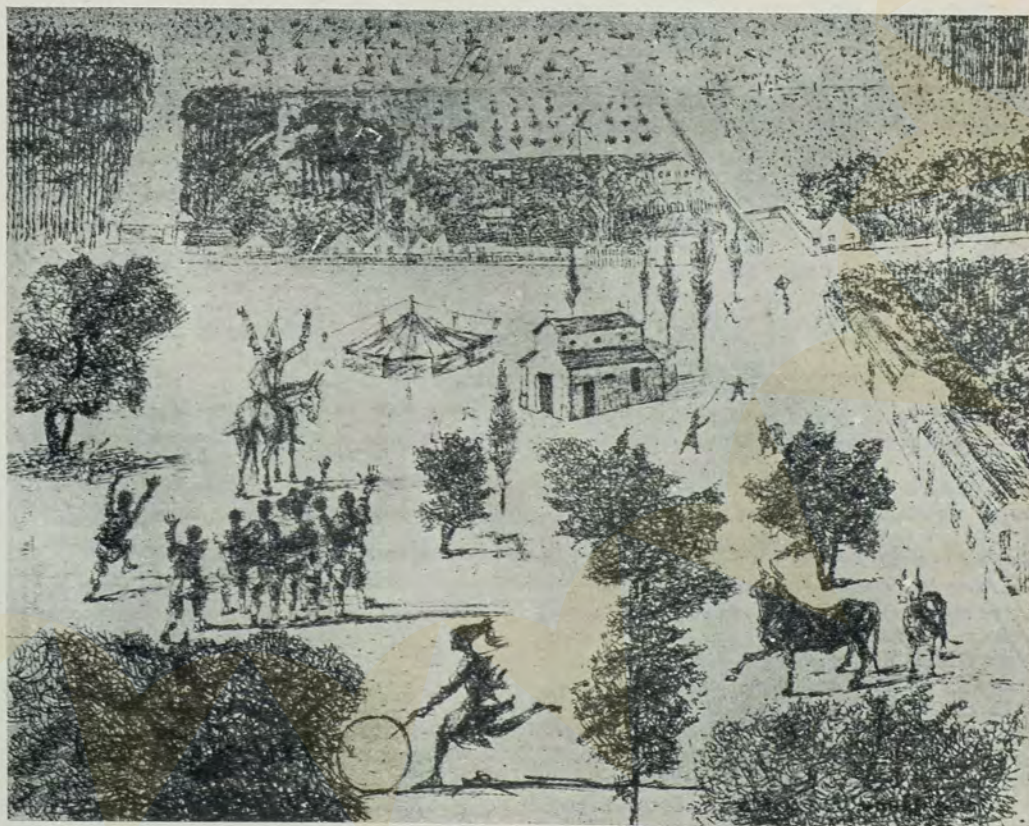




Raoul Ubac, "Casal".



Prassinos, "Sulco deixado pelo Cisne".



Portinari, Desenho que o liga ainda agora à fase primitiva da aldeia natal.



Cézanne, "O Entreposto de Vinho", 1872.



Cézanne, "A Casa do Dr. Gachet", 1873.

Agonia ou ressurreição da paisagem?

No ano passado houve, em Paris, uma exposição melancólica por seu resultado porém ambiciosa por sua finalidade. Chamava-se *Reabilitação do Retrato*. Compareceu toda a equipe que se intitula reivindicadoramente figurativa e testemunha do nosso tempo. Mas o grande prêmio Internacional Guggenheim, meses depois, selecionaria entre os trabalhos de artistas de 40 nações apenas telas abstratas, estipulando assim o desdém do juri pela imagem analógica.

O certame da reabilitação do retrato não conseguiu, realmente, impor um único retratista. Eles existem e não compareceram, ou de fato está agonizando a arte do retrato? Não apareceu sequer algo de discípulo de Van Dongen, quanto mais de Modigliani ou Soutine!

Agora duas exposições coletivas pretenderam reabilitar a paisagem. Uma reuniu na Galeria Romanet trabalhos sob a rubrica genérica de *A Realidade Poética*; outra se intitulou mais didaticamente *Conhecimento das Artes*.

Na primeira, a turma transferiu para as paredes urbanas de uma exposição confluyente trechos da Provença. Imperou o solo da Camarga, tornou a surgir a paisagem agreste, ao lado de aspectos de cidade, de reconstrução de avenidas, e se viram diversas aquarelas fibrilarem entre a poalha estival reproduzindo a Espanha, o norte da África, junto com desenhos estritamente lineares que lembravam Bernard Buffet.

Lógico que certos visitantes cansados de assistir àquilo a que se chamam puro exercício intelectual em linha e cor, da Escola de

Paris, resolveram ir verificar quem estava retomando a paisagem abandonada, desde que Cézanne pintou há quase oitenta anos o *Mercado de Vinho*, *A Casa de Auvers*, *A Casa do Dr. Gachet*, *a Représa de Bouffan*, ou *O Pinheiro por sobre as terras vermelhas*.

Na verdade, o que as exposições *A Realidade Poética* e *O Conhecimento das Artes* diagnosticaram não foi a agonia nem a ressurreição da paisagem.

Nos pintores, pois ela, a paisagem de mil faces e segredos, aí está durante as quatro estações, como modelo da Criação. Mas os grandes pintores de vanguarda, inclusive os concretos, retiraram dos fauves e de De Stael, não a fisionomia pantetística da paisagem, mas a fibrilação do sol.

Quem quiser ver a paisagem nos pintores modernos não a deve procurar como temário de botânica nem como aspecto de chão. Isso já saturantemente fizeram os mil Vlaminck do começo do século. O que se extrai da natureza hoje em dia para a pintura não é o episódico nem o analógico, não é o aspecto global. Não é a estrada, a montanha, a casa, a plantação, o bairro. Já morreu Utrillo. O que se extrai da natureza é a cor fundamental, o verde, o encarnado, o azul, o branco, o negro, o dourado, o fibrilante. Há paisagem, mas é da luz criadora. O chão ao meio-dia que Vlaminck pintava surpreendendo uma estrada no outono, hoje está na estrutura geológica de Jean Bazaine, quando pinta um quadro abstrato mas conscientemente o chama de *Outono na Virgínia*; aquilo que outrora se chamava a noite em telas que mais pareciam gravuras medievais,

está presente nos riscos e nos borrões de Hartung. As neves dos Alpes já não se acham reproduzidas com creme chantilly nas telas do Salão Oficial de Bazileia em 1880, e sim na alvura das telas sem limite de Vieira da Silva; o chão de França que o aviador vê nos tabuleiros do mapa, a 5.000 metros de altura, jaz nas telas de Sergei Poliakov como leiras de trigais na Bretanha; as antigas atmosferas azuis de Duffy reproduzindo o litoral turístico da Normandia pairam agora nas abstrações azuis que Singier chama *O céu e o mar*. Os motivos severos das gravuras flamengas com seus motivos dramáticos recolheram-se ao realismo abstrato de Soulages, esse poeta das trevas. A cor mórbida do outono que o recentemente falecido Pollock inseriu em suas telas abstratas é uma cor mais verlainiana e simbolista do que a neve cobrindo a Cité numa tela de Marquet; e assim por diante. Por conseguinte a mentalidade realista da paisagem, em pintura, se acha confinada ao detalhe, ao tratamento e à fixação da cor, ao fenômeno da luz através do prisma, e não mais ao aspecto global, descritivo da paisagem.

O que as equipes de *A Realidade Poética* e de *O Conhecimento das Artes* pretenderam restabelecer foi a mentalidade fotográfica da paisagem. É o que se depreende das telas de Roland Oudot, Brayer e Ronher; isto é, a reprodução objetiva da Provença, como modelo telúrico, com suas herdades, pomares, vinhedos, colinas e as amplas regiões da Camarga; da mesma forma que Maurice Prendergast nos oferece uma Veneza sem



Cézanne, "A Reprêsa de Bouffan", 1887.



Brayer, "A Camarga", 1956.



Rohner, "Paisagem da Provença", 1956.



Cudot, "Aldeia na Provença", 1954.

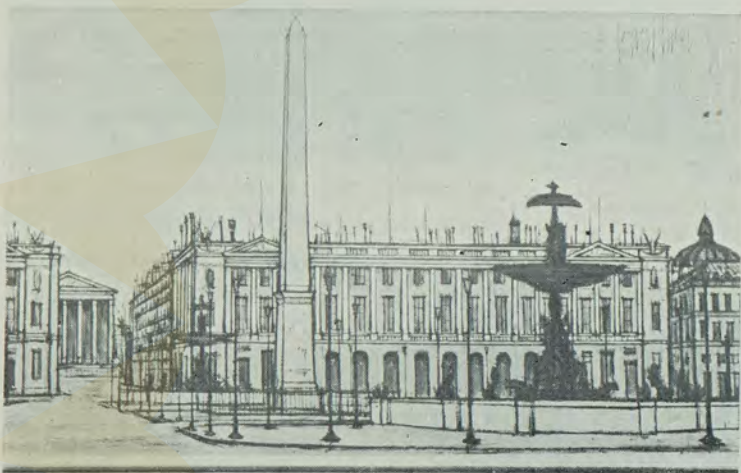
canais, com uma procissão saindo da basílica de São Marcos; da mesma forma que Planson pinta um Marne bucólica rente a uma aldeia; ou que Brianchon recorstitui o lago do Bosque de Bolonha; ou Lapique surpreende um encouraçado ao largo de Veneza. Ora, tal pintura tem uma finalidade fotográfica, é uma arte que de tanto ter sido repetida tradicionalmente obrigou a uma reação, a pesquisas e a composições outras. O problema não é desdenhar a paisagem. É metamorfoseá-la, captar-lhe a clorofila, a substância, o esquema mineral, a atmosfera, e também a densidade; não segundo a anatomia plana e superficial da paisagem, que nossos olhos alcançam e distinguem, mas segundo sua micro-estrutura. A isto se propõem os abstratos e os concretos, com uma visão diferente, que não é a fotográfica, de perspectivas e planos, mas a de cortes, minúcias, num realismo e numa objetividade que tem muito da lâminas histológicas coradas com fucsina. Mas haverá sempre a pintura diretamente figurativa e a pintura conscientemente abstrata, comparadas ambas com as analogias e as realidades ópticas. Se a primeira insiste em ser tradicional, mera lente de reprodução, apresentará o cansaço saturado dos visitantes e dos críticos; ao passo que a segunda, insistindo em descer ao infinitesimal, criará uma mentalidade também acadêmica, de sínteses ideográficas. A solução será dividirem as funções: uma de anatomista, outra de histologista e então ambas ficarão aptas, em sua simetria artesanal, a interpretar o porte e a célula, a pele e a víscera, o corpo e a alma da natureza.

George Inness, "Tipo da paisagem clássica".





Prendergast, "Procissão saindo da basílica de São Marcos", 1954.



Buffet, "Praça da Concórdia", 1956.

Bazaine, "O outono na Virgínia".



Buffett, "A ábside de Nôtre Dame".



O pretexto da natureza morta

Raros serão os pintores de qualquer escola objetiva que não tenham em seu acervo uma série de naturezas mortas. Como raros serão aqueles que só se tenham dedicado a essa modalidade.

Que é, aliás, a natureza morta senão um teste de fatura e composição, um solfejo de método e desteridade, um exercício paciente de pesquisas, uma aula prática de sínteses ou uma demora escrupulosa em determinada minúcia?

Bastaria citar duas telas, *Os dois pavões*, de Rembrandt, e *O Aparador*, de Chardin para se ter a natureza morta na sua autêntica e inofismável conceituação de mero pretexto para duas finalidades: a análise e a síntese. Em *Os dois pavões* temos a impressão de um detalhe de tela grande, de uma determinada orla de motivo que tanto pode ser de caça como de culinária. Em *O Aparador* temos a impressão de um estudo pequeno para uma ulterior composição grande.

As razões que levam um pintor figurativo a insistir em naturezas mortas são as mais diversas, mas todas elas giram em torno de um problema de composição, os assuntos sendo pretextos; a truta, de Courbet, a lebre de Manet, os pêssegos de Renoir, os peixes de Humblot, os melões de Boussignault, o vasilhame de cozinha de Segonzac, o vasilhame de copa de Pedro Alexandrino, os limões

de Linard, as maçãs ou as flores de Cézanne. Aquele que adquiria outrora naturezas mortas seguia por sua vez um vêzo: desejava esta ou aquela mancha para a sua sala de almôço, um Oberlê para o seu bar, um Desportes para a sua copa. Hoje o solfejo do pintor moderno não é mais a natureza morta, é aquilo a que ele chama composição n.º 1, composição n.º 2, etc. Antigamente o artista ia buscar pequenos objetos da natureza arrancados do seu *habitat* e repousando em fruteiras, bandejas, mesas, para exercitar a técnica, a forma, a côr, o equilíbrio, a gama, o ritmo e principalmente a fatura e o jogo de luz. E também as gradações mínimas de planos, para obter volumetria com sentido estereoscópico. De forma que a natureza morta era um exercício podendo ter dois objetivos opostos: ou o virtuosismo, ou o despojamento.

O golpe de morte na clássica natureza morta foi dado pelos cubistas. De fato, as telas analítico-sintéticas de Juan Gris, Picasso e Braque passaram a ser com seus cachimbos, jornais, guitarras e garrafas, sucedâneos da natureza morta; o intento técnico era o mesmo: dobrar ou desdobrar o motivo. Com os pintores puristas tipo Ozenfant e outros voltou a natureza morta a atuar, mediante jogos de luz e valores, sobre motivos objetivos clássicos: potes, frascos, bilhas, gomês, etc.

Mais tarde, com os pintores abstratos, se caiu na composição pura, que é a bisneta da antiga natureza morta.

Eis, porém, que ressurgue agora, entre os figurativos, a natureza morta mas apenas com um intuito direto: o tratamento da matéria. Em recente exposição coletiva em Paris, numa das salas do joalheiro Christofle, houve uma volta vitoriosa à natureza morta. Se o público julgou que se tratava de motivos gastronômicos sobre a boa mesa francesa, se equivocou prestando atenção no temário ao invés de se deter na técnica. Tomemos como exemplo as três mesas, respectivamente de Limouse, Terechkovitch e Cavailles.

A mesa verde de Limouse lembra um recanto de compartimento de *guinguette* à hora do almôço. Esse o pretexto, pois o que Limouse quis provar foi sua capacidade de tratar a matéria segundo valores específicos pelo processo do espatulado expressionista. A mesa de vime de Terechkovitch é outro pretexto para tratar a matéria no sentido de gamas contrastantes. Já o pretexto da mesa de Cavailles, chamada "harmonia azul", é uma reminiscência de Matisse no assunto e de Dufy na atmosfera; porém o intento direto foi outro, meramente técnico: rifusão de espaço num tratamento fluídico que impregna a composição.



Baudouin, "Natureza morta com peixes".



Limouse, "A mesa verde".



Terechkovitch, "A mesa de vime".



J. Cavailles, "Harmonia azul".



Yolanda Mohalyi, "Ponte de Itanhaen".

Yolanda Mohalyi

Na segunda quinzena de março Yolanda Mohalyi expôs seus trabalhos mais recentes na Galeria Ambiente; seu último contato com a crítica e o público havia sido em Buenos Aires, há cerca de um ano. Tivemos a honra de apresentá-la aos frequentadores de uma das melhores galerias da Calle Esmeralda num resumo analítico e merecedoramente apoloético. Desta vez coube ao crítico Lourival Gomes Machado chamar a atenção para a nova fase do desenvolvimento do seu expressionismo, acentuando a injustiça com que o comodismo da crítica e a ligeireza do público têm menosprezado um valor de tamanha categoria.

Na atual maneira persiste o excelente efeito obtido sempre por Yolanda Mohalyi por um grafismo ora retilíneo, ora sinuoso, mas sempre de primeiro plano tendo como friso subjacente uma estrutura construtiva que lembra às vezes gravura em suporte severo.

A artista, conquanto continue filiada ao expressionismo magiar — que se diferencia do alemão por ser lírico e alegórico ao invés de crítico-social — está deformando com propósitos mais estéticos, apurando assim a composição e metamorfoseando as figuras. Obtém

dessa maneira unidades de interesse pela qualidade artesanal e pelo escrupuloso tratamento. Nesse sentido sua obra assume características de especificidade muito especial, porque funde o trabeculado gráfico com a valorização plástica, resultando em cada trabalho seu uma simbiose de desenho e pintura, cujo efeito fica equidistante da gravura e do mural.

O temário, bem de sensibilidade feminina, ao invés de destacar-se desejoso de primazia ou relêvo, paira na superfície de maneira translúcida deixando ver atrás e dos lados uma estratificação de austero arcaísmo.

Já acentuamos mais de uma vez que diante dos trabalhos de Yolanda Mohalyi se tem de relance a sensação de uma ambiguidade — ilustração e croquis — efeito êsse de miragem produzido exatamente pelo ardor de uma arte fundamentalmente ambivalente em sua condição de base e de atmosfera.

Corquanto Lourival Gomes Machado fale nas "irreflações dos que preferem supor uma pintura "parecida" com outra qualquer a praticar aquela penetração analítica a que uma obra de arte, apenas por existir, tem direito", julgamos que exatamente pelo fato

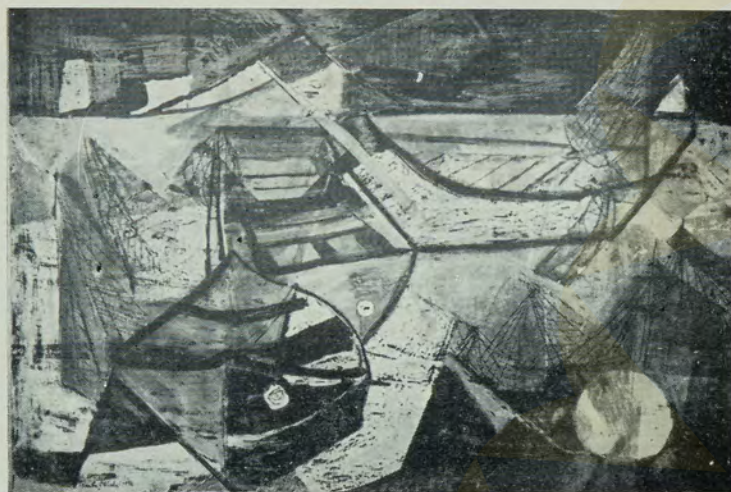
dessa obra de arte "coexistir" com outras contemporâneas, se deve compará-la. A crítica historicista moderna não tende a isolar o artista considerando-o uma exceção no seu meio, mas uma unidade, mesmo quando exponencial. Como há de o leitor entender as características de um artista se o crítico não fizer comparações, não procurar classificá-lo num sistema? E é a êsse prazer didático que não nos furtamos agora, por exemplo, comparando os motivos e temários vivenciais das telas de Yolanda Mohalyi com os assuntos substantivos e líricos de Arthur e Constante Lambrecht, êsses pintores da Flandres que enquanto a nossa artista expunha aqui na Galeria Ambiente, apresentavam no Palácio das Belas Artes, em Bruxelas, uma série de trabalhos realizados na placidez de Rumbeke. E, reforçando o nosso ponto-de-vista, verificamos que por sua vez A. Stubbe, em crítica recente, compara os Lambrecht a De Smet e a Permeke.

Mesmo porque comparar não é subestimar nem reconhecer influxos: é averiguar que vários são os que recebem e cumprem a mensagem.

Yolanda Mohalyi, "Nateira".



Yolanda Mohalyi, "Mulher sentada".



Yolanda Mohalyi, "Barcos".



Gerações novas:

Maryvonne Dubois



Francesa da Alta Savoia, Maryvonne Dubois cresceu no Brasil e agora, em plena mocidade fez sua primeira exposição no Salvador, na Galeria Oxumaré. Autodidata, principiou pelo desenho e se está aventurando no óleo, em pintura figurativa de um realismo propriamente mágico, onde figuras e ambientes são os motivos de sua predileção. Interessada em representar a natureza e a vida, principia a exercitar-se em temas folclóricos brasileiros. Natural êsse *envoutement* sofrido pelo estrangeiro quando de seu contacto com as bases matriarcais da categoria de Ouro Preto ou Salvador.

Sua exposição, bem recebida por críticos como José Valadares e Wilson Rocha, lhe valeu como um teste de vocação. De malas arrumadas para a Europa, vai estudar nos grandes centros, familiarizar-se com os museus e as galerias, tomar cursos de composição, estudar artes visuais. Programação excelente para quem, deixando a ambiência industrial de Santo André se verá em breve em Montparnasse e Saint-Germain, seguindo cursos que a capacitem a demonstrar de maneira plástica o seu afeto pela pátria de adoção, tão densa de motivos como a legendária Savoia...

Brasília nucleará um novo espírito visando a decisiva marcha para o Oeste?

Indiscutivelmente, com as iniciativas já tomadas pelo governo federal, e que não parecem passíveis de uma interrupção, está lançada a campanha que redundará na "marcha para o oeste" do século XX. Em maio do ano passado, o senador Jerônimo Coimbra Bueno e o engenheiro Abelardo Coimbra Bueno, construtores de Goiânia, lançaram um manifesto "por uma civilização sertaneja", que agora ganha uma palpitante atualidade, pois a polarização da mudança da capital brasileira é um acontecimento que não se pode ignorar, e que arrastará, incoercivelmente, para o oeste, a atenção de milhões de brasileiros. O "rush" está em desenvolvimento — as bandeiras começaram, embora por más estradas, levando os desbravadores de caminhão. No manifesto a que acima aludimos há pontos que merecem ser lembrados, para que não caiba, aos que têm uma visão do problema, a culpa, amanhã, por equívocos que se formarem contra os grandes interesses nacionais em foco. Queremos nos referir aos itens que preconizavam um "espírito" a informar a campanha da marcha para o oeste, e que diziam, nos parágrafos quarto e quinto: "reação contra as tendências ao parasitismo procurando, na esfera governamental, firmar a tradição de serviços não remunerados, como exemplos para proteger a nova capital do "empreguismo" e, na esfera da iniciativa privada, procurando livrá-la das especulações, sobretudo imobiliárias (o governo deve ser o único proprietário de todas as terras do Novo Distrito Federal);" e, a seguir: "luta por uma extensa planificação para acelerar o desenvolvimento de toda a região, em que surgirá a nova capital, além do limitado plano de urbanização somente da cidade".

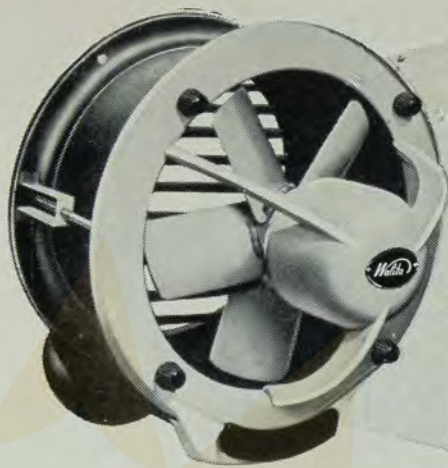
Esses dois pontos precisavam de fato manter-se de pé, na informação desse espírito a criar-se para enfrentar os problemas que a colocação do Plano Piloto de Brasília já insufla. Criou-se a capital; Brasília e o seu Plano Piloto constituem uma solução — mas, e os problemas que emergirão dessa solução? Que cuidados antepô-los? Entre os primeiros deles, é certo, acham-se a idéia de impedir o "empreguismo" e a de coibir a especulação. Mas não é menor a necessidade de uma "extensa planificação" — por que esta já surge tarde como idéia, dado que deveria preceder ao Plano Piloto de Brasília...

Preconiza, portanto, o manifesto há um ano lançado, uma cooperação em que se chegue aos pontos máximos a realizar, convocando a iniciativa privada, o governo e a oposição, "de modo a se garantir continuidade e intensidade de trabalho indispensáveis — Muito esforço durante muito tempo".

Enquadram os inspiradores da "marcha para o oeste" a sua iniciativa num esforço decididamente civilizador. Cumpre divulgar esse pensamento, por certo, porque não se compreende que se coloque o País diante de uma transformação do tipo da que implica a "mudança da capital" e não se faça vibrar o Brasil inteiro com a possibilidade alvissareira que tal condicionante compreende. Não vemos outra possibilidade de se levar a bom termo a marcha entrevista, que está começando, não obstante a enormidade da tarefa que isso representa. Os primeiros veículos estão em marcha, e muitos empreendedores já voltaram o olhar para esse ponto do horizonte nacional. A corrente humana decisiva, criadora, carregará para o novo habitat uma soma de possibilidades a explodir no quadro de nossas realizações nesta parte final do século XX. Não se pode contemporizar com os imperativos de uma conjuntura da ordem da que se apresenta e que tão nítidos se tornam à leitura do manifesto "por uma civilização sertaneja". Jamais se poderá desculpar às atuais gerações uma negligência no plano que temos pela frente. Ou se leva a sério o que está em vias de acontecer, ou amanhã será tarde demais para conciliar as necessidades com os acontecimentos em precipitação.

Entretanto, nos últimos dias de novembro do ano passado, coordenava-se no Rio de Janeiro uma série de conclusões da Comissão Preliminar de Estudos da Civilização Sertaneja, integrada pelos representantes das diversas entidades que deram acolhida ao convite da "Fundação Coimbra Bueno Pela Nova Capital do Brasil", visando a constituir uma espécie de base para desenvolvimento e ação ulterior. Essa base emergiu de reuniões e consta de atas lavradas e rubricadas, resumindo-se nas seguintes diretivas:

- 1 — Quanto à necessidade: É necessário que se façam os estudos das condições, em que se há de desenvolver a civilização do interior do Brasil, em consequência da mudança da Capital Federal;
- 2 — Quanto à oportunidade: Com o início de Brasília, já se inicia também o "rush" da região; a oportunidade de qualquer previsão é, portanto, imediata e urgente, sem o que possíveis erros iniciais poderão comprometer irremediavelmente os resultados;
- 3 — Quanto à possibilidade: Com os elementos de que dispõe a ciência universal, pode-se fazer um planejamento nesse sentido, dispondo o Brasil de órgãos e de pessoal técnico, oficiais e privados, além da possibilidade da colaboração de organizações internacionais, como a UNESCO, e de estrangeiras, como o "Institute of Inter American Affairs" (Ponto IV);
- 4 — Quanto aos meios: Só os Poderes Públicos poderão dispor dos meios capazes de coordenar esses estudos, com a colaboração da iniciativa privada;



PARA PAREDES DE 1/2 E 1 TIJOLO

Ultra-silencioso! Especial para ambientes com fumaça, gordura e calor

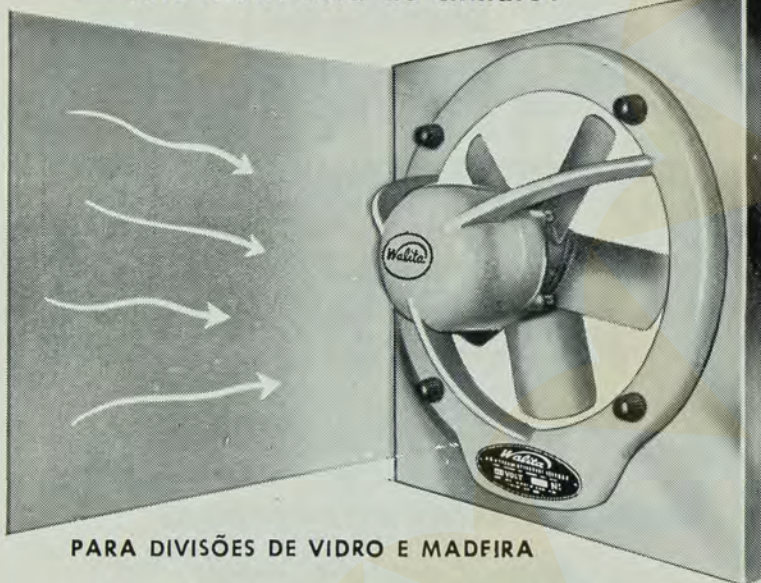
EXAUSTOR DOMÉSTICO

Com gavetinha para depósito de gordura e e aparador de resíduos colocado do lado externo.

Walita

DUPLO RENDIMENTO!

— com motor fora do cilindro!



PARA DIVISÕES DE VIDRO E MADEIRA

EXAUSTOR P/ VITRAUX

Ultra-silencioso! Especial para ambientes com ar viciado, fumo, excesso de temperatura...

Walita



Produtos garantidos pela

ELETO-INDÚSTRIA WALITA S. A.

Rua Dr. Álvaro Alvim, 76 —

Cx. Postal 4386 — São Paulo

À venda com facilidades de pagamento nos Revendedores Walita.

ARTE-DECORAÇÕES

HENRIQUE LIBERAL S/A

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS PARA TODO O BRASIL DE



JANSEN
PARIS

AVENIDA IMPERIAL, 73 - ITAIM - FONE 8-3664 - S. PAULO

**TAPETES
WINDSOR
TECELAGEM LTDA.**



TAPETES CHENILHA da
melhor qualidade no gênero.
TAPETES para ambientes
modernos e bom gosto.
TAPETES em cores e desenhos
distintos e tamanhos especiais.
À VENDA nas melhores casas do ramo.

Não encontrando nossos tapetes no seu distribuidor mais próximo, peça informações pela Caixa Postal, 6087 ou pelo Telefone: 31-6019 - São Paulo

5 — Quanto à constituição: Poderá ser constituída uma comissão mista, composta de elementos oficiais e da iniciativa privada para cuidar especificamente do problema. Pela aceitação que tem tido a idéia, pode-se concluir que a iniciativa privada será facilmente mobilizada para a colaboração com os órgãos do Governo.

A Comissão Preliminar conclui: 1) é necessário; 2) é oportuno e urgente; 3) é possível para a ciência universal; 4) é exequível para os órgãos oficiais e privados do Brasil, planejar o desenvolvimento do interior, consequente de mudança da Capital, no sentido da mais elevada civilização nos sertões. Dados esses fatos e dado que só os Poderes Públicos poderão coordenar trabalhos dessa natureza, é indispensável encarecer a atenção do Governo esse transcendente assunto."

Membros da "Comissão preliminar de estudos da Civilização sertaneja"

- 1 — UNIVERSIDADE DO BRASIL
Av. Pasteur, 250 — Telefone: 46-1122
Representante: Dr. EVARISTO DE SÁ
Diretor do Departamento de Obras — Telefone: 46-0641
Res.: Rua Almirante Alexandrino, 340 — Tel.: 42-0413
- 2 — ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS
Av. Presidente Wilson, 203
Representante: Dr. CASSIANO RICARDO
Res.: Rua Fernando Mendes, 7 — Apto. 91 — Tel.: 37-9179
- 3 — PEN (POETAS, ENSAISTAS, NOVELISTAS) CLUBE DO BRASIL
Av. Nilo Peçanha, 26/12
Representante: Dr. LUIZ FELIPE DE CASTILHOS GOYCOCHÉA
Av. Vieira Souto (Ipanema) — Telefone: 47-2428
- 4 — FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
Praia do Botafogo, 186 — Telefone: 46-4010
Representante: Dr. RAFAEL XAVIER
Rua Paula Freitas, 26, 201 — Telefones: 57-6708 - 27-3997
- 5 — CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA
Rua Santa Luzia, 685 — Telefone: 22-6413
Representante: Dr. SALVADOR NOGUEIRA DINIZ (Economista)
Rua Jargadeiros, 28/304 — Telefone: 27-6971
- 6 — ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS BRASILEIROS
Rua México, 31 — Telefone: 22-6858
Representante: Dr. JARBAS DE CARVALHO
Rua Gustavo Sampaio, 560 — Telefone: 27-3443
- 7 — ROTARY CLUBE DO RIO DE JANEIRO
Av. Nilo Peçanha, 155 — Telefone: 22-5577
Representante: Dr. PAULO MARTINS
Rua Xavier da Silveira, 80/201 — Telefone: 57-9744
- 8 — ORDEM DOS ADVOGADOS DO BRASIL
Av. Marechal Câmara, 160
Representante: Dr. MANOEL PEREIRA DE CORDIS
Rua Debret, 23, 708 — Telefones: 27-5593 - 42-7854
- 9 — CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS
Rua da Quitanda, 3
Representante: Dr. JORGE MARIANI MACHADO
Rua Alvaro Alvim (Edifício Rex) — Telefone: 42-1404
- 10 — CONFEDERAÇÃO RURAL BRASILEIRA
Av. General Justo, 171
Representante: Dr. JOÃO KESSLER COELHO DE SOUZA
Telefones: 42-3715 - 52-5751
- 11 — CENTRO CÍVICO E SOCIAL DA PRODUÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL (CEVI)
Rua México, 90 — Sala 503
Representante: Dr. JOÃO KESSLER COELHO DE SOUZA
- 12 — FEDERAÇÃO BRASILEIRA DOS ENGENHEIROS
Av. Araújo Porto Alegre, 64 — Telefones: 42-2532 - 22-9240
Representante: Dr. JOSÉ SOARES DE MATTOS
Visconde de Inhaúma, 39 — 6.º — Telefones: 43-2052 - 27-6969
- 13 — FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES COMERCIAIS DO BRASIL
Candelária, 80, 50
Representante: Dr. ANTONIO MARTINS FERNANDES DE CARVALHO
Rua Codajás, 440 (Leblon) — Telefone: 47-0060

A nova fábrica da Mercedes-Benz, em São Bernardo do Campo

Em sua edição n.º 35, referente a outubro de 1956, a revista HABITAT publicou uma reportagem sobre a nova fábrica da Mercedes-Benz, em São Bernardo do Campo, próximo de São Paulo. Na referida reportagem aparece como tendo sido a construção executada por Stática Construtora Ltda., quando o bloco principal do conjunto de São Bernardo do Campo foi construído pela Luz-Ar Ltda., de São Paulo.

O novo edifício do Magazine Eletro-Radiobrás

Na edição n.º 38 da revista HABITAT, referente a janeiro de 1957, saiu publicado o projeto do novo edifício do Magazine Eletro-Radiobrás. Por um lapso da redação deixou de ser mencionado que as salas de diretoria, de reunião e de espera daquele edifício foram projetadas e executadas por AMBIENTE S.A., desta Capital.

Última concepção de Frank Lloyd Wright: o proj. "Illinois" para Chicago

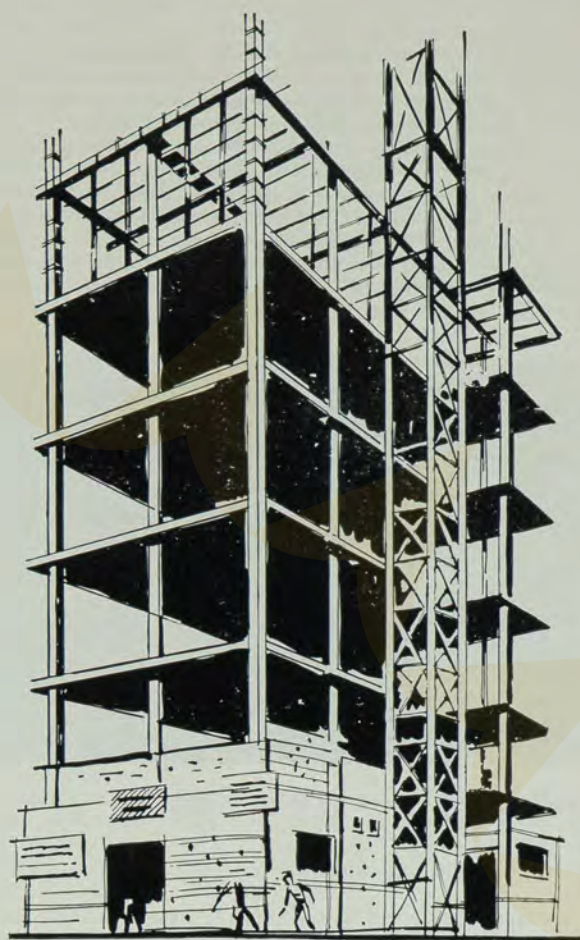
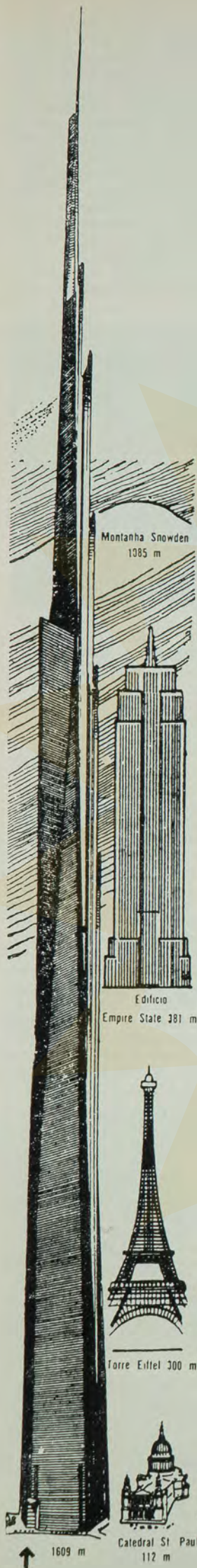
Eis num desenho o que será o mais alto edifício do mundo, se a concepção de Frank Lloyd Wright levada a efeito, como a concebeu para Chicago, o mestre de Taliesin. Nascido em Richland Center, Wisconsin, em 1869, é pois aos 88 anos que Wright defende esta construção, o mais alto edifício do século, com seus 5.280 pés, dentro do qual uma multidão, igual a toda a população de Santo André, para localizar perto de nós um exemplo, pode viver, trabalhar, e ter escoamento... em uma hora! Toda essa gente terá um espaço de estacionamento para 15 mil automóveis. Mas o veículo do futuro, o helicóptero, também foi considerado: duas pistas com capacidade para cinquenta helicópteros foram também previstas. O projeto de Wright foi imaginado para Chicago, o que não deixa também de ser simbólico. Com efeito, faz setenta anos que Wright começou a trabalhar em arquitetura, num escritório de Chicago... O fato tem a sua significação na própria história da arquitetura norte-americana, que, efetivamente, encarnou-se na escola de Chicago, em pleno apogeu quando o jovem Wright ali começou a trabalhar. Alcança assim um significado especial que ao alto ponto de longevidade produtiva a que chegou, Frank Lloyd Wright tenha projetado, para a própria Chicago, essa extraordinária estrutura, que se baseia no princípio da estabilidade das pressões tríplices sobre cada um dos lados e que é suportada pelos outros dois. O edifício terá muito mais a forma de um "foguetão-voador" na sua plataforma de lançamento, com as características de alguns aviões em linhas aerodinâmicas, do que de um "arranha-céu" para permanecer fixo na terra. Sua leveza monumental está longe das formas conhecidas até agora. Pelos cálculos da estrutura afirma-se que o edifício não terá oscilações mesmo na parte mais alta.

A armação do enorme edifício será toda de aço puro, interna e externamente. Cinquenta e seis elevadores, impulsionados por energia atômica, funcionarão aí, mas não serão suspensos, como os elevadores comuns. Servirão a cinco divisões de 100 lojas cada uma. Os primeiros cinco andares serão servidos por escadas-rolantes. Junto com os elevadores estas escadas servirão a um escoamento total, em caso de necessidade, de todos os habitantes do edifício no espaço de tempo de uma hora (130.000 pessoas). Com a sua forma que lembra uma concepção de Brancusi, a certos aspectos, "O pássaro", esta edificação brilhará em sua projeção para o alto, tal uma espada de prata... Cada uma das partes verticais terá um tratamento de metal amarelo.

Na verdade, mais do que nunca, a arquitetura se servirá, neste edifício, das soluções de engenharia aérea para os problemas que suscitará. Problemas que deverão ser submetidos a intensa pesquisa, com materiais novos, capazes de revolucionar a questão da estabilidade, a resistência aos ventos, com métodos que poderão vir a ser decisivos para a construção do futuro.

Uma tal concepção nos coloca também muito próximos da concepção de Rino Levi e Roberto Cerqueira Cesar, em seu estudo para o Plano Piloto de Brasília, onde superblocos de 300 metros de altura foram colocados. Não se trata do arranha-céu construído para acrescentar o congestionamento das cidades, mas daquele destinado a uma centralização auto-suficiente, planejadamente situado no seu espaço próprio.

O clichê nos mostra o "Illinois" em sua imponente projeção metálica para o espaço.



Maior resistência — e 30% de economia!

LAJES NERVURADAS PRÉ-FABRICADAS PARA PISOS



— Para estruturas metálicas ou de concreto —

Baseadas num princípio de combinação de vigas de concreto armado-vibrado de alta resistência, com tijolos enfileirados entre as mesmas, as Lajes VOLTERRANA proporcionam maior economia nas construções, pois, suportando até 2.000 quilos por metro quadrado, pesam, em média, 40% menos que as lajes maciças; isto permite estruturas mais leves e fundações mais baratas. Além disso, seu emprego reduz o custo da mão de obra especializada: um pedreiro e tres serventes colocam, rejuntam e capeiam 100 metros quadrados de lajes por dia.

LAJES VOLTERRANA S. A.
Indústria e Comércio

São Paulo: Rua Barão de Itapetininga, 140 - 8.º andar
Telefones: 37-7282 e 35-7245

Rio de Janeiro: Avenida Rio Branco, 138 - 9.º andar
Fone: 52-16.7

Belo Horizonte: Avenida Amazonas, 491 - 9.º andar - s/ 923
 Santos: Praça da República, 21 - sala 16 - Fone: 2-2314

Primeira Mesa Redonda sobre Habitação Popular

UM CENTRO BRASILEIRO DE PLANEJAMENTO DA HABITAÇÃO

Por iniciativa do prefeito de Jundiaí, sr. Vasco Venchiarutti, e do industrial sr. Eudoro Vilela, da "Duratex", que como se sabe tem a sua produção naquela cidade, realizou-se em meados de março a Primeira Mesa Redonda Sobre Habitação Popular.

A iniciativa foi justamente considerada, pelo professor Kosuta, um "pequeno milagre", efetivamente animador, porquanto tivemos nessa reunião, pela primeira vez, a prova da acústica dada a um problema que tem sido incidentemente abordado. Presidiu à reunião o arquiteto Icaro de Castro Melo, presidente do IAB, que abordou o temário organizado previamente, o qual sofreu um pequeno debate. Efetivamente, partia esse temário para os problemas construtivos da Habitação Popular, e seu fim deveria ser,



Construções populares para 55.000 pessoas, Bogotá, Colômbia.



Conjuntos residenciais tornaram-se uma paisagem comum em Porto Rico, onde os apartamentos são alugados por preços acessíveis.

como era consequente, a formação de elementos bastantes para a formulação de um projeto, ou de alguns projetos-padrão.

Para atender à discussão do temário, dividiram-se os seus setores em comissões, formadas por arquitetos, engenheiros e interessados presentes, a engajar-se na análise dos quesitos constantes de cada parte do temário. Os aspectos técnicos-construtivos, econômicos, urbanísticos-sociológicos, foram assim abordados, imediatamente após a instalação dos trabalhos. Viu-se logo que o tempo era curto para a realização dos estudos. Mas foi encorajador que num sábado à tarde, desinteressadamente, e não visando a qualquer conclusão outra que indicações teóricas sobre o problema, tanto esforço se dependesse, de horas e horas de debates. Naturalmente devemos frisar que foram precários os resultados práticos, mesmo no plano das indicações teóricas, pois não seria necessário tanto para se concluir, em geral, que nos muros de sustentação o grande material econômico encontrado pela conclusão fosse a alvenaria de tijolos, ou que a mesma alvenaria assente com barro fosse a indicada para as paredes de vedação. Os demais materiais se escalonaram hierarquicamente, mas é inegável que as conclusões foram muito precárias.

Na comissão que estudou o planejamento geral colocando a habitação sob o signo da urbanização, indo mesmo até o financiamento, viu-se embarçadamente colocada a questão, desde que não se dispunha de elementos fixadores de locais e condições a reclamarem soluções especialmente destinadas a responder aos quesitos. Entretanto, ainda aí o exame dos problemas foi animador, ficando os componentes das comissões de divulgar oportunamente as conclusões.

Mas nesse particular o arquiteto Icaro de Castro Melo orientou bem as aspirações gerais, apresentando a proposta, que foi por todos aceita e acatada, de se criar um centro de pesquisa e estudos dedicado ao problema da habitação popular, a exemplo do Centro de Vivienda e Planeamiento que funciona em Bogotá. Essa questão mereceu maior interesse e é ela um dos resultados positivos que se verificaram em Jundiaí, além da promessa, que se fixou também numa proposta, da realização de uma segunda mesa redonda sobre o problema.

Naturalmente, sendo a proposta da criação de um centro de pesquisa — Centro Brasileiro de Planejamento da Habitação — como se pode imaginar, iniciativa do presidente do IAB de São Paulo, cabe-lhe e aos seus companheiros de diretoria, tratar do assunto com pertinência, para que se não perca o "pequeno milagre" de Jundiaí, onde se colocara a pedra fundamental desta organização. Indubitavelmente, há que ver, num levantamento geral, o que tem sido até agora realizado por organismos e entidades como o Departamento de Habitação Popular do Rio de Janeiro, em que Carmen Portinho e Afonso Eduardo Reidy têm empenhado tantos esforços, os Institutos de Aposentadoria e Pensões, os departamentos da Fundação da Casa Popular, etc., a fim de se trazer à tona as condições atuais do problema em todo o país, e con-

ferir à Habitação Popular uma importância fundamental para a nova fase em que vamos entrar, e que é uma fase de industrialismo. Sem dúvida, o problema da habitação permanece à margem porque não se tem noção urbanística nenhuma de sua importância no quadro das atividades brasileiras de formação e desenvolvimento das cidades. O exemplo da fundação de Brasília, que emergirá, por bem ou por mal de um esboço urbanístico, poderá vir a desempenhar um papel exemplificativo do que se precisa ter como orientação. Quanto a nós, parece-nos que o problema da Habitação Popular não pode se circunscrever a iniciativas como a que vimos referindo. É preciso que os prefeitos considerem o problema e que os vereadores municipais e os partidos o encarem com interesse. Para a Mesa Redonda de Jundiaí foram convidados oitenta prefeitos; apenas doze responderam ao convite, prometendo comparecer. Mas, no fim, não compareceu um só — predominaram os arquitetos, como técnicos, e alguns engenheiros e construtores. No entanto, é lastimável que não tenham dado

maior importância a esse problema os chefes de executivos municipais convidados. Isso revela uma incúria, uma inconsciência do problema, que não podemos compreender.

Naturalmente, nem o IAB nem os responsáveis pela administração emprestaram até agora suficiente atenção ao problema da Habitação Popular, o que explica que tenhamos perdido para a Colômbia o auxílio da Organização dos Estados Americanos, quando foi sugerida a localização num país sul-americano, do Centro de Habitação e Planejamento, que funciona em Bogotá. Temos, entretanto, possibilidade de recuperar o tempo perdido. O Brasil é um país que precisa estudar até por áreas regionais e zonas as soluções para o imenso problema, cada vez mais instantâneo. É certo que não podemos esperar que de Bogotá nos venham as soluções para os nossos problemas, que são outros.

De toda a maneira, o que se conseguiu com a Primeira Mesa Redonda de Jundiaí foi altamente interessante: a sugestão do presidente do IAB, o compromisso para uma Segunda Mesa Redonda, os estudos de hierarquização de materiais, de um ponto-de-vista mais ou menos vago, mas como abordagem do problema está certo. Vejamos que, providências ulteriores, da diretoria do IAB sejam capazes de em tempo curto, continuarem a tarefa iniciada pela convocação de responsabilidade do prefeito Vasco Venchiarutti, um jovem arquiteto, dono de uma exata consciência do problema, o que é raro mesmo na categoria profissional a que pertence. — G.

Filmes sobre arquitetura

A Federação Internacional do Filme de Arte foi encarregada, pela UNESCO, de estabelecer um catálogo internacional de filmes sobre a arquitetura. A Federação pede às pessoas a quem esta publicação interessa, facilidades para as suas pesquisas, com a comunicação dos títulos de filmes referentes à arquitetura, que possam estar a seu alcance: arquitetura do passado, de hoje, urbanismo, arte de jardins. Aos arquitetos é solicitado, também, qualquer título de filmes de curta metragem que tenham realizado sobre suas obras. Não deve ser esquecida a indicação do país produtor do filme e o nome do distribuidor.

Enviar as respostas a Mme. S. Gille-Delafon, 140 — rue du Faubourg St. Honoré, Paris — 8.ème.

"Centros Comuns Rurais"

É um outro trabalho que nos chega da Colômbia, onde a Corporação Nacional de Serviços Públicos determinou a criação de Centros Comuns Rurais no quadro do Plano Integral de Melhoria Rural. A publicação se refere em geral ao problema que abrange 61,3% da população rural colombiana, e particulariza a criação e construção do Centro Piloto de "La Chamba", uma organização idealizada e posta em prática, após acurado "survey". A demonstração do problema e da sua solução é impressionantemente demonstrada.

Lima será a sede da próxima Reunião Técnica da Habitação

Lima foi escolhida para servir de sede à próxima Reunião Técnica Interamericana da Habitação e Planejamento, de acordo com uma decisão tomada pela primeira reunião desta natureza que se realizou no ano passado em Bogotá. A assembléia de Lima será realizada em fins deste ano.

Uma das principais recomendações da Primeira Reunião Técnica Interamericana advoga a idéia do fortalecimento do Centro Interamericano da Habitação, que funciona em Bogotá, como instituição única e permanente na execução de programas de coordenação com as universidades e instituições nacionais da habitação e planejamento, e presta um serviço mais direto aos Estados Membros da OEA. Para elaborar os programas de trabalho do Centro, solicitou-se ao Conselho Interamericano Econômico e Social a nomeação de uma Comissão Técnica, integrada por um representante da Colômbia, um representante do país sede de cada Reunião Técnica Interamericana da Habitação e cinco representantes de igual número de países escolhidos pelo CIES com um critério de representação regional.

A ampliação do Centro Interamericano da Habitação e Planejamento, que se recomendou para as diversas atividades que desempenha, se fará sentir principalmente nos seus trabalhos de exame dos aspectos técnicos, administrativos, legais e socio-econômicos da habitação popular no Continente. A função primordial do Centro será a de coordenar os trabalhos de pesquisas dos centros nacionais da habitação, em funcionamento nos diferentes países americanos, com o objetivo de que os seus esforços sejam aproveitados da maneira mais adequada pelos Estados Membros da OEA.

Na Reunião de Bogotá foi ainda apresentada a proposta de se criar um importante organismo financeiro, destinado a completar o financiamento das indústrias de materiais de construção já existentes ou que se venham a estabelecer, com o fim de incrementar a construção da casa popular. Esta instituição própria do hemisfério, que se poderia chamar "Corporação Interamericana para o Financiamento da Casa Popular", seria financiada por meio de ações adquiridas por particulares, interessados na inversão de capitais. Foi recomendado ao Conselho Interamericano Econômico e Social que organize um grupo de técnicos para realizar os respectivos estudos relativos à possibilidade de ser criado o organismo proposto. Por outro lado e, igualmente, no sentido de se estimular a construção da casa popular, foi sugerida a criação de instituições nacionais bancárias, especializadas no manejo do crédito hipotecário e da adequada aplicação de economias.

XIV Convenção dos Presidentes das CIPAS

Sob o alto patrocínio da Eucatex S. A., firma de São Paulo que vem se dedicando à fabricação de chapas e material acústico, a Associação Brasileira para Prevenção de Acidentes, vem de promover a XIV Convenção dos Presidentes das CIPAS.

O temário do referido conclave constou de: "Introdução ao problema do ruído no trabalho", a cargo do dr. Emílio Santiago de Oliveira; "Ruído como fator de acidente do trabalho", pelo eng. Syllas Fonseca Redondo; "Ruído como fator de doença profissional", pelo dr. Fernando Bedrikow; "Meios de proteção individual", pelo dr. Diogo Pupo Nogueira; "Redução dos ruídos em suas fontes de origem", pelo prof. Lauro Nepomuceno e "Tratamento acústico do ambiente", pelo eng. Roberto Paulo Richter.

"Deficit y demanda de Vivienda en Columbia"

Recebemos, datada a publicação de 30 de novembro do ano passado, ou seja exatamente há cinco meses, o estudo "Deficit y Demanda de Vivienda en Colombia", da série de trabalhos socio-econômicos da Corporação Nacional de Serviços Públicos (De-

partamento de Habitação), em que se reúnem os elementos do vasto inquérito realizado para fundamentar a política de habitação naquele país. É este o primeiro ensaio tentado no país e mesmo na América para estabelecer-se uma orientação adequada a solucionar o problema, emergente do conhecimento exato da situação. Qual o deficit de habitações? Qual a procura de habitações? É ao que procurou responder o inquérito que temos em mãos. Este é um exemplo de esforço de conhecimento exato da questão. Mas a base que o inspirou é válida para todos os países e se define da seguinte maneira: "Qual política sobre habitação requer a orientação de um plano definido que contemple as necessidades e determine as prioridades no campo nacional. Para chegar a essa determinação com uma margem máxima de segurança, é preciso a realização de estudos de caráter socio-econômico, conducentes ao estabelecimento da necessidade e às possibilidades econômicas de obtenção de habitações, por parte dos interessados. Em suma, é preciso averiguar o deficit, conhecer o mercado e mostrar os pontos nevralgicos do problema, para ataca-los preferencialmente. E as estatísticas são a matéria básica em estudos desta índole". No estudo participaram especialistas em antropologia, economia, estatística, habitação, censo e diagramas. De uma legibilidade sintetizada em 70 páginas, o brilhante estudo é um incentivo.

Criada a Sociedade Interamericana de Planejamento

A Divisão de Habitação e Planejamento da União Pan-Americana anunciou que a Sociedade Interamericana de Planejamento (SIAP), integrada, entre outros, por urbanistas, arquitetos, economistas e por entidades profissionais dos vinte e um países americanos, estabeleceu sua sede em Porto Rico.

A SIAP foi inicialmente organizada em Bogotá, durante a Primeira Reunião Técnica Interamericana da Habitação e Planejamento, realizado em Bogotá em novembro ppdo. Com a aprovação do Conselho Interamericano Econômico e Social, que patrocinou a reunião da Habitação e da União Panamericana, realizou-se a primeira assembléia constitutiva da Sociedade, com a participação de duzentos e quarenta delegados.

A Sociedade Interamericana de Planejamento, entidade de caráter particular, será um centro de estudos, publicações e de referências que manterá relações estreitas com a Organização dos Estados Americanos, as Nações Unidas e outras instituições similares dentro e fora do Continente.

A organização interessará, igualmente, pelo desenvolvimento dos problemas da habitação, urbanismo e desenvolvimento econômico; atuará como entidade de assessoramento profissional a entidades públicas e privadas em assuntos de planejamento e fomentará a criação de sociedades regionais nos diferentes países.

Os pedidos para associar-se a esta sociedade podem ser dirigidos ao dr. Rafael Picó, Secretário da Fazenda, San Juan, Puerto Rico.

Novo prazo para o Plano Piloto de Brasília

Em fins de dezembro foi publicada a última e "impreterível" prorrogação do prazo de encerramento de entrega dos projetos concorrentes ao concurso do Plano Piloto da Nova Capital, a qual era o dia 11 de março passado.

Entretanto, os moradores de uma cidade do norte de Minas Gerais, Brasília, pediram que se modifique o nome da futura capital, por não poder haver, por lei, duas cidades com o mesmo nome no território nacional.

O poeta Raul Bopp, por seu lado, enviou de Berna, onde é ministro do Brasil, um artigo em que defende a denominação de Goiás, D.F., Brasil, para a nova capital, pois Brasília lhe parece pouco eufônico difícil de pronunciar, e subordinação derivada do nome Brasil, o que lhe empobrece o sentido. Esperemos que não se fique discutindo o nome.



RUA AUGUSTA, 2551 - TEL. 80-7118 - SÃO PAULO

Uma firma especializada na confecção de

MAQUETES

- LOTEAMENTOS
- RESIDÊNCIAS
- INTERIORES
- EDIFÍCIOS
- FÁBRICAS
- INSTALAÇÕES TÉCNICAS

Exposições, Museus e Galerias

No Estrangeiro

Na *Bélgica*: Exposição de Arthur e Constant Lambrecht, no Palácio das Belas Artes, em Bruxelas. Analisando o conjunto, o crítico A. Stubbe demonstra nas gerações novas da Flandres o influxo de De Smet e Permeke.

Na *França*: Portinari está exposto, sob os auspícios da Embaixada Brasileira em França, uma série de trabalhos recentes que têm atraído grande público à sede de La Maison de la Pensée Française. O Museu Galliera apresenta trabalhos de 75 pintores contemporâneos mas não modernos. Destacam-se obras de Albers, Stuart Davies, De Kooning, Morris Graves e Mark Tobey.

Na Galeria France, Gustave Singier apresenta seus últimos trabalhos de teor abstrato, ao passo que na Galeria Bergruen Dora Maar expõe paisagens da Provença.

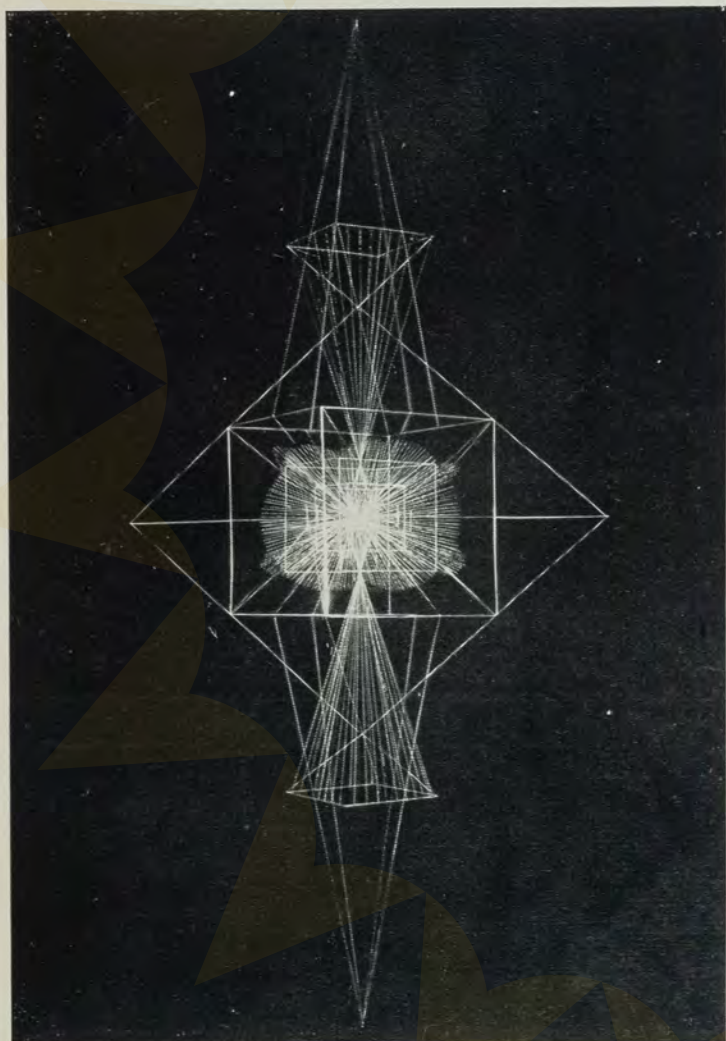
O pintor Lepri expõe na Galeria 93. Principalmente desenhos. Assunto e técnica bem antigos, de sabor renascentista, a ponto de parecer tratar-se de artista do século XVI. Sua obra poderia, conforme observa Alain Jouffry, servir de pastiche quase medieval. Um clássico moderno, portanto, com seu agradável anacronismo voluntário.



Lilly e Michel Montagne

Estes especialistas em esmaltes sobre cobre expuseram uma série de trabalhos na Galeria Antigonoovo durante a primeira quinzena de abril. Conhecem ambos não só a história e a evolução da arte do esmalte, como a realizam de maneira própria com atributos pessoais bem distintos.

A ceramista Lilly Richter Montagne, cujos trabalhos foram premiados na exposição internacional de Cannes em 1955, se vem des-

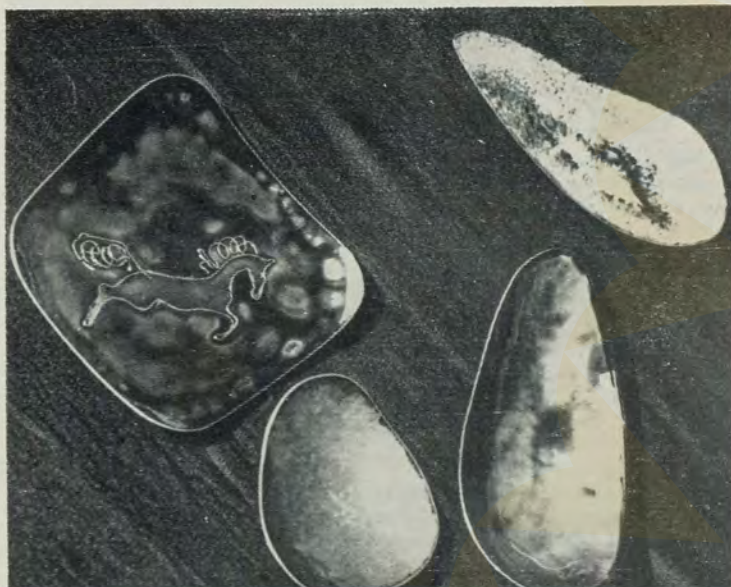


Richard Lippold, "Variação n.º 7 — Lua Cheia", 1949/50. Coleção Museu de Arte Moderna de Nova York.

No Brasil

Em São Paulo, além das exposições de Genaro de Carvalho e de Elsa Saft-Theilheimer, no Museu de Arte Moderna e de Yolanda Mohalyi na Galeria Ambiente, há que registrar a exposição abundante de telas de Madiano Tomei no Instituto de Arquitetos; de Tera Rado na Galeria Forma; e do holandês Gutlich numa das salas do Museu de Arte Moderna.

Na Associação Cristã de Moços, na rua Nestor Pestana, 147, foi organizada uma exposição coletiva. Um total de 53 peças da autoria de Ana Guerrero Stultz, Ida Reale, João Suzuki, Rosa Kleiman, Irene Bankovisky, Tomy Yocomizo, Zerlinda Scigliano Alves, Brites Rocha Alvares, Lírio Díaz e Juan Marco Hahn.



de então dedicando a soluções e efeitos decorativos na técnica do esmalte. Aliás o casal executa suas peças com esmaltes próprios feitos aqui no Brasil dentro da acepção mais moderna e eficiente da metaloplástica.

Trata-se dum artesanato antiquíssimo, de apogeu bizantino e medieval no campo da iconografia religiosa e de incontido desenvolvimento e apuro nos países mais adiantados onde os elementos e as unidades decorativas a serviço do lar acabaram criando um estilo novo de complementação artística. Esmaltes translúcidos, opacos, cristalinos, de cores e gamas marítimas, com tonalidades desde a madrepérola até ao tom do ícone ortodoxo, são aplicados hoje em dia na técnica do cobre esmaltado a fogo e estão dando nascimento e hegemonia a uma arte autônoma que comparticipada da joalheria e cujos efeitos ópticos belíssimos dão novo período formal a colares e pulseiras, broches e brincos, placas e cinzeiros. E coadunam-se bem com os modernos interiores, desde os vestibulos até aos aposentos, tendo efeito artístico e funcional. Arte nova em seu aperfeiçoamento, é contudo, uma herança fina e sutil duma das modalidades iconográficas mais belas da Idade Média, estando irmanada à joalheria como finura e efeito.

Tera Rado

Expôs na Galeria Forma uma série de trabalhos a artista Tera Rado. Pode-se dizer que ela inaugura no desenho uma sensação de movimento paroxístico de lâminas sobre eixos verticais. São por certo pesquisas de ritmo. Sua imaginação algo barroca consegue efeitos de *mobile* nessas abas de losangos pretos e brancos.

IV Bienal de São Paulo

Inscrições para a I Bienal das Artes Plásticas do Teatro

Reuniu-se, no Rio de Janeiro, a Comissão Executiva da I Bienal das Artes Plásticas do Teatro, para examinar os problemas relativos à participação brasileira. Juntamente com o sr. Edmundo Moniz, diretor do Serviço Nacional de Teatro, os membros da Comissão — Ministro Paschoal Carlos Magno, Agostinho Olavo, Aldo Calvo e Sábato Magaldi — entenderam-se com o sr. Clovis Salgado, ministro da Educação e Cultura, que hipotecou amplo apoio do governo federal à iniciativa. Como as delegações estrangeiras serão compostas por obras altamente expressivas, que oferecerão um panorama geral da história do teatro, através da arquitetura, da cenografia, da indumentária e da técnica, decidiu o titular da pasta da Educação emprestar o maior brilho à representação nacional, que será, depois, enviada à Feira Internacional de Bruxelas. Em virtude desses entendimentos com as autoridades federais, as inscrições dos artistas brasileiros ficou prorrogada até o dia 20 de abril corrente, podendo os interessados dirigir-se, no Rio, à sede do Serviço Nacional de Teatro, no sétimo andar do edifício do Ministério da Educação, e, em São Paulo, no Museu de Arte Moderna, à rua 7 de Abril, 230, 2.º andar. Nesses locais os arquitetos, cenógrafos, figurinistas e técnicos teatrais poderão preencher e entregar as fichas e obter outras informações.

Após as inscrições, a Secretaria da Bienal se dirigirá aos artistas, a fim de com eles examinar a melhor forma de participarem do certame, que será realizado, em São Paulo, de setembro a dezembro vindouro, no quadro da IV Bienal.

Comissão consultiva da I Bienal das Artes Plásticas do Teatro

Acaba de ser constituída, pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo, a Comissão Consultiva da I Bienal das Artes Plásticas de Teatro, exposição internacional de Arquitetura, Cenografia, Indumentária e Técnica Teatral que será realizada de setembro a dezembro vindouros.

Formam essa Comissão representantes de entidades teatrais e de órgãos governamentais, que lutam pelo desenvolvimento da arte cênica no País.

São eles: Hermilo Borba Filho, J. Pinto Nazário, Lopes Gonçalves, Mattos Pacheco, Miroel Silveira, Paulo Mendonça, Raymundo Magalhães Junior e Maurice Vaneau.

Colaborará essa Comissão Consultiva com a Comissão Executiva, formada por Agostinho Olavo, Aldo Calvo, Paschoal Carlos Magno e Sábato Magaldi.

Resultado da votação para a eleição do juri de seleção

No dia trinta de março de hum mil novecentos e cinquenta e sete foi realizada no segundo andar do Palácio das Indústrias do Parque Ibirapuera a apuração dos votos dos artistas para os dois membros a serem por eles indicados para integrar o juri de seleção da IV Bienal.

A apuração, que foi realizada a caráter público, indicou os seguintes nomes:

LIVIO ABRAMO com trinta e cinco votos; JOSÉ GERALDO VIEIRA com vinte e oito votos; MARIA EUGENIA FRANCO com vinte e cinco votos; LOURIVAL GOMES MACHADO com quatorze votos; SERGIO MILLIET com onze votos; CLOVIS GRACIANO com onze votos; ANTONIO BENTO com dez votos; QUIRINO CAMPOFIORITO com sete votos; FLÁVIO DE AQUINO com sete votos.

Seguem mais trinta e oito nomes com votos inferiores a cinco. Ficaram inscritos, conforme estabelecido pelo regulamento n.º 347, artistas tendo votado somente os artistas que já foram admitidos às precedentes Bienais.

(a) Sergio Milliet
Arturo Profili
Paolo Maranca

Jayme Mauricio
Wolfgang Pfeiffer
Thereza Gregori

A Finlândia na IV Bienal

Dez artistas representarão a Finlândia na IV Bienal e filiam-se aos três estilos praticados por quase todos em seus países, e são: o clássico, o nacional e o subjetivo. Autenticamente finlandesa, a pintura de Olli Miettinen, com suas paisagens de composição cubista, é a que mais se aproxima do estilo nacional.

Unto Koistinen, Veikko Martinen e Helge Dahlman são os outros três pintores, sendo o tema preferido a paisagem. Dois escultores, Sakari Tohka e Kaisa Saikkonen, além de quatro artistas gráficos (Tuulikki Pietila, Aarne Aho, Teuvo-Pentti Pakkala e Pentti Kaskipuro) integram o grupo, que apresentará quarenta e oito obras.

A organização da delegação ficou a cargo do sr. Erkki Koponen, presidente da Associação dos Artistas Finlandeses e do secretário daquela entidade, sr. K. Koroma, cuja delegação já chegou no Ibirapuera.

O Cântico do Sol

Conrado Sorgenicht Filho

A imensa projeção de São Francisco de Assis, na Igreja e na Civilização teria de influir de maneira poderosa, através da herança vinda de Portugal, na formação e na cultura brasileiras.

A existência realmente miraculosa do "Poverello", que não viveu senão 45 anos, dos quais somente 20 dedicados à Fé, espelha-se em inúmeras e valiosas obras literárias e artísticas; destas, algumas são suas contemporâneas, outras foram iniciadas com a sua canonização proclamada já no ano de 1228, portanto, somente 2 anos após a sua "morte corporal".

A sua obra apostólica, continuada pelas 3 ordens que o "Pai Seráfico" fundara, conquistou o universo e especialmente o Novo Mundo.

Franciscano — foi o primeiro sacerdote que celebrou missa no Brasil.

A São Francisco, além de ricos trabalhos de pintura, escultura, gravura, ourivesaria, foram dedicados alguns dos monumentos arquitetônicos exponenciais do Brasil-Colônia: São Francisco da Bahia, com seus azulejos, São Francisco do Recife e sua Capela Dourada, São Francisco de Olinda, Santo Antônio do Rio de Janeiro, São Francisco de Paulo, berço da nossa Faculdade de Direito, São Francisco de Assis de Ouro Preto (a do Aleijadinho), são monumentos históricos nacionais caros a todos os brasileiros.

Há, porém, uma obra magistral de poesia, de autoria do próprio Santo, que apesar de figurar entre as mais inspiradas da rica literatura italiana medieval e de resumir toda uma filosofia da vida, não logrou ainda no Brasil a divulgação merecida: "O Cântico do Sol".

Reproduzimo-la aqui na versão portuguesa.

Altíssimo, onipotente, bom Senhor,
Teus são o louvor, a glória, a honra
E toda a bênção.

Só a Ti, Altíssimo, são devidos;
E homem algum é digno
De Te mencionar.

Louvado sejas, meu Senhor,
Com todas as Tuas criaturas.
Especialmente o senhor Irmão sol,
Que clareia o dia
E com sua luz nos alumia.

E ele é belo e radiante
Com grande esplendor:
De Ti, Altíssimo, é a imagem.

Louvado sejas, meu Senhor
Pela Irmã lua e as estrelas
Que no céu formaste claras
E preciosas e belas.

Louvado sejas, meu Senhor,
Pelo Irmão vento,
Pelo ar, ou nublado
Ou sereno, e todo o tempo
Por que às Tuas criaturas das sustentas.

Louvado sejas, meu Senhor,
Pela Irmã água
Que é mui útil e humilde
E preciosa e casta.

Louvado sejas, meu Senhor,
Pelo Irmão fogo,
Pelo qual iluminas a noite.
E ele é belo e jocundo
E vigoroso e forte.

Louvado sejas, meu Senhor,
Por nossa Irmã e mãe terra
Que nos sustenta e governa
E produz frutos diversos
E coloridas flores e ervas.

Louvado sejas, meu Senhor,
Pelos que perdoam por Teu amor,
E suportam enfermidades e tribulações.
Bem-aventurados os que sustentam a paz,
Que por Ti, Altíssimo, serão coroados.

Louvado sejas, meu Senhor,
Por nossa Irmã, a morte corporal
Da qual homem algum pode escapar.

Ai dos que morrerem em pecado mortal!
Felizes os que ela achar
Conformes à Tua santíssima vontade,
Porque a morte segunda lhes não fará mal!

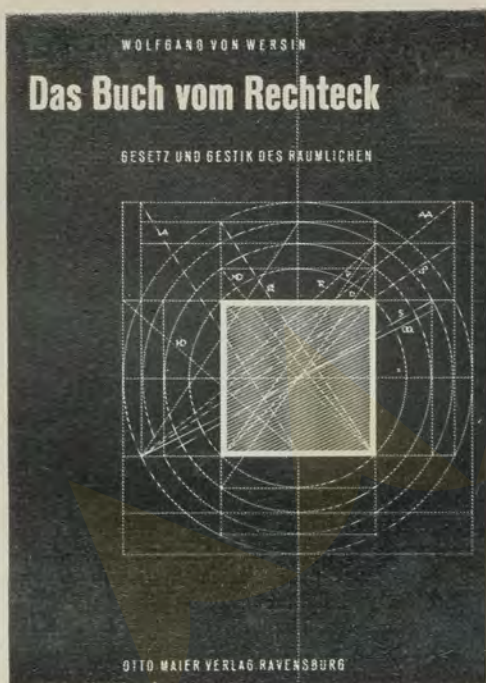
Louvai e bendizei a meu Senhor,
E dai-Lhe graças,
E servi-O com grande humildade.

Qualquer que seja o ponto de vista do qual analisarmos o autor — Santo, para a maioria — ou para outros somente poeta, literato e filósofo — não podemos deixar de reconhecer os imensos méritos da sua obra poética-idílica — verdadeiro hino ao Criador e a Natureza.

Compreende-se pois o interesse em torná-la acessível ao grande público, de maneira que o impressionasse duradouramente, através da representação plástica da imagem e da cor.

Foi essa tarefa realizada através dos vitrais da nova Igreja da Vila Clementino, junto ao Ibirapuera em São Paulo, à Rua Borges Lagoa.

Em 10 painéis translúcidos é-nos dado apreciar o texto do Cântico e as cenas essenciais dos louvores. Realçando o caráter brasileiro, o cenário destas é a nossa paisagem: as palmeiras, as orquídeas, os papagaios e as araras, no céu o Cruzeiro do Sul, são os elementos dominantes.



Das Buch vom Rechteck (O livro sobre o ângulo reto). Wolfgang von Wersin. EDITOR: Otto Maier Verlag, Ravensburg, Alemanha.

"Não poderá ser censurado o que tiver boas medidas, mesmo se for muito ruim" (Dürer). A configuração geométrica do espaço, com suas linhas, superfícies e formas cúbicas, é fortemente abstrata e parece ser ainda mais livre de qualquer referência humana, que os próprios sons. Entretanto demonstra suas possibilidades expressivas e sua própria legitimidade, primeiro em relação ao homem, e depois por sua ligação com o fator material, concreto. Nisso está justamente a dificuldade de interpretar a função estética do valor espacial. O professor von Wersin era particularmente indicado para realizar um trabalho dessa natureza, em qualidade de arquiteto artista, de antigo diretor da "Nova Galeria" de Munique e de projetista de vários e conhecidos estabelecimentos industriais: problema esse que matemáticos e artistas como Leonardo da Vinci e Dürer, ou os grandes paisagistas como Le Nôtre, para mencionar só alguns, procuraram explicar através dos séculos. Nessa obra que acaba de ser publicada pelo Otto Maier Verlag de Ravensburgo, Wersin parte da proporção para depois investigar a dimensão e seu significado estético e a dimensão como fator decisivo da obra de arte: define ainda mais exatamente, por meio desta, o conceito de proporção, chegando à conclusão do livro com um desenho que ilustra claramente o princípio da proporção. Toda dimensão é compreendida de dois modos diversos: um, puramente emotivo como tendência dinâmica, outro espiritual, como ordem geométrica. O autor se baseia sobre o primeiro para elaborar um sistema de tensões internas e fundamenta sobre o segundo a proporção como princípio de um complexo geometricamente sistematizado. Wersin demonstra que essas formas expressivas das dimensões se realizam escultoricamente nas duas direções fundamentais — vertical e horizontal — no ângulo reto. As doze ortogonais que se originam confirmam essa teoria, que o autor demonstra ainda por meio da análise da construção de móveis etc., através dos séculos, até a época atual. Para quem não seguir facilmente a primeira parte "teórica", como diz o próprio autor, que é formulada profunda e brilhantemente embora sua redação seja muito concentrada, poderá encontrar na segunda parte "prática" uma exposição geométrica das relações ortogonais acompanhadas de esboços analíticos e desenhos. Os conhecimentos de Wersin que versam sobre esse problema serão de grande interesse em relação à arquitetura e às artes plásticas, não somente de um ponto de vista histórico, mas para a nossa própria época. Essa contribuição ao princípio das medidas nas artes plásticas e na arquitetura é de grande importância, porque nos dois campos a dimensão é ao mesmo tempo meio de expressão, tema e realização. Até hoje não havia nenhuma fundamentação teórica desse vulto. Wersin, no entanto, é bastante modesto para considerar o livro de sua autoria somente como base para ulteriores e necessárias investigações, tendo também o suficiente comedimento para não querer substituir a intuição das grandes criações artísticas. Esse livro, sem dúvida interessará a todos os que já de por si refletiram sobre esse problema, sejam eles artistas ou cientistas, matemáticos ou filósofos; e muitos outros ainda que são levados a indagar, quer por razões profissionais, quer pelo desejo de saber, o que há atrás da configuração das coisas; e ainda aqueles que procuram

estruturar a compreensão da arte antiga e moderna: para todos eles desvendam-se aqui novas perspectivas extraordinárias. Wersin que já com seu livro anterior "Legitimidade" se tinha empenhado por novos caminhos, é agora levado a novas e ulteriores possibilidades. A apresentação gráfica é condigna do livro, sendo um verdadeiro prazer espiritual e visual ler essa obra e retomá-la entre as mãos.



Neuzeitliche Putzarbeiten (Revestimentos modernos). A. C. Behringer. EDITOR: Otto Maier Verlag, Ravensburg, Alemanha (1957).

O conhecido autor de "Manual de alvenaria", divulgado em todo mundo, acaba de publicar agora um importante livro sobre os revestimentos. Behringer mais de qualquer outro, era idôneo para escrever essa obra, dados seus grandes conhecimentos das construções modernas e dos materiais de revestimento; obra essa de que se sentia a falta, porque entre as pequenas e as muito especializadas, havia uma lacuna, que foi finalmente preenchida. Esta publicação não pode ser comparada aos outros estudos e estatísticas que já existem sobre a deterioração do revestimento e suas consequências. Especialistas ou não, todos compreendem a necessidade de divulgar os conhecimentos e experiências no campo do revestimento interno e externo, nessas épocas em que o revestimento se tornou necessário em consequência da nova técnica construtiva. Este novo livro dará portanto, uma contribuição muito significativa. Behringer inicia este estudo, tratando dos materiais; passa em seguida as ferramentas, máquinas necessárias etc. para chegar ao capítulo principal que versa sobre o revestimento externo, reboque e côr, e as modalidades de revestimento interno, os vários usos do estuque etc. Todos os assuntos são apresentados de forma compreensível e ilustrados com ótimo material, como não havia sido feito ainda, com tanta clareza. O fato de o texto ter ao lado as ilustrações do assunto ao qual se refere, facilita muito a sua compreensão. Além das fotografias, onde é necessário, há desenhos que permitem observar de perto os detalhes construtivos. O próprio autor coligiu inúmeros exemplos de revestimento em todos os países da Europa Central, selecionando para esse livro os mais instrutivos. É particularmente sugestiva a apresentação sistemática de todas as possibilidades de revestimento, inclusive os revestimentos decorativos, como grafito, fresco, mosaico e outros, emprestando isso ao livro uma significação que deve ser altamente apreciada. O importante capítulo sobre o reboque e a côr, é enriquecido por tabelas de côres, e de provas de novas misturas e fixação de diferentes qualidades de côres. Nessa obra podem ser encontradas todas as possibilidades de revestimentos, até às mais modernas, cuja execução é apresentada de forma adequada à técnica construtiva moderna, permitindo assim resultados satisfatórios e duráveis. Essa ótima obra facilitará o trabalho a todo especialista, o qual poderá melhor ilustrá-lo, graças a seu concurso, junto aos colaboradores e ao próprio comitente.

Transforme em cliente conhecido o comprador desconhecido

Os maiores entusiastas do anúncio são os profissionais, comerciantes e os industriais prósperos: eles têm experiência.

Quem não faz ou interrompe a publicidade durante uma crise é bem comparável a quem demolisse um dique durante a maré vasante.

O cliente não pode adivinhar que tem interesse em se dirigir a V., se não fôr lembrado ou propagado. A publicidade transforma em cliente conhecido o comprador desconhecido.

Não suspenda a publicidade a pretexto de que os negócios vão mal; continuando-a ela trará a prosperidade.

O povo vai aprendendo que só anunciam intensamente os profissionais de categoria ou produtores e vendedores de produtos de qualidade. E por isso quando se lhes oferece um produto menos conhecido, recusa-o, por não lhe inspirar confiança um produto ou artigo em que nem sequer o produtor ou vendedor confia, pois se neles confiasse não hesitaria em gastar mais com sua propaganda.

H A B I T A T

Revista mensal brasileira inteiramente dedicada à divulgação do que de mais importante vai nos setores da **arquitetura, urbanismo, decorações, artes plásticas, artes gráficas.** Grande circulação no Brasil e no exterior entre arquitetos, engenheiros, decoradores, artistas plásticos e mais interessados em cultura geral.

E N G E N H A R I A

Órgão oficial do Instituto de Engenharia de São Paulo, a cujos sócios a revista é enviada **gratuitamente**, divulga, **mensalmente**, artigos, comentários e informações sobre problemas de **engenharia, urbanismo, técnica em geral.** Circula ainda, entre as firmas distribuidoras ou especializadas em equipamentos para engenharia e indústria bem como firmas construtoras.

B R A S I L T E X T I L

Como órgão oficial do Sindicato da Indústria de Fiação e Tecelagem em geral, no Estado de São Paulo, circula **mensalmente** nos importantes setores da **Fiação de lã, Fiação de algodão, Fiação de juta, Fiação de linho, Fiação de nylon, Linha para bordas e coser, Tecelagem de algodão, Tecelagem de lã, Tecelagem de linho, Tecelagem de rayon, Tecelagem de artefatos de lã e algodão, Tecelagem de toalhas, Tecelagem de juta, Meias, Cordoalhas, Estôpas, Lavanderias e Tinturarias, Confecções, Processos químicos e de acabamento, etc.**

C E R Â M I C A

Órgão oficial da Associação Brasileira de Cerâmica, entidade que congrega os profissionais e as principais cerâmicas do país, publica, **trimestralmente**, o que de mais importante vai nos múltiplos setores da cerâmica industrial ou artística do país e do exterior.

ENGENHARIA MUNICIPAL

Órgão oficial da Sociedade dos Engenheiros Municipais de São Paulo divulga, **trimestralmente**, problemas de **engenharia municipal, urbanismo, arquitetura, problemas da classe.** Enviada gratuitamente aos associados e mais engenheiros e prefeituras do interior deste e dos demais Estados brasileiros.

Consulte sem compromisso o Departamento de Publicidade da

HABITAT EDITÔRA LTDA.

R. 7 de Abril, 230; 8.º and.; conj. 837/38; tel.: 35-2837; S. Paulo

PARA TODOS OS
aMBIENTES
EM TÔDAS AS CÔRES

H**ERVY**

LOUÇA
SANTÁRIA
ELETRO-
VITRIFICADA



Romano